

***Sentimento de pertença e
desenvolvimento local: jovens em
contextos de baixa densidade e rurais***

Ana Lúcia Canhola Ribeiro

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**Sentimento de pertença e desenvolvimento local: jovens em
contextos de baixa densidade e rurais**

Ana Lúcia Canhola Ribeiro

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação no domínio da Juventude, Desenvolvimento Regional e Justiça Social: Escolas e Comunidades Resilientes sob orientação da Professora Doutora Sofia Marques da Silva.

junho 2023

RESUMO

As regiões rurais e/ou de baixa densidade são, frequentemente, caracterizadas por menores oportunidades ao nível da educação e emprego para os jovens que, na maioria das vezes, se veem obrigados a abandonar as suas regiões na procura de melhores oportunidades para o seu futuro. Acresce que estas regiões são pautadas por desigualdades territoriais quando comparadas às zonas mais urbanas e industrializadas, comprometendo o desenvolvimento das regiões e, conseqüentemente, as oportunidades, nomeadamente educativas ou de participação de jovens. Esta realidade tem originado movimentos de saída das populações jovens para estudar ou trabalhar, ainda que existam movimentos de retorno de jovens às suas regiões de origem. É no estudo destes movimentos de regresso após formação no Ensino Superior que este documento se foca.

A presente dissertação resulta de um estudo desenvolvido com jovens adultos que regressaram às suas regiões de origem após formação no Ensino Superior e intitula-se: *Sentimento de pertença e desenvolvimento local: jovens em contextos de baixa densidade e rurais*. O estudo corporiza a intenção de se estudarem diferentes percursos biográficos da população jovem adulta em contextos rurais e/ou de baixa densidade das regiões do Norte e Centro de Portugal Continental.

A investigação dá a conhecer experiências condicionadas pelas desigualdades territoriais que conduziram a um imperativo de mobilidade, ou seja, à saída de jovens dos meios rurais para as regiões urbanas, com vista à prossecução dos estudos no Ensino Superior. A dissertação procura explorar de que forma a juventude adulta se envolve com a sua comunidade e participa ativamente no seu desenvolvimento, durante as suas trajetórias de saída e regresso, situando estas questões no quadro da construção do sentimento de pertença às suas regiões. Seguindo um paradigma fenomenológico interpretativo, optou-se por uma abordagem qualitativa de foco biográfico. Assim, foram realizadas quinze entrevistas biográficas com o intuito de escutar de perto as vozes de jovens adultos na sua singularidade, mas também nos permitisse compreender algumas regularidades contextualizadas.

Os resultados apontam para a preocupação demonstrada pelos jovens adultos relativos às oportunidades de vida nas suas regiões pautada pela falta de oportunidades de trabalho e de estudo o que se traduziu no imperativo de mobilidade. Contudo, com o forte sentimento de pertença à sua região, pela ligação com a Natureza, a tranquilidade, a proximidade com os

seus amigos e família, levou a que os/as jovens adultos tivessem regressado à sua comunidade em determinado momento das suas vidas e estejam a desenvolver o local a nível económico, social e cultural. Nesta ótica, a importância do papel dos/as jovens no desenvolvimento das suas regiões implica garantir condições sociais, materiais e oportunidades, que possibilitem, a quem o pretende, regressar às suas regiões de origem com um futuro de qualidade.

Palavras-chave: sentimento de pertença, jovens adultos, imperativo de mobilidade, trajetórias, comunidade

ABSTRACT

Rural and/or low density regions are often characterized by fewer educational and employment opportunities for young people, who are often forced to leave their regions in search of better opportunities for their future. Furthermore, these regions are marked by territorial inequalities when compared to more urban and industrialized areas, compromising the development of the regions and, consequently, the opportunities, namely educational or participation opportunities for young people. This reality has given rise to outward movements of young populations to study or work, even though there are return movements of young people to their regions of origin. This paper focuses on the study of these movements of return after higher education.

This dissertation is the result of a study developed with young adults who returned to their regions of origin after higher education and is entitled: Feeling of belonging and local development: young people in low density and rural contexts. The study embodies the intention to study different biographical paths of the young adult population in rural and/or low density contexts in the North and Center regions of mainland Portugal.

The research reveals experiences conditioned by territorial inequalities that led to an imperative of mobility, that is, to the departure of young people from rural areas to urban regions, in order to pursue higher education studies. The dissertation seeks to explore how young adults engage with their community and actively participate in its development during their trajectories of departure and return, situating these issues within the framework of the construction of a sense of belonging to their regions. Following an interpretative phenomenological paradigm, a qualitative approach with a biographical focus was chosen. Thus, fifteen biographical interviews were conducted in order to listen closely to the voices of young adults in their singularity, but also to allow us to understand some contextual regularities.

The results point to the concern shown by the young adults regarding the life opportunities in their regions, guided by the lack of work and study opportunities, which translated into the imperative of mobility. However, with the strong sense of belonging to their region, the connection with nature, the tranquility, the proximity to their friends and family, led them to return to their community at some point in their lives and are developing the place economically, socially and culturally. From this point of view, the importance of the role of young people in the development of their regions implies guaranteeing social and material

conditions and opportunities, which make it possible for those who wish to return to their regions of origin with a quality future.

Keywords: sense of belonging, young adults, mobility imperative, trajectories, community

RÉSUMÉ

Les régions rurales et/ou à faible densité se caractérisent souvent par des possibilités d'éducation et d'emploi réduites pour les jeunes, qui sont souvent contraints de quitter leur région à la recherche de meilleures opportunités pour leur avenir. En outre, ces régions sont marquées par des inégalités territoriales par rapport aux zones plus urbaines et industrialisées, ce qui compromet le développement des régions et, par conséquent, les opportunités, notamment les opportunités éducatives ou la participation des jeunes. Cette réalité a donné lieu à des mouvements de jeunes qui partent étudier ou travailler, bien qu'il existe des mouvements de jeunes qui retournent dans leur région d'origine. Ce document se concentre sur l'étude de ces mouvements de retour après l'enseignement supérieur.

Cette thèse est le résultat d'une étude développée avec des jeunes adultes qui sont retournés dans leur région d'origine après des études supérieures et s'intitule : Sentiment d'appartenance et développement local : les jeunes dans des contextes ruraux à faible densité. L'étude incarne l'intention d'étudier différents parcours biographiques de la population de jeunes adultes dans des contextes ruraux et/ou à faible densité des régions du Nord et du Centre du Portugal continental.

La recherche révèle des expériences conditionnées par des inégalités territoriales qui ont conduit à un impératif de mobilité, c'est-à-dire au départ des jeunes des zones rurales vers les régions urbaines, afin de poursuivre des études supérieures. La thèse cherche à explorer comment les jeunes adultes s'engagent avec leur communauté et participent activement à son développement, au cours de leurs trajectoires de départ et de retour, en situant ces questions dans le cadre de la construction d'un sentiment d'appartenance à leur région. Suivant un paradigme phénoménologique interprétatif, une approche qualitative avec une focalisation biographique a été choisie. Ainsi, quinze entretiens biographiques ont été menés afin d'écouter au plus près les voix des jeunes adultes dans leur singularité, mais aussi de comprendre certaines régularités contextuelles.

Les résultats mettent en évidence l'inquiétude des jeunes adultes quant aux opportunités de vie dans leur région, basée sur le manque d'opportunités de travail et d'études, ce qui se traduit par un besoin de mobilité. Cependant, le fort sentiment d'appartenance à leur région, le lien avec la nature, la tranquillité, la proximité de leurs amis et de leur famille les ont amenés à revenir dans leur communauté à un moment ou à un autre de leur vie et à développer l'endroit sur le plan économique, social et culturel. De ce point de vue, l'importance du rôle des jeunes

dans le développement de leur région implique de garantir des conditions et des opportunités sociales et matérielles qui permettent à ceux qui le souhaitent de revenir dans leur région d'origine avec un avenir de qualité.

Mots-clés: sentiments d'appartenance, jeunes adultes, impératif de mobilité, trajectoires, communauté.

AGRADECIMENTOS

A elaboração da dissertação é uma longa jornada permeada por inúmeros desafios, tristezas, incertezas, alegrias e muitos percalços, mas, apesar do processo solitário a que todo investigador está destinado, a realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não teria encontrado o melhor rumo em cada momento desta viagem e por isso estou muito agradecida.

À Professora Doutora Sofia Marques da Silva, pela sua orientação, disponibilidade, pelas opiniões e críticas e por me ajudar a solucionar as dúvidas que me foram surgindo ao longo da realização deste trabalho, que de uma forma ou de outra, sempre deram resultados práticos importantes.

Aos jovens entrevistados pela sua participação e colaboração, porque sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

Aos meus pais, por serem uma fonte de inspiração para mim, pelo seu apoio incondicional, pela paciência que demonstraram para comigo porque sem eles nada disto teria sido possível. Ajudaram-me a superar cada obstáculo que foi surgindo com palavras amigas e de apoio. A eles dedico este trabalho.

Ao Miguel, que sempre foi o meu porto seguro, esteve sempre ao meu lado durante esta caminhada. Agradeço a paciência, o amor e as palavras de coragem que sempre me deu.

Aos meus padrinhos, a quem dirijo um agradecimento especial, por todo o apoio, paciência, disponibilidade, dedicação na colaboração da correção desta dissertação e pelas palavras bonitas que me transmitiram.

Às minhas amigas e colegas Ana Maria, Maria Jesus e Ana Teresa um especial obrigado pela participação e colaboração, pelas sugestões de melhoria que me deram, sem elas não seria possível a realização deste trabalho.

A todos o meu sincero agradecimento.

*“É necessário sair da ilha para ver a ilha,
não nos vemos se não saímos de nós.”*

Saramago¹

¹ *O Conto da Ilha Desconhecida*, é um livro de José Saramago, lançado pela Companhia das Letras em 1998.

Índice

Resumo.....	2
Abstract	4
Résumé.....	6
Agradecimentos	8
Introdução	12
Parte I: Percursos dos Jovens	20
As narrativas.....	21
Narrativa 1: Letícia	22
Narrativa 2: Luz.....	25
Narrativa 3: Tomás	27
Parte II – Enquadramento Teórico.....	33
Capítulo I: Pensar a juventude em contexto rural.....	34
Capítulo II: O sentimento de pertença à comunidade	41
Capítulo III: O papel das comunidades no suporte aos percursos jovens	46
Capítulo IV: Jovens a lidar com desigualdades: Imperativo da mobilidade	50
Capítulo V: Responsabilidade das políticas para a juventude: desigualdades territoriais	55
Capítulo VI: Papel da juventude no desenvolvimento local	59
Parte III: Percurso Metodológico.....	63
Capítulo I - Problemática em estudo e objetivos orientadores	64
Capítulo II - Enquadramento da investigação na discussão paradigmática	65
Capítulo III - Caracterização do contexto e dos participantes.....	73
Capítulo IV - Técnica de análise de dados: análise de conteúdo	76
Capítulo V - Posicionamento e questões éticas	79
Parte IV: Interpretação dos percursos dos jovens que regressam por tipologias de percursos biográficos	84
Jovens com percursos lineares: Luana, Leonor, Luz, Liliana e Sara	87
Luana	87
Leonor	88

<i>Luz</i>	89
<i>Liliana</i>	91
<i>Sara</i>	92
Jovens com percursos yô-yô: Cristina e Patrícia	94
<i>Cristina</i>	94
<i>Patrícia</i>	95
Jovens com percursos de exploração: Mariana, Laura, Cátia, Letícia, Catarina, Filipa, João e Tomás	98
<i>Mariana</i>	98
<i>Laura</i>	100
<i>Cátia</i>	101
<i>Letícia</i>	104
<i>Catarina</i>	106
<i>Filipa</i>	108
<i>João</i>	109
<i>Tomás</i>	112
Parte V: Construindo o sentimento de pertença	117
Capítulo I - Relação dos/as jovens com o seu Território	118
1.1 Espaços de socialização e participação: contributos para a ligação ao lugar	119
1.2 Que lugar tem a escola na construção do sentimento de pertença ao lugar	123
1.3 Relação paradoxal com o seu território: jovens reconhecem vantagens e desvantagens ...	127
Capítulo II - Sair e voltar: mobilidade e investimento na educação	134
2.1 Motivações para saírem das suas regiões	134
2.2 Trajetórias para o Ensino Superior	136
2.3 Regressar: novos valores associados às suas regiões.....	139
2.4 Jovens promotores do desenvolvimento das suas regiões	144
Considerações Finais	150
Referências Bibliográficas	160
Apêndices	172

INTRODUÇÃO

Esta dissertação enquadra-se no Mestrado em Ciências da Educação, especificamente, no domínio Juventude, desenvolvimento regional e justiça social: escolas e comunidades resilientes.

Estudar a juventude é um desafio porque se trata de um conceito bastante complexo que foi sofrendo várias alterações ao longo do tempo. Trata-se de um conceito de complexa definição, onde ainda persistem algumas divergências, mesmo entre autores consagrados, constatando-se a inexistência de uma juventude, mas várias. Para Bourdieu (1983) juventude é apenas uma palavra, enquanto em Silva (2010) ser jovem aparece em relação com ser estudante. Por sua vez, como refere Cassab (2011), a juventude é uma representação simbólica construída socialmente. Posto isto, comprova-se a pluralidade do conceito.

Quando falamos de juventude, é necessário considerar as assimetrias regionais do país. Jovens provenientes de regiões rurais, as exigências e os desafios são maiores. O mundo rural ainda é visto como inferior e desvantajoso para os/as jovens em comparação com o urbano. Desta forma, com este estudo, pretende-se acrescentar novos elementos à discussão e começar a desconstruir ideias deste tema tão complexo.

O estudo desenvolvido pretendeu, ainda, compreender os motivos que levam jovens de territórios de baixa densidade e rurais a regressarem às suas regiões de origem após formação no Ensino Superior. Esta dissertação discute a juventude proveniente de contextos rurais e de baixa densidade e as exigências e as desigualdades estruturais sentidas quando comparadas ao mundo urbano nomeadamente a inacessibilidade ao ensino superior, oferta cultural e desportiva, diversidade de serviços, entre outros aspetos.

O elemento central deste estudo é, a partir da perspetiva das motivações e investimentos dos/as jovens como promotores do desenvolvimento local, explorar o processo de sentimento de pertença que têm para com as suas regiões. Pretende-se compreender a juventude de contextos rurais como protagonista e de que forma, pode, talvez, conduzir para caminhos do desenvolvimento.

É fundamental compreender que o conceito de juventude foi construído histórica e socialmente, modificando-se, enquanto grupo, ao se considerar o tempo e o espaço, além de fatores sociais como género, classe e etnia, como fatores de diferenciação dos percursos juvenis (Pais, 1990).

Em suas obras Laura Fonseca (2011) apresenta a juventude como um grupo que atravessa uma diversidade social de grupos e de lugares culturais. Assim sendo, o conceito de Juventude, neste estudo, será explorado na ótica de que estamos perante um grupo heterogêneo com trajetórias e espaços geográficos distintos.

O lugar seja espacial, temporal e histórico, tem relevo para a conceção de juventude, como abordado anteriormente. E retomando ao conceito central, a juventude, da mesma maneira que falamos que o lugar influencia para a definição de juventude, o lugar possui um relevo na construção da identidade, bem como na experiência de ser jovem. Desta forma, o território mostrou ser bastante relevante para o estudo que se pretende realizar acerca da relação dos/as jovens com os espaços onde vivem. A juventude que vive em zonas rurais, que são associadas ao subdesenvolvimento, vive no dilema de procurar melhorar as suas condições de vida e ter de procurar mais oportunidades nos espaços urbanos. Em contrapartida, veem-se confrontados com a vontade de querer permanecer devido à forte ligação que tem com a sua região e com a importância da família nas suas vidas, mostrando que o sentimento de pertença é um fator importante nas suas vidas.

“Os jovens oscilam entre o projeto de construírem vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de "melhorarem o padrão de vida", de "serem algo na vida", e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas "sociedades tradicionais." (Carneiro, 1998, p.2)

Quando falamos de juventude temos de considerar as suas trajetórias, as suas vivências, a sua região e a sua cultura porque os/as jovens são únicos/as e com particularidades incomparáveis. Por isso, não podem ser vistos sob uma perspetiva singular “(...) a juventude não é, com efeito, socialmente homogênea. Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações.” (Pais, 1990, p.149). Ademais, não podemos ver os/as jovens apenas como indivíduos em desenvolvimento, pertencente a um grupo etário pois, como refere Bourdieu (1984), “(...) a juventude e a velhice não são dadas, mas construídas socialmente, na luta entre jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas.” (Bourdieu, 1984, p.151).

A juventude está em constante interação com o meio envolvente pelo qual é influenciada e influencia. São vários os setores da sociedade que são fundamentais para o bom funcionamento de uma comunidade e para a promoção de boas condições de vida dos

seus habitantes. Os/as jovens ao envolverem-se e participarem em situações ligadas à comunidade leva a que tanto estes/as como a comunidade saiam beneficiados.

A dimensão do território foi esquecida por alguns investigadores dentro dos estudos juvenis nas Ciências Sociais, assumindo um papel secundário ou inexistente. Não se pode falar de juventude sem se mencionar o contexto: não se pode falar em “juventude portuguesa”, se ela é composta por uma multiplicidade de diferenças a nível social, económico, educacional e cultural que condicionam e influenciam a forma como é analisada. Discutir o espaço é, também, discutir os contextos urbanos e rurais, bem como as assimetrias que se identificam entre eles, principalmente no que diz respeito a jovens. Em Portugal, as discrepâncias mais realçadas são entre o interior e o litoral do país.

Não se pode olhar o panorama nacional sem ter em consideração as desigualdades regionais existentes no nosso país. As assimetrias identificadas entre o litoral e o interior de Portugal marcam muitas injustiças, pelo que é, idealmente, crucial estudar o que comunidades das regiões rurais e/ou de baixa densidade oferecem aos/as jovens, de modo a proporcionar todos os elementos fundamentais que tornem possível o desenvolvimento da juventude. Como refere Nogueira (2021),

“As áreas rurais afastadas dos grandes centros urbanos apresentam características muito diferentes ao nível da paisagem, encontrando-se associadas a graves problemas, tais como o envelhecimento demográfico, o despovoamento, o baixo nível de instrução e qualificação da mão-de-obra, a oferta insuficiente de serviços e equipamentos e o baixo nível de vida da população.” (Nogueira, 2021, p.34)

O ‘Programa Nacional para a Coesão Territorial’, aponta que o território nacional é representado por 50% de áreas predominantemente rural (baixa densidade populacional)

“As regiões montanhosas, onde mais de um terço da população vive em zonas rurais, marcam quase todo o território fronteiriço. As zonas de muito baixa densidade (densidade populacional inferior a 8 hab/km²) distribuem-se ao longo do interior fronteiriço norte e o Alentejo interior.” (Programa Nacional para a Coesão Territorial, 2016, pp.74-75)

O Programa² evidencia que, em todo o interior de Portugal Continental, “apenas as cidades capitais de distrito e algumas pequenas cidades de média dimensão é que não se enquadram em regiões rurais” (Programa Nacional para a Coesão Territorial, 2016).

Quando se fala de regiões de baixa densidade associamo-las a um espaço rural mais desfavorecido devido à componente demográfica. Desta forma, os territórios rurais e/ou de baixa densidade, dada a sua localização geográfica, estão afastados dos grandes aglomerados urbanos.

Falar da juventude de meios rurais cada vez mais se associa a imperativos de mobilidade, ou seja, os/as jovens veem-se obrigados a sair dos seus contextos/territórios na procura de melhores oportunidades, como a continuação dos estudos no Ensino Superior ou para trabalhar. Como refere Corbett (2000) em *“Learning to leave: the irony of school in a coastal community”*, “Como indivíduos, a maioria das pessoas é forçada a deixar as áreas rurais onde há poucas oportunidades disponíveis para elas.”³(Corbett, 2000, p.7).

O Plano Nacional da Juventude (2022), apresenta uma série de diretrizes (objetivos estratégicos) que tem em vista a criação de novas oportunidades de emprego, através de atividades e da coesão dos territórios rurais, com enfoque no jovem como ator social e agente estratégico para o desenvolvimento da sua região. Os vários pontos referidos na política, após uma leitura e interpretação atentas, apontam vagas estratégias para o desenvolvimento da agricultura e da atividade vinícola, mas quando falamos de zonas de baixa densidade ou de contextos rurais, fala-se de muito mais para além da agricultura como fonte económica destas regiões. Alinhado com esta ideia, o autor Redin (2011) afirma:

“Subsidiar e oferecer apoio a condições de acesso à educação, a oportunidades de lazer e a espaços socioculturais ao jovem rural são premissas básicas para que exista a possibilidade de escolha dos indivíduos e, desse modo, prospectar relações vitais, as quais valorizem o convívio na comunidade, no trabalho, na produção, na natureza e nas diferentes interações entre a sociedade. Talvez, a partir disto, prospectar cenários e expectativas positivas no rural, ultrapassando a visão restrita de que os jovens rurais pensam apenas em melhores condições de trabalho e produção, instaurada no cerne das políticas agrícolas.” (Redin, 2011, p.130)

²O programa poderá ser acedido através do link :

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial/-ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-pdf.aspx>, consultado a 28 de fevereiro de 2023

³ Tradução nossa do original em inglês: “As individuals, most people are forced to leave rural areas where there are few opportunities available for them.”

Grande parte dos/as jovens e as novas gerações estão cada vez mais ligadas a outros setores/áreas profissionalizantes. No Plano não é apontada a necessidade de incentivar os/as jovens a criar projetos / iniciativas que levem ao desenvolvimento das suas comunidades, o que levaria a uma certa representatividade nas suas regiões. Além disso, não é valorizado o retorno dos/as jovens às suas comunidades para ajudar no desenvolvimento da economia local ou regional.

No documento Youth Strategy⁴ (União Europeia, 2019-2027), dá-se grande importância à participação dos/as jovens. Esta importância é notória, quando apontam como objetivo a criação de espaços onde os/as jovens possam exercer o seu direito de participação democrática para garantir o desenvolvimento pessoal, cultural e político. Esta participação deve ser pensada em todas as esferas da sociedade de forma a assegurar que o/a jovem possa continuar no campo, sem necessitar de migrar para os grandes centros urbanos com o objetivo de continuar os seus estudos e ver garantidos espaços de sociabilidade e mais serviços, entre outros. Ainda, o Plano explora a necessidade de fomentar encontros regionais relacionados com a juventude, onde os/as jovens discutem e debatem tendências, oportunidades e desafios relacionados com as suas problemáticas de forma a dar maior visibilidade a determinadas situações que envolvam as tecnologias (o digital) realizando um trabalho paralelo com o desenvolvimento regional.

Esta ideia é importante uma vez que, são os/as jovens que ao regressarem às suas regiões, têm uma maior abertura para criar iniciativas e projetos. Se forem explorados, podem, efetivamente e de forma significativa, levar ao desenvolvimento e rejuvenescimento da comunidade, dado que este tipo de contextos mais conservadores e de baixa densidade necessitam de novas estratégias para crescerem.

Os/as jovens têm uma perceção mais precisa e singular da sua realidade e das mudanças que nela ocorrem. Esta perceção leva a que sejam capazes de analisar os problemas sociais e, conseqüentemente, mudar as realidades que afetam as suas vidas e promover a mudança social.

É necessário existir uma preocupação relativa à questão territorial - potenciadora de obstáculos que os/as jovens enfrentam quando procuram oportunidades e melhores condições de vida, seja oferta de emprego, cultura e/ou educação - evitando o tema da mobilidade e esta

⁴ O documento poderá ser acedido através do link https://www.oph.fi/sites/default/files/documents/eu-youth-strategy_en.pdf, consultado a 28 de fevereiro de 2023

necessidade de sair das suas regiões para procurar recursos que potenciem o seu desenvolvimento. Pelo que o estudo parte da perspectiva dos/as jovens adultos face às motivações e investimentos como promotores do desenvolvimento local, explorando o processo de construção do sentimento de pertença que têm em relação aos seus territórios. Ainda, compreender a juventude de meios rurais como protagonistas capazes de conduzir a sua comunidade para caminhos do desenvolvimento.

Esta dissertação enquadra-se no projeto⁵ “Jovens que regressam: motivações para voltar e investir as suas vidas em regiões de baixa densidade após formação no Ensino Superior: premiado pelo Centro de Estudos Ibéricos.”⁶ A centralidade deste estudo passa por compreender em que medida os/as jovens, quando regressam às regiões de origem, especificamente rurais e/ou de baixa densidade, se envolvem em algum projeto ou iniciativa que promova o desenvolvimento da sua comunidade, constituindo-se como jovens protagonistas e participativos.

Relativamente ao desenho metodológico, esta investigação enquadra-se numa abordagem qualitativa. Segundo Afonso (2014), as opções metodológicas qualitativas permitem compreender as realidades através das perspetivas das pessoas, e uma descrição mais detalhada dos fenómenos em estudo, através dos pontos de vista que estas descrevem. Assim sendo, dentro do método biográfico, escolheu-se a técnica das entrevistas biográficas no processo de conhecimento das trajetórias dos/as jovens. Salienta-se que a escolha deste método não procura estudar regularidades, mas sim, compreender trajetórias sociais num coletivo.

“Neste sentido, as contribuições da entrevista biográfica agregam uma forma diferente de entrevistar: o protagonismo é do entrevistado e não do entrevistador, e o ponto de vista a ser vivenciado é o do entrevistado. O que mais interessa neste contexto de aferição é ouvir o que o entrevistado tem a dizer em toda a sua singularidade, como alguém inserido em um contexto social, mas que também atua para modificá-lo.” (Fontes, 2019, p. 95)

⁵ Esta dissertação enquadra-se no projeto “*Jovens que regressam: motivações para voltar e investir as suas vidas em regiões de baixa densidade após formação no Ensino Superior*”, coordenado por Sofia Marques da Silva (CIE-FPCEU) e que foi premiado pelo Centro de Estudos Ibéricos: Investigação, Inovação e Território.

⁶ A dissertação integra-se também no projeto Grow.up “Crescer em Regiões de Fronteira em Portugal: Jovens, Percursos Educativos e Agendas (PTDC/CED-EDG/29943/2017), com coordenação de Sofia Marques da Silva.

Dialogando esta ideia, autores como Santos e Davel (2021), reforçam o atrás exposto face às características do uso da técnica da entrevista biográfica pertencente ao método biográfico,

“A entrevista biográfica pressupõe a articulação entre, no mínimo, um entrevistador e um entrevistado, a partir de um processo duplamente interpretativo que explora a construção de sentidos tanto por parte do entrevistado (ao relatar suas experiências de vida e memórias), quanto por parte do entrevistador, ao analisar tais informações com vistas a alcançar seu objetivo de pesquisa.” (Santos e Davel, 2021, p.446)

Foram realizadas 15 entrevistas biográficas a jovens com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos de idade; de regiões rurais e/ou de baixa densidade de Portugal Continental, que tenham saído das suas regiões para ingressarem no Ensino Superior e, posteriormente, tenham regressado, de modo a conhecer os seus diferentes percursos biográficos. É a partir da sua “condição” - terem abandonado as suas regiões - que se irá compreender, através das suas próprias vozes, o modo como este imperativo de mobilidade e as suas trajetórias de vida influenciaram a construção do sentimento de pertença à sua região e a forma como o vivenciam e experienciam.

A dissertação encontra-se organizada em diferentes partes. Após a introdução, na Parte I encontram-se três exemplos de Narrativas Biográficas dos/as 15 jovens entrevistados.

Na Parte II, intitulado de Enquadramento Teórico, procura-se efetuar uma discussão em torno de perspetivas e conceitos que contribuíram para um mais adequado conhecimento do objeto de estudo. Para tal, mobilizam-se conceitos, reflexões e conhecimentos sobre comunidade, imperativo de mobilidade, desigualdades territoriais, justiça social, sentimento de pertença e juventude.

A Parte III, Percurso metodológico, dá lugar ao enquadramento epistemológico na discussão paradigmática, onde se debaterão posicionamentos epistemológicos e paradigmáticos, apresentando a problemática em estudo e os objetivos orientadores, a caracterização dos contextos e dos participantes, a escolha do método de investigação: entrevistas biográficas, a técnica de análise de dados: análise de conteúdo, o posicionamento da investigadora e as questões éticas.

A parte IV intitula-se de Interpretação dos percursos dos jovens que regressam por tipologias de percursos biográficos, onde serão explorados os percursos dos/as jovens individualmente, procurando lançar um olhar mais próximo da realidade acerca das trajetórias de cada entrevistado/a.

Na parte V, Construindo o sentimento de pertença, é o espaço onde se descreve, discute e reflete sobre as principais linhas que emergiram das entrevistas biográficas à luz de conceitos e teorias que foram surgindo ao longo das entrevistas. Deste modo, procedeu-se à interpretação e construção do texto, relacionando teoria e empírica, auxiliado pelo conhecimento trazido pelos/as jovens entrevistados/as. Assim, apresenta-se dois grandes capítulos: Relação dos/as jovens com o seu Território (capítulo I) e Sair e voltar: mobilidade e investimento na educação (capítulo II).

Para concluir, na última parte desta dissertação serão apresentadas as Considerações Finais, destacando-se os contributos finais do estudo, a pertinência deste para o domínio na área das Ciências da Educação e, ainda, refletir sobre as experiências dos/as jovens como experiências educativas.

PARTE I: PERCURSOS DOS JOVENS

Introdução

Nesta primeira parte é apresentado três narrativas na íntegra, deveriam estar todas aqui presentes mas por economia de espaço colocamos as restantes narrativas em apêndice (apêndice 6).

Apesar de não ser comum colocar nesta secção, mas sim nos apêndices, parece bastante pertinente atendendo aos pressupostos metodológicos que norteiam o estudo, que passa pela visão de Farraroti (2010), no qual consideramos as narrativas biográficas como suficientes para compor uma pesquisa legítima. Temos como objetivo apresentar as narrativas, ainda que não todas, como forma de dar relevância à voz dos sujeitos, pelo que foi um processo construído após conversa / interação com os/as jovens entrevistados/as.

Considera-se que cada uma das histórias apresentadas nesta primeira parte, na linha de Plummer (2001), podem ser vistas como uma história única e o objetivo é captar uma experiência singular contada pelo/a biografado/a.

Ao colocar no corpo da tese as narrativas, coloca-se em primazia a interpretação que os sujeitos dão à sua vida, havendo uma valorização do seu discurso (Araújo, 1949). Em vez de dar primazia à teoria, o estudo, pelo método escolhido, realça a importância das pessoas que vivem a sua vida e a interpretam, sendo que a interpretação teórica e a interpretação de quem investiga vem a posteriori. Ou seja, apesar de ter contributos teóricos importantes, o que importa mais nesta pesquisa são os testemunhos dos/as jovens adultos biografados, as suas vivências e experiências nos seus percursos de vida.

Como refere Fonseca (2005), os métodos biográficos consideram que as narrativas biográficas são já produção de conhecimento e ao serem apresentadas em primeiro lugar dá-se a oportunidade de os discursos dos jovens adultos entrevistados ocupem maior relevância.

NARRATIVA 1: LETÍCIA

“(...) sentia-me completamente integrada na minha região”

Sou a Letícia, cresci na região de Barroselas. Fiz a escolaridade obrigatória nesta região até ao décimo segundo ano. Venho de uma família muito simples, uma família de agricultores e ligada à construção civil. As atividades que desenvolvia, eram com os meus pais uma vez que, nessa altura, não havia atividades extracurriculares ligadas à comunidade civil. Tudo o que eu fazia como atividade cultural ou desportiva era na escola sendo que na mesma tinha já algum interesse por matérias que agora desenvolvo como o teatro, a educação e as artes. Foi um dos melhores momentos da minha vida. Posso dizer que fui muito mais feliz até ir estudar para fora. Isto porque sentia-me completamente integrada na minha região. Fazia parte do meu ADN e era muito positivo a imagem que tinha da região minhota. As pessoas são muito dinâmicas, guerreiras e divertidas.

“Na minha juventude achava que realmente não havia grande possibilidade e eu também não sabia o que iria fazer profissionalmente nesta região.”

No meu tempo não tinha essa percepção foi um processo gradual. Na minha juventude achava que realmente não havia grande possibilidade. Também não sabia o que iria fazer profissionalmente nesta região. Além disso, não sabia muito bem o que eu queria fazer porque a comunidade não tinha nada para me oferecer. É curioso porque eu fui para humanidades, contrariando um talento natural para o desenho. Achava que realmente o futuro era em braga, no porto ou em Lisboa, qualquer cidade distante da nossa região.

Não digo por imposição, mas por fuga achando que esta não seria uma realidade com tantas possibilidades de futuro. Também é aquilo que nos vendem muitas vezes e não é propriamente verdade. Por isso, até ao décimo segundo ano trabalhei e estudei por cá, fiz todo o segundo e terceiro ciclo e, ainda, o secundário na vila. Fui uma adolescente feliz e com muitos laços sociais não tendo uma intensa atividade na comunidade. Dado que, também não havia muito. Tínhamos por exemplo o ciclismo, mas como era uma rapariga não dava para aprender, os meus pais não me deixavam ir. Havia os bombeiros, mas também não dava, no entanto havia a banda de música. Já havia algumas coisas, mas como tinha mesmo de fazer toda uma temporada de atividades do campo não estava ligada a mais nada.

Mesmo que seja uma questão regional e local e até mais pequena, nós devíamos ser mais atentos porque faz falta à vida ter contacto com a natureza. Eu na casa dos meus pais aos sábados andava no meio das vacas e no campo a trabalhar e a ajudar, no entanto, levava os livros comigo e estudava na mesma. No fim-de-semana eram passados no campo e aquilo era a minha vida, o que me dava prazer. A minha mãe foi fundamental na minha vida como uma orientadora e dizia um ditado antigo e até popular que tens que viajar a ler.

“Tenho muito orgulho na cultura minhota.”

Tenho muito orgulho na cultura minhota, nós na aldeia, somos as pessoas do país mais alegre porque também trabalhamos muito e porque é uma forma de aligeirar as coisas. As próprias roupas são coloridas também para dar o contraponto e como temos uma riqueza fabulosa, os minhotos têm muito orgulho naquilo que preservam, a sua cultura. Aos fins-de-semana, aqui do Norte, as pessoas juntam-se na praça pública, é espetacular. Depois de uma semana inteira de trabalho vão tocar concertina, vão dançar, cantam ao desafio e acredito que isto possa chamar, de certa forma, os jovens e consequentemente, manter a sua relação com a sua região mesmo que saiam.

A música e a dança são comuns aqui nas regiões rurais. Por exemplo, a miúda que está a estudar medicina, toca concertina ou o fulano que canta ao desafio. Os jovens são educados com a cultura local. Uma coisa maravilhosa que temos são as bandas filarmónicas que formam músicos de excelência, que começam a aprender a música cá e depois passam para a escola profissional de Viana e depois vão para o conservatório do Porto e depois vão pelo mundo fora. É bastante válido e incrível e não se pode perder de todo esta tradição. Acho que a câmara e as entidades públicas de Viana do

Castelo têm também esse reconhecimento em relação às iniciativas culturais aqui da região e eu acho isso importante.

“(...) vão procurar fora o conhecimento, passar uma parte da vida deles longe de Viana (...) depois (...) voltam a investir na região por vários motivos.”

Os jovens têm todos o mesmo desafio que eu tive e que muitos colegas meus tiveram. Estes vão procurar fora o conhecimento, passar uma parte da vida deles longe de Viana assim como parte da profissão / carreira e depois há uma fase da vida em que de alguma forma voltam a investir na região por vários motivos. Eu acho que muitos passaram necessariamente por essa situação.

Por isso, os que foram para o ensino superior provavelmente vão fazer isto, agora eu acho que a grande possibilidade de fazer crescer Viana e que será o futuro relativamente à sustentabilidade local e criar um nível de emprego, criar famílias aqui na região, serão os jovens que vão para o profissional curiosamente, porque eles têm uma vontade e uma capacidade de gerar riqueza mais rápido e de se fixar numa região. E isso vai contra o estigma social em relação ao ensino profissional e tecnológico. Acredito que o futuro também passa pelo profissional e não só pelos licenciados que vão dar a volta ao mundo e depois voltar. Temos o politécnico em Viana e sei que tem vários cursos ligados a várias áreas.

“A minha mãe queria que os filhos tivessem a oportunidade de emprego muito melhor e uma melhor estabilidade.”

A minha mãe queria que os filhos tivessem a oportunidade de emprego muito melhor e uma melhor estabilidade, era essa a vontade, a proteção que ela tinha para que tivéssemos um futuro diferente daquele. Estas ideias, do ensino superior, têm de ser mistificadas. As pessoas têm de perceber de onde vêm e o que querem para a vida delas. Eu tenho meninos na escola que querem ser agricultores como o avô. Mas também tenho meninos que sentem que tem de ir para o ensino superior porque há pressão na família para terem uma vida melhor.

Compramos uma ideia de ensino superior, uma universidade, como algo assim do tempo dos reis, demasiado difícil e só para os especiais. Hoje em dia, quase toda a gente tem uma licenciatura e a qualidade não tem a ver com o que era, assim como a exigência e acho bem que o politécnico seja nivelado ao nível da universidade porque dá mais-valias.

“(...) entretanto saí e fui para Braga”

Depois, entretanto, saí e fui para Braga, uma cidade maior e com mais oportunidades, com grande desenvolvimento comparativamente a Viana do Castelo. A cidade tem feito muito mais, tem mais empresas, mais oportunidades de emprego, têm universidade. Viana também tem, mas é aquela ideia provinciana, a conceção de que o que é maior é melhor.

Eu vinha de 15 em 15 dias a casa. Eu venho de uma família muito unida, tenho três irmãs e o meu pai trabalhava fora então tínhamos aquela coisa de irmos todos naquele fim-de-semana para eu estar com a minha família. Braga não é assim tão diferente daqui a região central, há muitas coisas parecidas com Barrocelas. Por exemplo, as aldeias e as vilas nos arredores de Braga é um código muito parecido. Quando digo que estranhei não era por causa do ambiente em si, mas, porque o curso era, para mim, demasiado sofisticado e eu tinha jeito para coisas mais intuitivas e simples e não tão conceituais.

O curso saía totalmente do meu do meu leque de atuação. Além disso, todas aquelas pessoas que eu ia conhecendo, ao longo do tempo, quase ninguém vinha da minha região, Barrocelas. Por exemplo, conheci uma rapariga que me perguntava onde é que eu ia de férias, e a mesma dizia que ia a Benidorm, a Palma, mas já eu ia para o campo trabalhar assim como para o supermercado. As minhas férias eram de trabalho. A minha infância foi toda passada nesta região. Eram níveis de vida completamente diferentes.

Eu não sabia o que as pessoas queriam ouvir porque as minhas férias não eram vistas como interessantes. Também não tive muita capacidade de integração o que é curioso visto que sou uma pessoa super comunicativa. Tive muita dificuldade em integrar-me naquele contexto, mas acabei por terminar o curso pronto também sou teimosa. Assim fiquei com conhecimentos. Acredito que

conhecimento não ocupa lugar, mas, se soubesse o que sei hoje, ia para outro curso, por exemplo, gostava de educação, alguma coisa ligada ao trabalho comercial.

Eu acho que desde que a pessoa adquira algumas competências e as possa, de alguma forma utilizar, ótimo. Imagina, no meu curso eu estudei direito, mas só quando terminei e fui para um tribunal é que realmente aprendi. Até lá foi a base. Claro que é importante, mas são cinco anos em que tu não vês as coisas. Uma coisa é a teoria e outra coisa é lidar com as realidades. Tens uma ideia e depois na prática é muito diferente como é o caso dos cursos muito teóricos, por exemplo o meu.

Outra coisa importante é o contacto com a natureza, o trabalho coletivo, trabalho da família, a desfolhada e as vindimas porque tudo isso já se perdeu e é fundamental para percebermos como é trabalhar. Nós somos ratos de apartamento, os ratos da biblioteca, os ratos do escritório e vamos gastar energias no ginásio. O contacto com o que demora, a paciência em teres que ver uma coisa a crescer constantemente faz falta faz muita falta, a natureza, o cuidar e a paciência.

“Agora vejo algumas potencialidades em Viana, no entanto, é preciso fazer um trabalho a nível coletivo”

Agora vejo algumas potencialidades em Viana, no entanto, é preciso fazer um trabalho a nível coletivo. Eu acho que Viana tem todo o potencial para crescer, o mercado está em todo o lado, agora é preciso desconstruir uma certa mentalidade de dependência do poder público, o que acontece constantemente.

Queres ter uma empresa nesta região e notasse que há muita dificuldade e que poucos negócios singram, é uma cidade mais parada e não entendo bem o porquê. Ainda, nota-se que há muita dificuldade e muito estigma. É preciso analisar a raiz dado que há uma conexão demasiado forte ligado ao poder público. Viana tem um bocado desse desafio, mas já está muito melhor desde que eu acabei o curso e fui para fora.

Agora que voltei, acho que agora tem mais oportunidades, empresas já estabelecidas na região. Já existem vários polos industriais que também é uma coisa interessante que acaba por abarcar várias comunidades e isso traz mais poder económico. O importante era dinamizar mesmo dentro da própria cidade alguma coisa que permitisse aos jovens abrir negócios daquilo que é muito uma zona agrícola e de trabalho têxtil. Viana terá que ter uma maior abertura e trazer empresas para cá. Tem que haver alguns programas, muita iniciativa privada e, ainda, criar rituais para que a cidade seja uma cidade mexida como Braga por exemplo.

Estudei e quando acabei, durante algum tempo fiquei em Braga. Trabalhei no tribunal, nas finanças, um pouco de tudo na área jurídica ainda, em algumas empresas como a Apple. É curioso que, quando eu andava nos tribunais, andava de Valença até Esposende e isso agradava-me imenso. Já havia ali qualquer coisa que queria dizer que devia estar em movimento.

“(...) então regressei para Viana do Castelo e estive a viver com os meus pais”

Os últimos anos em Braga foram um terror porque não gostava do trabalho, estava longe da natureza, num apartamento, então regressei para Viana do Castelo e estive a viver com os meus pais. Recebi uma proposta de trabalho que é o que eu faço atualmente já quase há 6 anos. É um trabalho que eu digo que gosto. Trabalhava uma semana em Viseu e voltava a casa ou ia uma semana para Vila Real e voltava a Viana. Há uma procura constante da região de Viana.

Quero regressar a uma zona que me sinto bastante equilibrada e recarregar energias e a minha terra é isso. Tenho a minha família, irmãos e pais, felizmente. Eu penso e quero ter uma casa própria. Mas eu vou viajar e sinto essa necessidade, mas nunca perdendo a ligação e a necessidade de voltar à minha terra. Quando vou também me sinto bem e é curioso que os sítios que vou trabalhar são, também, zonas rurais. O interior é a minha intuição, a minha natureza. Não foi por falta de alternativa, mas sim por vontade e para ter saúde é ter a base para regressar e eu escolhi Viana do Castelo como zona de conforto.

“(...) projeto que estou envolvida e que trabalho há seis anos.”

Este projeto sai da própria cidade, zona urbana, e são nos meios pequenos e do interior que, as pessoas que têm realmente problemas, não tem vergonha de dizer o que está mal. Aqui as pessoas são

mais humildes não é que sejam ignorantes, mas admitem que precisam de algo ou que não sabem alguma coisa e isso para mim é fundamental. As pessoas aqui não são arrogantes. Os meios pequenos são fabulosos porque encontro pessoas que querem dar o salto e que querem ter paz e ter saúde. Ando de porta em porta a fazer pequenas apresentações e nas confeções têxteis na zona de Viana do Castelo.

O projeto que estou envolvida e que trabalho há seis anos, baseia-se no livro do autor português João Negreiros que desenvolveu um método de trabalho chamado manual da felicidade que é conhecido a nível nacional. Começa com alguém a colocar um desafio de saúde e que pede ao dramaturgo, um texto para ajudar a controlar

esses desafios que temos ao longo do crescimento. Está muito ligado ao autoconhecimento que é a base de tudo. São temas que também são discutidos nas escolas, o que é fundamental.

O projeto é tão democrático que chega a toda a gente e chega pela sua simplicidade e profundidade. O autor escreve o primeiro desafio e este tem muito impacto a nível nacional. Depois, foi transformado em música por Rodrigo Leão e serviu para uma campanha da Associação Portugueses de Esclerose Múltipla. Ainda, os textos são interpretados por atores que dão intensidade e que representam o que está escrito, tornando os textos reais e com sentido.

Textos que servem para contornar, por exemplo, os momentos de maior pressão em relação aos exames nacionais, falar em público, escolhas profissionais. Basicamente vai ensinar uma coisa a alguém através do humor e da comédia. O projeto começa a expandir-se e chega também às escolas. É um material possível de ser representado. É um processo que vai nos dois sentidos: o meu crescimento pessoal e depois tem um impacto enorme nas pessoas quando tu passas essa mensagem para o outro. Criar uma onda, ou seja, quando passo aqui na região as pessoas já sabem que a menina dos livros, que é a minha alcunha, ajuda em situações altamente tensas e que com uma piada as coisas melhoram.

NARRATIVA 2: LUZ

“Sempre fui uma criança muito tímida e reservada.”

Sou a filha mais nova, somos três irmãos, eu fiquei por cá, a minha irmã está em Penafiel e o meu irmão em Fafe. Desde pequenina que fiz cá a primária, fiz a telescola, o 5º e o 6º ano era na televisão, depois no 7º, 8º e 9º e secundário já ia de autocarro para Mogadouro, já não havia escola na aldeia. Era bastante empenhada na escola.

Sempre fui uma criança muito tímida e reservada.

Andei nos escuteiros, havia cá um grupo de escuteiros e tínhamos reuniões, encontros e acampamentos no verão que era o ponto alto do meu dia, porque não havia assim muita coisa para fazer, mas, também, não sentíamos falta de outra coisa porque não tínhamos essa vivência ou esse conhecimento, por exemplo, cinema, nós não sentíamos falta desse tipo de atividades. Eu achei sempre que tinha tudo aqui, não sei porquê, mas sempre achei isso.

Posso dizer que só sentia falta da praia, no verão, nunca fui com os meus pais, nunca tive essa oportunidade, mas com outros familiares, os meus tios, ia para a praia. Não tenho na memória o sentir faltar daquilo que os meninos na cidade têm. Vivia plena e feliz, mas na adolescência comecei a questionar e a sentir a necessidade de sair.

“Saí do meu contexto, Bemposta.”

Quando fui concorrer para a Universidade, eu calhei em Bragança, numa área que realmente não fazia muito sentido para mim. Saí do meu contexto, Bemposta. Era algo que nós queríamos, seguir os estudos e era algo que os pais também queriam. O meu irmão já tinha entrado, a minha irmã não foi, ela acabou o secundário e foi logo trabalhar, mas o meu irmão sim, ele tirou também engenharia civil em Bragança. Foi uma educação, dos meus pais em quererem que os filhos se formassem e terem outro futuro, que não os deles. Não havia propriamente uma grande escolha, nem oportunidade porque aqui não há universidade por isso, de certa forma, tive de sair, foi uma obrigação. O mais perto seria

Bragança ou Vila Real. Sabemos que o ensino superior aqui não havia e teríamos de qualquer maneira de sair.

“(...) sempre tive aquela vontade de ajudar as pessoas (...)”

Eu fui pela área do serviço social da ajuda e surgiu essa oportunidade. Não me via noutro tipo de profissão, sempre tive aquela vontade de ajudar as pessoas e foi a partir daí que começou o gosto de entrar no ensino superior e seguir esta formação.

“Quando cheguei ao Ensino Superior (...)”

Quando cheguei ao Ensino Superior, o primeiro ano, é sempre aquele impacto, somos caloiros, saís de casa da mãe, dos papás, tens de começar a tornar-te um bocadinho mais autónoma, a nível de organizar a comida, quando chegava a casa tinha de a fazer senão não comia, tinha de ter outro tipo de responsabilidades.

Nessa altura da faculdade eu já sentia falta e já queria sair, ir para fora. Eu arranjei casa e fiquei lá, só vinha ao fim de semana para Bemposta, mas, quando acabei o curso, o objetivo era sempre ir para a cidade, mandei muitos currículos até para Penafiel onde está a minha irmã, mas nunca consegui. Ainda bem que não consegui. Nunca estive envolvida em grande coisa, nem em voluntariado nem em associativismo.

“O meu curso foi de 5 anos e sempre senti que este curso era o que eu queria.”

O meu curso foi de 5 anos e sempre senti que este curso era o que eu queria. Tínhamos muitas colegas do Porto, de Barcelos, de Lisboa do Algarve, praticamente de todo o nosso Portugal. Mas adaptei-me muito bem. Se calhar porque o meu primeiro ano foi em Bragança e a diferença não é muita, também tinha lá o meu irmão e, por isso, não senti grande dificuldade.

Sempre estudei, nunca me envolvi em nenhuma atividade ou vida académica. Continuei a manter uma relação com a minha família, vinha a casa todos os fins-de-semana. Sentia necessidade de vir a casa e manteve a ligação porque necessitava do colinho da mãe, tinha saudade dos meus pais. Quando ficava era para estudar em Miranda, mas isso era em janeiro, na altura das frequências, mas há sempre aquela necessidade de vir a casa no fim-de-semana, vinha carregar baterias, estar com os meus pais e amigos.

“O regresso não foi fácil, não era o que eu desejava para a minha vida, inicialmente.”

Eu já tinha ideia de voltar porque em Bragança não havia nada também, então terminei o curso em julho de 2007 e vim para casa e, em novembro no mesmo ano, surgiu uma oportunidade para trabalhar. Eu não queria ficar aqui, na aldeia, queria ir para um centro maior, para a cidade, porque tem outras oportunidades e também já conhecia. No entanto, já me estavam a dizer que este lar, que era um centro de dia, ia abrir a uma nova valência. Eu quase a tentar fugir para não me chamarem porque eu não queria ficar aqui. Só pensava que era temporário, enquanto não encontrava outro. Continuei a mandar currículos, mas não tive grandes respostas e fui ficando. O regresso não foi fácil, não era o que eu desejava para a minha vida, inicialmente. Não queria mesmo isto.

Inicialmente não era mesmo de todo a minha ideia ficar na aldeia porque também havia um estigma, quem ficava aqui, ficava parado ou não evoluía.

“Sou diretora de num lar de idosos, apenas e já me chega.”

Agora, sou casada, o meu marido é de Mogadouro. O meu marido esteve sempre no Porto e depois regressou para Mogadouro. Estudou em Guimarães, trabalho 15 anos no Porto e depois regressou.

Eu profissionalmente trabalho num lar. Sou diretora de num lar de idosos, apenas e já me chega. Eu vivo em Mogadouro. Compramos casa, tenho um filho de cinco anos, deixe-o na escola e depois venho trabalhar, sou diretora técnica e ainda assistente social, assumo a direção do lar, ou seja, tudo que seja haver com processos individuais dos utentes, dos idosos, desde os recursos humanos, passa por mim. Temos 50 idosos entre o lar e o centro de dia, já fomos 19 colaboradoras.

Começou como um centro de noite e depois, convertemos para lar e já estou aqui há 15 anos. Não queria ficar, mas aceitei. Mas pelo menos dois, três, quatro, cinco anos, eu andava aqui um bocadinho, não digo revoltada, mas estava insatisfeita. Uma coisa é ser criança e não conhecer e outra coisa é ser adulta e conhecer as oportunidades que há na cidade que não temos aqui na aldeia, mas agora com a internet e com o carro é mais fácil. Eu pegava no carro ao fim de semana e saía sempre e fui colmatando desta maneira.

“Ainda bem que eu não saí daqui porque, neste momento, acho que não me imaginava noutro sítio.”

Achamos que às vezes é mau, mas depois fica muito bom. Ainda bem que eu não saí daqui porque, neste momento, acho que não me imaginava noutro sítio.

Há coisas que falham aqui especialmente a nível de saúde e dos cuidados de saúde. Agora temos cinema, temos piscina, temos a parte cultural, há tanta coisa aqui para explorar se nós quisermos, eu sinto que não falta nada, qualquer coisa temos a internet, estamos a fazer compras e faço praticamente tudo pela internet e não tenho essa necessidade de ir a um shopping.

O meu pequenito, aqui em Mogadouro, já tem muitas atividades, quer da música, ou seja, se ele quiser aprender a tocar viola, guitarra, acordeão e piano ele tem aulas, tem natação, tem gaita-de-foles, tem tanta coisa aqui, não estamos assim tão esquecidos ou isolados. Claro que, os pais querem sempre mas falta tanto tempo ainda que nem penso nisso, mas efetivamente, há uma falha aqui, a parte mais difícil é a saúde, não temos hospitais, centros de saúde centrais com mais especialidades.

“No ano passado criei a minha própria marca (...)”

No ano passado criei a minha própria marca, eu faço cremes e batons de cíeiro de produtos naturais, ou seja, tudo natural. Esta ideia surgiu em tempo de pandemia quando estávamos em casa. Eu também gosto de trabalhos manuais, da arte e depois surgiu, nem sei explicar como, foi na internet. Comecei a ver vídeos e achei interessante. Fiz um curso, fiz formações e agora já faço cremes. O meu creme chama-se ‘meu ser’. O Natal está a chegar e vou ter um pouco mais de trabalho porque vendo coisas por aqui, na aldeia. Consegui, de certa forma ter sucesso nisto porque também vejo uma grande proximidade na comunidade e é uma das mais-valias de viver num espaço mais pequeno. Gosto de viver aqui e vejo várias potencialidades nesta região.

“(...) estou a tentar mudar de trabalho (...)”

De momento estou a tentar mudar de trabalho. Abriu um concurso na câmara para assistente social em Mogadouro e vou tentar, já fiz a primeira parte, a escrita, os testes e agora falta a parte oral.

NARRATIVA 3: TOMÁS

“Sou natural de um pequeno concelho do distrito de Viseu.”

Sou natural de um pequeno concelho do distrito de Viseu, cerca de 18km de Viseu.

Em relação à questão familiar nunca tive grande tipo de entraves, vivi sempre mais com a minha mãe, o meu pai, ainda hoje em dia na questão profissional está muito tempo fora tendo em conta a sua vida profissional, portanto era a semana era toda com a minha mãe e o meu pai regressava a meio da semana, dependia das reuniões por onde estava ou então mais ao fim de semana, construí uma relação mais próxima com a minha mãe. Sou filho único.

“(...) com o decorrer dos anos fiquei atleta de alta competição (...)”

O meu refúgio com a escola sempre foi o desporto, na modalidade muito específica, no futsal, e comecei a criar laços e dinâmicas diferentes de outros tipos de crianças da minha idade, eu entrei para o futsal com 4/5 anos até aos 18/19 anos e as dinâmicas para além da escola, eram também no desporto. Para mim sempre foi um grande hobbie e tanto que, com o decorrer dos anos fiquei atleta de alta competição, ainda enquanto também estudava.

“(...) na vida política (...)”

Mais tarde, com o decorrer dos anos, entrei na vida política, digamos assim e, também foi sempre a partir daí que fui criando outros laços e sempre fugi um pouco também da rotina diária da escola, forma paralela como é óbvio, mas andei sempre muito ligado ao desporto.

Desde muito novo soube conciliar tudo e mais alguma coisa, portanto sempre estive muito ligado a outras atividades fora da escola também e nunca houve um entrave em relação a isso, consegui sempre conciliar da melhor forma. Também perceber o que é que era importante na altura e neste caso, nas idades dos mais jovens, acho que é uma opinião comum, as amizades, as dinâmicas que fazemos, fora a escola, são essenciais para moldar a nossa personalidade mais tarde.

Por acaso, com idades mais tenras, digamos assim, sempre tive a possibilidade de viajar bastante e mesmo aos fins-de-semana com os meus pais, a cidade em si, o impacto, não me causou transtorno, se assim posso dizer. Sabia para o que ia e o que ia encontrar.

“(...) nunca pensei em não ir para o Ensino Superior.”

Nunca tive grande pressão por parte da minha família, claro que todos os pais, na maior parte dos casos, digamos assim, gostam sempre que os filhos se desenvolvam e prossigam após o 12º ano, o ensino obrigatório, ingressem no Ensino Superior acho que hoje em dia estamos um bocado moldados para isso. Eu, no meu caso pessoal, não senti uma pressão se assim podemos chamar para ir para o Ensino Superior, foi sempre algo que eu quis, também porque todos os meus colegas da escola foram, portanto nunca pensei em não ir para o Ensino Superior.

“A escolha do curso (...)”

A escolha do curso, eu cheguei ao 12º ano e confesso que não sabia bem o que eu queria, gostava da área da saúde, mas também gostava da área das engenharias, por isso escolhi engenharia biomédica.

Em relação à questão dos professores do ensino secundário, é sempre natural que isso aconteça, tínhamos sempre conversas, uma ligação muito direta com os nossos professores, eu falo por mim, em Nelas, toda a gente é conhecida e temos a sorte de serem professores aqui da zona, que nós conhecemos, antes de serem nossos professores já os conhecíamos, no meu caso específico, aconteceu isso, e, é natural haver esse tipo de conversas de quando chegamos ao 11º/12º ano os professores quererem que os alunos prosseguissem os estudos mas nunca houve uma pressão direta, cada um fazia a sua escolha mas houve sempre esses conselhos sim.

Sou muito assim, nem sequer tive ansiedade, nunca me senti muito desconfortável, fui porque tinha de ser, digamos assim e, depois o que aconteceu foi que foram anos brilhantes para além da questão académica, fiz muitas amizades que se prolongam ao longo do tempo e na altura antes de ir, já pensava nisso como um ponto positivo e nunca como uma questão negativa, não pensei que ia sair da minha zona de conforto fui sempre tranquilo.

Tinha de ser e, ao fim ao cabo fui eu que quis ir, era o meu objetivo pessoal, que estava em primeiro lugar e nunca tive grande problema.

Em relação às pessoas e às amizades e conhecer outras personalidades até hoje nunca tive grande problema, sou uma pessoa que consigo relacionar-me facilmente com as pessoas e que criar laços e amizades e pontos em comum, nunca foi um problema para mim.

“Quando chegamos a uma faculdade não sabemos para o que vamos nem o que vamos aprender (...)”

Quando chegamos a uma faculdade não sabemos para o que vamos nem o que vamos aprender, temos noção do curso, eu falo por mim, percebi que entrava em engenharia biomédica, mas e agora? São matérias diferentes, são professores diferentes como é óbvio, a área em si também não tem nada a ver com o que costumávamos fazer, foi um período de adaptação que não durou mais de 3/4 meses, depois já entramos na rotina e já sabemos por onde vamos e o que vamos fazer.

“(...) associação de estudantes no meu instituto (...)”

Na faculdade estive, a partir do primeiro ano da faculdade, presente na associação de estudantes no meu instituto superior de engenharia de Coimbra, mas também conjugava com atividade do desporto, nessa altura ainda era jogador de alta competição, cheguei até a jogar na primeira divisão académica de Coimbra. Eu conciliava a faculdade, mais a associação no departamento de desporto, os treinos diários e o jogo, portanto, também continuei com esta dinâmica.

Organizávamos aqueles eventos desportivos do instituto, há sempre aqueles jogos que nós promovíamos entre cursos, depois também a FADU, a federação académica da universidade, concorriamos e participávamos com equipas, neste caso de futsal, também joguei pelo meu instituto, modalidades como ténis de mesa, promovíamos eventos apoiávamos aqueles atletas do nosso instituto que queriam depois disputar nos campeonatos das universidades que também existem. Fazemos o elo de ligação, éramos 4/5 na equipa. Para além de promovermos, também apoiávamos quem depois queria competir pela nossa faculdade. Não deixei nada por viver.

Estudei em Coimbra, 6 anos. Um ano tive de deixar para trás porque foi o ano em que treinava todos os dias, aos fins-de-semana vinha a casa, não foi fácil então, abdiquei um pouco mais o curso e dediquei-me mais ao desporto, mas depois achei que não ia ser profissional e foquei-me só no curso em si. Tirei o mestrado.

“Eu era presidente de uma juventude política, de um partido”

Claro que era mais complicado ter aulas, ter desporto, também queria sair com os novos colegas, tinha de conciliar tudo e mais alguma coisa, e, ao fim de semana, também, em Nelas, não me envolvia tanto, mas, tinha as questões políticas, sempre tive ligado à questão política e tentava fazer o meu melhor. Eu era presidente de uma juventude política, de um partido.

O grupo que nós tínhamos no secundário, ainda hoje somos amigos e combinávamos sempre algum encontro, ou café, uma saída, sempre mantivemos isso porque, nem todos foram estudar para Coimbra, no meu ano, uns foram para o Porto, Lisboa, Aveiro, quando vínhamos ao fim de semana, tentávamos sempre manter as ligações e também manter as ligações com, neste caso, com as entidades que tínhamos.

Hoje em dia nem sequer exerço o meu curso, sou licenciado, tenho um mestrado, tive uma pequena passagem por uma empresa da área, mas não durou muito tempo e hoje em dia não trabalho, não exerço engenharia biomédica.

“O motivo principal de ter voltado foi realmente a empresa do meu pai”

Eu terminei o meu mestrado e comecei a trabalhar numa empresa em Coimbra da área mas depois rapidamente percebi que não era aquilo que eu queria, até porque eu tinha uma questão familiar, o meu pai tinha uma empresa com a sede em Nelas numa área que ele sempre trabalhou que é a manutenção industrial por jato de água, somos a empresa número um da península ibérica desta área, temos bastante clientes e alguma dimensão e, eu cheguei a um ponto que, porque eu nunca pensei vir trabalhar para Nelas ou para a empresa, quis sempre fazer o meu caminho. Mas depois comecei a perceber, o meu pai claro, como todos nós, não caminhamos para novos e seria necessário dar uma continuidade e eu também não estava muito satisfeito.

O motivo principal de ter voltado foi realmente a empresa do meu pai. Eu regressei há 3/4 anos, eu tenho 29 anos, por isso regressei com 25 anos. Tive que decidir voltar até porque eu tenho uma sociedade, tenho uma quota na empresa e eu um dia, tinha mesmo de voltar. E achei que era o momento ideal começava já desde novo a adquirir conhecimentos e hoje cá estou, hoje a rotina diária é trabalhar aqui e não fora, porque ao fim ao cabo ia acabar, numa consultoria em Lisboa ou no Porto, no estrangeiro numa tive essa curiosidade, mas acabaria por sempre ir para aqui. Tinha um elo de ligação, uma questão profissional.

Tinha esta questão familiar intrínseca, digamos assim porque também tinha uma responsabilidade apesar de não estar a trabalhar na empresa, tinha alguma responsabilidade, porque tenho uma quota da empresa e eu pensei em vez de regressar com 40 ou 50 anos pensei que agora era a melhor altura. E em vez de trabalhar em 4 ou 5 empresas vim logo com cerca de 25 ou 26 anos, após a faculdade e achei que para mim, e para o meu progresso e apara a minha questão profissional fazia

todo o sentido. Também era uma área completamente diferente e aprendemos muito mais facilmente com 25 anos do que se calhar com 40 anos com rotinas e formas de trabalhar diferentes e vir para uma empresa que não conhecemos se calhar era diferente.

“Chama-se PROTEL, a nossa empresa (...)”

Eu sou para além de sócio, diretor comercial da empresa e faço o acompanhamento técnico da empresa e dos serviços que a empresa presta aos clientes, sou eu que faço isso. É sempre bom partir do interior para todo o lado porque tenho clientes no sul de Espanha, em França. Do interior, partimos para prestar serviços em todos os pontos do país e como disse Espanha e agora França. Logo por aí, já dá para perceber que é uma dimensão relativa para além, de também, no meu caso e no caso do meu pai, sermos pessoas conhecidas em Nelas, associamos sempre uma coisa à outra.

A empresa em Nelas é conhecida, pelas pessoas e pela comunidade. E depois porque empregamos pessoas. Passa sempre a palavra e temos tido feedback positivo, tanto com os clientes como, na comunidade. Nós desenvolvemos o local onde habitamos. O meu pai sempre trabalhou nesta área e trabalhou para outros, a empresa tem perto de 10 anos, e conseguiu sempre trazer algumas pessoas que tinham trabalhado com ele e que agora estão aqui, mas aliamos também pessoas do nosso concelho que estão a trabalhar connosco.

Nós prestamos serviços de manutenção industrial, a área técnica é o jato de água e limpamos equipamentos das grandes indústrias nacionais, portanto, caldeiras, equipamentos grandes, tubagens de fábricas. Usamos robôs que fazem esse tipo de limpeza. Chama-se PROTEL, a nossa empresa. Uma grande indústria, tem equipamentos que precisam de ser limpos mensalmente, depende, 6 em 6 meses, outros, anual, e também temos emergências, e que precisam da nossa intervenção durante a produção. Temos equipamentos que fazem esse tipo de serviços.

Até mesmo o executivo da comunidade digamos assim, tem sempre apressado por quem desenvolve a própria comunidade. Primeiro não estavam muito familiarizados com a nossa empresa porque, em Portugal, não existe muitas empresas com esta área técnica ou com os nossos equipamentos.

Existem 2 empresas para além de nós, nos somos um grande concorrente. Está fixado ou tem sede em Setúbal e nós partimos de Nelas para todo o lado, como já mencionei, logo por aí é positivo. Como era uma área tão específica, as pessoas também não conheciam.

Com o passar do tempo e o passa a palavra, quando vem os nossos camiões a circular, associam sempre à PROTEL. Começam a descobrir e a perceber aquilo que fazemos, em Nelas já todos conhecem a empresa e sabem o que a gente faz. Até porque também temos outro tipo de serviços. Temos camiões que fazem lipoaspiração, que limpam as vias públicas em Nelas.

“Sei que falam do meu exemplo como um motivador de algo”

Sei que falam do meu exemplo como um motivador de algo. Em relação à operação que nós executamos e serviços a escola não é mencionado, ainda não estive sequer nas escolas porque não somos uma empresa que, por exemplo, a área da energia, é uma área mais específica, que necessitam de eletricitas ou canalizadores ou de pessoas de engenharia eletrónica, é algo específico. Nós precisamos mais de pessoas diferenciadas, porque em Portugal esta profissão não está centralizada em algo. Nós é que formamos as pessoas. Em contexto escolar não podemos pegar num curso técnico e colocá-lo. Há empresas em que isso é mais fácil acontecer.

No caso de Nelas, não é propriamente uma aldeia, é um concelho, não de grande dimensão, mas é um concelho com muita indústria, muita dinâmica associativa principalmente.

Sem dúvida, o desporto está muito presente e não só, no concelho onde estava, neste caso onde a minha empresa está sediada, em Nelas, tem uma ligação muito direta com o concelho e o desporto em si, no concelho de Nelas está muito bem implementado e, portanto, era quase natural ter que fazer desporto.

“(...) sou vice-presidente de um partido da concelhia de Nelas”

Eu sou deputado municipal também, sou vice-presidente de um partido da concelhia de Nelas. Sempre defendi o que tinha de defender e apoiei causas. Estou mais ligado com a área jovem, as intervenções que tenho de fazer são mais relacionadas com a área jovem, faz todo o sentido.

Faz sentido um jovem defender politicamente.

Hoje em dia é algo que não é tão comum ver-se: um jovem na política. É algo que com o tempo vai mudar porque também, no meu caso, eu conheço aqui na região, pessoas que estão a despertar e acredito que daqui a 5 ou 6 anos vou ver cada vez mais jovens na política, eles percebem que é importante participar na vida ativa do nosso concelho ou do distrito ou até mesmo estando presente na Assembleia da República. Também estou na comissão política de um partido na vice-presidência, dou sempre a minha opinião e trabalho em conjunto com pessoas que tem muita experiência na área política e que hoje em dia são vereadores ou presidente da câmara municipal de Nelas, é um dos meus melhores amigos.

“(...) associação interioriza-te (...) eu sou o vice-presidente da associação”

Na área jovem eu e a Raquel, neste caso é presidente, temos a associação interioriza-te, que tem um impacto muito importante na comunidade jovem, eu sou o vice-presidente da associação.

“(...) tentamos desmistificar um pouco esses conceitos e atrair cada vez mais jovens”

Mais do que a política é através da associação interioriza-te que pegamos nos jovens e consciencializamos para o abandono das áreas do interior neste caso no âmbito da associação interioriza-te e tentamos mostrar-lhes que no interior também há oportunidades de empregos e culturais apesar de não serem como aquelas que a gente queria e como merecíamos ter, como é óbvio.

Os pontos turísticos também existem no interior. Tentamos consciencializar para quando chegarem à cidade como aconteceu a mim, no 12º ano, pensar que as oportunidades não estão só no literal e que só lá é que é ‘cool’ e tudo o que é interior não é apelativo. Tentamos desmistificar um pouco esses conceitos e atrair cada vez mais jovens, não só para a nossa associação, para nos ajudarem no “passa a palavra2, mas, também, que eles pensem dessa forma e que comecem a formatar o cérebro para outras questões importantes e confesso que temos tido muito sucesso.

Na comunidade tem sido excelente, para além de termos feito o webinar, fizemos a primeira feira de emprego jovem como o caso da FUTURALI, em Lisboa, há sempre uma feira de emprego onde as faculdades expõem os seus cursos. E nós pegamos na FUTURALI e pensamos porque é que no interior não existe uma feira de emprego para jovens?

Em maio criamos a primeira feira de emprego para jovem do interior. Contamos com mais de 30 entidades na nossa feira, com visitas das escolas secundárias da nossa região, dos institutos superiores daqui da região de Viseu, Guarda e Bragança e mostrar o que tem para oferecer, criamos uma dinâmica muito importante.

Foi a primeira feira do género e foi organizada por duas pessoas que ninguém conhecia, a nossa associação tem 1 ano de existência e ninguém nos conhecia basicamente, mas temos sempre vontade de melhorar e desenvolver outro tipo de atividades. Também temos feito webinars temáticos com uma participação muito boa sobre questões de teletrabalho, viver no interior, cultura no interior, temos sempre atividades, visitas a escolas na nossa região e isso é que nos proporcionou agora um envolvimento muito importante de jovens na nossa associação após a visita à escola secundária de Nelas conseguimos 5/6 jovens com interesses comuns que estão a trabalhar diretamente connosco na nossa associação e tem sido importante porque muitos deles até foram estudar agora para a faculdade, escolheram o interior, é curioso. Não foram para Lisboa ou Porto. Não tiveram a oportunidade aqui em Viseu relativamente ao curso que queriam, mas, houve dois casos, e é curioso, escolheram Évora para estudar.

É importante os jovens saírem, mas procuram ficar perto da região. Eu noto isso. Já vêm com outros olhos o interior. Procuram ver o que há aqui perto e não só em Lisboa ou Porto. Muita gente tem ido para Braga.

“Aqui do interior podemos chegar a qualquer parte.”

Há muita coisa. Há muitos apoios. Hoje em dia vejo uma geração muito habituada à internet, pareço um cota a falar, mas vejo muito isso. No meu tempo, há 10 anos, mais um pouco, mas não tinha tanto esta abertura porque não havia grandes coisas para nós fazermos para além da escola e de outro tipo de atividades, já havia internet e computadores, mas hoje em dia há mais facilidade. É tão notória que eu vejo que os jovens esquecem que é preciso atividades de rua por exemplo, é necessário termos outro tipo de convívios, eu falo por mim.

Nós vamos a um café e não vêes jovens a conversar hoje em dia, o que eu quero dizer, pode existir apoios, mas o que eu vejo é que não existe jovens que queiram usufruir dos mesmos. Estou a falar da minha realidade. Mas eu vejo muito isso, a maior parte dos jovens se resignam um pouco, tem medo de desenvolver um pouco mais ou saírem de fora da caixa, daquela área mais comum porque depois tem um telemóvel, tem o tempo ocupado. Por vezes não ocupamos da melhor forma. Depois depende de cada personalidade.

Apoios para jovens se desenvolverem, existem. É o ponto que queria deixar assente, agora se desenvolve ou se eles procuram já é relativo. Aqui do interior podemos chegar a qualquer parte. Não deixo de estar no interior, mas a proximidade é enorme e agora com as tecnologias ainda mais.

PARTE II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I: PENSAR A JUVENTUDE EM CONTEXTO RURAL

O conceito de juventude na ótica de vários autores

A juventude é uma construção social. Como refere Pereira (2007) “(...) juventude e velhice não seriam dados, mas construções sociais oriundas da luta entre os jovens e os velhos.” (Pereira, 2007, p.1). Também é possível constatar esta ideia na obra de Margulis (1997) “É importante lembrar, para a compreensão desse género, que a noção de juventude é construída socialmente e atravessada em seu significado pela diferenciação social.”⁷ (Margulis, 1997, p.11).

A juventude é produto de um conjunto de forças sócio históricas que ao longo do tempo foram produzindo ideais sobre o que é ser jovem, sendo que as referidas ideias dominantes acabam por definir o que é socialmente aceite e correto, o que vai influenciar o modo como se percebe a sociedade e o modo como esta condiciona ou estimula os comportamentos.

“O conceito de juventude, o modo como é expresso pelas distintas forças políticas, é um exemplo do poder mobilizador do ato de conceituar. Além disso, traz em si a complexidade típica das significações que se transformam à medida que a própria realidade é transformada.” (Trancoso e Oliveira, 2016, p.138)

Ao falar-se de juventude, por vezes, torna-se desafiante dar uma definição deste conceito. Existem vários indicadores que permitem precisar de forma mais concisa o conceito de juventude como o género, a classe social (de pertença), a idade, o território e a escola. Citando Margulis (1994), o conceito “juventude apela, mais do que a uma condição natural, a uma construção social que se baseia em elementos biológicos; contém significados complexos e, às vezes, contraditório.”⁸ (Margulis, 1994, p.16).

A autora Rossana Reguillo (2003) em *“Las Culturas Juveniles: un campo de estudio”* afirma que

“É importante afirmar desde já que os jovens não representam uma categoria inequívoca. A juventude é uma categoria construída culturalmente, não é uma essência e, nesse sentido, a mutabilidade dos critérios que

⁷ Tradução nossa do original em espanhol “es importante recordar, para la comprensión de este género, que la noción de juventud está construida socialmente y atravesada en su significación por la diferenciación social.”

⁸ Tradução nossa do original em espanhol “‘juventud’ apela, más que a una condición natural, a una construcción social que se apoya en elementos biológicos; encierra significaciones complejas y, a veces, contradictorias.”

estabelecem os limites e comportamentos da juventude está necessariamente ligada a contextos sócio-históricos, produto de relações de poder em uma determinada sociedade.”⁹ (Reguillo, 2003, pp.48-49)

São vários os fatores que influenciam os comportamentos da juventude. Sejam estes de natureza individual ou sociocultural como o contexto familiar, o contexto escolar, grupo de amigos.

“necessidade de entender o meio rural como um espaço de vida e as relações que os jovens vivenciam, uma vez que, somente por meio do conjunto dessas relações, com a família e com o mundo, e junto com a percepção que o próprio jovem tem dele mesmo, é que será possível entender as identidades desses atores sociais.” (Boessio e Doula, 2016, p.372)

É um facto que os/as jovens têm hábitos culturais distintos. O Habitus (Bourdieu, 1996) é caracterizado como um conjunto de disposições e pré-disposições, transmitidas de geração em geração e que é influenciado com a nossa socialização primária. Apesar de a educação ser um contexto para contrariar estas socializações, o Habitus está muito presente no quotidiano dos/das jovens cidadãos/ãs e desenvolve comportamentos e ideias que são transmitidos, muitas vezes, pelos familiares dos/as jovens.

Cada comunidade atribui significados diferentes para o que entende como juventude, constituindo de forma mutável a passagem da infância para a vida adulta “(...) a juventude é “uma construção cultural relativa no tempo e no espaço.” (Feixa, 2006, p.28 in Silva, 2010, p.34).

A construção da identidade da juventude através das suas experiências

Parece-nos necessário apresentar o conceito de culturas juvenis porque são efetivamente as experiencias sociais que ajudam a construir aquilo que é a identidade dos/as jovens. Assim, na conceção de Feixa e Porzio (2004) as culturas juvenis referem-se às “experiências sociais dos jovens se expressam coletivamente através da construção de estilos de vida distintos,

⁹ Tradução nossa do original em espanhol: “Es importante plantear de entrada que los jóvenes no representan una categoría unívoca. La juventud es una categoría construida culturalmente, no se trata de una esencia y, en tal sentido, la mutabilidad de los criterios que fijan los límites y los comportamientos de lo juvenil, está necesariamente vinculada a los contextos sociohistóricos, producto de las relaciones de fuerza en una determinada sociedad.”

situados fundamentalmente no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida institucional."

¹⁰ (Feixa & Porzio, 2004, p. 9).

A subcultura é uma forma de construção identitária que transcende a determinação de classe, pois, de acordo com a teoria da prática social, diferentes culturas não são apenas um processo de reprodução de classe, mas também um processo de produção cultural. Quando falamos de globalização, está intrinsecamente ligada ao conceito de cultura.

O espaço geográfico constitui-se em vários campos e configurações (economia, política, sociedade, educação...) o que acontece com a cultura. Com a globalização, a comunicação e consequentemente os valores culturais alargaram com maior facilidade. Assim, as diferentes culturas e os diferentes hábitos/práticas podem interagir sem estarem localizadas num espaço apenas. Este processo não é traduzido de forma igual por exemplo, as zonas urbanas transmitem em maior número, os seus elementos culturais. Consequentemente, os/as jovens expressam-se e apropriam-se, de forma distinta, desses mesmos bens culturais. Com culturas juvenis, Pais (1990) refere que,

"Culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude»." (Pais, 1990, p.140)

É imprescindível abordar as culturas juvenis: globais, locais e digitais. As culturas juvenis globais, os/as jovens devem negociar no meio daquilo que são influências globais nas suas identidades. Mas vamos encontrar subculturas (especificidades) onde o próprio sujeito tem de encontrar um lugar para existir enquanto jovem sendo influenciado/a pelas culturas globais e por um conjunto de outras situações que o fazem encontrar a sua identidade. O fato de os/as jovens negociarem identidades de foro individual e de grupo transforma-se em uma forma de cultura juvenil com características libertadoras, ou pode ser uma prática social criativa. Nessa prática, os/as jovens devem ser entendidos/as como atores sociais criativos, conscientes, críticos, participativos e ativos. Contradizendo com a visão de que os/as jovens são biologicamente imaturos, socialmente incompetentes, culturalmente ignorantes e moralmente irresponsáveis, porque as mudanças globais e a velocidade com que ocorrem afeta a evolução da cultura jovem e a transformação da juventude.

¹⁰ Tradução nossa do original em espanhol: "las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre o en espacios intersticiales de la vida institucional."

As experiências juvenis não devem ser estudadas através de um só tempo, nem de um só lugar pois, tal como os espaços são flexíveis, os/as jovens e as suas próprias culturas também o são. Nesta perspetiva, Farrugia (2019) é o autor que dá primazia ao contexto espacial nos estudos juvenis, defendendo que cada contexto ou território é único com especificidades que tornam uma determinada cultura igualmente única.

Como definimos a juventude de contextos rurais?

Visto que, como afirma Feixa (2006), cada comunidade / território atribui significados diferentes face ao conceito de juventude e dado que o estudo é em regiões rurais e de baixa densidade, é necessário considerar este fator quando tentamos definir este conceito.

Os/as jovens que vivem em contextos rurais são associados ao movimento campo-cidade como refere Paiva et al (2011), “A população rural que ingressa na idade ativa, neste caso os jovens rurais, enfrentam dificuldades para construir seu projeto de vida no campo e cada vez mais busca melhores condições de vida nos centros urbanos.” (Paiva et al, 2011, p.3)

Existe uma clara distinção entre a juventude de contextos urbanos e a juventude de contextos rurais e esta distinção pode ser analisada pela demografia, pelo desenvolvimento económico, o território e os modos de vida (Ferreira et al, 2021). Ora, para consolidar esta ideia, “As áreas urbana e rural estão além da mera diferenciação espacial e remetem também a diferentes formas de organização social, económica, cultural, indicando também dois modos de vida distintos.” (Oliveira et al, 2016, p.466).

Segundo, os/as jovens em contexto rural, vivem em condições mais vulneráveis, o que propicia um acesso mais limitado e menos diversificado a serviços tecnológicos como por exemplo, a Internet “O acesso à Internet em equipamentos como computador ou notebook, tablet e videogame é bem menor entre jovens que vivem em comunidades rurais e nas periferias dos grandes centros urbanos.” (Abreu, 2020, p.3).

A juventude é vista como o futuro dos espaços em que interage. Assim, o desenvolvimento de determinadas regiões está relacionado com o nível de empenho e dedicação que esses jovens têm com o local (Troian e Breitenbach, 2018).

Vários autores apontam para um cenário rural de frequente migração para o urbano e face a esta problemática é preciso refletir sobre o futuro dos/as jovens rurais e debater-se do ponto de vista social e económico destes territórios. Isto porque, “diferentemente dos jovens do ambiente urbano, os do ambiente rural sentem falta de oportunidades de trabalho e emprego.” (Furlani e Bomfim, 2010, p.55).

Cabe às comunidades garantir que os/as jovens tenham acesso a recursos que sejam essenciais para o seu desenvolvimento e formação, para que estes/as se sintam bem no seu território, de forma a desmistificar preconceitos que consideram as zonas rurais como locais vítimas de desigualdades e, assim, evitar a deslocação de jovens para as zonas urbanas, na procura de melhores condições.

A fixação dos jovens nas suas regiões, o seu emprego dependem muito da sua inserção a nível local e na sua falta os jovens procuram alternativas, nas grandes cidades, em regiões de turismo sazonal ou noutros países, ficando as suas zonas de origem cada vez mais desertificadas.” (Cavaco, 2004, p.7)

Surgem as transições juvenis que se compõem como um conceito estático, com possibilidades pré-definidas que devem ser combatidas, uma vez que, os percursos efetuados pelos/as jovens apresentam divergências entre eles.

As transições juvenis alinham-se segundo a ideia de que as transições não são lineares, ou seja, apesar de continuarem a existir sistemas sociais, as pertenças não são estabelecidas e não se encontram perante estruturas sociais estáveis, o que origina sentimentos de mudança e fragmentação.

Segundo a perspectiva de David Farrugia (2019, p.249), “Global city” ajuda a compreender como os/as jovens localizados em regiões muito distintas são igualmente influenciados por estruturas económicas e redes de investimento de capital que transcendem as distâncias geográficas.

“Além da cidade global, a valorização da mobilidade e do cosmopolitismo na vida dos jovens está a produzir novas e complexas relações com o lugar que emergem das histórias sociais e económicas de localidades particulares e das experiências classificadas de jovens em posições diferentes.”¹¹ (Farrugia, 2019, p.249)

É importante falar de transições juvenis, abordar as mesmas segundo o conceito de experiências multissituadas. As transições juvenis não podem ser estudadas apenas num tempo ou lugar específico, (variedade de espaços) uma vez que os/as jovens são confrontados/as com uma variedade de experiências completamente distintas, como podemos perceber pelos jovens rurais e os jovens urbanos.

¹¹ Tradução nossa do original em inglês: “Beyond the global city, the valorisation of mobility and cosmopolitanism in the lives of young people is producing new and complex relationships with place that emerge from the social and economic histories of particular localities and the classed experiences of differently positioned young people.”

É penoso para a juventude de contextos rurais manter um sentimento de pertença na sua comunidade quando são praticamente “obrigados/as” a deslocarem-se para as grandes cidades para sentirem que têm estabilidade e oportunidade nas suas vidas.

Ao falar do mundo do trabalho, enquanto transição para a vida adulta, enquanto regulador do espaço da população jovem, em contexto rural sabemos que a juventude não tem tantas oportunidades. Não existem transições lineares devido à própria organização do mercado de trabalho.

O mundo do trabalho é um dos contextos cujas flutuações e transformações se compreendem melhor nas vidas de gerações mais jovens que precisam de construir a sua transição para a vida adulta. Como o trabalho é uma ideia de cenário instável, coloca os/as jovens no interior de dinâmicas de trabalho que são determinadas pela formação de novas zonas económicas e novas divisões territoriais.

O ingresso no mundo do trabalho pode fazer-se em ‘Fast-Track’, associado a jovens mais favorecidos/as porque é uma transição rápida (saem da escolaridade obrigatória e vão para o mercado de trabalho) e o ‘Slow-Track’, associado a jovens de grupos sociais mais desfavorecidos, que podem perder mais tempo e fazer uma transição mais lenta entre a educação e o mercado de trabalho. Jovens que vivem em contextos rurais, por vezes, sentem dificuldades na transição para o mundo do trabalho porque a oferta de emprego nestas regiões é menor em comparação com as zonas urbanas. No entanto, é importante salientar que o desemprego não pode ser analisado do ponto de vista nacional e regional, mas sim, num problema global que afeta essencialmente este grupo.

Em síntese, as diferentes abordagens sociohistóricas, constataam que a juventude é uma categoria socialmente construída, razão pela qual, foi sofrendo alterações ao longo do tempo e do espaço, devido à imposição social. Vivemos numa sociedade instável onde nada é dado por garantido e onde as transições juvenis não são lineares, uma vez que os/as jovens são detentores/as de áreas da vida fragmentadas e protagonistas de trajetórias irregulares, podendo ter, desta forma, um futuro de incertezas e inseguranças. O/a jovem rural não tem tido um papel ativo no processo de desenvolvimento das suas regiões, nem foco de estudo e pesquisas que visam a melhoria das condições de vida dos territórios de baixa densidade. A verdade é que só a juventude sabe os seus anseios, perspetivas e, por isso, é necessário garantir uma especial atenção às suas problemáticas. Se o foco é a juventude de contextos rurais logo as estratégias e os planos de ação deveriam ser voltados para este grupo vulnerável de forma a

promover-se melhores condições para a permanência dos/as jovens no campo, como o acesso ao ensino superior, informação e tecnologias, trabalho qualificado, entre outros. Por fim, cabe ao jovem rural decidir sobre o seu futuro, permanecer no rural ou sair para o urbano, rompendo com esta ideia de que o rural é sinónimo de instabilidade e incertezas.

CAPÍTULO II: O SENTIMENTO DE PERTENÇA À COMUNIDADE

O conceito de sentimento de pertença em perspectiva

O sentimento de pertença manifesta-se de várias formas em função de cada pessoa, sendo uma experiência subjetiva que é afetada por diversos fatores e que tem influência na construção da identidade de cada jovem. Na visão de Le Bourlegat (2006), a região e a comunidade estudada são elementos decisivos quando se fala no conceito de sentimento de pertença uma vez que, este pode ser discutido e percebido de diferentes formas.

O conceito de pertença à comunidade conforme refere o autor Cicognani (2010), é no sentido de criarmos uma ligação com o espaço físico. Esta ligação é produzida pela ordem, pela estabilidade e pela apropriação de significados.

“O senso do lugar em que vivemos está frequentemente relacionado ao nosso senso de identidade pessoal, pois muito do que somos depende de onde vivemos e das experiências que tivemos lá. (...) Consequentemente, os indivíduos costumam desenvolver vínculos sentimentais e emocionais muito fortes com os lugares onde passam suas vidas. (...) Este apego também foi referido como “Identidade do Lugar””.¹²
(Cicognani et al, 2010, p. 34)

Já o sentimento de pertencimento ao lugar na concepção de Sarason (1974) salienta a importância da rede de relacionamentos que está sempre disponível e da qual os/as jovens podem depender.

Também, para Massena et al (2020) em sua obra “*O sentimento de pertença e a diferenciação do self do adolescente rural no processo migratório*”, apresentam de igual forma a ideia de que a construção do sentimento de pertença “acontece na medida em que os membros da comunidade estabelecem e fortalecem suas interações e relações, construindo, assim, uma história coletiva que será responsável pelo estabelecimento de sua identidade.” (Massena et al, 2020, p. 36).

Apesar de serem apresentadas como ideias antagônicas, para este estudo, são igualmente relevantes. Pensar o sentimento de pertença, para outros autores, é considerar tanto a ligação para com o território com a relação com as pessoas, “O apego ao lugar refere-

¹² Tradução nossa do original em inglês: “A sense of the place in which we live is often related to our sense of personal identity since much of what we are depends upon where we live and the experiences that we have had there. (...) Consequently, individuals usually develop very strong sentimental and emotional attachments to the places in which they spend their lives. (...) This attachment has also been referred to as “Place Identity”.

se a um vínculo emocional entre uma pessoa e um lugar específico, influenciado por experiências pessoais, memórias e conexões culturais/sociais.”¹³(Furuya, et al, 2023, p.739).

Processo de construção do sentimento de pertença

É importante referir a família, enquanto núcleo de socialização na criação de um sentimento de pertença. Um indivíduo faz parte de vários ecossistemas. Estes ecossistemas de pertença são a nossa família, a escola, o território nacional, entre outros “é o sentimento que a pessoa pertence e é significativamente parte de uma coletividade mais alargada.” (Saranson, 1974 in Menezes, 2007, p.50).

“A melhoria da qualidade e satisfação de vida percebida através do sentimento de pertença a uma comunidade é directamente influenciada, por componentes específicas e dominantes da vida, como a família, os amigos, a escola, o próprio, os vizinhos e o bairro.” (Elvas e Moniz, 2010: 462)

Os vários ecossistemas ajudam a construir a nossa pertença em termos sociais. É importante salientar que vivemos em diferentes contextos, ou seja, esta pertença não é estática. Como referem Massena e Silva (2020), “A construção desse sentimento acontece na medida em que os membros da comunidade estabelecem e fortalecem suas interações e relações, construindo, assim, uma história coletiva que será responsável pelo estabelecimento de sua identidade.” (Massena e Silva, 2020, p.36). Ainda,

“O jovem rural é influenciado pelos costumes e hábitos da família, mas é o construtor da sua identidade, responsável por assumir seu papel social, pela forma com que se estabelece na sociedade e, consequentemente, pela tomada de decisão em relação a permanecer ou sair do campo.” (Massena e Silva, 2020, p.37)

O/a jovem que vive em contexto rural e de baixa densidade, tanto poderá aumentar o sentimento de pertença para com a comunidade, como perder, nos processos de diferenciação e ganhar na sua autonomia e liberdade “(...) as ligações encontradas entre o sentimento de comunidade e a satisfação de vida são mais evidentes em pequenos contextos territoriais e comunitários.” (Elvas e Moniz, 2010, p.453).

O sentimento de pertença promove uma relação de dependência emocional em relação ao seu território, para fazer valer as tradições que são correspondentes às expectativas e

¹³ Tradução nossa do original em inglês: “Place attachment refers to an emotional bond between a person and a specific place, influenced by personal experiences, memories, and cultural/social connections.”

representações sociais. Como refere Freitas (2008) “quanto mais forte são tais ligações emocionais, maior será o sentimento de pertencimento dos indivíduos em um grupo ou comunidade. (Freitas, 2008, p.45) e “O sentimento de pertença surge das relações e interações que acontecem entre os moradores de determinado lugar. Os encontros cotidianos geram afetividade e identidade coletiva.” (idem, 2008, p.46).

A pertença a um lugar faz-se através de combinações e de localizações sociais, em hierarquias de poder e de desigualdade (Schrettmer, 2012), mas também, de experiências culturais, de participação e de história coletiva e biográfica “O primeiro elemento do senso de comunidade é constituído pela pertença e refere-se ao sentimento de ‘fazer parte de’, de compartilhar um sentimento pessoal de vínculo com os outros.” ¹⁴ (Prezza e Costantini, 1998, p.183).

Segundo Marc Augé (1992), numa mesma cidade, concelho, existem muitos lugares, micro comunidades. Todavia, também existem os não lugares, ou seja, locais que não criamos uma relação, como aeroportos, o metro, entre outros. Mesmo que os/as jovens se movimentam, continuam a ter um forte sentimento de ligação ao lugar. A mobilidade parece ser constitutiva quer da sua identidade, quer da relação com a sua região. A mobilidade é uma dimensão que atravessa a estrutura de relações com um lugar que se produz, também, através de redes dos seus indivíduos.

Papel das comunidades na promoção do desenvolvimento de pertença

Cabe às comunidades garantir que os/as jovens tenham acesso a recursos que sejam essenciais para o seu desenvolvimento e formação, para que se sintam bem no seu território evitando, assim, preconceitos que consideram as zonas rurais como locais promotores de desigualdades, evitando a deslocação destes/as jovens para as zonas urbanas na procura de melhores condições, “objetivo de mudar esse efeito negativo do êxodo rural, devendo subsidiar os pequenos produtores, para evitar a emigração da população rural para as cidades em busca de uma melhor sobrevivência.” (Fonseca et al., 2015, p.234). Isto porque, “Aqueles que optarem por ficar para trás correm o risco de serem rotulados de fracassados ou

¹⁴ Tradução nossa do original em inglês: “The first element of sense of community is constituted by membership and refers to the feeling ‘of being part of’, of sharing a personal sense of ties with others.”

antiquados. No entanto, apesar de tudo isso, os jovens estavam em conflito em suas escolhas individuais para ficar ou sair.”¹⁵ (Power et al, 2014, p.1121).

Se existir esta preocupação por parte das autarquias, não só o indivíduo terá benefícios como toda a comunidade da sua região. Citando Elvas (2009),

“quanto maior for a intensidade dos elementos que identificam e definem as qualidades específicas do Sentimento de Comunidade, como: fazer parte de, influência, integração e satisfação das necessidades e partilha de ligações emocionais em relação a uma comunidade de residência, maior serão os benefícios quer a nível individual, quer a nível comunitário.” (Elvas, 2009, p.1).

O sentimento de pertença dos/as jovens à região vai influenciar todas as suas decisões, bem como a sua presença significativa no contexto porque esta ligação é parte de todos. Como refere Silva et al (2021), “a sense of belonging to place is an integral part of communities’ biographies. In fact, our theoretical hypothesis is that movement, flows, and mobilities are in relation to place and not contrary to it.” (Silva, et al, 2021, p.4).

Analisando sob uma perspetiva mais local, os Municípios tentam promover as suas regiões para poderem atrair jovens e criar sólidas oportunidades de carreira, pois consideram que o sentimento de pertença à comunidade não é motivo suficiente para garantir que eles/elas permaneçam na região ou queiram regressar. Como refere Freitas (2008), “As políticas de desenvolvimento devem ser integradas, levando sempre em consideração as realidades e particularidades de cada território, que aparecem expressas na consciência da sua população (sentimento de pertença).” (Freitas, 2008, p.92).

Numa comunidade, o sentimento de pertença é fundamental para todos/as porque quando maior for a relação emocional pelo território, maior será a vontade de ver uma progressão e crescimento na comunidade, seja a nível económico, social e/ou cultural (Freitas, 2008). Por isso, a população local deve refletir sobre as necessidades da sua região e os seus anseios pessoais e coletivos para alargar e assegurar o envolvimento e participação de todos/as em prol da concretização do desenvolvimento da comunidade.

Em modo de conclusão, pensar o sentimento de pertença, é ter consciência de que é um sentimento transversal na vida dos/as jovens adultos. A juventude desenvolve este sentido de pertença à comunidade desde a infância. Salienta-se que, através da socialização e da partilha de experiências comuns, os/as jovens podem criar e desenvolver parcerias e

¹⁵ Tradução nossa do original em inglês: Those opting to stay behind risked being labeled failures or old fashioned. Yet, despite all of this, youth were conflicted in their individual choices to stay or leave.”

mobilizarem-se em várias atividades nomeadamente de cariz associativo, político, cultural, entre outros, com o objetivo de se desenvolverem a nível pessoal e coletivo, determinando ainda, muitas vezes, o desenvolvimento das suas regiões. Com esta participação os/as jovens aproximam-se das suas comunidades e têm uma forte ligação / pertença à comunidade, pois, como refere Sarason (1974), o sentimento de pertença é a rede de relacionamentos, é a partilha e é o sentimento de que fazemos parte de algo. Os/as jovens constroem esta rede de relacionamentos ao longo da sua vida com a família, os amigos, o território, pelo que é importante para o ser humano a criação deste vínculo emocional no qual podem depender. Posto isto, é necessário, promover o envolvimento dos/as jovens uma vez que esta sua pertença à comunidade leva a que se sintam indispensáveis e cruciais no desenvolvimento do seu território, fazendo com que queiram permanecer ou voltar para os seus contextos de origem.

CAPÍTULO III: O PAPEL DAS COMUNIDADES NO SUPORTE AOS PERCURSOS JOVENS

O conceito de comunidade na concepção de autores

Todos/as os/as jovens pertencem a um território com o qual interagem, determinando transformações nesse mesmo espaço. O conceito comunidade, que se pode associar a um território, remete-nos para a ideia de que estamos perante um grupo social cujos membros partilham especificidades comuns, podendo estas ser heranças históricas e movimentos culturais. Reforçando esta ideia, para o Carmo Hermano (2007) o termo comunidade refere-se à “presença de uma dada semelhança que confere identidade ao sistema, designado por comunidade, que determina uma fronteira entre os elementos que lhe pertencem e os que lhe são alheios.” (Hermano, 2007, p.79). Mais, segundo Ander-Egg,

“A comunidade é um grupo organizado de pessoas que são percebidas como uma unidade social, cujos elementos participam de algum traço, interesse, elemento, objetivo ou função comum, com consciência de pertencimento, localizada em uma determinada área geográfica na qual a pluralidade de pessoas interagem mais intensamente entre si do que em outro contexto.”¹⁶ (Ander-Egg, 1980, p.45).

Falar do conceito de comunidade para Prezza e Constantini (1998) é seguir dois caminhos. Primeiro pode ser referido ao espaço físico, o próprio território como, por outro lado, aos relacionamentos que os/as jovens construíam com a participação nos grupos de voluntariado, no desporto, na escola, com a família, entre outros. Uma comunidade partilha interesses e objetivos comuns, traduzindo-se em algo que se manifesta numa interação entre pessoas que partilham interesses comuns, como por exemplo, relações ligadas à cultura, tradições da comunidade, ativismo. Faz todo o sentido para este estudo analisar estas ideias apresentadas pelos autores. A investigação pretende compreender a relação da juventude com a sua comunidade e de que forma esta relação conduz a um sentimento de pertença cultural, histórica e emocional. É através desta troca, partilha e envolvimento de experiências que a juventude se conecta e desenvolve o forte apego à região.

¹⁶ Tradução nossa do original em espanhol: “La comunidad es una agrupación organizada de personas que se perciben como unidad social, cuyos elementos participan de algún rasgo, interés, elemento, objetivo o función común, con conciencia de pertenencia, situados en una determinada área geográfica en la cual la pluralidad de personas interacciona más intensamente entre sí que en otro contexto.”

Comunidades com abordagens resilientes

Os/as jovens ao envolverem-se e participarem nas mais variadas situações ligadas à comunidade, determinam benefícios para ambos. Como referem os autores Wandersman e Florin (2000) na obra *“Participação cidadã e organizações comunitárias”*, a participação é um processo fundamental para a promoção das condições económicas, sociais, políticas e ambientais da comunidade e fortalece os laços sociais entre a população local, impulsionando o seu bem-estar individual e coletivo, desenvolvendo um forte sentido de pertença à comunidade. Para reforçar esta ideia, autores como Cicognani et al (2014), concordam que “a participação cívica na vida comunitária e nas organizações comunitárias é geralmente considerada como associada a resultados positivos para o desenvolvimento e bem-estar dos jovens.” (Cicognani, 2014, p.22).

De forma a promover oportunidades e recursos para o desenvolvimento pessoal e social nos/nas jovens surge-nos o conceito de resiliência. Segundo os autores Callaghan e Colton (2008) o conceito era inicialmente definido como uma forma de adaptação, isto é, uma competência para enfrentar e ultrapassar adversidades. Também, autores como Oliveira e Morais (2018) afirmam que “a resiliência comunitária consiste nos processos grupais de enfrentamento e adaptação aos desafios coletivos.” (Oliveira e Morais, 2018, p.1733).

Para este estudo, o conceito de resiliência quando falamos de juventude e da sua transformação para com a comunidade, funda-se na perspetiva do Kirmayer (2009) “olhar uma comunidade resiliente como capaz de fazer crescer um trabalho comum em torno de respostas positivas e responsabilidades partilhadas.”. Concretizando, passa pelas respostas positivas tais como os recursos e iniciativas que a comunidade dispõe para os/as jovens.

Contudo, a resiliência que se refere pode estar ameaçada pela globalização, conforme afirma Wilson, 2012:

“(…) perda da resiliência das comunidades devido à rápida globalização mundial que tem como consequência vulnerabilidade económica, social e ambiental. A inserção da maioria das comunidades no sistema capitalista global dificulta os processos de resiliência para algumas delas, pois nem sempre é possível encontrar um balanço entre a comunidade e suas interações a nível global. É arriscado para uma comunidade tanto um isolamento que pode levá-la a uma completa dependência de seus recursos locais, quanto uma exagerada globalização que pode resultar em perda de autonomia e identidade” (Wilson, 2012, p.2)

Acresce referir que uma comunidade com abordagens resilientes deve garantir uma série de recursos para garantir o bem-estar e desenvolvimento dos/das jovens (MacKinnon e Derickson, 2013).

Uma comunidade pode usufruir de vários meios e diferentes tipos de capital. No entanto, haverá sempre uma diferenciação na forma como serão tais meios apropriados e mobilizados pelos grupos juvenis em relação a diferentes recursos e iniciativas da comunidade. A apropriação que fazem dos serviços, que, por sua vez, é influenciada pelo capital social e cultural (Bourdieu, 1977) de cada um/a é determinante para a respetiva aproximação, ou não, à comunidade de pertença. Para tal, é necessário que a comunidade recorra a práticas de trabalho em rede de forma a promover as capacidades dos/as jovens em lidar com situações mais complexas (Kulig, 2000).

Devemos ainda atentar na perspetiva de Ungar (2018) quando atendemos ao conceito de resiliência numa comunidade, segundo o qual, não podemos deixar de considerar as relações de poder existentes. A comunidade deve ser capaz de criar respostas adequadas à sua comunidade e situação.

Os municípios têm um papel fundamental no apoio aos/às jovens para que sejam capazes de criar os seus próprios projetos que visam ajudar a comunidade. Como refere Domingues (2021),

“Na história do desenvolvimento local, a que já se fez várias referências, importa sublinhar o papel determinante das autarquias locais que se fizeram democráticas após a revolução de abril de 1974. Estas entidades, de uma ou outra forma, foram relevantes nos processos de identificação das necessidades locais e na resolução dos problemas identificados. (...) Era nas autarquias que caíam com maior incidência as preocupações com os processos de desenvolvimento local.” (Domingues, 2021, p.85).

Estas respostas são criadas caso se concretizem numa rede de serviços, apoios e políticas sociais em que fatores mais distantes como infraestruturas municipais, de proximidade, como os suportes sociais, são co-dependentes (Ungar, 2011).

Um recurso de resiliência, capital social, segundo Santos (2011) são,

“as relações, interações e redes de contacto que emergem entre os grupos humanos, bem como o nível de confiança que pode ser encontrado num grupo ou comunidade. Entende-se que uma comunidade mais rica em capital social é também uma comunidade mais preparada colectivamente para lidar com a mudança.” (Santos, 2011, p.54)

É importante perceber se as diferentes regiões se estão a organizar para promover com qualidade o desenvolvimento dos/das jovens, seja o desenvolvimento educativo, oportunidades justas de emprego, participação, lazer, cultura, apoio à realização de percursos significativos para os jovens, com vista a que se sintam integrados/as e realizados/as na sua comunidade e território. Para isso, segundo Colton (2008), é necessário que as comunidades assumam um compromisso e definam um conjunto de objetivos.

Em modo de conclusão, a resiliência não é uma condição fixa, pelo que será mais correto denominar “comunidades com abordagens resilientes”, pois um contexto nem sempre consegue dar resposta a todas as necessidades que surgem na comunidade. A comunidade deve criar meios onde todos/as procuram desenvolver estratégias que proporcionem oportunidades, recursos e iniciativas que ajudem o desenvolvimento dos/as jovens. Assim, os/as jovens irão usufruir dos resultados que advém desta ação assim como toda a comunidade uma vez que, estes/estas não só receberão recursos da comunidade e estarão dispostos/as a dar à mesma – modelo de sentimento de comunidade. Ainda a comunidade deverá contribuir para a garantia de que a juventude tenha voz, se torne mais visível e, finalmente, conquiste o lugar que merece por direito na sociedade.

CAPÍTULO IV: JOVENS A LIDAR COM DESIGUALDADES: IMPERATIVO DA MOBILIDADE

O território português e as desigualdades associadas às regiões rurais

As regiões rurais e de baixa densidade, são económica e socialmente desfavorecidas, com menos oportunidades de educação e emprego quando comparadas às regiões urbanas, “A ruralidade tornou-se cada vez mais uma posição estigmatizada, sinónimo de noções de ‘desvantagem’.”¹⁷ (Farrugia, 2020, p.240).

Acresce que, os territórios não estão igualmente organizados e desenvolvidos, existindo um acesso diferenciado a oportunidades e benefícios.

“Observa-se frequentemente que as oportunidades de educação e trabalho estão cada vez mais concentradas nos centros urbanos, e que os jovens do campo estão estruturalmente em desvantagem nesse aspecto. Essa desvantagem estrutural é a razão mais comum dada para a emigração de jovens rurais do campo para a cidade”.¹⁸ (Rugg e Jones, 1999 in Farrugia, 2016, pp.837-838)

Devido à globalização e ao facto de a sociedade funcionar em rede, a mobilidade tem sido uma tendência por parte dos/das jovens. Como refere Farrugia (2020), as experiências dos jovens que vivem em contextos rurais são conduzidas a um imperativo de mobilidade para o urbano, sinónimo de mais oportunidades e potenciador de melhores condições de vida para a juventude. A mobilidade tornou-se um meio utilizado pelos/as jovens devido ao desenvolvimento e alargamento das distâncias e à tendência para a concentração dos serviços e recursos em zonas urbanas, o que determina que estes territórios sejam considerados como espaços mais desfavorecidos e promotores de obstáculos ao desenvolvimento dos/das jovens.

Pese embora os espaços rurais serem alusivos à qualidade de vida, por estarem em proximidade com a natureza, os recursos e as condições de vida nas zonas rurais são mais difíceis, uma vez que os/as habitantes destes territórios necessitam de se mobilizar para procurarem novas oportunidades de emprego, espaços de cultura, educação, entre outros, “Os estudos sobre juventude, nomeadamente os que se centram nas transições juvenis,

¹⁷ Tradução nossa do original em inglês: “rurality has increasingly become a stigmatized position synonymous with notions of ‘disadvantage’.”

¹⁸ Tradução nossa do original em inglês: “It is often observed that education and work opportunities are increasingly concentrated in urban centers, and that rural young people are structurally disadvantaged in this regard. This structural disadvantage is the most commonly given reason for rural youth out-migration from the country to the city.”

investigaram como as escolhas educativas e as oportunidades de emprego influenciaram as mobilidades dos jovens.”¹⁹ (Silva et al, 2021, p.3).

A juventude de meios rurais e de baixa densidade encontram-se muitas vezes em risco de exclusão social.

O território é um dos indicadores para definir o conceito de juventude e deve ser uma preocupação, assim como, uma variável de análise e estudo, uma vez que, “apropriar-se de um determinado espaço será vivê-lo e (re)construí-lo. Neste processo, o movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território” (Oliveira, 2011, pp.39-40 in Carvalho, 2014, p.5). Quando se fala do conceito de território, remete-se para a ideia de que os/as jovens estão ligados/as entre si e procuram promover atividades e/ou projetos de desenvolvimento local, económico e/ou social, ou seja, pensar neste conceito é pensar nas relações desenvolvidas. Como refere Raffestin (1993),

“Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de relações que envolve, se inscreve num campo de poder. (...) Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações.” (Raffestin, 1993, p.144)

Indo ao encontro desta ideia, na obra de Castilho, Arenhardt e Le Bourlegat, o conceito de território é, também, visto como “um espaço de autonomia e de legitimidade que demanda poder, a partir das relações que estabelece com os seus vizinhos e demais membros da comunidade como um espaço social.” (Castilho; Arenhardt & Le Bourlegat, 2009, pp.164-165).

É necessário pensar e aplicar programas e projetos de desenvolvimento rural ou regional para promover e estimular a criação de empregos garantindo, desta forma, o retorno dos/as jovens que tiveram de sair “O investimento regional em inovação local tem sido considerado crucial para o retorno dos jovens.”²⁰ (Silva; Silva; González & Brazien, 2021, p.4).

Quando se pensa em políticas de desenvolvimento rural, temos de ter em consideração as especificidades de cada contexto. Segundo Carneiro (2005), “A metodologia proposta pelo Desenvolvimento Rural chama justamente a atenção para as características particulares de

¹⁹ Tradução nossa do original em inglês: “Youth studies, namely those focusing on youth transitions, have investigated how educational choices and employment opportunities have influenced young people’s mobilities.”

²⁰ Tradução nossa do original em inglês: “Regional investment in local innovation has been considered crucial to returning youth”

cada território, para a necessidade de fomento das potencialidades endógenas, bem como para o cuidado de não aplicar políticas homogeneizantes e padronizadas (...).” (Carneiro, 2005, p.2).

A verdadeira questão que se deve refletir é a de saber como transformar as potencialidades das zonas rurais e de baixa densidade em crescimento económico. O autor faz-nos refletir sobre esta problemática, “Mas mais importante ainda é saber como transformar esse crescimento em potencial de desenvolvimento, para que se chegue, finalmente, ao desenvolvimento económico e social.” (Carneiro, 2005, p.3).

Os jovens de regiões rurais e o imperativo de mobilidade

Reconhecem-se as limitações sentidas pela juventude que vive em regiões designadas de rurais e de baixa densidade, devida à falta de recursos e de estratégias que criam enormes constrangimentos, quando comparadas aos centros urbanos.

Os/as jovens têm oportunidade de fazer escolhas para o seu futuro a nível da educação e emprego. Contudo, tais escolhas, por vezes, são efetuadas em contextos precários e desfavorecidos. Muitas vezes, os/as jovens têm de abandonar os seus territórios e deslocarem-se para as grandes cidades, à procura de melhores condições de vida. Um conceito que subjaz a esta reflexão é ‘Biografias de Escolha’ de Farrugia, onde aborda a questão da mobilidade ou o inverso. Perante isto, a juventude depara-se com uma escolha condicionada pela situação em que vive, acabando por representar uma opção ‘forçada’ por tal circunstância, não representando uma escolha neutra e pessoal.

Apesar de tudo já se começam a perceber movimentos de retorno por parte da população jovem (socialização para o retorno): “De fato, estudos recentes apontam para movimentos de retorno às regiões rurais.”²¹(Silva et al, 2021, p.4). A comunidade constrói-se em diferentes lugares, mostrando como “deixar a região” não significa, deixar a sua terra.

“(...) os jovens têm uma clara compreensão dos constrangimentos geográficos e das desvantagens que afectam as suas vidas, o imperativo de partir e ter melhores oportunidades e novas experiências faz com que

²¹ Tradução nossa do original em inglês: “Indeed, recent studies are pointing towards returning movements to rural regions.”

não vejam a saída como abandono ou anulação irreversível de perspectivas de se enraizar na sua regiões em algum momento futuro”.²²(Silva et al, 2021, p.16)

A mobilidade, enquanto trajetória dos/as jovens, permite perceber o investimento das suas famílias na educação, tendo em vista a prossecução de estudos para o ensino superior (Silva & Silva, 2016). Alinhado com esta ideia, os autores Gullov e Gullov (2020) afirmam em seus estudos que, “Quando perguntados sobre as perspectivas locais para seus filhos, muitas vezes eles parecem indecisos e suas respostas são hesitantes ou até pessimistas. Alguns estão bastante convencidos de que seus filhos não poderão ficar quando atingirem a maioridade”.²³ (Gullov e Gullov, 2020, p.114).

O modo como estes/as jovens se relacionam com o seu lugar, como o dão a conhecer, e ainda, como o tornam presente nas suas movimentações demonstra que o local e a sua comunidade são espaços de criação, de negociação e de troca. Há uma partilha de conhecimento em várias instâncias e uma negociação de diferentes formas de interpretação (Williams, 1983).

A população juvenil tem ao seu dispor a mobilidade transnacional enquanto estão a estudar, apesar de enfrentarem uma série de dificuldades e constrangimentos provocados pela distância às suas regiões de origem e pela barreira linguística. Têm a oportunidade de conhecer novas pessoas e de desenvolver competências interculturais e linguísticas que poderão ajudá-los/as num futuro emprego. (Comissão Europeia, 2014).

Para concluir, os/as jovens que crescem em zonas rurais e de baixa densidade estão mais expostos a dificuldades como a falta de emprego, menos oportunidades relativamente à educação e percursos formativos porque o território português é caracterizado por um desequilíbrio com fortes assimetrias regionais, ou seja, as regiões rurais e urbanas tem diferentes níveis de desenvolvimento económico e social. Consequentemente, esta situação precária afeta inevitavelmente as transições da juventude para a vida adulta, contribuindo para que jovens experienciem situações bastante vulneráveis. No entanto, se a vontade de alcançarem melhores condições de vida é identificável com a juventude, não poder fazê-lo por

²² Tradução nossa do original em inglês: “(...) young people have a clear understanding of geographic constraints and disadvantages affecting their lives, the imperative to leave and have better chances and new experiences means that they don’t see leaving as abandonment or irreversibly nullifying prospects of putting down roots in their regions at some future juncture.”

²³ Tradução nossa do original em inglês: “When asked about the local prospects for their children, they often seem indecisive, and their answers are hesitant or even pessimistic. Some are quite convinced that their children will not be able to stay when they come of age.”

questões económicas, pois depende dos contextos onde vivem e as instituições para onde querem ir, poderá afetar bastante as suas vidas em termos económicos e sociais, que nem todos terão a oportunidade de suportar. Assim, será necessária uma mudança de políticas de mobilidade para permitir que mais jovens possam usufruir desta experiência de aprendizagem. Não obstante, garantir a qualidade do ensino deve se tornar uma prioridade para os municípios locais pois os/as jovens são forçados a sair e a sua ausência em decorrência dessa mobilidade limita o desenvolvimento das suas comunidades. A transição da juventude para a vida adulta não é linear. Os constrangimentos e desafios adicionais associados às desigualdades estruturais relacionados aos centros urbanos são caracterizados pela insegurança, especialmente para a juventude de territórios de baixa densidade e rurais.

CAPÍTULO V: RESPONSABILIDADE DAS POLÍTICAS PARA A JUVENTUDE: DESIGUALDADES TERRITORIAIS

As oportunidades que existem não têm uma distribuição equitativa, espelhando desigualdades territoriais que condicionam as oportunidades das pessoas. Na verdade, podem ser regiões afetadas por desigualdades económicas e sociais em que a mobilidade e o acesso têm um papel fundamental.

“Entre essas transformações, são exemplos significativos, especificamente para o caso do mundo rural, dada a sua extensão e intensidade, o declínio da atividade económica (agrícola e também industrial), o envelhecimento e o despovoamento, reforçados por dinâmicas migratórias e alterações profundas nas configurações das classes, familiares e nas relações entre gerações.” (Mauritti et al, 2019, p. 104)

Os autores demonstram esta preocupação face ao profundo desequilíbrio demográfico mais acentuado nos territórios designados rurais e/ou baixa densidade. Esta instabilidade reflete-se pelo contínuo despovoamento, ou seja, o abandono por parte da juventude ao saírem para outras regiões, o que se reflete no envelhecimento da população e, consequentemente, coloca em risco a estabilidade económica e social da região.

Para que se enfrentem estas desigualdades é importante que as políticas de redistribuição sejam prioritárias e que se atribua maior relevo às desigualdades regionais. Se a pretensão é terminar com as desigualdades, terá de se revalorizar e voltar a legitimar a ideia de igualdade, considerando, não apenas os indivíduos, mas também os territórios. Contudo, surge um problema do enquadramento desajustado, conceito de Nancy Fraser (2002), interligado com a redistribuição, uma vez que, estes processos surgem como uma ameaça na obtenção da justiça e excluem atores sociais relevantes.

No que toca às desigualdades, a exclusão social nasce da inserção entre três áreas diferentes de injustiça social: a nível económico, cultural e político. Estas facetas estão de certa forma interligadas, sendo necessário, para entender este conceito, prestar atenção às múltiplas dimensões da justiça.

A justiça económica refere-se à distribuição de recursos materiais e deve assegurar a independência e voz dos participantes – luta pela redistribuição. Já a justiça cultural, pressupõe o respeito igualitário entre todos os indivíduos, assim como, assegurar a igualdade de oportunidades para alcançar o apreço social. Por fim, a justiça política, a sociedade deve

agir para que todos os atores sociais (jovens) tenham a mesma voz política – luta pela participação política/representação.

Existe uma crescente percepção de dois tipos de desigualdade: a desigualdade na distribuição de riqueza e a desigualdade de oportunidades. Uma conduz à outra: “Para além disso, a justiça social já não se cinge só a questões de distribuição, abrangendo agora também questões de representação, identidade e diferença.” (Fraser, 2002, p.2).

Reforçando as conceções de Fraser (2002), na problemática das desigualdades demográficas, Mauritti et al (2019), apontam que,

“As desigualdades no plano demográfico acompanham, assim, de forma estreita a diferenciação dos territórios, em termos de estrutura produtiva e económica (mais agrária e rural a medida que se avança para as regiões periféricas) e também da composição social das populações (rendimentos, qualificações, peso da população ativa, classes sociais, quer também no plano do acesso a serviços fundamentais como a educação e a saúde).” (Mauritti et al, 2019, pp.108-109)

Nas regiões rurais e de baixa densidade, com características de desigualdades extremas, a criação de mais oportunidades para os mais desfavorecidos/vulneráveis, nestes contextos, só seria possível com grande empenho do Estado e das instituições. Segundo Monteiro (2019), o Estado tem um papel fundamental na promoção do desenvolvimento e da coesão territorial sem descurar da importância do contexto e da população local uma vez que, este desenvolvimento é feito de dentro para fora.

“(…) importância da governança como um dos motores do desenvolvimento e da coesão territorial e como fundamento de uma abordagem que valorize o carácter endógeno e os protagonismos locais. Pelo que os seus objetivos passam por analisar o valor de uma perspetiva territorialista de desenvolvimento, indissociável de modelos de governança que sejam territorializados, colaborativos e amplamente participados.” (Torre, 2018 in Monteiro, 2019, pp.128-129)

Este crescimento só será possível se existir um envolvimento mútuo entre as autarquias e a população local. Como refere Domingues (2021), “as autarquias locais e o desenvolvimento local dependem do envolvimento dos atores locais desde o primeiro momento do processo, participando da fase de diagnóstico do problema social e de todas as etapas que vão conduzir à sua eliminação”. (Domingues, 2021, p. 86).

Se as políticas de desenvolvimento local forem pensadas e realizadas num contrato mútuo entre a população local e os diferentes agentes nacionais, será possível fazer um trabalho positivo em prol das comunidades.

O que é feito em termos de promoção da igualdade de oportunidades para todas as pessoas cidadãos é manifestamente insuficiente. Continuando nesta lógica, é relevante referir que Portugal é um Estado Providência desde o 25 de Abril de 1974. O Estado Providência refere-se à ação, ou às ações, que o Estado exerce de modo a proporcionar bem-estar aos cidadãos, concedendo-lhes para isso determinados serviços. O Estado Providência é um sistema seguro que garante a solidariedade, mas hoje em dia, enfrentamos novas formas de insegurança social ligadas, entre outros fatores, aos problemas de estrutura dos territórios, uma vez que existem desigualdades entre as metrópoles economicamente dinâmicas e as zonas rurais e de baixa densidade que estão em plena depressão (Santos,2012).

As razões que levam a que os/as jovens saiam dos seus territórios para as zonas urbanas é a procura de novas oportunidades e melhores condições de vida. A noção de justiça social, tal como a conhecemos hoje, é baseada em princípios morais e políticos, ou seja, em termos de desenvolvimento é vista como o cruzamento entre princípios económicos e sociais, fundamentada nas ideias de igualdade e solidariedade. Dessa forma, é fundamental criar mecanismos de proteção e amenizar as desigualdades sociais.

A centralidade da justiça social está ligada à ideia de viver bem numa comunidade pelo que todos/as tem os mesmos direitos e para que uma sociedade seja justa deve estar comprometida com a garantia de direitos básicos como a educação, a saúde, o trabalho, entre outros. Assim, surgem as políticas públicas que permitem fornecer mecanismos de compensação, capazes de melhorar a vida de pessoas socialmente vulneráveis, seja no setor público, privado e/ou comunitário, nomeadamente,

“1) diminuir as atuais tendências de envelhecimento, despovoamento e desertificação; 2) aumentar e melhorar a oferta e os perfis educativos desde o pré-escolar até ao ensino universitário; 3) aumentar o emprego, o emprego feminino em determinados escalões etários e valorizar os salários, sobretudo os mais baixos; 4) diminuir as desigualdades de rendimentos e investir na formação e na qualificação das classes mais baixas; e 5) melhorar serviços de assistência média e aumentar o número de médicos e incentivá-los a exercerem a sua profissão fora das áreas metropolitanas.” (Mauritti et al, 2019, p.121)

Os/as jovens em contexto rural são confrontados/as com este sentimento de mudança uma vez que precisam de procurar melhores condições de vida. É ingrato para estes/as manterem um sentimento de pertença na sua comunidade quando são impelidos a deslocar-se para as grandes cidades, tendo em vista a busca de oportunidades e a estabilidade nas suas vidas.

Ao falar do trabalho, enquanto transição para a vida adulta e enquanto regulador do espaço da população jovem, em contexto rural, sabemos que os/as jovens não têm tantas oportunidades. Não existem transições lineares devido à própria organização do mercado de trabalho. Isto porque, como diz Botelho (2016)

“As suas dificuldades na transição para o mercado de trabalho, revelam-se incertas e não lineares, sendo marcadas pela precariedade e flexibilização do emprego, limitando os projectos de vida dos jovens, nomeadamente a saída de casa dos pais, o casamento e a constituição de família.” (Botelho, 2016, p.1)

O mundo do trabalho é um dos contextos cujas flutuações e transformações se compreendem melhor nas vidas de gerações mais jovens que precisam de construir a sua transição para a vida adulta.

Concluindo, são vários os documentos que nos apresentam ideias, propostas e objetivos sobre a importância de se criar espaços onde os/as jovens possam exercer o seu direito de participação para desta forma socializarem e se desenvolverem tanto a nível pessoal como social. Sendo obviamente diferentes os instrumentos, pois as realidades são elas mesmas, também diferentes, embora com muitos pontos em comum fruto do processo de Globalização. Posto isto, é preciso refletir sobre a problemática de que a população jovem, ainda é vista como um todo a nível nacional. Todavia, a questão geográfica tem de ser uma variável a considerar, quando estudados os seus sucessos e insucessos, no qual os municípios locais têm um papel fundamental para proporcionar estratégias que garantam o efetivo sucesso destes/destas jovens. Assim, acresce a importância de se olhar para as desigualdades estruturais existentes no território português que provoca a mobilidade da juventude do meio rural para o mundo urbano.

CAPÍTULO VI: PAPEL DA JUVENTUDE NO DESENVOLVIMENTO LOCAL

O grande apego à região proporciona um lado emocional muito forte por parte da população local. Este apego pode contribuir para que a juventude adquira uma participação mais ativa na tentativa de colmatar as fragilidades dos seus territórios e, desta forma, aumentar, também, o sentimento de pertença à comunidade (Elvas e Moniz, 2010). Reforçando a ideia acima exposta, Freitas (2008), confirma que “as comunidades onde se verifica a presença do sentimento de pertença estão mais propensas para a execução de um projeto visando a implementação do Desenvolvimento Local.” (Freitas, 2008, p.47)

Atualmente verifica-se um processo de jovens a regressar às suas regiões e a desenvolver projetos/iniciativas para ajudar no desenvolvimento das suas comunidades. A juventude regressa pois, de certa forma, houve uma manutenção, uma participação e envolvimento com a sua comunidade, por exemplo: na participação em atividades tradicionais e/ou religiosas, no associativismo, no escutismo, entre outros.

“Quanto maior for a intensidade dos elementos que identificam e definem as qualidades específicas do sentimento de comunidade, como: fazer parte de influência, integração e satisfação das necessidades e partilha de ligações emocionais em relação a uma comunidade de residência, maior serão os benefícios quer a nível individual, quer a nível comunitário.” (Elvas e Moniz, 2010, p.461)

O envolvimento cívico - envolvimento em atividades de promoção do bem comum e resolução de problemas sociais - está relacionado com o trabalho com a comunidade. Este envolvimento contribui para que os/as jovens, apesar de terem deixado os seus territórios, voltem, uma vez que mantêm um sentimento de pertença à sua comunidade. Este sentido de pertença e de integração leva a que a juventude procure potenciar o melhor que as suas regiões tem e solucionar questões que estão mais desvalorizadas e esquecidas face às suas comunidades. Como refere Freitas (2008) o sentimento de pertença é um aliado do desenvolvimento local porque pode despertar este interesse da comunidade na participação e envolvimento naquilo que são as decisões sobre os seus destinos.

É necessário pensar acerca do conceito de desenvolvimento local. Autores como Nascimento e Hilling (2018) corroboram a ideia acima exposta pois entendem que o desenvolvimento local deve ser pensado e praticado naquilo que são as potencialidade locais e das pessoas de forma integrada e mútua para garantir o efetivo desenvolvimento social, económico, educativo, entre outros. Ainda, para Rogério Amaro (2003) o conceito é visto

como um “processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo aquela o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das resposta.” (Amaro, 2003, p.17).

Dialogando com as ideias acima, Pretty et al (2003) na sua obra *“Sense of place amongst adolescents and adults in two rural Australian towns: The discriminating features of place attachment, sense of community and place dependence in relation to place identity”* vão além e focam-se nesta ideia de que, além de se investir nas potencialidade locais e focar-se nas realidades de cada contexto, os/as jovens se sentirem que pertencem à sua comunidade vão envolver-se e procurar estratégias e recursos para esse desenvolvimento e isto acontece porque, segundo os autores, o sentido de pertencer é cuidar e sermos cuidados.

“Quando alguém tem a sensação de pertencer a uma comunidade identificada, antecipa receber recursos dessa comunidade. A pessoa então retribui respondendo da mesma forma quando a comunidade requer algo de seus recursos. Em outras palavras, as pessoas cuidam e são cuidadas por aqueles a quem sentem que pertencem”.²⁴ (Pretty et al, 2003, p.4)

É preciso considerar que o desenvolvimento deve assentar numa perspectiva de valorização das comunidades locais e as suas aspirações e necessidades “processo de desenvolvimento, centrando-os na comunidade local e no seu território.” (Amaro, 2008, p. 111). Sendo que os atores locais devem tentar encontrar respostas para os problemas colocados pelos constrangimentos da comunidade sejam eles económicos, políticos, ambientais, culturais, entre outros.

Note-se que, estes/estas jovens, enquanto agentes transformadores, devem então olhar a partir das especificidades e as necessidades da sua comunidade quando procuram desenvolver o local. Os/as jovens têm necessariamente de procurar estratégias que solucionem os constrangimentos locais, pensando na própria comunidade e na região local “Esses atores são aqueles que têm ‘compromisso com a comunidade onde vivem’, como por exemplo, quando se fala de uma juventude protagonista e ativa de transformações no seu local, na sua comunidade.” (Pires, 2006 in Nascimento e Hilling, 2018, p.221).

²⁴ Tradução nossa do original em inglês: “When one has a sense that one belongs to an identified community, one anticipates receiving resources from that community. One then reciprocates by responding in kind when the community requires something of his/her resources. In other words, people care for, and are cared for by, those with whom they feel they belong.”

Para garantir o bem-estar pessoal e consequentemente da comunidade, a iniciativa por parte deste grupo deve ser entendida como potenciador de melhoria local e, por isso mesmo, devem ser garantidas ajudas por parte do município e de outras instituições locais como alavancas de prosperidade “O papel do Estado não pode ser descurado, limitando-se a um mero observador e financiador, diluindo as suas responsabilidades.” (Jerónimo, 2017, p.17). Como refere Amaro (1992) em *“Iniciativas de Desenvolvimento Local”*, o Estado deve assumir um papel de facilitador e mediador para garantir uma sociedade com boas relações sociais e consequentemente um desenvolvimento progressivo das mesmas, na ótica de que todos devem cooperar, tendo os municípios um papel crucial neste processo.

Compreende-se a participação como vivida numa diversidade de espaços e contextos de vida quotidiana dos/as jovens, como situada e sem uma perspetiva hierárquica “As pessoas participam na sua família, na sua comunidade, no trabalho, na luta política.” (Bordenave, 1987, p.11). Os autores Butler e Princeswa (2012) reforçam a ideia do autor anteriormente citado, na medida em que “os jovens de hoje estão envolvidos em diferentes espaços de participação, distintos das formas mais tradicionais de envolvimento político.” (Butler e Princeswa, 2012, p.107).

A participação da juventude é fundamental para a sua formação, assim como para o desenvolvimento significativo das suas comunidades. Como refere Rui Canário (1999) em *“Educação de Adultos e desenvolvimento local”*, “a participação dos actores locais ao nível da tomada de decisões, concretização das decisões e avaliação dos resultados é que permite transformar o processo de desenvolvimento num trabalho que uma comunidade realiza por si própria, aprendendo a conhecer-se, a conhecer a realidade e a transformá-la.” (Canário, 1999, p.65).

Deve existir este reconhecimento da necessidade de se equacionarem os/as jovens como agentes capazes de poderem participar na resolução de problemas locais (Akiva et al., 2014; Trivelli e Morel, 2021).

“O protagonismo, além de ser a oportunidade de dar voz aos jovens rurais, fomenta seu potencial e enquanto um grupo social, efetivando assim uma das formas de libertação e emancipação dos sujeitos em prol da transformação rumo a um mundo melhor.” (Nascimento e Hilling, 2018, p.222)

O papel dos/das jovens enquanto agentes de desenvolvimento local é maioritariamente concebido como uma forma de combate ao despovoamento das regiões rurais e de baixa

densidade (Almeida, 2017), não sendo diretamente explicitado o seu papel, enquanto elemento ativo e central na contribuição para o seu desenvolvimento.

Em conclusão, como refere Alberto Melo (2002), o desenvolvimento local consite na vontade de melhorar o bem-estar, o quotidiano e as condições de vida da população local através e, tendo em consideração, os recursos existentes no contexto que se vai atuar para, posteriormente, se desenvolver estratégias e atividades favoráveis ao processo de interação e ao processo de mudança. Para que qualquer mudança se concretize, é necessário ouvir e compreender as opiniões e necessidades presentes nas comunidades de modo a tentar identificar e analisar os problemas que os locais consideram existir. É preciso ter em conta o meio envolvente e o contexto em que a comunidade se insere. Neste sentido, todo o processo de intervenção deve ser um ‘contrato’ mútuo entre as autarquias e a população local de modo a que se consiga, efetivamente, alcançar os melhores resultados e provocar uma mudança face aos constrangimentos identificados. Os/as jovens cada vez mais tem um papel ativo nas suas regiões e não devem ser desvalorizado porque, são um grupo que pode ajudar a diminuir alguns dos problemas de desenvolvimento como o envelhecimento da população. A juventude ao permanecer nos seus territórios desenvolve a comunidade em vários setores nomeadamente o setor económico, social e cultural.

PARTE III: PERCURSO METODOLÓGICO

CAPÍTULO I - PROBLEMÁTICA EM ESTUDO E OBJETIVOS ORIENTADORES

O objetivo principal deste estudo será analisar e investigar áreas geográficas do Norte e Centro de Portugal Continental, classificadas por rural e/ou de baixa densidade no sentido de perceber o papel dos/as jovens, como atores locais/sociais.

É indiscutível que dentro deste tema, existem questões a serem refletidas e tidas em consideração. É consistente, em algumas obras, mostrar que os/as jovens são desinteressados dos problemas que os rodeiam e é imprescindível estudar e investigar esta questão para que, de facto, se comece a romper com o senso comum e a mudar mentalidades e, consequentemente, comportamentos.

Tal como abordado na primeira parte desta dissertação, as regiões rurais e/ou de baixa densidade são, frequentemente, caracterizados por uma carência de oportunidades a nível da educação/formação e/ou emprego para os/as jovens que, na maioria das vezes, se vêm obrigados a abandonar as suas regiões na procura de melhores possibilidades para o futuro.

Tais regiões, são pautadas por desigualdades territoriais quando comparadas às grandes cidades, comprometendo o seu desenvolvimento e, consequentemente, o progressivo crescimento dos/das jovens. Desta forma, a investigação passa por estudar o papel destes/as jovens no desenvolvimento das suas regiões relacionando com o sentimento de pertença.

A questão/problema desta pesquisa é: Jovens que regressam: motivações e investimento em regiões rurais e de baixa densidade após o Ensino Superior.

Os objetivos deste estudo são, então, os seguintes:

- *Estudar a população jovem de contextos de baixa densidade e rural na região do Norte de Portugal que tenham regressado às suas regiões depois de concluírem o Ensino Superior;*
- *Compreender o sentimento de pertença, laços e a sua relação com os seus contextos de origem enquanto estiveram a estudar noutros lugares;*
- *Estudar as motivações para regressar às suas regiões após formação no ES;*
- *Estudar o seu envolvimento e participação em projeto/iniciativa que promova o desenvolvimento da sua comunidade - jovens protagonistas e participativos.*

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO DA INVESTIGAÇÃO NA DISCUSSÃO PARADIGMÁTICA

Paradigma Fenomenológico Interpretativo

Este trabalho vale-se de orientações do Paradigma Interpretativista, afirmando-se como uma visão mais qualitativa baseando a sua investigação em torno das questões sociais urgentes. Segundo Amado (2017), o paradigma fenomenológico interpretativo permite compreender as intenções, percepções e concepções das pessoas e a relação que estabelecem com os contextos onde interagem.

“importante a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos em que e com que interagem. Procura-se o que, na realidade, faz sentido e como faz sentido para os sujeitos investigados. [...] ao mesmo tempo, reconhece-se que este fenómeno é contextual, isto é, constrói-se e estabelece-se em relação a outros significantes.” (Amado, 2017, pp.42-43)

O que se procura neste estudo é analisar as narrativas dos biografados/as para que a partir destas e da forma como é interpretada pelos sujeitos, se compreender que experiências e decisões moldaram os seus percursos de vida. Como refere Almeida (2016),

“paradigma fenomenológico interpretativo uma vez que se assume que os significados se constroem mediante um processo interpretativo promovido pela pessoa ao confrontar-se com as coisas, ao invés de uma concepção do conhecimento objetivo e puro referente a uma realidade única e monolítica.” (Almeida, 2016, p.45)

Ainda que cada trajetória de jovens seja exclusiva e incomparável, não podemos desconsiderar as realidades em que estas vivências aconteceram. Na investigação qualitativa (Amado, 2017), a realidade ou a problemática a investigar não estão isoladas do contexto do biografado, historicamente, a nível socioeconómico e a nível cultural. Isto porque, o objetivo do estudo não é compreender apenas o/a jovem isoladamente do seu contexto social, mas procurar fazer uma investigação profunda levando em consideração a compreensão e interpretação de toda a envolvência da vida da juventude entrevistada. Não se trata apenas de uma descrição, mas sim, compreender as interpretações e experiências dos/as biografados/as do contexto. Contudo, apesar das particularidades, também é intenção colocar em diálogo as várias narrativas e os vários discursos dos/as jovens.

O paradigma fenomenológico interpretativo considera que o ser humano tenha uma envolvimento plausível, por isso mesmo, aceita o senso comum. No entanto, esta relação com o senso comum existe, porque dela pode resultar vantagem para a própria forma de produzir o conhecimento, movida por uma segurança inata e uma união com as experiências vivenciadas que o senso comum traz consigo para esta construção.

Ao afirmar que nos posicionamos nesta abordagem, assumimos uma posição de não neutralidade relativamente à junção sujeito/objeto (intersubjetividade). É impossível, enquanto investigadores sociais, estarmos alheios a fatores como as nossas vivências e experiências. Devemos ser capazes de produzir uma ciência com consciência e compreendermos que a ciência é uma construção social.

Durante a investigação, foi necessária uma relação de proximidade entre biógrafo/biografado, já que os/as jovens entrevistados expuseram-se ao contar etapas e pormenores da sua vida a uma pessoa que lhe era desconhecida. Acresce que houve uma preocupação em compreender as intenções e os significados dos discursos produzidos pelos sujeitos entrevistados, ou seja, as suas vivências, crenças, opiniões e realidades foram reconhecidas e valorizadas para o estudo, tendo uma conotação interpretativa, baseada numa metodologia desenhada segundo os estudos biográficos “Ou seja, entender o 'outro' culturalmente diferente aprendendo a 'se colocar no lugar deles', 'olhar através de seus olhos' e 'sentir seu prazer ou dor’”²⁵ (Taylor, Peter e Medina, Milton, 2013, p.4).

Os conhecimentos de todos os autores aqui citados são fundamentais para pensar neste processo visto que, todos, de certa forma, ajudam a refletir sobre as questões 'O que é uma boa investigação?' 'Que caminho devo seguir?'.

Nesta investigação o discurso é retratado segundo a maneira como os indivíduos socializam com o mundo envolvente, atribuindo sentido e significado aos objetos, bem como, às suas práticas e onde o poder está presente em todas as relações estabelecidas. Por isso, durante a investigação, cuidamos inicialmente, de criar uma distância daquilo que eram as nossas opiniões face a um território por meio de uma visão interpretativa e crítica sobre a realidade, tendo sempre em consideração que os sistemas de poderes são múltiplos, e estão em constante transformação ao longo dos tempos.

²⁵ Tradução nossa do original em inglês: “That is, to understand the culturally different 'other' by learning to 'stand in their shoes', 'look through their eyes' and 'feel their pleasure or pain'”

As relações de poder transportam consigo fragilidades e consequências negativas. Além de provocarem injustiças e vulnerabilidades, podem ir contra sentimentos e formas de emancipação, uma vez que a noção de poder, segundo Foucault (1999) pode tanto limitar, como criar possibilidades para os indivíduos se afirmarem e se desenvolverem.

É preciso considerar [que]

“esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança” (Foucault, 1999, p.30).

O objeto do conhecimento humano aparece como algo nunca isolado, isto é, apresenta sobre si mesmo um radical de especificidade histórica (Haraway, 1998), uma vez que, tudo o que está ao redor do objeto de estudo tem influência no processo de investigação e, deste modo, todas estas influências devem ser igualmente analisadas. Como tal, a objetividade forte é aquela que tem em consideração o que está inerente a um determinado objeto sobre o qual queremos adquirir conhecimento. Por sua vez, a objetividade fraca é aquela que exclui os valores e a imparcialidade do objeto em estudo.

Não devemos abstrair-nos da ideia de que, quando investigamos, estamos a contribuir para o desenvolvimento social, para o bem comum. Este processo é complexo, deve ser coerente e, para isso, deve-se adequar ao público-alvo.

Um outro ponto a considerar é que não se sabe se o desenho de investigação vai funcionar. É necessário ir construindo um caminho sólido, coerente entre a questão de investigação e o método. Todo este processo inicial de reflexão epistemológica é um dos fatores mais importantes alinhado, sempre, com a sustentação teórica.

Para garantir que se está a construir/desenvolver uma boa investigação, temos de ter na posse, dados em qualidade e quantidade, isto é, dados suficientes para analisar, dados esses que vão sustentar e responder à questão de investigação, tomar decisões e afirmações.

Quando se refere à qualidade do processo metodológico, pretende-se demonstrar a forma como somos capazes de colocar em prática o procedimento metodológico. As questões que queremos responder têm intenções e critérios diferentes dependendo da população. Se mantivermos esta precisão na investigação e uma boa sustentação, criaremos impacto social e, consequentemente, poderemos mudar a realidade, que não existe independentemente dos sujeitos.

"Um bom design pode falhar por causa de dados ruins ou inadequados. Mas um design ruim permanece ruim, não importa quão bons sejam seus dados e seja qual for o tipo deles. Um design ruim, incluindo nenhum design, significa que você não será capaz de desenhar "Os tipos de conclusões que você deseja. Infelizmente, nesta situação, você ainda pode ser tentado a tirar conclusões infundadas, o que encoraja a avaliação desonesta dos fatos e o desrespeito pelo processo de pesquisa."²⁶ (Gorard, 2013, p.202)

A investigação exige que o investigador siga um determinado padrão para que a sua investigação seja precisa, complexa, exigente e com resultados válidos e significativos. À medida que o investigador vai progredindo no desenho da investigação, mais questões vão surgindo de maneira que, o próprio, reflita e defina escolhas mais oportunas de acordo com a sua problemática.

- Quais as opções epistemológicas de quem faz investigação?
- Quais as metodologias adotadas?
- Que métodos e técnicas?

Caminho para definir os processos metodológicos

Segundo Richardson (1989) no texto "*Pesquisa Social: métodos e técnicas*", este deixa bastante claro a distinção entre método e metodologia. Primeiro, o "método é o caminho ou a maneira para chegar a determinado fim ou objetivo." (Richardson, 1989, p.22) enquanto a "metodologia, que deriva do grego *méthodos* (caminho para chegar a um objetivo) + *logos* (conhecimento). (...) são os procedimentos e regras utilizadas por determinado método." (Richardson, 1989, p. 22).

Alinhado com este pensamento, fará sentido, apontar qual a opção escolhida face aos métodos: qualitativos e quantitativos. Primeiro, segundo Dalfovo et al (2008), os métodos quantitativos,

"por um modelo de pesquisa onde o pesquisador parte de quadros conceituais de referência tão bem estruturados quanto possível, a partir dos quais formula hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer estudar. (...) Os dados são analisados com apoio da Estatística (inclusive multivariada) ou outras técnicas matemáticas." (Dalfovo et al, 2008, p.7).

²⁶ Tradução nossa do original em inglês: "A good design can fail because of poor or inappropriate data. But a poor design remains poor however good your data is, and whatever type it is. A poor design, including no design at all, means that you will not be able to draw the kinds of conclusions you want to. Unfortunately, in this situation, you may still be tempted to try to draw unwarranted conclusions, which encourages dishonest appraisal of facts, and disrespect for the research process."

Por outro lado, os métodos qualitativos,

“a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.” (...) “um foco na interpretação ao invés de na quantificação: geralmente, o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes tem da situação sob estudo.” (Dalfovo et al, 2008, p.9)

É importante a relação entre as questões colocadas no início, questionamentos, com os resultados do estudo/investigação. É relevante a importância do tipo de métodos usados na investigação e adequá-los ao tipo de objeto de estudo e tema. Dar voz e ver a opinião dos objetos de estudo.

O objetivo principal da investigação, que passa por compreender as experiências e as trajetórias de vida de jovens que vivam em regiões designadas de rurais e/ou baixa densidade, tendo consciência da sua complexidade e diversidade, dado que cada jovem tem trajetórias e realidades singulares, constatamos que a abordagem mais apropriada é então uma abordagem qualitativa. Isto porque a investigação desenvolve-se enquadrada na ideia de que o que se pretende com este estudo não é explicar a realidade, mas sim compreendê-la.

Na pesquisa qualitativa, tanto o pesquisador como o pesquisado têm um papel fundamental a cumprir com vista a alcançar os resultados desejados. O pesquisador é a parte fundamental. Conforme Chizzotti (2006, p.82) reforça, “Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos.”.

Simultaneamente, os pesquisados, na pesquisa qualitativa, são sujeitos que têm conhecimento prático, de senso comum e representações pré-definidas pela bagagem de experiências que conduzem a uma concepção de vida que orienta as suas ações individuais (Chizzotti, 2006).

Após pesquisa teoricamente para compreender qual o método mais apropriado, dado que nem todos os métodos qualitativos são adequados para o objetivo desta aprendizagem e ainda devem ser alinhados com a questão de investigação, chegou-se aos métodos biográficos com base na técnica das entrevistas biográficas (Fontes, 2019).

A escolha do método tem como intenção dar aos participantes, jovens adultos, a oportunidade de refletirem sobre as suas experiências e, desta forma, narrarem os

acontecimentos que moldaram as suas trajetórias de vida e, conseqüentemente, o sentido de pertença dos mesmos em relação às suas regiões de origem.

Através dos métodos biográficos, dá-se prioridade ao conhecimento gerado pelo sujeito. A partir da vida ou da trajetória pessoal, podemos descobrir e compreender uma determinada realidade, período ou tempo em que ele se encontra, e os eventos sociais mais relevantes entre eles “(...) as auto/biografias e histórias de vida se constroem na base da desconstrução da dicotomia sujeito/objecto e na escuta da diferença que as outras pessoas constituem, acentuando a importância da relação que entre ambas as partes se constrói” (Araújo, 2004, p.13).

A autora Goldenberg (2004), em sua obra “*A arte de pesquisar*” reflete sobre a utilização de métodos biográficos no campo das ciências sociais. Cada jovem tem a sua individualidade, mas está inserido/a num contexto e todo essa envolvimento tem influência na apropriação da realidade do/da jovem. Ou seja, apesar de ter características individuais, é possível conhecer, de uma certa forma, o contexto social envolvente.

"Cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, é possível ‘ler uma sociedade através de uma biografia’, conhecer o social partindo-se da especificidade irreduzível de uma vida individual.” (Goldenberg, 2004, pp.36-37)

Enquanto base epistemológica, os métodos biográficos vinculam-se ao paradigma interpretativista pois o uso deste método caracteriza-se pelo estudo da vida de um indivíduo que é em si um fenómeno pesquisado (Santos e Davel, 2021).

“A principal potencialidade dos métodos biográficos é valorizar o papel do sujeito na história, possibilitando uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação, da construção de sentidos e das representações de grupos e indivíduos em um dado contexto social.” (Santos & Davel, 2021, p.437)

Percebe-se que a escolha por uma das vertentes do método biográfico pode ser uma boa opção metodológica para a pesquisa, uma vez que, o foco da investigação são os/as jovens adultos, mais especificamente, as suas experiências e as vivências, com o objetivo de compreender a ligação que têm com a comunidade, numa ótica do sentimento de pertença.

Método de investigação: entrevistas biográficas

A escolha das entrevistas biográficas como método principal deveu-se ao facto de, essencialmente, acreditarmos que quando estamos a investigar um objeto de estudo, a sua opinião e participação deve ser, efetivamente, ativa e central. O grande objetivo é colocar os/as jovens como centrais na construção do projeto, protagonistas durante todo o estudo e, através deste método, é possível colocar as suas experiências e pontos de vista decisivos na análise e na criação do projeto. Pois, como refere Rosa e Magalhães (2018), “A partir das entrevistas, é possível a (re)construção de narrativas que nos permitem aceder às memórias (d)e experiências de produção de conhecimento nos percursos de ativismo.” (Rosa & Magalhães, 2018, p.160).

Os/as jovens entrevistados/as falaram sobre acontecimentos da sua vida, de acordo com as questões orientadoras pertinentes ao estudo, produzindo uma narrativa sobre a sua experiência de vida, num dado momento histórico. Acresce que apesar de existir características comuns pelas trajetórias de vida da juventude em regiões rurais evidenciadas nas entrevistas biográficas, é preciso considerar que cada narrativa não pode ser generalizada a todo um contexto pois são realidades muito próprias de cada jovem adulto. Como refere Ferrarotti (1991), “Cada indivíduo não totaliza directamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais activos que totalizam o seu contexto, etc.” (Ferrarotti, 1999, p.174).

O propósito dos investigadores é ganhar conhecimentos sobre a experiência do entrevistado por meio de uma reflexão cronológica, capturando a sequência de acontecimentos relatados pelo biografado. Contudo, como refere Ferrarotti (2010),

“As narrativas biográficas de que nos servimos não são monólogos ditos perante um observador reduzido à tarefa de suporte humano de um gravador. Toda entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções de normas e de valores implícitos e, por vezes, até de sanções.” (Ferrarotti, 2010, p. 46)

As entrevistas biográficas ocorreram em ambiente de "conversa", com o apoio de um gravador usado com o consentimento dos/as entrevistados/as. O facto de todos os/as jovens conhecerem antecipadamente os objetivos da entrevista e terem uma ideia das questões a abordar contribuiu para que, uma vez iniciada a entrevista, comesçassem de imediato a falar do seu percurso e aquilo que consideravam ser o mais significativo.

A forma como as entrevistas foram conduzidas tornou-se particularmente importante, na medida em que foi um registo da subjetividade dos/as jovens, da forma como analisaram o seu percurso de vida, assim como, os significados e sentidos que atribuíram aos vários acontecimentos por eles vivenciados. A forma como as pessoas falavam sobre as suas experiências e memórias e o que consideravam mais importante, foram elementos-chave para a compreensão das respetivas trajetórias.

O conhecimento prévio do tema deste projeto de estudo e do que a entrevista pretendia abordar, como também a própria entrevista, promoveram um estímulo para que os/as biografados/as tivessem um tempo para refletir sobre si mesmos/as e sobre os seus percursos de vida, as suas memórias, as suas experiências de infância, e como isso moldou sua relação com a região e a comunidade; os fatores decisivos para ingressar nas faculdades, o que os fez voltar, bem como o que atualmente defendem nas suas comunidades locais.

Salienta-se que as conversas podem ter significado diferente para os/as jovens adultos/as que entrevistamos, no entanto, para a investigadora foram particularmente relevantes e enriquecedores, obrigando a própria a equacionar um grande número de questões, sobretudo, a forma de pensar o seu trabalho/investigação, com o sentido de responsabilidade social perante os dados recolhidos.

Como proposta da recolha do material empírico segundo o método biográfico, seguiu-se os passos propostos por Plummer (2001) – 1) Encontro biográfico; 2) Transcrição do encontro; 3) Limpezas das expressões bengala; 4) Colocar o texto na primeira pessoa; 5) Organização temática e cronológica; e, por fim, quando seja necessário, 6) Introdução de elementos adicionais (imagens, música...).

Os momentos de transcrição e revisão constituíram fases importantes de contacto mais aprofundado com as entrevistas, permitindo ter uma maior atenção aos seus conteúdos e uma melhor perceção da importância que as pessoas davam a determinados momentos e a certas afirmações. As transcrições foram devolvidas aos entrevistados no sentido de estes poderem introduzir, na transcrição, as alterações que entendessem como convenientes.

CAPÍTULO III - CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DOS PARTICIPANTES

A escolha do contexto, por se tratar de um estudo financiado pelo Centro de Estudos Ibéricos e por pertencer ao Projeto “Jovens que Regressam”, determina que o estudo seja focado em jovens que vivam em regiões designadas de rurais e/ou de baixa densidade.

Foi uma escolha pessoal projetar esta investigação na região Norte e Centro de Portugal, de forma a ter um leque mais alargado de informação, com o objetivo de ter alguma variedade nos exemplos dos diferentes contextos.

Quanto à escolha dos/as participantes, decidiu-se abranger uma amostra de jovens com os seguintes parâmetros, com o intuito de recolher testemunhos diversificados:

- Idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos de idade;
- Concluído o Ensino Superior;
- Vivam em regiões designadas rurais e/ou baixa densidade;
- Que se identifiquem com qualquer género;

Assim, o resultado da amostra das regiões dos/as participantes entrevistados/as pode ser visto na seguinte figura meramente ilustrativa.

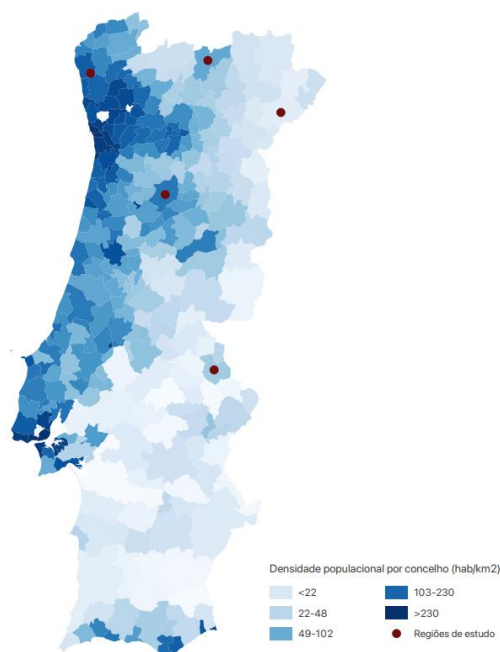


Figura 1 – Regiões do estudo representadas no mapa de Portugal Continental

Foi uma procura exigente de jovens para obter uma amostra representativa, apesar dos requisitos sempre bastante amplos. Alguns contactos foram facultados pelos jovens que fomos entrevistando, outros, pela orientadora, a Professora Sofia Marques da Silva e, ainda, o facto de a investigadora ter acesso a alguns jovens que vivem na sua área geográfica.

O caminho de procurar enquadrar as experiências da juventude no espaço histórico, político, social e geográfico em que foram vivendo e onde vivem enquanto narram essas experiências, foi fundamental. No caso, é importante referir que os/as jovens com quem se conversou nasceram em regiões rurais e de baixa densidade, ingressaram no Ensino Superior em outras regiões e, posteriormente, regressaram e vivem e trabalham nas suas regiões de origem. A escolha de falar com estes/as jovens foi feita após refletir e traçar qual a questão de partida deste trabalho de investigação e serem delineados os objetivos de investigação.

Foram entrevistados um total de 15 jovens, do género masculino e feminino, com idades compreendidas entre os 20 e 35 anos de idade, com um curso do Ensino Superior. Foram entrevistados jovens da região de Viana do Castelo (Norte), Chaves (Norte), Mogadouro (Norte), Viseu (Centro) e Portalegre (Centro). O conjunto das entrevistas realizadas corresponde a um total de 133 páginas de transcrições.

Nome	Região	Idade	Curso	Universidade / Politécnico
Luana	Portalegre	30 anos	Engenharia Civil	Universidade Beira Interior
Cátia	Viseu	26 anos	Gestão	Universidade Aveiro
Leonor	Portalegre	29 anos	Ciências Farmacêuticas	Universidade Beira Interior
Letícia	Barroselas	35 anos	Direito	Universidade Minho
Catarina	Viseu	26 anos	Estatística Médica	Universidade Aveiro
Filipa	Barroselas	30 anos	Psicologia	Universidade Minho
Cristina	Barroselas	31 anos	Educação Artística	Politécnico Portalegre
Mariana	Barroselas	24 anos	Interpretação Música	Universidade Porto
Luz	Mogadouro	35 anos	Serviço Social	Politécnico Bragança
Laura	Chaves	31 anos	Ciências da Comunicação	Universidade Porto

Liliana	Barroselas	24 anos	Música	Politécnico Castelo Branco
Sara	Barroselas	29 anos	Engenharia Civil	Universidade Porto
Patrícia	Portalegre	33 anos	Técnica de Farmácia	Politécnico Lusófona (ERISA)
João	Chaves	30 anos	Comunicação e Multimédia	Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro
Tomás	Viseu	29 anos	Engenharia Biomédica	Universidade Coimbra

Tabela 1 – Caracterização dos jovens entrevistados

CAPÍTULO IV - TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Como se pretende aplicar entrevistas biográficas, a análise de conteúdo vai ser fundamental na investigação pois, será aqui, que vamos entender o percurso de vida que os/as jovens ocuparam e, ainda, entender as realidades que viveram e os significados que atribuíram às suas decisões para, posteriormente, perceber os motivos dessas vontades e se nutrem ou não, um sentido de pertença às suas comunidades “(...) análise de conteúdo como técnica de análise de dados que, nos últimos anos, vem tendo destaque entre os métodos qualitativos, ganhando legitimidade.” (Mozzato e Grzybovski, 2011, p.732)

São os respectivos discursos, que apresentam um grau de profundidade e complexidade que compete à investigadora desconstruir “(...) análise de conteúdo, além de realizar a interpretação após a coleta dos dados, desenvolve-se por meio de técnicas mais ou menos refinadas.” (p.733) e “percebe-se que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados” (Mozzato e Grzybovski, 2011, p.734).

Alinhado com esta ideia,

“Na área de educação, a análise de conteúdo pode ser, sem dúvida, um instrumento de grande utilidade em estudos, em que os dados coletados sejam resultados de entrevistas (diretivas ou não), questionários abertos, discursos ou documentos oficiais, textos literários, artigos de jornais, emissões de rádio e de televisão.” (Oliveira et al, 2003, p.5)

Através dos discursos dos indivíduos entrevistados teve-se a preocupação de compreender os comportamentos que os/as jovens tomaram face a determinadas situações por eles/as vividas, seja em contexto escolar, social, familiar, entre outros, uma vez que, “(...) por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissémico esconde-se um sentido que convém desvendar.” (Bardin, 1977, p.16). Ademais, quando se procedeu à análise destes mesmos discursos, tivemos de ter presente o contexto e a história de cada jovem entrevistado.

É necessário reconhecer que estes/as jovens são sujeitos de conhecimento e detentoras de saberes. Ao longo de toda a investigação, tivemos em consideração que é necessário escutar e dar voz aos/às jovens que entrevistamos e, por sua vez, dar visibilidade às suas reflexões, aos seus discursos, argumentos, pontos de vista e subjetividades sobre os acontecimentos que vivenciaram e/ou protagonizaram.

O objetivo principal da análise de conteúdo é de organizar em conteúdos as categorias que traduzem as ideias-chave presentes nesta investigação “pode-se dizer que análise de conteúdo é uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise.” (Mozzato e Grzybovski, 2011, p.732)

O passo seguinte foi determinar quais seriam as categorias a analisar e de que forma se chegou e explorou cada uma delas. Para a sua definição verificou-se ser necessário ter em consideração o conjunto de objetivos que pretendíamos investigar. Como propõe Oliveira et al (2003), “A terceira etapa da pesquisa consiste na definição das categorias. Esta etapa é muito importante, pois a qualidade de uma análise de conteúdo possui uma dependência como o seu sistema de categorias.” (Oliveira et al, 2003, p.9).

Simultaneamente, segundo Bardin (1977), para a criação das categorias de análise, há que considerar que é um trabalho exaustivo, que precisa de ser coerente e claro, para que, quando fizer a análise de conteúdo ser perceptível e não haver margem de dúvida, face aos objetivos da investigação, uma vez que, é nesta fase que se organiza o conhecimento e se interpretam as várias temáticas presentes. Posteriormente, relacionou-se e comparou-se as suposições iniciais de modo a percebermos, de forma mais clara e concisa, as orientações que a investigação deve respeitar.

Através das entrevistas biográficas conseguiu-se compreender o material que tínhamos e dividi-lo em várias categorias. Contudo, estas categorias, ao longo do processo de procura de informação na literatura e de início de análise do material empírico recolhido, foram sofrendo algumas modificações e mutações, de modo a melhor corresponder ao que foi recolhido. Assim, estas podem ser designadas por categorias à priori (desenvolvidas numa primeira rutura com o senso comum) e categorias emergentes (designação que define as categorias que surgem após uma segunda rutura com o senso comum, quando se procedeu à leitura das entrevistas biográficas).

Concluindo, chegou-se às 6 categorias que se seguem, através do guião da entrevista e das entrevistas realizadas:

- O impacto das atividades na construção da identidade dos jovens;
- Vantagens de viver num meio pequeno: aproximação com a comunidade;
- Obstáculos que os jovens enfrentam por viverem no interior;
- Perceção dos Jovens sobre o Ensino Superior;

- O regresso à região: fatores que influenciam na tomada de decisão;
- A resiliência de um jovem do interior: Projetos / Iniciativas para o desenvolvimento da comunidade.

CAPÍTULO V - POSICIONAMENTO E QUESTÕES ÉTICAS

Questões reflexivas sobre o posicionamento ético da investigadora

Deve-se refletir sobre a questão ‘Em educação?’ ou ‘Para educação?’.

"A pesquisa em educação carrega diversas peculiaridades, pois trabalha com um objeto de estudo multidimensional, mutante, complexo, em que o caráter sócio-histórico de suas práticas faz com que cada situação educativa seja sempre única, irrepetível, com imensas variações no tempo, no espaço, nas formas organizativas de sua dinâmica e no caráter de sua intencionalidade." (Franco, 2003, p.190)

Foi determinante para a investigadora ter a capacidade de se distanciar dos julgamentos e opiniões pessoais, pelo facto de serem contextos muito semelhantes à realidade da própria e, desta forma, ser capaz de construir um ponto de vista informado e pertinente que esteja de acordo com as condições básicas que sustentam o estudo. Tal pretensão é possível pois, segundo Charlot (2006) o processo educativo constrói-se perante a relação entre os indivíduos e a sociedade, ao passo que, o posicionamento pessoal, numa investigação em educação ou igualmente sobre educação, implica fazer a rutura entre o discurso de opinião, sustentado no senso comum, para então se produzir conhecimento científico rigoroso e cuidadoso, que se apoie em dados, conteúdos e informações de teor teórico.

Enquanto investigadora devo colocar-me no lugar social do outro, colocar de lado aquilo que é a minha matriz de conhecimento – esquecer o 'eu' para dar lugar ao conhecimento dos outros. Eu tenho uma história e um lugar de pensamento que me faz olhar para as coisas de uma determinada forma.

É preciso ter uma determinada postura ética, tanto na nossa atitude como no nosso discurso, quando vamos investigar para que sejamos o menos 'intrusivos' possível, não afetando o nosso estudo.

“As questões éticas fazem parte da vida dos/as investigadores/as e do funcionamento da comunidade científica. Importa, por isso, debater não apenas os direitos de quem faz investigação, mas também os seus deveres, na gestão da comunicação entre colegas, nos aspetos da propriedade intelectual e na comunicação em ciência para públicos especializados e para a comunidade em geral, incluindo as pessoas que participam nos estudos.” (Carta Ética das Ciências da Educação, 2021, p.11)

Aqui, o discurso, é retratado segundo a forma como os indivíduos socializam com o mundo envolvente, atribuindo sentido e significado aos objetos, bem como, às suas práticas e onde o poder está presente em todas as relações estabelecidas. Por isso mesmo, durante todo o

processo de investigação, tivemos num primeiro momento, de nos distanciarmos daquilo que eram as nossas opiniões face aos territórios, por meio de uma visão interpretativa e crítica sobre a realidade, tendo sempre em consideração que os sistemas de poderes são múltiplos e estão em constante transformação ao longo dos tempos.

Por outro lado, a questão do anonimato é um dos principais critérios na elaboração de toda a investigação.

“Os/as participantes têm direito a ser plenamente informados e esclarecidos sobre todos os aspetos relativos à sua participação na investigação, bem como a alterar os termos da sua autorização, podendo, inclusive, retirar o seu consentimento, em qualquer altura da investigação. Cabe aos/as investigadores/as informar previamente os/as participantes, ou seus representantes legais, sobre a natureza, os objetivos e a metodologia, benefícios e possíveis riscos da investigação, dispondo-se a prestar os esclarecimentos necessários ao longo de todo o processo de investigação.” (Carta Ética das Ciências da Educação, 2020, p.11)

Os aspetos éticos centram-se na coerência e na honestidade de preservar inteiramente a recolha de dados. Implicando assim, o respeito pelos entrevistados e os seus contributos aquando da análise dos mesmos. Esta postura ética tornou-se indispensável, uma vez que evitou que as informações fossem tratadas e analisadas de forma irresponsável. Mais, como é referido na Carta Ética das Ciências da Educação (2020, p.12), “Os/as participantes da investigação têm direito à privacidade, à discrição e ao anonimato, cabendo aos/as investigadores/as assegurar que os dados fornecidos pelos participantes, ou pelos seus representantes legais, sejam totalmente anónimos e confidenciais.”.

Questões éticas e técnicas utilizadas durante a investigação

Foi solicitada a autorização das pessoas entrevistadas para a gravação da entrevista, como forma de proceder à sua transcrição na íntegra. De notar que, no processo de recolha de dados, todas as pessoas envolvidas foram devidamente esclarecidas sobre todo o processo de investigação. Além do mais, tomaram conhecimento, de forma clara, da natureza e dos objetivos da investigação, assegurando-se ao/à participante que poderia desistir de colaborar em qualquer altura, não havendo qualquer constrangimento ou impedimento à sua decisão. Por isso mesmo, antes da realização de cada entrevista biográfica, teve-se o cuidado de pedir aos entrevistados que assinassem um consentimento informado onde se deixou explícito que os dados recolhidos nas entrevistas seriam apenas para fins académicos e de colaboração para a investigação. Ao assiná-lo estavam também a dar autorização para a gravação do áudio da

entrevista. O anonimato foi um dos principais critérios na elaboração de toda a investigação com a escolha de nomes fictícios por parte dos/as jovens entrevistados.

É pertinente destacar que existiram algumas “limitações” e/ou imparcialidades que podem ter influenciado a investigação, como a proximidade da faixa etária aos entrevistados, que por outro lado, até pode ter contribuído para uma maior relação de conforto e confiança entre os/as participantes. E, o facto de os contextos rurais serem familiares à realidade onde a investigadora vive. Contudo, a própria experiência e realidade não podem ser conduzidas a uma falsa interpretação e a conclusões que saiam das experiências dos biografados/as. Porque, “Investigar em educação e no quadro das ciências da educação implica, pois, um compromisso ético com a transformação e o melhoramento dos indivíduos, das instituições e da sociedade em geral.” (Amado, 2014, p. 28).

Consideramos que foi relevante criar uma proximidade com os/as jovens que investigamos, pois possibilitou a criação de uma relação de confiança e respeito mútuo.

“(…) os processos de investigação, bem como os seus resultados, deverão ser pensados, conduzidos e comunicados de forma a evitar qualquer situação que possa constituir risco ou ameaça ao bem-estar e à integridade, cabendo aos/as investigadores/as promover um ambiente de respeito mútuo e de sã convivência entre todos os envolvidos.” (Carta Ética das Ciências da Educação, 2020, p.12)

É importante salientar que o método utilizado para o estudo implicou a capacidade de ouvir os indivíduos sem fazer juízos de valor ou tecer opiniões face ao escutado. É necessário ir além da dicotomia sujeito / objeto e enfatizar a subjetividade e a vida, porque a experiência do sujeito são fontes de construção e produção de conhecimento para ele e para a investigadora.

“A relação com os/as participantes da investigação (todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, individual ou coletivamente, estão envolvidas no processo), deverá ser pautada pelo princípio fundamental de respeito pela dignidade de cada Pessoa, enquanto ser humano único, inserido em comunidades e em grupos sociais com os quais estabelece relações de interdependência.” (Carta Ética das Ciências da Educação, 2020, p.11)

O maior conflito sentido ao longo deste processo foi a constante tensão entre a necessidade de nos adaptarmos às características do grupo e a necessidade de manter o espírito crítico e a parte teórica/científica. Todavia, pelas próprias características da investigação tivemos de ter presente a questão da neutralidade, questões éticas e morais e

principalmente sermos capaz de não fazer juízos de valor, devido ao envolvimento pessoal com o objeto, para que a nossa presença não perturbasse o normal decurso da interação social.

Após a leitura da carta de ética e refletir sobre as questões éticas inerentes a qualquer investigação ou intervenção, concluiu-se que, durante a investigação teve de se procurar desenvolver boas relações com todas as partes envolvidas na intervenção, neste caso com os jovens biografados. Neste sentido e segundo a Carta Ética das Ciências da Educação

De acordo com a Carta Ética instituída pela Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação, a adoção dos princípios de natureza ética representam “um compromisso pessoal por parte de cada investigador(a)” (Carta Ética das Ciências da Educação, 2014, p.18). Ainda, A Carta da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação de 2020 concerne sobre recomendações que se propõem orientar a comunidade académica e instituições de pesquisa acerca de questões ético-metodológicas de pesquisa, baseando-se em princípios fundamentais de direitos humanos inscritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

O documento oferece orientações a respeito da relação com os/as participantes da investigação, da relação com a comunidade de investigadores/as, da relação com os promotores e colaboradores da investigação e da relação com as comunidades e com a sociedade em geral.

Para suscitar questões que vão além da análise da própria Carta, é preciso considerar a aplicação de questões éticas metodológicas na primeira abordagem, e não apenas o contexto de pesquisa/intervenção. Neste sentido, é importante utilizar estratégias e abordagens que respeitem todos os envolvidos, incluindo questões culturais e sociais, a eliminação de crenças, estereótipos e senso comum. Por outro lado, é necessário considerar os contextos em que a investigadora estará inserida, e aplicar conhecimentos adquiridos com a Carta Ética e, perceber que, de facto, é impossível assumir uma posição neutra.

Concluindo, as questões éticas regem-se por um manual ou um conjunto de regras que estão no âmbito da própria percepção do pesquisador ao se envolver com a sociedade. É inegável que ter códigos de conduta é importante, mas segui-los (ou não) também levanta questões éticas dependendo da situação. Em todos os casos, é importante agir para que todos/as os/as envolvidos/as se sintam à vontade e seguros sobre a ação a ser tomada, e se algo não estiver conforme, é importante resolver o problema e discuti-lo em conjunto. Ao longo do trabalho, existiu o cuidado de explicar a investigação aos/às diferentes atores/as

implicados/as, dos objetivos do trabalho, das questões do anonimato, confidencialidade, respeito, do consentimento informado, da natureza da investigação, dos métodos e técnicas empregues. Foi igualmente necessário adotar-se uma postura reflexiva e de diálogo permanente, baseada na escuta, na valorização dos testemunhos e no respeito mais uma vez pelo que declararam, e ainda, pelo que se ouviu e observou durante as entrevistas biográficas, considerando que estes são passos fundamentais para se construir uma relação ética numa investigação, em especial na Universidade onde o estudo se desenvolveu.

**PARTE IV: INTERPRETAÇÃO DOS PERCURSOS DOS JOVENS QUE
REGRESSAM POR TIPOLOGIAS DE PERCURSOS BIOGRÁFICOS**

Introdução

Este capítulo apresenta os resultados da análise e interpretação das biografias construídas à luz das entrevistas biográficas. Cada jovem adulto evidencia nas suas entrevistas sentimentos próprios, destacando aquilo que é mais significativo e marcante, por isso, é que, cada narrativa, tem a sua individualidade e a sua riqueza. Assim, iremos abordar de forma individual as narrativas dos/as jovens entrevistados/as.

Não temos intenção de descrever e de falar de todo o percurso de vida destes/as jovens, porque o que interessa é explorar as tipologias de percursos, relativamente ao tempo de regresso destes/as jovens ao lugar de origem.

Este capítulo apresenta um carácter mais descritivo, porque pretende introduzir os/as jovens a partir do que mais diretamente foi contado. Ao usar este processo não significa que desconsideramos a importância das preocupações teóricas.

Sucintamente, os percursos destes/as jovens serão aqui apresentados para facilitar o seu enquadramento e ajudar o leitor a orientar-se no melhor entendimento do texto. Entre outras semelhanças, estes/as jovens entrevistados/as têm um percurso em comum, que foi o facto de terem regressado às suas regiões de origem, embora com especificidades de regresso diferentes, quer quanto às motivações, quer quanto ao tempo em que regressaram. Os seus trajetos individuais são marcados por experiências diversificadas.

A primeira tipologia, refere-se aos/as jovens a quem denominamos de **percursos lineares** na ótica de que este grupo, quando concluiu o Ensino Superior regressou imediatamente à sua região de origem. Ou seja, quando nos apropriamos deste conceito, é no sentido de que o percurso deste grupo tem apenas um sentido, segue uma linha reta, quando comparado com os outros tipos de percurso que é apresentado neste estudo. Não defendemos a ideia de que as passagens ou transições pelas etapas do ciclo de vida são harmoniosas e lineares. As transições juvenis não são lineares, pois a juventude não é estática e tem experiências e trajetórias de vida distintas, complexas e singulares.

A segunda tipologia, abrange os/as jovens de nome **percursos yô-yô**, ou seja, este grupo caracteriza-se por, após a conclusão dos estudos no Ensino Superior, decidiram regressar à sua região de origem, mas em determinado momento voltaram a sair e voltaram a regressar. Ademais, também integramos neste grupo, os/as entrevistados/as que estejam em teletrabalho tendo de ir esporadicamente à cidade onde está sediada a empresa/entidade empregadora.

O conceito trazido por José Machado Pais (1996) com a *geração yô-yô*, está relacionado com a ideia de que os/as jovens passam por uma certa reversibilidade, ou seja, quando passam do sistema do ensino para o mercado de trabalho e, posteriormente, voltam ao primeiro sistema, ou, por exemplo, deixam de viver com a família e voltam a viver com ela. Há esta ideia fracasso, no entanto, não trazemos este retrato ‘negativo’, mas sim esta conceção de que os/as jovens saíram para prosseguirem para o Ensino Superior e adquirirem conhecimento que lhes pode garantir melhores oportunidades de vida. No entanto, ao terminarem os estudos regressam às suas comunidades, mas a dada altura surge uma proposta de trabalho melhor e voltam a sair e, mais tarde, percebem que afinal são mais felizes nos seus contextos de origem e voltam a regressar.

A última tipologia refere-se aos ***percursos de exploração***, isto é, alguns/algumas jovens entrevistados/as quando concluíram o curso no Ensino Superior, antes de regressarem às suas regiões de origem, foram explorar novos horizontes como, por exemplo, o mercado de trabalho, estágios, Erasmus e, só mais tarde, tiveram a vontade de regressar.

JOVENS COM PERCURSOS LINEARS: LUANA, LEONOR, LUZ, LILIANA E SARA

LUANA

A **Luana** vive na região de Portalegre e quando chegou o momento de tomar a decisão de prosseguir os estudos, optou por ir para o Ensino Superior. O curso começou a suscitar-lhe interesse porque tinha membros da família no ramo das engenharias. Optou por seguir Engenharia Civil na Covilhã, na Universidade da Beira Interior.

Luana: “A minha mãe é engenheira civil, sempre foi professora de matemática. O meu avô sempre esteve ligado à construção das barragens da EDP, também esteve sempre ligado à construção. A mim começou a suscitar-me mais interesse. (...) Então acabou por ir um bocado por aí, a curiosidade e gostava de ver e perceber. Acabei por escolher nesse sentido, o curso.”

Inicialmente, quando chegou à Universidade e à nova cidade, a jovem sentiu dificuldades de adaptação. Sentiu muita diferença da sua cultura em relação aos seus colegas. Gradualmente, os sentimentos negativos em relação a esta fase foram desaparecendo e sentia-se realizada com a escolha do curso. Apesar de não ser uma jovem que se envolvesse na vida académica, participou em algumas atividades.

Luana: “Foi um bocado diferente porque apesar de ser tão perto já notei a diferença da cultura das pessoas porque somos muito diferentes. Era a diferença da cultura, a maneira das pessoas viverem. Não sei dizer assim nada em particular, mas notava-se a diferença ainda que isso não fosse um entrave, sentia que estava a quilómetros de distância de casa.”

A jovem confessa que sempre que podia, ia a casa. Apesar de ter o seu grupo da faculdade, a transição para a universidade foi uma adaptação difícil e, por isso mesmo, refugiava-se com a sua família e amigos da sua região em Portalegre.

Luana: “Todos os fins-de-semana vinha a casa, não falhei um. Sentia esta necessidade de voltar a casa porque não gostava de lá estar.”

Como o curso na Covilhã não tinha mestrado integrado, a Luana optou por ingressar numa especialização, que tinha Lisboa como única opção: reabilitação de edifícios.

Luana: “Eu estava na licenciatura e fui para mestrado integrado, e quando fui para o último ano do mestrado fui para Lisboa porque queria reabilitação de edifícios e só havia em Lisboa.”

Quando terminou o mestrado, decidiu regressar. Tinha consciência das dificuldades que advém da sua região. Não tinha tanta oferta cultural e, geograficamente, estava em desvantagem quando comparada às grandes cidades como Lisboa, onde tinha feito o mestrado. No entanto, optou por regressar até mesmo antes de ter uma oferta de emprego.

Luana: “A mim fazia-me sentido voltar porque eu sou daqui e como gosto de ser daqui e apesar de reclamar porque aqui não há muita vida, por assim dizer, eu queria voltar para casa. Pessoas como eu ao voltarem, são pessoas que gostam.”

Depois de ter regressado, recebeu uma proposta para fazer um estágio e entrar na ordem dos engenheiros. Quando concluiu o estágio, conseguiu arranjar emprego e, desta forma, nunca mais saiu da sua região, Portalegre, estando a trabalhar na sua área.

Luana: “Eu trabalho numa construtora. Ou seja, trabalho com obras públicas, são obras monetariamente de municípios e no fundo eu acabo por trabalhar para a comunidade. Como são obras do município estou a construir para aqui. A política da minha empresa é trabalhar apenas com obras daqui da região, do município. A empresa chama-se AGROCINCO, em Elvas.”

LEONOR

A **Leonor** na tomada de decisão de ingressar no Ensino Superior escolheu uma região próxima da sua, de forma a manter o contacto com a sua família. Foi estudar para a Covilhã no curso de ciências farmacêuticas na Universidade da Beira Interior.

Leonor: “Quando foi para ir para a Universidade, era para ir para Lisboa, mas fui para a Covilhã, preferi continuar num meio mais interior a estar a ir para uma grande cidade. Gosto de cidades mais pequenas, mais calmas, com melhor qualidade de vida.”

A jovem Leonor afirmou que quando chegou à Covilhã sentiu um choque em relação ao curso. Diz que sentiu muita pressão porque era muito exigente e estava a ter disciplinas como química, física e matemática que, para si, eram bastante complicadas. À medida que o ano foi avançando começou a sentir-se mais confortável com o curso e com a cidade. Diz que teve oportunidade de conhecer outras pessoas com quem saía, dando-lhe uma perspetiva positiva relativamente ao espírito académico de Covilhã.

Leonor: “O primeiro ano foi complicado, foi aquele choque. (...) Depois a partir do segundo ano começou a encarrilar e começou a correr melhor. (...) Na faculdade ainda estive na praxe.”

Durante o tempo em que estudou no Ensino Superior, sempre que tinha oportunidade voltava a casa. Confessa que era a necessidade de estar com a sua família e amigos e, também, precisava de vir buscar coisas para a semana em que estava na Covilhã, a comida como exemplo.

Leonor: “Todos os fins-de-semana vinha a casa. Era uma necessidade de vir buscar comida. Também porque na Covilhã ficava muito parado e eu gostava de estar com a minha família e amigos e sair à noite com os meus amigos. Mas pela necessidade de também vir a casa buscar coisas e levar para a semana.”

Quando terminou o curso com mestrado integrado, cinco anos depois, decidiu regressar à sua região de origem. Teve o seu primeiro estágio em Portalegre, numa farmácia comunitária, durante cinco meses. A decisão de voltar foi ditada pela proximidade que tinha com a irmã e com a sua casa. Ademais, a jovem tinha expectativas de continuar em Portalegre se fizesse aqui o seu estágio.

Leonor: “Na Covilhã havia muita gente e ir para outro lado do país não fazia sentido e em Portalegre estava em casa, tinha a minha irmã a trabalhar numa farmácia e o dono é amigo do meu pai e se calhar por facilitismo que ia ter, acabei por voltar e fazer o estágio aqui. Até porque aqui podia ter uma possibilidade de continuar.”

Quando terminou o estágio, a Leonor foi contratada pela farmácia, onde trabalha até aos dias de hoje.

Leonor: “Nem estava a pensar que me iriam chamar porque, na altura, o meu patrão tinha duas farmácias e como tinha as equipas todas preenchidas pensei que não me iria chamar. (...) Fui ficando e agora ainda estou a trabalhar.”

LUZ

A **Luz** concorreu a uma Universidade numa área que lhe era muito próxima. Acabou por entrar em Bragança, saindo do seu contexto em Bemposta uma vez que era vontade dos seus pais que a mesma continuasse os seus estudos no Ensino Superior para poder ter melhores oportunidades na vida. Assim sendo, a jovem tirou o curso de serviço social pois tinha imensa vontade de ajudar os outros.

Luz: “Saí do meu contexto, Bemposta. Era algo que nós queríamos, seguir os estudos e era algo que os pais também queriam.”

Quando chegou ao Ensino Superior diz que sentiu um grande impacto porque era caloiria e estava longe dos seus pais e teve de se tornar uma jovem mais autónoma e

organizada. Durante os cinco anos em que estudou, não se envolveu na vida académica, apenas se focava nos estudos.

Luz: “Quando cheguei ao Ensino Superior, o primeiro ano, é sempre aquele impacto, somos caloiros, saís de casa da mãe, dos papás, tens de começar a tornar-te um bocadinho mais autónoma, a nível de organizar a comida, quando chegava a casa tinha de a fazer senão não comida, tinha de ter outro tipo de responsabilidades.”

No entanto, a Luz sempre se preocupou em vir a casa todos os fins-de-semana, porque confessa que tinha saudades dos seus pais. Quando não vinha a casa, era para ficar a estudar na época de exames, senão, voltava porque sentia necessidade de estar com a família e amigos.

Luz: “Continuei a manter uma relação com a minha família, vinha a casa todos os fins-de-semana. Sentia necessidade de vir a casa e mantive a ligação porque necessitava do colinho da mãe, tinha saudade dos meus pais.”

No momento de regressar, quando terminou o curso, chegou a mandar currículos para a cidade porque considerava que iria ter mais facilidade em arranjar trabalho e perspetivar um futuro melhor, no entanto, não conseguiu e sente-se feliz por ter regressado a Bemposta.

Luz: “Eu já tinha ideia de voltar porque em Bragança não havia nada também, então terminei o curso em julho de 2007 e vim para casa e, em novembro no mesmo ano, surgiu uma oportunidade para trabalhar.”

Começou a trabalhar num lar de idosos e, no início, manteve um conflito interior porque estava descontente quando comparava as oportunidades que a sua região oferecia em relação à cidade. No entanto, foi ficando e agora é diretora do lar e trabalha há cerca de quinze anos nesta instituição.

Luz: “Eu profissionalmente trabalho num lar. Sou diretora de num lar de idosos, apenas e já me chega.”

Com a pandemia começou a desenvolver a sua própria marca de cremes e batons de cieiro com produtos naturais. Diz gostar de trabalhos manuais e começou a fazer formações e a ver vídeos e hoje tem uma marca própria que se chama: ‘meu ser’.

Luz: “No ano passado criei a minha própria marca, eu faço cremes e batons de cieiro de produtos naturais, ou seja, tudo natural. Esta ideia surgiu em tempo de pandemia quando estávamos em casa. Eu também gosto de trabalhos manuais, da arte e depois surgiu, nem sei explicar como, foi na internet. Comecei a ver vídeos e achei interessante. Fiz um curso, fiz formações e agora já faço cremes. O meu creme chama-se ‘meu ser’.”

LILIANA

A **Liliana** sempre estudou música e no momento de escolher para onde ia estudar no Ensino Superior, escolheu Castelo Branco, porque explica que na música, os alunos vão atrás dos professores, o importante não é a escola. Ela toca o instrumento Obué*²⁷. A escolha do curso sempre foi uma paixão sua.

Liliana: “Na música nós escolhemos os professores não é escola, ou seja, eu fui para Castelo Branco porque o meu professor que leciona o meu instrumento que é o Obué, é uma pessoa que eu admiro e nós vamos em busca dos nossos professores. Eu posso gostar muito da escola de Aveiro, mas se o professor do meu instrumento que está lá, não vai completar aquilo que eu preciso, vou para outra escola. Nunca é muito em busca da escola, mas sim dos professores daí eu ter ido parar a Castelo Branco.”*

Quando fala da sua experiência em Castelo Branco fá-lo com desilusão. Diz que não gostava de estar lá pois não havia proximidade com a natureza, como o monte e o mar.

Liliana: “Quanto à minha experiência, para mim esta parte é mais fácil, eu odiava estar lá, não havia mar nem havia monte. Adorava vir cá a Viana. Tenho muito orgulho na minha terra e sentia a necessidade da natureza, estava completamente perdida. Era realmente muito ligada a Viana, a minha região. Não gostei da experiência desde o início.”

Por isso, sempre manteve ligação com a sua região, Viana do Castelo. Vinha a casa sempre que podia para estar com a família e gostava de assistir aos desportos náuticos. Diz que em Castelo Branco nada acontecia e isso dificultava a sua integração na cidade. Tinha dificuldade em vir todos os fins-de-semana a casa por causa da distância. Diz que a viagem durava cerca de 6h e não conseguia dormir ou estudar durante a viagem, por isso mesmo, apenas conseguia ir a casa de quinze em quinze dias. Além disso, com o passar do tempo a Liliana ingressou na Orquestra Jovens de Castelo Branco e como tinha ensaios e concertos nem sempre podia vir a casa.

Liliana: “E depois é assim, como não gostava, eu tentava vir a casa todos os fins-de-semana. Agora eu digo-te que de Viana a Castelo Branco são 6 horas de autocarro, é muito tempo e para a minha sanidade mental não deu para continuar a fazer isso. Eu cheguei a metade do primeiro ano e tive que desistir e, por isso, comecei a ir de 15 em 15 dias. Eu não conseguia ler ou jogar porque ficava enjoada então, se eu não conseguia dormir era horrível a viagem, ficava 6 horas acordada sem nada para fazer, era péssimo e era muito cansativo.”

²⁷ Obué é um instrumento musical de sopro e que é considerado um dos instrumentos de sopro de técnica mais difícil

Na fase em que surge o covid-19, a Liliana teve de regressar a casa. Diz que não foi fácil, uma vez que, o seu curso é muito prático e a jovem começou a ter aulas online. Diz que não fazia sentido estar a pagar alojamento em Castelo Branco e, por isso, ficou de vez em Viana do Castelo. Quando foi para escolher o estágio, estagiou em Esposende, na escola de música, voltando assim para o Norte e deixando de vez Castelo Branco.

Liliana: “Eu regressei e o regresso não foi fácil. Foi por causa da pandemia e como o meu curso é muito prático foi difícil. Tenho as aulas online e, por isso, não fazia sentido eu estar a pagar casa em Castelo Branco e devido a isso decidi ficar cá em Viana, na casa dos meus pais.”

Quando terminou o mestrado, arranhou trabalho em Viana do Castelo. É professora de música numa escola e integra um projeto denominado Orquestra do Alto Minho, que está no seu início. Tem como objetivo apoiar os/as jovens evitando que tenham de sair para estudar / trabalhar em música.

Liliana: “Eu também faço parte de um projeto que ainda está no início que é a orquestra do Alto Minho. A orquestra tem como objetivo fazer músicos não só do Alto Minho, mas sim os músicos portugueses. Evitar que os mesmos saiam do país para o estrangeiro à procura de empregos e de novos postos de trabalho. O objetivo da orquestra passa pela integração dos alunos para que estes acabem de estudar e não terem de ir procurar lá fora oportunidades de trabalho. No entanto, esta Orquestra ainda está no início, mas dá essa oportunidade aos nossos estudantes no distrito de Viana do Castelo.”

SARA

A **Sara**, por aconselhamento dos pais, que consideravam a educação fundamental, decidiu ingressar no Ensino Superior. Assim, quando concluiu o CET*²⁸, foi para a faculdade. Teve ajuda de pessoas ligadas à área que lhe interessava, construção civil, que a aconselharam a ir estudar para o ISEP²⁹ no Porto, porque acreditavam que um curso no ISEP lhe traria melhores oportunidades e futuras vantagens competitivas no mercado de trabalho.

Sara: “Como as coisas foram correndo bem, eu decidi que queria ir para a faculdade. Os meus pais sempre disseram que era fundamental, tanto a mim e à minha irmã, a educação, a formação nas mais variadas vertentes. Fui para a faculdade. Terminado o CET fui para a faculdade.”

Diz que a sua experiência no ISEP foi agrídoce. Os primeiros tempos foram difíceis porque a área da engenharia civil estava a passar por uma crise em Portugal. Diz, ainda, que foi

²⁸ CET – Curso de Especialização Tecnológica

²⁹ Instituto Superior de Engenharia do Porto

sempre muito ligada à família e, no Porto, sentia-se sozinha. Tentou entrar na praxe, mas como era a única rapariga, diz que a sua integração foi difícil. Encontrou formas de se sentir mais integrada na faculdade e procurou modalidades que facilitassem essa proximidade com jovens com quem sentia mais afinidades, entrando, assim, na tuna e no andebol.

Sara: “Foi uma experiência agridoce. Fui para o ISEP no Porto. Os primeiros tempos foram extremamente duros. (...) Depois eu tentei a praxe. Eu terminei a praxe, mas foi extremamente dura porque era a única mulher (...) Sair daqui e ir para o Porto foi um choque brutal. Fui para o andebol e para a tuna. Na faculdade arranjei métodos para me tentar integrar noutras coisas. Como os meus amigos eram rapazes, eu mais tarde, com o andebol e com a tuna, fiz amigas mulheres.”

Durante o tempo em que estudava no Ensino Superior a jovem vinha todos os fins-de-semana a casa, exceto quando tinha exames. Apesar de estar envolvida em muitas atividades no Porto, a Sara trabalhava aos fins-de-semana na Zara em Viana do Castelo, o que a obrigava a vir a casa com bastante regularidade. Estar com a sua família e amigos em casa era uma prioridade na sua vida.

Sara: “Eu vinha todos os fins-de-semana, era raro, só numa época de exames, é que eu não voltava.”

Quando terminou o curso, voltou para Viana do Castelo porque, confessa, é muito ansiosa, e a confusão da cidade do Porto fazia-a sentir-se pior. Diz ter obtido logo emprego na sua área, num gabinete de arquitetura e engenharia.

Sara: “Eu já sou uma pessoa de muita energia e atividade e até podia querer uma cidade para morar que também fosse assim, mas deixava-me ainda mais ansiosa e nervosa. Eu precisava de vir para Viana, Vila de Punhe, porque realmente era a minha casa, a minha paz, a minha família, os meus amigos e acho que nós temos extremamente boas condições. O concelho é bonito. Eu sentia-me bem e feliz aqui.”

Atualmente, trabalha noutra empresa e estar mais ligada à construção fá-la sentir-se realizada porque sempre quis ter oportunidades de viver novas experiências e de não se acomodar.

Sara: “E aí surge a empresa que estou atualmente. Já estou vai fazer 3 anos em março.”

JOVENS COM PERCURSOS YÔ-YÔ: CRISTINA E PATRÍCIA

CRISTINA

A **Cristina**, não teve uma entrada fácil no ensino superior. Tirou um curso profissional do secundário e terminou com uma média bastante alta, 19 valores. Nunca aceitou ficar a trabalhar porque sempre quis entrar na faculdade. Queria tentar, mas sem os seus pais saberem. Contudo, como precisava de dinheiro para se inscrever teve que contar aos pais que se queria inscrever no Ensino Superior.

Cristina: “Aconteceu que terminei com uma média bastante alta com 19 e estava completamente apaixonada pela área pela arquitetura e pelo design do produto, gostava mesmo. Eu tinha vários designers e eu estava apaixonada por isto. Nos estágios que eu tive fui convidada a ficar, mas eu não aceitei e não sei porquê, mas sem os meus pais saberem, os meus pais estavam a contar que eu não entrasse no ensino superior, e eu só contei que me ia inscrever porque precisava de dinheiro para me inscrever no exame e então pronto tive que contar.”

Apesar de ter terminado com uma média alta, esta não contava como requisito para entrar na faculdade. Assim, apesar dos seus receios, a Cristina teve que realizar um exame, para conseguir candidatar-se. A prova de ingresso que usou foi a disciplina de história e cultura de arte, onde terminou com 14 valores. Como a média não chegava para entrar no curso que queria, design, candidatou-se a educação artística em Portalegre.

Cristina: “Eu queria me inscrever no ensino superior e o que me aconteceu foi mesmo um azar muito grande porque eu vim de um curso profissional e na minha altura, apesar de a minha média ser muito alta não contava absolutamente nada para entrar no ensino superior. Então, eu tive que fazer o exame, eu também estava com medo de me candidatar por causa dos exames e tinha medo de não conseguir.”

Um mês depois de estar em Portalegre, recebeu uma chamada a dizer que tinha vaga na faculdade de Guarda no curso de design. A Cristina ficou indecisa sobre se iria ou ficava onde estava.

Cristina: “Portalegre, tive lá um mês, entretanto recebi uma chamada do meu pai a dizer que houve muitas desistências na Guarda e se eu queria ir para o curso que tinha sido a minha primeira escolha. Eu fiquei tipo naquela e agora? Eu quero ir ou quero ficar aqui e experimentar estas artes todas? Isto porquê educação artística é algo muito mais abrangente. E eu pensei, faço 3 anos de educação artística e depois se e realmente quiser, vou fazer outro curso.”

A jovem acabou por ficar em Portalegre a estudar durante os três anos do curso. Diz ter sido uma experiência incrível e não se arrepende da sua decisão.

Cristina: “Foi uma experiência muito gira foi mesmo muito bom para mim ter entrado e ter continuado e ter decidido ficar neste curso. (...) Acabei com uma média bastante alta, fiz facilmente em 3 anos este curso. Ia sempre a rir-me para a escola porque gostava realmente, aquilo era fantástico, era brutal.”

No tempo em que estive a estudar, senti muita dificuldade em vir a casa porque a distância entre as regiões obrigava a uma viagem de cerca de 4h e, por isso, só vinha a casa de duas em duas semanas. Não obstante, isso não contribuiu para que ela se desligasse das suas raízes e cortasse a ligação com a região.

Não sentia aquela necessidade constante de vir a casa porque se sentia feliz, mas procurou manter-se próxima da sua família e amigos, durante estes três anos.

Cristina: “Era bastante complicado porque de Viana a Portalegre eram viagens de 4h e então eu só vinha de duas em duas semanas. Imagina eu quando era jovem eu sentia-me ligada à comunidade e não me via a sair daqui, no entanto por motivos de querer seguir artes tive de procurar um sítio que me desse essa oportunidade e quando estive a estudar em Portalegre não sentia a necessidade de vir a casa porque estava realmente feliz lá, mas claro que tinha saudades dos meus amigos e da minha família.”

A Cristina tirou o mestrado em Viana do Castelo, mas recebeu uma proposta de emprego em Esposende, o que tornava a situação algo complicada devido à dificuldade de conciliar as duas coisas devido à distância entre as localidades.

Cristina: “Tive duas semanas sem trabalhar e entregar currículos, mas fui logo contratada, mas a minha empresa era em Esposende e o meu mestrado em Viana. (...) Trabalhei 5 anos em Esposende (...)”.

Depois de ter regressado a Viana do Castelo, decisão que sempre quis tomar, está a trabalhar na sua área, mas de momento encontra-se em licença de maternidade. O motivo do seu regresso sempre foi a proximidade com a sua família e amigos.

Cristina: “Agora voltei e estou contente com a minha decisão porque era a ideia desde o início, depois de terminar a licenciatura queria voltar para casa para a minha terrinha, onde estava muito feliz. Quando saímos é quando sentimos que a nossa casa é a nossa casa e tinha muitas saudades. Agora vivo cá.”

PATRÍCIA

A **Patrícia**, na fase de escolher o curso que iria tirar no Ensino Superior, estava bastante indecisa e a ajuda do pai foi crucial nesta tomada de decisão. Sabia que queria seguir saúde, mas a panóplia de ofertas era enorme e estava confusa com a escolha. A opção pelo curso de enfermagem não era opção para a Patrícia e, por isso mesmo, não podia permanecer

na sua região, Portalegre. Como tal, por aconselhamento do pai, escolheu o Politécnico Lusófona, em Lisboa. A jovem entrou, então na ERISA e escolheu tirar farmácia.

Patrícia: Eu não senti pressão, mas fui bastante aconselhada principalmente pelo meu pai porque na altura, os cursos que eu queria, primeiro eu queria vários cursos. Eu acho que aos 18/19 anos nós somos muito maus a decidir o que queremos para ser no futuro. Então eu queria coisas que não tinham muita saída e eu acho que o meu pai me orientou, de uma certa forma.”

A Patrícia sempre teve muita facilidade em fazer amizades e, quando entrou no Ensino Superior, num contexto completamente diferenciado da sua região de origem, sentiu-se nervosa e com medo pela dificuldade dos transportes. Para resolver essa situação ficou a viver próxima da faculdade. Além disso, o facto de estar numa grande cidade e não conhecer ninguém, deixava-a inquieta porque sentia dificuldade em chegar às pessoas, mas com o tempo estas dificuldades foram sendo ultrapassadas.

Patrícia: “Não conheço ninguém e depois eu tinha noção que o ambiente era diferente daqui e lá ninguém falava uns com os outros, ao início, e então o primeiro medo foi esse. Mas depois eu também sou uma pessoa que faz amizades com muita facilidade. A minha mãe diz que eu faço um amigo em todo o lado.”

Em relação ao curso, confessa que não teve muitas dificuldades de adaptação. O método de estudo e ensino deixou-a bastante confortável, dando-lhe oportunidade de ter boas notas e de ser bem-sucedida, no entanto, confessa que gostava mais das aulas práticas, inclusive o estágio, do que das aulas teóricas. Deixou duas cadeiras por fazer tendo de ficar mais um ano na faculdade para concluir o curso.

Patrícia: “O método de estudo e o método de ensino acho que foi tudo diferente então consegui ter logo boas notas a matemática e isso começou a motivar e depois fui fazendo. Gostava bastante mais das aulas práticas, do estágio, do que da parte teórica, tanto que as disciplinas que fui deixando para trás, levei duas cadeiras até ao fim do curso, era teórico. As práticas fiz logo tudo.”

Sempre se envolveu na vida académica, na praxe e ainda chegou a experimentar a tuna, mas acabou por desistir porque não conseguia conciliar os estudos com todas as atividades em que estava envolvida.

Patrícia: “Praxe. Eu adorava as praxes. E tentei e entrei na tuna, mas depois tive pouquíssimo tempo porque foi logo no primeiro ano e depois pensei, eu entrei na tuna assim é que eu não consigo fazer nada.”

A Patrícia diz que se manteve em contacto com a sua família, todos os dias, em que esteve a estudar em Lisboa. Devido à distância, esporadicamente, conseguia vir a casa,

pois tinha essa necessidade porque em Lisboa havia muita confusão em comparação com Portalegre.

Patrícia: “A comunicação era todos os dias, eu falava todos os dias com os meus pais, à hora do jantar.”

Para concluir o curso, a Patrícia teve que realizar três estágios em Lisboa. Estava a terminar o curso e recebeu uma proposta de trabalho numa farmácia em Madorna. A jovem estava a ficar saturada da vida numa cidade tão agitada e decidiu regressar a casa. O principal motivo foi o ambiente mais tranquilo e a vontade de manter a proximidade com a família. Tinha a vantagem adicional de não ter que se levantar muito cedo para ir trabalhar.

Patrícia: “Fiz esses três estágios. O primeiro fiz no primeiro semestre depois os outros dois fiz em mais um semestre. Era na mesma obrigatório, somos obrigados a fazer estágio na comunitária e hospitalar.”

Quando regressou, 10 anos depois de ter saído, começou a trabalhar numa farmácia comunitária com o sonho de trabalhar numa farmácia hospitalar. Estava há pouco tempo a trabalhar quando uma amiga lhe propôs voltar para Lisboa e trabalhar numa farmácia hospitalar. Hesitou na decisão, mas acabou por voltar a sair de Portalegre para ir para Lisboa seguir o seu sonho e trabalhou no Curry Cabral. Com o tempo, a jovem Patrícia percebeu que na vida, o mais importante não é o trabalho, mas a família e o seu bem-estar pessoal e, por isso, voltou a tomar a decisão de que tinha de voltar para a sua região. Atualmente está em Portalegre há quase 1 ano a trabalhar numa farmácia comunitária.

Patrícia: “Para mim a primeira opção é família e bem-estar pessoal e só depois o bem-estar profissional. Eu adorava e adoro hospitalar e adoro tudo em hospitalar, mas depois porque apanhei uma época de covid as folgas não eram quase nenhuma, tínhamos de andar sempre a trocar horários e não conseguia vir tanto cá. Depois por causa do covid estive 3 meses sem vir aqui e eu estava a chorar todos os dias, eu não conseguia. Depois pensei, eu não quero estar aqui outra vez a pagar uma renda de casa, a levantar-me mais cedo. Eu estava a trabalhar naquilo que gostava, mas não compensava em nada eu estar lá. Eu pensei, vou voltar para casa. Voltei em junho do não passado. Não vou embora.”

JOVENS COM PERCURSOS DE EXPLORAÇÃO: MARIANA, LAURA, CÁTIA, LETÍCIA, CATARINA, FILIPA, JOÃO E TOMÁS

MARIANA

A jovem **Mariana** sempre foi uma apaixonada pela música e sempre esteve envolvida com a banda local. No momento da decisão, não hesitou em seguir para o Ensino Superior. No processo de escolha seguiu a opinião do seu professor de fagote e, por isso, entrou na Escola Superior de Música e Artes de Espetáculo no Porto.

Mariana: “Eu achava que o que o meu professor dizia estava certo, então se ele dizia vais para o Porto, eu ia para o Porto. E fui.”

Quando chegou à cidade do Porto arrependeu-se de imediato da sua decisão. Sentia-se sozinha e, a relação próxima que tinha no secundário com o seu professor mudou completamente. Não estava a gostar do curso e a sua relação com o instrumento musical que tocava, o fagote, também foi perdendo o encanto. Estava desmotivada e só pensava vir embora. Sentia-se muito mal psicologicamente.

No entanto, com o passar do tempo, a jovem começou a adaptar-se e a fazer amizades, e nos últimos dois anos de curso sentia-se mais feliz e realizada, no entanto, a relação com o fagote nunca mais foi a mesma.

Mariana: “setembro a janeiro foi horrível. Senti muita diferença. Foi a relação de namoro, acabou, ele estava em Lisboa e eu no Porto, nada me foi ajudar. Levei uma chapada de luva branca. O meu professor era o mesmo, mas não era. Era uma pessoa completamente diferente na universidade. Tratava-nos de maneira diferente, era um bocado desenrasquem-se. Já não estava lá para nós, quando precisávamos.”

Sempre manteve a relação com a casa. Vinha todos os fins-de-semana a Viana do Castelo. Estava a tirar a carta de condução, o que era um bom pretexto para vir a casa e estar com a sua família e amigos.

Mariana: “Eu estava a tirar a carta ao mesmo tempo, arranjava sempre maneira de pôr as aulas da carta a meio da semana para eu vir embora mais cedo e passar o fim-de-semana a casa.”

Como não estava satisfeita com o seu instrumento musical e a sua relação com o professor não era a melhor, a jovem decidiu fazer Erasmus para a Suíça. Como queria fazer Erasmus na licenciatura e não no mestrado, reprovou um ano para conseguir resolver esta

situação. Entrou então na Universidade em Lausanne, na Suíça. A escolha deveu-se à vontade de ter aulas com um professor fagotista de renome.

Mariana: “Fiquei a conhecer imensos fagotistas em Portugal, eles vinham mesmo cá para nos dar aulas. Era uma oportunidade muito boa. Conheci vários, mas um chamou-me mais atenção que foi o Carmo Culone, na altura dava aulas na França e Lousã, na Suíça.”

Apesar de toda a burocracia para poder estudar na Suíça, a jovem diz que foi a melhor experiência da sua vida. No entanto, surgiu a pandemia. Como as aulas começaram a ser online, não fazia sentido a jovem estar na Suíça fechada em casa e, por isso, voltou para Portugal para casa dos seus pais, em Viana do Castelo. Terminou o curso em Portugal com o professor. Foi uma experiência terrível, chegando a ter consequências para a sua saúde. Na altura de escolher o mestrado, acabei por voltar para a Suíça. O professor que a jovem tinha na Suíça sempre foi muito compreensivo com ela, e ao perceber que a relação que a mesma tinha com o fagote não a fazia feliz, aconselhou-a a mudar e a fazer o que realmente a apaixonava e fazia sentir realizada. Assim, a Mariana acabou o mestrado e ainda teve uma experiência de ensino com o fagote, mas não gostava então, desistiu e voltou para Portugal.

Mariana: “Foi uma experiência incrível. Eu aconselho a fazerem ERASMUS. Foi a melhor escolha que fiz na vida, ter feito ERASMUS (...) Entrar na Suíça é chato, é muita papelada. Eu acho que tive muita sorte por isso, eu acho que se tivesse ido sozinha, sem ninguém e sem saber a língua, acho que não ia dar resultado. Eu cheguei em fevereiro de 2019 e infelizmente apanhei um ano onde apanhei o COVID.”

Quando chegou a Portugal, deixou o fagote e procurou outro curso que envolvesse a música: musicoterapia. Começou a trabalhar enquanto professora de educação musical nas escolas primárias.

Mariana: “Cheguei a Portugal. Sabia que não queria o fagote, mas queria música. Então comecei a pesquisar e veio a ideia de musicoterapia.”

Atualmente, a jovem pretende ingressar neste curso em Barcelona, tendo já conhecimento de que foi aceite no curso. De momento, continua na região de Viana do Castelo, na banda local e a trabalhar na sua área enquanto professora.

Mariana: “Entretanto, fui de férias para Barcelona e fui ver uma escola onde tem o curso de musicoterapia e fiquei com imensa vontade de estudar lá. Já recebi a notícia a dizer que entrei. Estou a preparar-me para o curso.”

LAURA

A **Laura** participou no teatro experimental Flaviense, o que a levou a querer seguir o curso de teatro. No entanto, a mãe aconselhou-a a seguir uma área que lhe desse mais segurança no futuro e, por isso, a jovem acabou por ir para o curso de ciências da comunicação no Porto.

Laura: “Quando foi na altura de escolher o curso, eu queria seguir teatro, mas a minha mãe achava que era um curso com pouca saída então, de certa forma, foi-me dando a conhecer as potencialidades de eu seguir por exemplo comunicação ou jornalismo porque ela dizia que podia ser uma jornalista e estar ligada ao universo da televisão e que podia fazer teatro.”

Quando chegou à faculdade, sentiu muitas dificuldades de adaptação e ao fim de duas semanas já queria desistir. Inicialmente, morava numa casa com péssimas condições: não tinha água e havia muita sujidade. Este choque inicial abalou muito a sua entrada no Ensino Superior. Ao fim do primeiro mês começou a ver as coisas de outra forma e as amizades ajudaram-na a superar as dificuldades que sentia desde o início do ano

Laura: “Eu ao fim de duas semanas já queria trocar de curso, vir para mais perto, desistir da universidade, a adaptação foi muito má, mas, o que é certo, é que depois acabei por ficar por lá.”

A jovem Laura vinha todos os fins-de-semana a Chaves para estar com a sua família.

Laura: “Durante a minha licenciatura, nos três anos, devo ter ficado no Porto três ou quatro fins-de-semana, de resto vinha domingo à noite para aqui e voltava sexta à tarde a casa. Tinha bons horários e conseguia vir logo depois do almoço e passava os fins-de-semana em Chaves.”

No último ano do curso, a Laura fez um estágio na rádio Renascença. Quando concluiu o estágio foi fazer o mestrado em cinema, na Covilhã. No período em que estava a estudar, aos fins-de-semana, a jovem continuava a vir a casa porque trabalhava num supermercado e era uma forma de ajudar os pais nas despesas. Na fase de adaptação, na Covilhã, sentiu muita mais facilidade em fazer amigos e a integrar-se na turma. Diz que havia muitas semelhanças com a sua região de origem, o que contribuiu para se sentir mais integrada.

Laura: “Fui trabalhar para onde trabalhava em jovem e depois em setembro entrei no mestrado na Covilhã. Estava também a trabalhar em Chaves, dava para conciliar.”

Quando terminou o mestrado, voltou para Chaves, para casa dos pais, no entanto, continuou a enviar currículos para o Porto, Braga e Guimarães porque achava que teria mais oportunidades fora da sua região. Chegou a ir a entrevistas de emprego. Nesta fase inicial, voltou a sair porque surgiu uma oportunidade de emprego na cidade, como assessora da direção num centro de investigação, estando três anos fora.

Laura: “Eu estive fora durante 3 anos, e voltei, ou seja, estava em Chaves e colaborava com a Indieror, mas, em 2019, tive uma proposta de trabalho aqui na cidade e fui trabalhar como assessora da direção num centro de investigação.”

Recentemente, voltou e está a trabalhar numa instituição chamada INDIEROR. Surgiu a oportunidade de oficializar um projeto em que esteve envolvida desde o secundário e tomou a decisão de ficar e trabalhar. Foi um risco que a jovem correu, mas acabou por correr bem contribuindo para que, agora, se sentisse realizada.

Laura: “A minha mãe, sendo eu filha única, acho que está felicíssima, estive três anos a trabalhar, estava com contrato sem termo a receber muito mais do que agora, mas o que é certo eu só me sentia bem na Indieror, acabei por me despedir e acabar por vir para aqui e foi um choque no início para a minha mãe, mas ela rapidamente percebeu que a minha missão é esta.”

CÁTIA

Na fase inicial, a **Cátia** não sabia que curso escolher, sabia apenas que queria sair de Viseu para abrir os horizontes. Acabou por ingressar em Aveiro em engenharia informática, onde esteve o primeiro ano de universidade.

Cátia: “O primeiro ano de universidade em Aveiro estive em engenharia informática.”

No fim do primeiro ano, a jovem percebeu que o curso não a satisfazia e decidiu mudar para Lisboa para o curso de gestão. Como estava indecisa quanto ao curso que pretendia, optou por um curso mais abrangente que lhe proporcionasse várias escolhas no futuro.

Cátia: “Depois percebi que gosto de usar tecnologia, mas programar não. Ajudou-me a perceber que estar sentada 8h por dia em frente a um computador não era para mim, então, fui para gestão e fui para Lisboa.”

A fase de integração não foi a esperada, pois sentiu muita dificuldade de adaptação porque as pessoas lhe pareciam mais distantes quando comparadas à sua região. Confessa que

a decisão de ir para Lisboa não era a que queria. O facto de ter consigo alguns amigos de Nelas, permitiu que fosse mais fácil esta transição. No entanto, a vontade de ir a casa foi-se intensificando cada vez mais. Foi quando ingressou no Ensino Superior que conseguiu refletir na grande ligação que tinha com a sua região Nelas. Com o passar do tempo, a jovem acabou por fazer amizades, o que lhe facilitou o processo de integração.

Cátia: “Depois, quando fui para Lisboa, aí é que foi o grande choque, mesmo a nível social. Notei realmente a diferença, as pessoas mais frias e afastadas. Não havia tanto esta proximidade que estava habituada.”

Vinha a casa de 15 em 15 dias por causa da distância e o custo dos transportes. Por vezes, tentava ir de carro com alguns colegas que viviam na sua região. Um outro motivo para ir a casa, além da família e amigos, era o facto de estar envolvida numa associação de animais em risco, no qual se manteve como voluntária durante o período em que estava na Universidade.

Cátia: “Sou voluntária numa associação de animais em risco, recolha de animais, a manutenção do canil e a recolha alimentar durante o período em que estava na Universidade.”

No final do curso, surgiu uma oportunidade de a jovem estagiar na sua área numa empresa em Lisboa. Acabou por gostar dos 4 anos em que viveu na cidade porque foi criando relações de amizade. Começou, então, a ver as oportunidades que tinha em comparação com Nelas e começou a questionar-se se realmente queria voltar para a sua região. No final do estágio, ficou a trabalhar na empresa cerca de 1 ano. Como estava a ficar saturada da rotina e gostava de ter uma experiência internacional, foi trabalhar para a Roménia através de uma associação.

Cátia: “Estar em Lisboa tinha as ofertas que sempre quis ter na adolescência. (...) Através de uma associação, comecei à procura de experiências profissionais no estrangeiro e acabei por arranjar trabalho na Roménia, Bucareste em 2019.”

No tempo em que esteve na Roménia, continuou a trabalhar na sua área, em gestão e lá se manteve durante cerca de onze meses até que surgiu o problema da pandemia, fazendo com que ficasse confinada à sua casa durante cerca de dois meses. Este tempo em que esteve fechada fez-lhe ver que tinha imigrado para aproveitar o que a cidade e o trabalho lhe davam e, ficar em casa, estava a desmotivá-la.

Cátia: “Tive dois meses em casa, na Roménia, fechada naqueles primeiros meses que ninguém saía, só mesmo para ir às compras. Aí comecei a pensar na minha vida, eu vim para o estrangeiro e não foi para ficar em casa.”

As restrições derivadas da pandemia, ter que estar fechada num escritório durante oito horas e, ainda, a preocupação com a família devido ao Covid 19 começaram a desmotivá-la. Decidiu então, voltar para Portugal, para Nelas, sua terra natal.

Cátia: “Antes disso, também comecei a ter ideias de querer voltar, não estava a gostar do trabalho. Veio o covid e deu-me mais vontade de regressar.”

Regressou a Nelas sem planos. Concluiu que o sentimento de proximidade e a relação com as pessoas eram demasiado importantes para serem ignorados. Sentia que, nas grandes cidades, isso não constituía propriamente, uma prioridade.

Cátia: “Quando fui para Nelas, regressei completamente sem planos, tinha algumas ideias do que queria fazer, mas também, por causa da pandemia, não sabia o que fazer. Vim sem planos. Por isso, olhando para trás, eu só vejo vantagens de ter crescido no interior. Claro que na altura eu queixava-me muito e queria sair. Agora dou muito mais valor, aquilo que não temos nas grandes cidades, que é a proximidade com as pessoas e ao mesmo tempo a independência e maturidade que temos é completamente diferente.”

Atualmente, a jovem tem o seu próprio negócio onde pode aplicar o conhecimento que obteve na sua área de formação. Abriu um restaurante de nome ‘Senta Aí’, em 2020, uma casa de vinhos e petiscos. No início, a família não concordava com esta situação por ser muito arriscada, mas ela queria dar utilidade ao curso que tirou e, por isso, criou o seu próprio negócio. Hoje valoriza ainda mais a sua opção porque sente que está muito próxima da sua comunidade local que é o que mais valoriza.

Cátia: “O restaurante é o Senta Aí, uma casa de vinhos e petiscos ... No verão de 2020, abri um novo espaço sozinha (...) foi a minha primeira grande experiência de gestão e adorei. Comecei a dar valor ao que antigamente dava, a proximidade das pessoas, comecei a conhecer ainda mais gente. Cria-se relações muito próximas com as pessoas locais e ganhei aqui um novo amor à casa.”

LETÍCIA

A **Letícia** nunca sentiu pressão por parte dos pais para ingressar no ensino superior. No entanto, sempre foi aconselhada a prosseguir os estudos porque isso lhe proporcionaria mais e melhores oportunidades no futuro.

Letícia: “A minha mãe queria que os filhos tivessem a oportunidade de emprego muito melhor e uma melhor estabilidade, era essa a vontade, a proteção que ela tinha para que tivéssemos um futuro diferente daquele.”

Acabou por ingressar no curso de Direito pela Universidade de Braga. Quando chegou à cidade, verificou que, efetivamente, era uma cidade maior, com uma economia mais desenvolvida, com mais empresas e, por isso, com maior oferta de emprego.

Letícia: “Depois, entretanto saí e fui para Braga, uma cidade maior e com mais oportunidades, com grande desenvolvimento comparativamente a Viana do Castelo. A cidade tem feito muito mais, tem mais empresas, mais oportunidades de emprego, têm universidade. Viana também tem, mas é aquela ideia provinciana, a conceção de que o que é maior é melhor.”

Os anos em que estive na faculdade foram anos complicados, não propriamente pela cidade porque, apesar de ser um centro urbano muito maior, a jovem sentiu semelhanças com a sua região. O que não ia de encontro com as suas expectativas era a escolha do curso. Sentia que era muito teórico e pouco prático. Para além disso, os amigos que foi fazendo provinham de realidades muito diferentes, o que dificultava a integração e a fazia sentir um pouco isolada.

Letícia: “Quando digo que estranhei não era por causa do ambiente em si, mas, porque o curso era, para mim, demasiado sofisticado e eu tinha jeito para coisas mais intuitivas e simples e não tão conceituais. O curso saía totalmente do meu do meu leque de atuação. Além disso, todas aquelas pessoas que eu ia conhecendo, ao longo do tempo, quase ninguém vinha da minha região, Barrocelas. Por exemplo, conheci uma rapariga que me perguntava onde é que eu ia de férias, e a mesma dizia que ia a Benidorm, a Palma, mas já eu ia para o campo trabalhar assim como para o supermercado. As minhas férias eram de trabalho. A minha infância foi toda passada nesta região. Eram níveis de vida completamente diferentes. Eu não sabia o que as pessoas queriam ouvir porque as minhas férias não eram vistas como interessantes.”

A jovem Letícia vinha a casa regularmente porque sentia necessidade de estar com a sua família e amigos. Além disso, frisou que essas vindas a casa lhe proporcionavam o contacto com a Natureza e com a cultura da sua região que era algo de que sentia grande

necessidade. Na cidade sentia-se presa e, por vezes, quase claustrofóbica. Fazia-lhe falta o ar puro e a proximidade com a Natureza.

Letícia: “Eu vinha de 15 em 15 dias a casa. Eu venho de uma família muito unida, tenho três irmãs e o meu pai trabalhava fora então tínhamos aquela coisa de irmos todos naquele fim-de-semana para eu estar com a minha família. (...) Outra coisa importante é o contacto com a natureza, o trabalho coletivo, trabalho da família, a desfolhada e as vindimas porque tudo isso já se perdeu e é fundamental para percebermos como é trabalhar. Nós somos ratos de apartamento, os ratos da biblioteca, os ratos do escritório e vamos gastar energias no ginásio.”

Quando terminou o curso, a jovem continuou a viver na cidade de Braga, a trabalhar num tribunal. Trabalhou em vários setores da sua área. Diz que no tempo em que estava a trabalhar em Braga, por vezes, tinha de se deslocar a outras regiões e isso sempre foi algo que lhe suscitou interesse, nunca gostou de estar presa num escritório. No entanto, havia algo que estava a tornar o trabalho e a sua vida em Braga difícil. A jovem sentia necessidade de estar perto da Natureza e foi uma das principais razões de se ter despedido e voltado para Viana do Castelo.

Letícia: “Estudei e quando acabei, durante algum tempo fiquei em Braga. Trabalhei no tribunal, nas finanças, um pouco de tudo na área jurídica ainda, em algumas empresas como a Apple. É curioso que, quando eu andava nos tribunais, andava de Valença até Esposende e isso agradava-me imenso. Já havia ali qualquer coisa que queria dizer que devia estar em movimento. (...) Os últimos anos em Braga foram um terror porque não gostava do trabalho, estava longe da natureza, num apartamento, então regressiei para Viana do Castelo e estive a viver com os meus pais.

Quando chegou a Viana do Castelo recebeu uma proposta de trabalho e atualmente trabalha nesse projeto há cerca de 6 anos. Um projeto que sai da sua área do curso, mas que a completa em vários níveis. É um trabalho que a mantém sempre em movimento, sem nunca precisar de abdicar da sua casa e da região de Viana do Castelo, porque é aí, é onde está a sua família, os seus amigos, que se sente segura e tranquila.

Letícia: “Recebi uma proposta de trabalho que é o que eu faço atualmente já quase há 6 anos. É um trabalho que eu digo que gosto. Trabalhava uma semana em Viseu e voltava a casa ou ia uma semana para Vila Real e voltava a Viana. Há uma procura constante da região de Viana. Quero regressar a uma zona que me sinta bastante equilibrada e recarregar energias e a minha terra é isso. Tenho a minha família, irmãs e pais, felizmente.”

O projeto em que a Letícia está envolvida, baseia-se num livro do autor João Negreiros que tem como objetivo, de forma lúdica, chegar à população local e trabalhar temas de grande importância.

Letícia: “O projeto que estou envolvida e que trabalho há seis anos, baseia-se no livro do autor português João Negreiros que desenvolveu um método de trabalho chamado manual da felicidade que é conhecido a nível nacional. Começa com alguém a colocar um desafio de saúde e que pede ao dramaturgo, um texto para ajudar a controlar esses desafios que temos ao longo do crescimento. Está muito ligado ao autoconhecimento que é a base de tudo. São temas que também são discutidos nas escolas, o que é fundamental.”

CATARINA

A **Catarina**, nunca teve certezas na escolha do curso que queria tirar. Sabia que seria na área das ciências, possivelmente na área da saúde ou biologia. Na escolha da faculdade, não tinha preferências, apenas queria entrar no curso independentemente de onde tivesse de estudar. No entanto, confessa que pode ter tido alguma influência ter ficado onde ficou a estudar, uma vez que tinha o seu namorado nessa cidade. Sabia que era impossível ficar na sua região, em Viseu uma vez que só tinha politécnico e, como queria ir para a Universidade, ficar não era uma opção. Assim a jovem entrou na Universidade de Aveiro no curso de ciências biomédicas. A escolha da faculdade também se revelou ser a melhor, uma vez que está muito ligada à investigação o que, para a Catarina, era um aspeto positivo.

Catarina: “Depois, na altura quando foi para escolher a universidade, aqui em Viseu só há politécnico, portanto não seria bem uma opção. Eu não fui muito restrita em termos de localização da universidade, ou seja, se fosse preciso ir para mais longe, iria. Acabei por ficar em Aveiro, que até é relativamente perto, mas foi mesmo pela escolha do curso. Eu nunca tive muita certeza da área que queria. Sabia que queria a área das ciências e gostava da área da biologia, a área da saúde.”

A Catarina conta que, no início, não foi uma transição difícil porque, ao que diz, a região onde ficou a estudar tem muitas semelhanças com Viseu. Além disso, tinha lá uma amiga e o seu namorado o que lhe transmitia segurança. A maior dificuldade que sentiu foi habituar-se a viver sozinha e a ser mais autónoma, com as lides domésticas, mas com o tempo foram sendo ultrapassadas.

Catarina: “No início era mais complicado fazer amigos e eu tinha aquela segurança de chegar a casa e ter as minhas pessoas, portanto, não estava completamente sozinha e isso foi um pouco mais fácil. E depois também a transição não foi muito diferente, ou seja, Aveiro é muito parecido com Viseu, que eu estava habituada, é muito

semelhante. A questão de viver sozinha, de ter um bocado mais de autonomia, apesar de que também já tinha alguma autonomia em Viseu, então não notei grande diferença, sinceramente.”

A jovem vinha todos os fins-de-semana a casa para estar com a sua família e amigos. Além disso, confessa que aproveitava para trazer a sua roupa e não ter esse fardo em cima de si.

Catarina: “Foi mais pela questão de viver sozinha, habituar às rotinas, fazer comidas, lavar roupa não era preciso porque eu ia todos os fins-de-semana a casa e isso já ajudava, lavavam-me a roupa ao fim de semana. Tirando isso, acho que foi fácil ambientar-me.

Quando terminou a licenciatura, a jovem optou por seguir para o mestrado. Sabia que, só com a licenciatura, teria menos oportunidades em termos profissionais. Assim, a Catarina concorreu para estatística médica em Aveiro, uma vez que já conhecia a diretora do curso e porque, agora, queria algo mais prático e ligado à matemática.

Catarina: “Em estatística médica, era o primeiro ano do curso em Aveiro. Já conhecia a diretora do curso que era, tinha sido minha professora de estatística na licenciatura e já tinha ouvido palestras que ela tinha dado sobre a abertura do curso, de saídas profissionais e tinha um certo interesse. E como tinha estado 3 anos na licenciatura, um curso assim mais teórico, já tinha um bocado de saudades da parte da matemática e de uma parte menos de estudo e de marrar e mais de, de perceber.”

Quando ainda estava no mestrado, surgiu a pandemia, o que quase a fez desistir do curso. Por outro lado, o curso revelou-se bastante teórico. No entanto, ao fim do primeiro semestre, o curso revelou uma feição mais prática, o que lhe agradava, e acabou por terminá-lo. No último semestre, tinham de fazer estágio por um período de 6 meses e a jovem acabou por fazer esse estágio em Lisboa. Quando estava a terminar, a empresa contratou-a para ficar a trabalhar. Aceitou porque já conhecia a dinâmica da equipa e era um trabalho que lhe agradava.

Catarina: “Por causa da pandemia, no início não adorei o mestrado, estive para desistir depois do primeiro semestre. Forcei-me um bocado a acabar o primeiro semestre para ter a certeza e estava a pensar em acabar o ano só para ficar com a pós-graduação, se desse. O que aconteceu foi que depois no segundo semestre, começou a ser muito mais prático e comecei a gostar mais e acabei por ficar. (...) Eu comecei o estágio em janeiro 2021, estava no último semestre do mestrado. A empresa era sediada em Lisboa e, a meio de estágio, a empresa acabou por me dizer que estavam a gostar do trabalho, que estavam até com uma vaga e que, como eu

já estava habituada, já conhecia a equipa, estava-me a dar bem, se não queria, depois do estágio ficar mesmo a trabalhar e eu acabei por aceitar.”

Com a pandemia, a empresa colocou as pessoas em teletrabalho. Devido a esta situação a jovem regressou à sua região, em Viseu, estando atualmente a trabalhar remotamente. A empresa abriu, mas a Catarina continua em teletrabalho tendo de, esporadicamente, ir à empresa. A jovem trabalha na sua área, numa empresa sediada em Lisboa, mas a viver junto dos seus familiares e amigos, numa região que a faz sentir bem e em casa.

Catarina: “No entanto, a empresa adotou uma nova política em que os colaboradores que vivessem num raio de 60km da empresa que podiam ficar 100% remotos. Eu, tendo esta opção, apesar de gostar de ir à empresa, eu vou lá de vez em quando a Lisboa, passo lá uma semana, mas em termos de estilo de vida, é completamente diferente, consigo ter muito mais tempo cá do que se estivesse lá.

FILIPA

A **Filipa** sempre se considerou uma aluna muito estudiosa e com boas notas, por isso, nunca houve um momento na sua vida que, sequer, ponderasse em não ingressar no Ensino Superior. Entrou na Universidade de Braga por uma questão de proximidade com a sua região. Diz que queria ter estudado em Viana, mas na sua região, não havia o curso que pretendia.

Filipa: “Depois eu acabei por escolher Braga pela questão dos transportes também era mais perto. Eu entrava em qualquer universidade na altura tinha Braga como primeira opção e o Porto a seguir e depois Coimbra, mas Braga foi mesmo por essa questão, por estar mais perto de casa e porque depois lá também não precisava de andar de transporte, apesar de ter sido a única a ir para Braga na altura.”

Ao chegar à faculdade, a jovem sentiu-se logo integrada. Crê que, o facto de ter participado na vida académica, como as praxes, por exemplo, facilitou a sua transição.

Filipa: “Foi uma transição fácil apesar de ter sido a única a ir nesse ano para lá porque eu também entrei nas praxes e senti-me muito integrada. Fiz novos amigos e então isso ajudou imenso.”

Não obstante, a jovem continuou a manter uma ligação muito próxima com a sua região. Vinha a casa todos os fins-de-semana.

Filipa: “Depois, aos fins-de-semana, vínhamos sempre para casa porque ninguém ficava aos fins-de-semana em Braga praticamente.”

Quando terminou o curso de psicologia, a Filipa começou a trabalhar numa empresa em Aveiro, tendo ficado lá durante um período de 5 anos, mas viveu em várias regiões do país, nunca se fixando em nenhuma.

Filipa: “Depois de terminar o curso em Braga, fui viver para Aveiro depois de Aveiro ainda estive em Lisboa e também no Algarve, eu passei assim um bocadinho pelo país e apesar de eu gostar muito de Lisboa eu sempre quis regressar para Viana. (...) “Eu depois da universidade não fiquei cá porque não encontrei trabalho aqui porque pronto, psicologia há muita procura e depois era sempre pessoas com experiência e pronto e tivemos, tanto eu como os meus colegas, sempre muita dificuldade.”

O surgimento da pandemia marcou uma viragem na sua vida. A Filipa regressou a Viana do Castelo. A decisão deste regresso foi sua, mas sentiu muita dificuldade quando chegou, devido às restrições próprias da fase em que se vivia e, também, porque, não havia oferta do seu curso na sua região. Assim que regressou, decidiu assumir responsabilidade na gestão da empresa dos seus pais, na área de psicologia numa vertente dos recursos humanos. Sempre quis voltar apesar das dificuldades, porque é em Viana do Castelo que tem as suas raízes, a sua família e amigos e uma proximidade com a Natureza, que sempre foi um ponto-chave para a sua felicidade.

Filipa: “Decidi então regressar a Viana (...) Os meus pais têm uma empresa e o meu pai já está na reforma, a minha mãe também ajuda na empresa e dá muita apoio nessa empresa e eu decidi vir e arriscar tudo em Viana e o meu objetivo foi assumir a empresa dos meus pais e foi basicamente isso. Mas também voltei porque em Viana tenho as minhas raízes todas, porque tenho os meus amigos de infância e porque é uma cidade tranquila e temos monte e o mar muito próximos e eu gosto muito de desporto e então gosto muito de caminhar até ao monte e ir até à praia dar uma caminhada e apanhar sol.”

JOÃO

Na decisão de ingressar para o Ensino Superior, o **João** nunca sentiu pressão por parte dos seus pais. Eles sempre quiseram que o filho seguisse algo que o tornasse feliz e realizado.

João: “Se alguma vez os meus pais me condicionaram foi seguir alguma coisa que me fosse fazer feliz e não para me dar emprego. Sempre tive esta mentalidade: mais vale ser feliz e estar sem emprego de uma coisa que gosto de fazer do que estar com um emprego, mas estar a fazer uma coisa que odeio.”

Ingressou no curso de engenharia eletrónica e telecomunicações em Aveiro. A primeira impressão que teve desta experiência não foi a melhor. Sentia que as pessoas eram

muito distantes e diferentes daquilo que estava habituado em Chaves. Além disso, o curso não era o que esperava, o que tornou esta sua experiência na universidade um fracasso e, por isso, desistiu do curso.

João: “No primeiro ano concorri para Aveiro, levei um choque de realidade muito grande, não só em termos do que é que era a engenharia porque não tinha noção do que era e, depois, percebi que não era aquilo que eu queria e, também em termos da cidade em si. Era tudo muito diferente. As pessoas eram diferentes e isso também fez com que o meu rendimento depois baixasse imenso na universidade e eu não consegui lidar com isso então, decidi parar o estudo.”

O João mudou-se para a Universidade de Vila Real na UTAD, alterando por completo a sua área de estudo, mudando para o curso de comunicação e multimédia.

João: “Mudei para a UTAD, ou seja, sai da universidade de Aveiro e fui para Vila Real, mudei radicalmente a minha área de estudo, estava a estudar engenharia eletrónica e telecomunicações e mudei para comunicação e multimédia por ter uma vertente mais ligada com a parte artística, vídeo e fotografia.”

Com a mudança de Universidade e de curso, o João conseguiu integrar-se e adaptar-se às rotinas da vida universitária. Esteve envolvido, durante os três anos de licenciatura, na vida académica e em vários projetos que lhe deram competências e muita experiência para o seu currículo.

João: “Foi na UTAD e nesta ligação com a Universidade de Vila Real que acabei por encontrar um espírito que realmente me fez sentir mais parte dele do que na Universidade de Aveiro. Envolvi-me em imensas questões académicas, estive envolvido no Erasmus estudantes networks, aquele que é responsável por muita parte da comunicação deles. Acabei também por me envolver nos órgãos nacionais desta parte do Erasmus student network e estive, todos os anos em que fiz a minha formação académica, ou seja, os três anos de licenciatura, envolvido nestes projetos que me ajudaram a perceber mais a cultura de outros sítios e não só dos estudos em si.

O João sempre foi um jovem bastante proativo e, no secundário, desenvolveu um projeto com os seus amigos. Criaram uma associação a que deram continuidade, mesmo durante o tempo em que esteve a estudar no Ensino Superior. Desta forma, mantinha uma regularidade nas idas a Chaves, à sua região.

João: “Ao mesmo tempo que isto acontecia, eu nunca deixei a ligação com a parte do teatro musical, ou seja, desde que eu entrei no primeiro ano na Universidade de Aveiro até ao último na UTAD, aos fins-de-semana eu

sempre estive envolvido na questão do teatro musical e foi aí que eu acabei por conhecer as pessoas com quem trabalho hoje em dia.”

Quando estava na fase final da licenciatura estagiou numa empresa chamada ANTEROS, mas sempre se manteve ligado à associação. Aos fins-de-semana, o que era um encontro entre amigos e um hobbie transformou-se em mais trabalho levando-os a envolver-se cada vez mais.

João: “Enquanto estava no estágio na ANTEROS, na empresa, esta parte associativa que nós tínhamos ao fim-de-semana começou a tornar-se cada vez maior, havia cada vez mais trabalho a sugerir, mais projetos que iniciavam.”

No final do estágio, ainda trabalhou em Vila Real durante alguns meses, mas como não estava satisfeito com o trabalho que estava a desenvolver, decidiu regressar à sua região de origem e foi viver com os pais.

João: “Não foi nada linear, eu acabei o curso e estive a trabalhar alguns meses em Vila Real, tive uma proposta de emprego, acabei por ficar lá dois ou três meses e depois aquilo não resultou e voltei para casa dos meus pais.”

Quando chegou a Chaves, surgiu, sem nada planeado, uma empresa de construção civil a oferecer-lhe um estágio na sua área. Como não tinha mais ofertas, decidiu aceitar.

João: “(...) houve uma empresa aqui da zona de Chaves que, nem sequer é uma empresa da área, era uma empresa de construção civil, que estava à procura de alguém para fazer um estágio em comunicação e multimédia e, entre estar em casa e não estar a fazer nada, decidi ir.”

Terminado o estágio, teve que tomar uma decisão: ou trabalhava a tempo inteiro na empresa onde estagiou, ou dava seguimento ao projeto/associação que tinha iniciado no secundário. Consciente do risco que estava a assumir, saiu da empresa e começou a trabalhar oficialmente para a associação.

João: “Acabei o meu estágio em dezembro e, em janeiro de 2015/2016, foi-nos feito uma proposta que, das duas uma, ou aquilo se iria tornar o nosso emprego e ia-se tornar uma questão a tempo inteiro, porque não conseguimos fazer mais nada a não ser aquilo ou, então, teríamos de terminar o projeto. Como o projeto nos estava a dar tanto trabalho, se existe uma possibilidade de isto se tornar o nosso trabalho a tempo inteiro, vamos por ele e fomos.”

Atualmente, continua envolvido na associação, que tem uma parte cultural e outra parte associativa. Existe uma grande proximidade entre o projeto e a comunidade local e estão

a contribuir para colmatar alguns constrangimentos que vão surgindo na parte artística e cultural da sua região, enquanto beneficia com o facto de estar na sua região, e a trabalhar na sua área, na companhia dos seus amigos e família.

João: “Toda a gente que está no projeto conheceu-se pela questão do teatro musical, a nossa ideia sempre foi dar oportunidade, não só às pessoas que vem depois de nós, os mais novos, mas, também, mostrar a toda a comunidade que em Chaves é possível teres uma produção cultural com qualidade. (...) Vamos à escola, conversar com os alunos, explicar às pessoas, que estão no secundário aquilo que é ser um artista ou seja, explicar a cultura que vem deles, muitas vezes de outros países, explicar as semelhanças que existem entre Chaves e uma cidade na Irlanda ou numa cidade que há em Espanha e fazer perceber, acima de tudo, à comunidade que há tanta ou mais oferta cultural numa cidade pequena como numa cidade grande e poderemos seguir caminhos que não são os caminhos normais.”

TOMÁS

O **Tomás** sempre teve uma ligação muito próxima com os professores e sempre foi incentivado a prosseguir os seus estudos no Ensino Superior. Na altura de decidir, estava indeciso entre a área da saúde, e a área das engenharias.

Tomás: “Em relação à questão dos professores do ensino secundário, é sempre natural que isso aconteça, tínhamos sempre conversas, uma ligação muito direta com os nossos professores, eu falo por mim, em Nelas, toda a gente é conhecida e temos a sorte de serem professores aqui da zona, que nós conhecemos, antes de serem nossos professores já os conhecíamos, no meu caso específico, aconteceu isso, e, é natural haver esse tipo de conversas de quando chegamos ao 11º/12º ano os professores quererem que os alunos prosseguissem os estudos mas nunca houve uma pressão direta, cada um fazia a sua escolha mas houve sempre esses conselhos sim.”

Acabou por entrar na Universidade de Coimbra em engenharia biomédica. Diz que, quando chegou, foi um período de adaptação que durou pouco tempo e que, imediatamente, se começou a integrar. Começou a envolver-se mais com o curso e com a vida académica.

Tomás: “Quando chegamos a uma faculdade não sabemos para o que vamos nem o que vamos aprender, temos noção do curso, eu falo por mim, percebi que entrava em engenharia biomédica, mas e agora? São matérias diferentes, são professores diferentes como é óbvio, a área em si também não tem nada a ver com o que costumávamos fazer, foi um período de adaptação que não durou mais de 3/4 meses, depois já entramos na rotina e já sabemos por onde vamos e o que vamos fazer.”

Durante este período esteve envolvido na associação de estudantes e praticava desporto, inicialmente, de alta competição, chegando a jogar na primeira divisão académica

de Coimbra. Tinha de conciliar a faculdade e os estudos com os treinos e as competições o que, por vezes, se tornava difícil. Talvez, por isso, acabou por reprovar no primeiro ano. O facto de se envolver em várias atividades ajudou-o na adaptação e integração. No entanto, esta envolvimento dificultava as suas idas a casa. Tentava ir aos fins-de-semana quando não tinha treinos ou competições.

Tomás: “Na faculdade estive, a partir do primeiro ano da faculdade, presente na associação de estudantes no meu instituto superior de engenharia de Coimbra, mas também conjugava com atividade do desporto, nessa altura ainda era jogador de alta competição, cheguei até a jogar na primeira divisão académica de Coimbra. Eu conciliava a faculdade, mais a associação no departamento de desporto, os treinos diários e o jogo, portanto, também continuei com esta dinâmica.”

Quando terminou o mestrado, começou a trabalhar numa empresa em Coimbra na sua área, mas rapidamente percebeu que não era o que o fazia sentir-se feliz e realizado. Além disso, a família tem uma empresa em Nelas, o que se tornou num fator importante para a sua decisão de sair do emprego e regressar à sua região.

Tomás: “Eu terminei o meu mestrado e comecei a trabalhar numa empresa em Coimbra da área mas depois rapidamente percebi que não era aquilo que eu queria, até porque eu tinha uma questão familiar, o meu pai tinha uma empresa com a sede em Nelas numa área que ele sempre trabalhou que é a manutenção industrial por jato de água, somos a empresa número um da península ibérica desta área, temos bastante clientes e alguma dimensão e, eu cheguei a um ponto que, porque eu nunca pensei vir trabalhar para Nelas ou para a empresa, quis sempre fazer o meu caminho. (...) O motivo principal de ter voltado foi realmente a empresa do meu pai.”

Atualmente, não está a trabalhar na sua área uma vez que continua envolvido na empresa da sua família enquanto sócio e diretor comercial, mas sente muito orgulho porque é uma empresa que está sediada numa zona rural e que chega a qualquer parte do país. Ademais, sente que tem um papel crucial no desenvolvimento local.

Tomás: “Eu sou para além de sócio, diretor comercial da empresa e faço o acompanhamento técnico da empresa e dos serviços que a empresa presta aos clientes, sou eu que faço isso. É sempre bom partir do interior para todo o lado porque tenho clientes no sul de Espanha, em França. Do interior, partimos para prestar serviços em todos os pontos do país e como disse Espanha e agora França. (...) A empresa em Nelas é conhecida, pelas pessoas e pela comunidade. E depois porque empregamos pessoas.”

Sintetizando

Após apresentar todas as narrativas na sua singularidade e interpretar de forma processual cada trajetória dos/as jovens adultos/as mas agrupados/as por tipologias de percurso, algumas observações podem ser feitas sobre as quinze narrativas e o modo como estas se complementam ou, em alguns casos, se contrastam.

Como foi mostrado no início desta parte, todos os/as jovens adultos/as apresentam uma particular trajetória, repleta de experiências que tornam cada narrativa única. Apesar disso, as narrativas não fornecem *insights* apenas sobre a vida dos próprios, mas constituem um meio para compreender as experiências complexas de outros/as jovens adultos/as que vivem em regiões rurais e de baixa densidade.

Como se mostrou com a interpretação de cada uma das quinze narrativas, todas deram conta de um caso singular, embora divididas por tipologias de percursos. Com resultado, temos três diferentes percursos capazes de resumir a complexidade das trajetórias dos/as jovens adultos/as biografados/as e como estes/as se relacionam com o imperativo de mobilidade e a ligação com a sua região.

A primeira tipologia a que denominamos de **percursos lineares** revela que todas as jovens pertencentes a este *cluster*, apesar de apresentarem motivações, experiências e trajetórias distintas, pelo que cada narrativa tem a sua singularidade pois a juventude é heterogénea, é possível agrupar estas jovens pelo facto de terem o tipo de percurso semelhante. As jovens saíram das suas regiões para ingressar no Ensino Superior e imediatamente à conclusão dos estudos regressaram aos seus contextos de origem. Ficou claro que todas sentiram alguma dificuldade de adaptação quando iniciaram a sua vida académica pelo facto de sentirem saudades de casa, saudades da família e dos amigos. E, ainda, em relação à nova realidade face à cultura e à própria cidade. Também é comum que vinham a casa regularmente durante o tempo em que estavam a estudar, para minimizar as saudades que tinham porque este sentimento de pertença não desapareceu pelo facto de terem saído dos seus territórios, pois o sentimento é transversal em todas as fases da vida destas jovens. Por fim, estão a trabalhar na sua área de formação ainda que estejam envolvidas em outras atividades, mas todas conseguiram distinguir-se profissionalmente naquilo que foi a sua formação académica, contrariando assim a ideia de que as regiões rurais e de baixa densidade não oferecem oportunidades para os/as jovens regressarem e trabalharem e dinamizarem a economia local.

A segunda tipologia denomina-se de **percursos yô-yô**. Sintetizando, as jovens tiveram de sair das suas regiões de origem para ingressar no Ensino Superior e poder seguir um curso que lhes era apaixonante. Foi uma primeira fase desafiante para ambas mas acabou por ser uma das melhores etapas das suas vidas. Envolveram-se em atividades académicas, o que contribuiu para a sua integração e socialização com outros/as jovens. Apesar de terem percursos muito próprios pois, cada jovem tem a sua experiência e apropriação da sua realidade, ambas afirmam que mantiveram sempre que possível uma relação próxima com a sua família e amigos, indo à sua região. Esta ida não era frequente pela distância que estavam em relação à cidade e o seu território. Apesar de o objetivo do método biográfico na construção das narrativas é dar primazia às vozes de cada jovem, não podemos deixar de considerar que existem regularidades pelo tipo de percurso que ambas construíram. São percursos que, após a conclusão dos estudos, regressaram às suas regiões de origem mas que, em determinado momento saíram, neste caso para trabalhar e, em períodos diferentes, regressaram aos seus territórios. É comum nas narrativas ver que existiram movimentos oscilantes entre ir e voltar. Por fim, ambas as jovens estão a exercer profissionalmente as suas áreas de formação académica.

A terceira e última tipologia têm a designação de **percursos de exploração**. A juventude enquadrada neste setor, assume-se com uma característica comum: saiu dos seus territórios, ingressou no ensino superior e, após a conclusão dos estudos, os/as jovens biografados/as foram explorar outras realidades. Este grupo é representado por jovens que procuraram explorar e experienciar novos campos da área do saber, através de empregos, estágios e/ou formações, de forma a adquirir ainda mais conhecimentos. Foi constante a procura de estágios e realidades laborais em cidades diferentes daquela onde estudaram no ensino superior. Ainda que em momentos e motivos diferenciados, todos regressaram às suas comunidades.

Ao propor três tipologias de percurso diferentes, não consideramos, de alguma forma, que esses percursos são os 'certos', mas sim a melhor interpretação possível das quinze narrativas acerca das trajetórias que cada jovem adulto teve.

O objetivo do estudo é tentar reconhecer a ligação emocional que existe entre a juventude entrevistada e a sua comunidade, localizando as particularidades de cada narrativa ao contexto no qual jovens adultos criam as suas histórias e conduzem as suas vidas.

Com as narrativas é possível compreender, de acordo com o contexto particular em que se encontram, as diferentes trajetórias/percursos que tomaram, movido pelo imperativo de mobilidade e, com as intenções e ações da juventude adulta, vislumbrar o modo como o sentimento de pertença que tem para com as suas comunidades não é indissociável em nenhum momento das suas vidas.

O facto de se ter analisado, ainda que por *clusters*, cada narrativa na sua singularidade, não significa que o foco principal da investigação seja descrever/compreender casos específicos mas sim, compreender de que forma estas realidades se transportam para uma noção daquilo que é a juventude de contextos rurais e de baixa densidade.

Concluindo, todos/as os/as jovens adultos frequentaram o Ensino Superior e, por isso, tiveram de deixar os seus territórios. Contudo, quando finalizaram os seus cursos, decidiram retornar às suas origens. Foi visível que os/as jovens tiveram percursos de regresso distintos. Este regresso não se deveu ao seu insucesso, mas sim, a uma vontade própria, contrariando as dificuldades e os constrangimentos que sentem que existem nas suas regiões.

Para além de alguns aspetos já referenciados acerca das tipologias de percursos, os/as quinze jovens entrevistados/as têm várias coisas em comum:

- Todos saíram das suas regiões de origem para ingressarem no Ensino Superior, que foi um momento que parece ter contribuído para uma reflexão acerca da ligação que tem com as suas regiões, isto é, quando saíram é que começaram a valorizar o que já tinham, como a proximidade com a Natureza, a tranquilidade, a família e os amigos;
- Inicialmente, aquando do ingresso no Ensino Superior, todos sentiram alguma dificuldade de integração. Não obstante, esses constrangimentos foram sendo ultrapassados e todos concluíram os seus cursos com sucesso;
- Todos/as, ainda que por motivos distintos, regressaram às suas regiões de origem.

De facto, o capítulo mostra os percursos de vida individuais e que a vida / experiências destes indivíduos tem valor de análise teórica contudo, houve a necessidade de se dividir por *clusters* em que se analisou as vidas individuais mas com regularidades, neste caso por tipologias de percursos.

PARTE V: CONSTRUINDO O SENTIMENTO DE PERTENÇA

Introdução

Neste parte, as quinze narrativas serão interpretadas tematicamente, com a intenção de compreender de que forma as experiências dos/as jovens entrevistados/as se complementam ou contrastam umas com as outras, isto é, com a investigação não se pretende chegar a regularidades, mas perceber trajetórias sociais num coletivo. O principal objetivo deste estudo interpretativo é dar a conhecer uma compreensão mais clara sobre a relação destes/as jovens com a sua comunidade e, por sua vez, o sentimento de pertença que têm com a sua região rural e/ou de baixa densidade.

A narrativas não serão analisadas individualmente mas sim numa interpretação coletiva das entrevistas biográficas realizadas, bem como, dos diferentes aspetos mais relevantes na vida dos/as jovens.

CAPÍTULO I - RELAÇÃO DOS/AS JOVENS COM O SEU TERRITÓRIO

A primeira parte deste capítulo dá enfoque à relação dos/as jovens com o seu contexto/região. Estas relações serão exploradas à luz das vantagens e desvantagens que os/as jovens entrevistados/as revelaram existir nas suas comunidades. Aponta, ainda, para a importância da participação dos/as jovens em atividades como o desporto, as artes, o voluntariado, o associativismo, o lazer, os escuteiros, a banda local, entre outros e compreender o valor deste envolvimento na construção das suas identidades e, ainda, a configuração do processo de sentimento de pertença / ligação para com a comunidade.

Posteriormente, será explorado o sentido que a escola teve na vida destes/as jovens e de que forma a mesma é vista e apropriada por eles/as. Tais sinalizações vão influenciar o processo de construção do sentimento de pertença que têm sobre a região. Esta vivência nas regiões rurais traduz-se em aspetos positivos e constrangimentos que fazem parte da vida destes/as jovens, e estes/as têm consciência que, mesmo existindo estas desvantagens, não significa que estejam desprovidos de uma forte ligação com a comunidade e, consequentemente, com a sua região.

1.1 ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO: CONTRIBUTOS PARA A LIGAÇÃO AO LUGAR

É relevante salientar a importância da dimensão espacial na construção da juventude que se deve aos diferentes modos de vida e construção identitária nas diferentes práticas vivenciadas pela mesma. É nas experiências de lazer que os/as jovens gerem o seu tempo e constroem a sua própria juventude, e, consequentemente, a sua identidade.

*“Também perceber o que é que era **importante na altura** e neste caso, nas idades dos mais jovens, acho que é uma opinião comum, as **amizades, as dinâmicas que fazemos, fora a escola**, são essenciais para moldar a nossa personalidade mais tarde.”* (Tomás, Viseu)

Falar da juventude é, cada vez mais, falar de lazer e de espaços de participação pelo que promove a socialização e o crescimento do sentimento de pertença ao território. Segundo Pereira (2007), “Embora o lazer ou a fruição do tempo livre não seja uma prática cultural exclusiva dos jovens, esta parece ter tornado-se um elemento importante da representação construída a respeito do jovem na sociedade atual.” (Pereira, 2007, p.11)

Também, para Helena Abramo (1994) “a formação de agrupamentos juvenis, motivados por outros fatores e produzindo novos símbolos, a partir dessa estética emergente: o tempo do lazer e a busca de uma diversão compartilhada. (Abramo, 1994, p.158). A autora aponta que o lazer é efetivamente uma dimensão significativa na juventude. Aqui criam-se laços sociais e os/as jovens criam as suas identidades: individuais e coletivas.

Corroborando este pensamento, Pais (1993), descreve o lazer como algo indissociável à juventude “pode-se mesmo dizer que quem não quiser falar de lazer deve calar-se, se sobre juventude quiser falar.” (Pais, 1993, p.132)

Os espaços de lazer são muito limitados nas zonas rurais e de baixa densidade. Os/as jovens precisam desenvolver os seus próprios clubes/associações/equipas para suprir as suas necessidades de lazer, e essa carência por vezes, leva a que abandonem as suas regiões na procura de novas oportunidades. Sustentando esta ideia, conforme Sales (2013) afirma, “Nos assentamentos rurais, os espaços de lazer são muito restritos; os jovens têm que criar seus próprios dispositivos para suprir suas necessidades de lazer, e essa falta tem se constituído em uma motivação para saída do campo.” (Sales, 2013, p.427).

Com a análise das entrevistas biográficas é possível comprovar as ideias dos autores atrás expostas,

*“**Não havia grandes atividades na escola**, não existiam as AEC (atividades de enriquecimento curricular) como agora.”* (Cristina, Viana do Castelo)

*“Depois como é uma **aldeia tão pequenina**, ainda fica a 16km da cidade, **não há muitas atividades**. Não havia muitas atividades, perto.”* (Mariana, Viana do Castelo)

Com as narrativas podemos perceber a dificuldade para a juventude em participar em atividades quando a comunidade não garante esta oferta. Para contornar este problema, os/as jovens tem tendência a formarem um grupo que lhes permita conviver com os seus pares pois, como refere Tavares (2011),

“o grupo oferece a este a possibilidade de aperfeiçoar as suas tendências sociais estando rodeado de indivíduos com gostos parecidos, assim a aceitação de um grupo e uma opinião favorável dos outros membros sobre si próprio torna-se como que o mais importante na sua vida.” (Tavares, 2011, p.47)

As pesquisas com jovens mostram a necessidade de espaços de lazer e convívio onde eles/as possam criar a sua própria linguagem para escapar ao isolamento e enfrentar a realidade. Acresce que, esta participação também promove o desenvolvimento da comunidade *“(...) os autores têm apontado que, nos contextos rurais, as organizações/associações locais e desportivas são de grande importância para os jovens e para a manutenção da vitalidade da comunidade.”* (Silva e Silva, 2022, p.275).

As atividades cívicas e a participação da juventude em clubes desportivos, entre outros, em regiões rurais e de baixa densidade, têm um papel central na socialização e na promoção da inclusão (Silva et al, 2022). Acresce que, *“A participação dos jovens tem sido considerada um motor fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, pacífica e democrática, assumindo um envolvimento ativo de jovens e sua influência nos processos de participação.”* (Checkoway, 2011 in Silva et al, 2022, p.276)

Quando apresenta-se os espaços de lazer neste estudo, referimo-nos ao que Sales (2013) cita em sua obra *“Podemos afirmar que é recorrente como os espaços de lazer estão sempre articulados a espaços de cultura, arte e esporte e relacionados com a juventude (...) Os espaços de cultura, arte, esporte e lazer são apresentados como alternativa de participação, para que os/as jovens possam reagir à exclusão económica, social e cultural.”* (Sales, 2013, p.416)

Quando falamos de juventude, existe a necessidade de se criar espaços de lazer, de sociabilidade, onde os/as jovens possam criar as suas linguagens, sair do isolamento e enfrentar a realidade. Os espaços de troca de experiências são importantes uma vez que os/as jovens procuram apoio em grupos de amigos gerando um sentimento de pertença e um elo de ligação e confiança entre todos *“Um espaço para reunir, trocar experiências é importante*

porque é no grupo que muitos jovens procuram apoio.” (Sales, 2013, p.427). Ainda, “o grupo significa também um espaço para aprendizagem de crescimento pessoal, um dos poucos espaços coletivos em que há aprendizagem de relações de confiança coletiva.” (Sales, 2013, p.429)

*“Andei nos **escuteiros**, havia cá um grupo de escuteiros e **tínhamos reuniões, encontros e acampamentos** no verão que era o **ponto alto do meu dia** (...)”* (Luz, Mogadouro)

É na socialização que a juventude começa a criar relações de amizade e consequentemente um forte sentimento de pertença, uma vez que esta pertença à comunidade, está diretamente ligada à rede de relacionamentos provocada pelas atividades que se envolvem. Num grupo de amigos, os/as jovens têm influência e eles/as também são influenciados e esta troca é crucial para o desenvolvimento pessoal e coletivo da juventude. Como referem Chauveau e Stropasolas (2016, p.140), “O acesso ao lazer e à cultura se constitui em um direito fundamental para os jovens rurais, influenciando suas trajetórias de vida, seja motivando-os a permanecer no campo, seja estimulando-os a buscar o usufruto desse direito na cidade.”.

Para Luís Groppo (2000), “É no lazer que os jovens encontram locais e momentos favoráveis para a realização de atividades diferenciadas e relativamente autónomas em relação aos adultos” (Groppo in Pereira, 2007, p.12).

José Machado Pais (2003), identifica a ligação existente entre a sociologia da juventude e a sociologia do lazer, enfatizando a importância de se falar de lazer sempre que se fala da noção de juventude, uma vez que se acredita que é nesse contexto que os/as jovens constroem a sua identidade pessoal através das relações diárias que vão construindo e mantendo com a escola, com a família, e também com o lazer.

As entrevistas biográficas demonstram que, a maioria dos/as jovens, na sua infância, praticaram desporto, estiveram envolvidos no associativismo, voluntariado, na banda local, entre outros. Salienta-se a importância que estas mesmas atividades de lazer tiveram e têm na juventude. Para os/as jovens entrevistados/as a conceção de lazer não contradiz o conceito de Dumazedier (1999), pois o lazer está associado ao estado de satisfação, de descontração, prazer, alegria, momentos que promovem um forte apego à comunidade.

“O lazer se define positivamente no tocante às necessidades da pessoa, mesmo quando esta as realiza dentro de um grupo de sua escolha. Na quase totalidade das pesquisas empíricas, o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si.” (Dumazedier, 1999, p.95).

Os/as jovens biografados/as, revelam grande importância à sua participação e envolvimento em atividades desportivas e/ou culturais e momentos de lazer. Como podemos constatar,

“Quando andava na primária, andei também num ATL e por isso, eu também tinha sempre aquelas atividades durante a tarde, tinha a natação, tinha a música, tinha a aeróbica ou íamos para o parque brincar.” (Filipa, Viana do Castelo)

“Eu fiquei com miúdos de 6 anos, os mais pequeninos (...) andamos de barco, fomos ao remo, foi muito giro para eles e gostaram muito.” (Liliana, Viana do Castelo)

É interessante verificar nas entrevistas que estes/as jovens criaram a sua rede de relacionamentos e consequentemente uma ligação com a comunidade através destas atividades seja pelo desporto, lazer, associações religiosas, entre outros “(...) O estudo de Magalhães e Moral (2008) apontou uma maior tendência de participação de jovens relacionada a associações religiosas, de lazer e desportivas.” (Silva & Silva, 2022, p.278).

Corroborando as citações anteriormente expostas, a empiria veio comprovar que,

“Eu também tive a experiência conviver com muitos jovens da minha idade porque eu andei no grupo de jovens da igreja, andei no coro, e uma vez por ano também íamos acampar.” (Filipa, Viana do Castelo)

“O meu refúgio com a escola sempre foi o desporto, na modalidade muito específica, no futsal, e comecei a criar laços e dinâmicas diferentes de outros tipos de crianças da minha idade, eu entrei para o futsal com 4/5 anos até aos 18/19 anos (...).” (Tomás, Viseu)

“(...) conheci a banda, por tocar aqui nas romarias próximas, é que me despertou o interesse e pedi aos meus pais que gostava de ir aprender um instrumento. (...) E na banda, no fundo, os amigos que fiz, ainda hoje somos muito amigos.” (Sara, Viana do Castelo)

Foi com a participação dos/as jovens nas diversas atividades desportivas e culturais que eles/as iniciaram o processo de construção do seu caminho profissional. Isto é, adquiriram uma série de competências e paixões que levaram a que alguns escolhessem como área no ensino superior, áreas que envolvam essas mesmas aptidões que foram adquirindo na infância. De facto, “O acesso ao lazer e à cultura se constitui em um direito fundamental para os jovens rurais, influenciando suas trajetórias de vida, seja motivando-os a permanecer no campo, seja estimulando-os a buscar o usufruto desse direito na cidade.” (Chauveau e Stropasolas, 2016, p.140).

“Tudo o que eu fazia como atividade cultural ou desportiva era na escola sendo que na mesma tinha já algum interesse por matérias que agora desenvolvo como o teatro, a educação e as artes.” (Letícia, Viana do Castelo)

“Sou de Vila de Punhe e foi lá que a minha ligação à música começou exactamente com o projeto. Eu comecei a frequentar a banda dos Escuteiros de Barroselas tinha 12 anos mais ou menos. (...) Ainda, para

*mim, mais a nível musical também porque **deixei de ser amadora e me tornei profissional.***” (Liliana, Viana do Castelo)

*“Ao mesmo tempo **sempre estive ligado** a outras atividades extracurriculares a **nível artístico** e é isso que acaba por ser **importante para o meu futuro** (...).”* (João, Chaves)

Outra questão que foi referida é a questão do convívio com a família e com a Natureza que provocou uma maior aproximação destes com a sua região e a valorizar os laços familiares e o local. Muitos destes/as jovens, nos seus tempos livres ajudavam os seus pais e avós na agricultura e brincavam na rua com os seus amigos. Muitas vezes não tinham acesso a espaços e projetos para a juventude e os próprios procuravam estratégias para brincar. Como refere Groppo (2000), “De certa forma, as juventudes modernas, especialmente na passagem do século XIX ao XX, colaboraram na criação do espaço do lazer e até da forma assumida pelo lúdico nesta nova esfera de relações socioculturais” (Groppo, 2000, p.42).

*“(...) ainda **durante a infância**, sempre fui uma **criança muito ligada à natureza e à agricultura**, porque os meus pais e os meus avós tinham uma exploração agrícola, então **sempre fui ligada à atividade agrícola**, mas sempre na base do **contacto com a Natureza.**”* (Sara, Viana do Castelo)

*“**Estávamos juntos**, íamos ao **café**, ficávamos pela **rua** e andávamos por aí.”* (Leonor, Portalegre)

A existência de uma panóplia de atividades é bastante positiva pois como refere Toledo (2021),

“Espaço e lazer adquirem centralidade na construção da condição juvenil, sendo fundamentais para sociabilidade dos jovens, na medida em que proporcionam encontro, diálogo, experiências, desejos, projetos, visões de mundo e estilos, colaborando para a estruturação de novas identidades individuais e coletivas e ampliando a espacialidade dos jovens.” (Toledo, 2021, p.13)

Efetivamente, esta diversidade de oferta de espaços e atividades, permite que os/as jovens adultos se envolvam em atividades da comunidade, uma vez que o desporto, o voluntariado, o associativismo, escuteiros, entre outros, promovem a socialização e, consequentemente, o sentido de pertença ao local.

1.2 QUE LUGAR TEM A ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENÇA AO LUGAR

É comum, em várias obras, os autores apontarem a importância da escola. A escola tem, como propósito, preparar e formar os/as jovens de uma comunidade, sendo um dos contextos de socialização mais importante. É um ambiente coletivo onde os/as jovens aprendem a

socializar e a conviver em sociedade. É neste contexto que estes/as encontram os seus pares, pessoas com quem se irão identificar, criar laços/relações de pertença, o que é algo fundamental para todos/as enquanto processo de desenvolvimento humano. Sintetizando esta ideia, a escola por ser um contexto privilegiado nas aproximações dos/as jovens, contribui para a formação da percepção do que é ser jovem.

“Entende-se que é através do pertencimento que os alunos podem legitimar suas identidades em seus diferentes contextos de convivência, sobretudo na escola. Pertencer significa partilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades de pertencimento, desenvolvendo sentimento de pertença.” (Castro et al, 2013, p.4)

Como referem Milheiro e Silva (2021), “Dado que as escolas são contextos sociais centrais, é importante estudar como desenvolvem e promovem os percursos educativos de jovens quando localizadas em contextos específicos com desafios adicionais em nível demográfico, social, económico, cultural e educacional.” (Milheiro e Silva, 2021, p.3). Sendo o foco central deste estudo, as regiões rurais e de baixa densidade, é preciso ter em atenção o papel que o espaço escolar tem nestes contextos, como mencionam as autoras.

As escolas em contextos rurais são espaços de socialização onde os/as jovens aprendem a conviver em sociedade. É neste ambiente que os/as jovens encontram os seus pares, pessoas com quem se irão identificar, criar laços/relações de pertença. A escola deve, ainda, ser um espaço que se envolve com o ambiente externo de forma mútua e constante para aumentar o nível de resiliência de uma comunidade. É importante existir uma inter-relação entre diferentes contextos, isto é uma relação estreita entre a escola e a comunidade envolvente “A escola deve ser compreendida dentro de seus ambientes, levando em consideração as práticas de trabalho em rede com a comunidade à sua volta.”³⁰ (Milheiro e Silva, 2021, p.262).

Esta relação é importante porque as escolas “nas regiões fronteiriças, e, muitas vezes, simultaneamente rurais, são particularmente relevantes (...) para o desenvolvimento local.” (Milheiro e Silva, 2021, p.3).

Com as entrevistas biográficas, ficou claro que a escola é vista, pelos/as jovens, de forma paradoxal, uma vez que a relação com o contexto escolar não tem necessariamente de ser apropriado e vivido da mesma forma por todos/as.

³⁰ Tradução nossa do original em inglês: “Schools must be understood within their environments, taking into consideration networking practices with the surrounding community.”

“Os/as jovens têm relações diferentes com a escola, uma vez que o seu sentido de pertença e de sucesso está relacionado com muitos fatores que influenciam o capital social e cultural, tais como classe social, género, etnia, geografia, motivação e cultura.” (Milheiro e Silva, 2021, p.3)

Para alguns/as jovens biografados/as, a escola foi bastante importante na sua vida, no sentido de ajudar a desenvolver competências e interesses para o seu futuro académico e profissional. Segundo Milheiro e Silva (2021), “Em termos de impacto, as escolas identificadas como resilientes têm uma influência positiva nas práticas e desempenho escolar, em geral, e na resiliência individual e no sucesso académico dos alunos, em particular.”³¹(Milheiro & Sofia, 2021, p.263).

É possível sustentar estas ideias através das entrevistas biográficas.

“Gostava muito da escola.” (Luana, Portalegre)

*“Tudo o que eu fazia como **atividade cultural ou desportiva era na escola** (...) Foi **um dos melhores momentos da minha vida**.”* (Letícia, Viana do Castelo)

*“A **escola** onde estive, António Granjo, é a única escola cá em Chaves e, naquela altura, tinha o curso de arte ou seja, parecendo que não, **via-se muito a arte naquela escola**, os próprios alunos do curso de artes eram aquele cliché: as rastas, o cabelo pintado etc. Era normal haver a fusão dos grupinhos na escola, foi uma **escola bastante dinâmica**.”* (Laura, Chaves)

Em contrapartida, para outros/as, não foi motivo de enfoque, não teve muita relevância nas suas vidas. Quando questionados/as, a maioria aponta falhas na questão do envolvimento da escola com a restante comunidade. Afirmam que deveria haver maior relação, uma vez que traria vantagens para a juventude, até mesmo na ponte entre escola e mundo do trabalho.

*“Em **relação às escolas**, não quero estar a generalizar, mas em grande a parte, **há muito trabalho a fazer**. Eu **sai daqui sem ter uma única noção do desenvolvimento industrial que a terra tem**. Eu acho que este é um grande papel que a **escola está a falhar**.”* (Cátia, Viseu)

*“A **escola não tinha muitos projetos e pouco se envolvia com a comunidade** e mesmo aqueles projetos na escola, que faziam às vezes, era sobre política e deste género, mas confesso que nunca me envolvi.”* (Leonor, Portalegre)

As entrevistas biográficas patenteiam que a escola não promovia atividades que fomentassem a participação dos/as jovens e, consequentemente, não promoviam esta aproximação entre os/as estudantes de forma a criar ligações e sentimentos de pertença. A

³¹ Tradução nossa do original em inglês: “In terms of impact, the schools identified as resilient have a positive influence on school practices and performance, in general, and on individual resilience and academic success of students, in particular.”

escola em contexto rural não tem necessariamente de ter um impacto substancial na vida dos/as jovens.

Os/as jovens envolviam-se em atividades desportivas, em associações, voluntariado, mas fora do contexto escolar. Estes/as procuravam partilhar interesses com outros/as da sua faixa etária em diferentes contextos uma vez que, a escola, não garantia esta participação.

“Não havia grandes atividades na escola, não existiam as AEC (atividades de enriquecimento curricular) como agora. O pessoal das artes pior ainda, não tínhamos nada que nos alimentasse e no fundo era andar na escolinha ir para casa e era isso.” (Cristina, Viana do Castelo)

“(…) sempre estive muito ligado a outras atividades fora da escola também e nunca houve um entrave em relação a isso, consegui sempre conciliar da melhor forma.” (Tomás, Viseu)

Apesar dos resultados é visível em várias obras que a escola é, muitas vezes, um dos únicos espaços onde a juventude pode usufruir de atividades extracurriculares e, desta forma, socializar num contexto de envolvimento com a comunidade. Autores como Canário (2000) e Amiguinho (2008) exploram o papel da escola na vida dos/as jovens e reconhecem-na como central não só na vida destes/as como, também, na comunidade.

Com as entrevistas biográficas ficou claro que em algumas regiões existem empresas que promovem o desenvolvimento da região e garantem emprego à população local, mas, a escola, de um modo geral, não promove, esta proximidade entre os/as estudantes e as realidades laborais que poderiam fomentar a permanência dos/as jovens, evitando a sua saída para outras regiões à procura de trabalho. Desta forma, estes/as jovens de um modo geral, não veem a escola como um espaço influenciador e decisivo nas suas vidas, pelo contrário, a escola não satisfaz as expectativas dos/as estudantes que tiveram de recorrer a outras formas de participação na comunidade. Por isso, “As escolas deverão ser cada vez menos escola no sentido escolar, para serem cada vez mais escolas no seu sentido educativo, como "lugares de cultura comum".” (Amiguinho, 2005, p.16). Daí a importância de se olhar para cada contexto como único e não se criar generalizações, apenas conhecimento, à luz do contexto social e histórico aquando da investigação. São contextos singulares com jovens com características e experiências únicas.

Os/as jovens apesar de tudo veem o espaço escolar como uma ferramenta importante na vida dos/as jovens mas, a mesma, tem um trabalho indispensável a ser cumprido, pois a participação da comunidade na vida escolar e vice-versa traz benefícios mútuos para os/as jovens potenciando a resposta a desafios que a juventude possa enfrentar no futuro. Por outro

lado, este envolvimento pode ajudar na transição deste grupo para a vida adulta na procura de um emprego. As escolas podem fazer o papel de intermediária nesta cooperação com as empresas e fazer de intermediário fomentando parcerias com empresas representativas da realidade empresarial.

1.3 RELAÇÃO PARADOXAL COM O SEU TERRITÓRIO: JOVENS RECONHECEM VANTAGENS E DESVANTAGENS

Os/as jovens entrevistados/as concordam que a sua região limita as suas oportunidades de vida, mas, ao mesmo tempo, concordam que há vantagens em viver no interior devido à existência de qualidade de vida o que leva ao desenvolvimento de um sentimento de pertença à comunidade. Por isso mesmo, é visível uma ideia de relação paradoxal, ou seja, tanto concordaram que há desvantagens em viver em regiões rurais e de baixa densidade como existem vantagens associadas.

Conforme refere Castro (2005), “A juventude rural é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. (Castro, 2005, p.23). Continuando neste fio condutor, o autor enfatiza que, apesar de os/as jovens desfrutarem das coisas que considerem boas como a qualidade de vida, a relação e a proximidade com a família, amigos e a comunidade, não implica que não possam ter em vista melhores condições de trabalho e estudos, conduzindo à saída da região (Castro, 2005).

Simultaneamente, para Sofia Silva (2021), a qualidade de vida inclui referências a lugares tranquilos e seguros, ar puro, contacto com a natureza e maior liberdade e essas referências foram sendo citadas pelos/as jovens que entrevistei “A dimensão qualidade de vida inclui referências a lugares tranquilos e seguros, ar puro, contacto com a natureza e um ambiente limpo.”³²(Silva et al, 2021, p.9).

Corroborando as ideias dos autores, através da empiria podemos perceber que quando os/as jovens falam da qualidade de vida, estes referem que o interior é sinónimo de segurança, tranquilidade e liberdade.

*“É uma cidade onde conseguimos ir rapidamente de um sítio para o outro, **não perdemos tempo em trânsito, temos bons serviços, temos lojas, temos tudo aqui perto.**”* (Catarina, Viseu)

³² Tradução nossa do original em inglês: “The quality-of-life dimension includes references to peaceful and safe places, fresh air, contact with nature, and a clean environment.”

*“Foi bom porque tínhamos muita **liberdade** e se calhar nos grandes centros, cidades maiores não é bem assim. Comecei a sair à noite com uns 12 anos, tinha mais liberdade.”* (Leonor, Portalegre)

*“Parecendo que não, mas o facto de estarmos no interior, por exemplo a questão de sair à noite, íamos mais cedo sair em relação às pessoas de outras cidades porque aqui **no interior não há tanto perigo**. (...) Era **mais seguro** e os nossos pais deixavam-nos sair, não havia problema.”* (Luana, Portalegre)

Os vínculos familiares, o respeito pela comunidade local, as tradições culturais e o contacto com a Natureza, também estão entre os principais motivos pelos quais os/as jovens se envolvem com as suas comunidades e estes fatores relacionam-se com aquilo que designamos de sentimento de pertença à comunidade. Segundo autores como Silva et al (2021), “Os laços com a família, o forte apreço por suas regiões de origem, os fatores de qualidade de vida e as tradições culturais estão entre os principais motivos aos quais os jovens se referem quando pensam em ficar ou voltar.”³³ (Silva et al, 2021, p.16).

Em diálogo com a ideia exposta, Elvas e Moniz (2010) salientam a importância que a família, os amigos, a escola e a própria comunidade tem na promoção do sentimento de pertença.

“A melhoria da qualidade e satisfação de vida percebida através do sentimento de pertença a uma comunidade é directamente influenciada, por componentes específicas e dominantes da vida, como a família, os amigos, a escola, o próprio, os vizinhos e o bairro.” (Elvas & Moniz, 2010, p.462)

Quando falamos de sentimento de pertença à comunidade, falamos destas relações sociais que se constroem.

“(...) o sentimento de que um pertence a, e é parte significativa de uma coletividade maior [...]. É parte de uma rede de relações de apoio mútuo já disponível e que pode confiar e como resultado disso não experimenta sentimentos de solidão.” (Sarason, 1974, p.40)

A qualidade da relação com as pessoas é fundamental para o desenvolvimento deste elo de ligação que a juventude tem para com as suas regiões. Com as narrativas biográficas percebe-se isso mesmo. O facto de viverem em regiões rurais, lugares mais pequenos, quando comparado aos lugares urbanos, permite que exista uma maior aproximação entre a população, promovendo uma maior satisfação de vida por parte dos/as jovens e, consequentemente, um maior sentimento de comunidade. Como refere Prezza e Constantini

³³ Tradução nossa do original em inglês: “Bonds with family, a strong appreciation for their home regions, quality of life factors, and cultural traditions are amongst the primary motives that young people refer to when considering staying or returning.”

(1998), o sentimento de comunidade é maior numa pequena localidade em comparação com uma grande cidade. Ainda, o sentimento de pertença está diretamente relacionado com a qualidade das relações sociais e com o apoio recebido pela comunidade.

*“Aos **fins-de-semana**, aqui do Norte, as pessoas juntam-se na praça pública, é espetacular. Depois de uma semana inteira de trabalho **vão tocar concertina, vão dançar, cantam ao desafio** (...).”* (Letícia, Viana do Castelo)

*“É um meio muito pequeno e já nos conhecemos todos desde a primária então é muito giro, **andamos sempre todos juntos e saímos todos juntos**. Barroselas não é um meio muito grande, é um meio pequeno e **toda a gente se conhece** e penso que isso seja a grande vantagem, é **dares-te com pessoas que sempre conheceste**.”* (Cristina, Viana do Castelo)

As reivindicações de querer viver no campo estão repletas de expressões voltadas para a qualidade de vida no campo, onde a beleza natural, a tranquilidade e a proximidade com a família e amigos são centrais. Os/as jovens enfatizam essas qualidades como uma vantagem comparativa sobre a vida na cidade. Pesquisas realizadas por Silva et al (2021) demonstram que os/as jovens que crescem em contextos rurais desenvolvem um entendimento mais próximo com o local e percebem estas regiões como próximas da Natureza. Estes resultados são visíveis pelos/as jovens entrevistados neste estudo.

*“Eu na casa dos meus pais aos sábados **andava no meio das vacas e no campo a trabalhar** e a ajudar no entanto, levava os livros comigo e estudava na mesma. Os **fins-de-semana eram passados no campo** e aquilo era a minha vida, o que me dava prazer.”* (Letícia, Viana do Castelo)

*“Também tem a **questão da natureza**, que de facto Viana é **maravilhoso**, por exemplo não há trânsito, **aqui a praia é perto**.”* (Filipa, Viana do Castelo)

O autor O’Conner (2005) vem consolidar a ideia atrás exposta porque, devido ao resultado dos seus estudos, afirma que “Olhando com mais detalhe para os aspetos qualitativos, chama a atenção o facto de todos os tipos de elementos naturais serem fortemente valorizados pelos jovens (independentemente da idade ou sexo).”³⁴ (O’Conner, 2005, p.5). Efetivamente, pelos resultados empíricos e pela proposta teórica de autores mencionados, as regiões rurais e de baixa densidade são consideradas próximas da Natureza e comunidades mais inclusivas em comparação com as regiões urbanas.

*“Os últimos anos em Braga foram um terror porque não gostava do trabalho, **estava longe da natureza**.”* (Letícia, Viana do Castelo)

³⁴ Tradução nossa do original em inglês: “Looking in more detail at the qualitative aspects, it was striking that all kinds of natural features were strongly valued by the young people (regardless of their age or gender).”

“Adorava vir cá a Viana. Tenho muito orgulho na minha terra e sentia a necessidade da natureza, estava completamente perdida.” (Liliana, Viana do Castelo)

Considerando que os indivíduos vivenciam a juventude de forma diferenciada em termos de género, geografia e classe social, entendo que, muitas vezes, os/as jovens sentem a necessidade de se mobilizarem na procura de melhores condições e oportunidades de vida. Os/as jovens de regiões rurais e de baixa densidade conectam-se com seus territórios de formas diferentes da visão da juventude urbana.

“Portanto, pode-se esperar diferenças nas atitudes em relação à ‘boa vida’ entre jovens urbanos e rurais, porque eles têm diferentes esquemas de avaliação para o que vale a pena almejar e o que não vale. As diferenças de atitude entre jovens urbanos e rurais indicam a existência de um sentimento de pertencimento local, ou seja, que o lar tem alguma forma de apoio na consciência dos jovens”.³⁵(Heggen, 1994 in Baeck, 2004, p.101)

Existem constrangimentos que afetam os/as jovens na transição para a vida adulta deixando-os em posições vulneráveis. Ainda, historicamente, as áreas rurais foram estigmatizadas como locais desinteressantes que carregam um discurso construído que as coloca em desvantagem quando comparadas às regiões urbanas, uma vez que existem, efetivamente importantes assimetrias regionais. Segundo o relatório “Cidades Sustentáveis 2020” (2015)³⁶, “A distribuição da população no território continental é dual e assimétrica, com um litoral dinâmico, principalmente em torno das duas regiões de polarização demográfica de Lisboa e Porto, e um interior em depleção.” (Cavaco, et al, 2015, p.74).

Segundo Farrugia (2020): “A figura do rural ‘selvagem’, assim como do ‘louco’, posiciona as casas dos jovens fora (e em oposição) às forças progressistas de uma modernidade globalizada e associa lugares fora da cidade com noções moralizadas de desvantagem e estigmatização.”³⁷(Farrugia, 2020, p.244).

Esses discursos influenciam a experiência de mobilidade, que é impulsionada pela concentração de bens e serviços nos centros urbanos, levando ao subdesenvolvimento das

³⁵ Tradução nossa do original em inglês: “Therefore one could expect differences in attitudes concerning ‘the good life’ between urban and rural youth because they have different evaluation schemes for what is worth aiming for and what is not. Attitude differences between urban and rural youth indicate the existence of a sense of local belonging, i.e. that the home place has some form of foothold in the consciousness of the young.”

³⁶ Relatório disponível em: https://www.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/ficheiros-cidades/cidades_sustentaveis2020.pdf. Acedido a 20 de março de 2022.

³⁷ Tradução nossa do original em inglês: “The figure of the rural ‘feral’ as well as ‘bogan’ positions young people’s homes outside of (and in opposition to) the progressive forces of a globalised modernity, and associates places outside of the city with moralised notions of disadvantage and stigmatisation.”

áreas rurais e de baixa densidade, o que ajuda os/as jovens a ausentar-se das suas regiões buscando uma vida melhor nas grandes cidades, com mais oportunidades.

Cada vez mais a mobilidade está associada aos/as jovens nesta transição de ingresso no ensino superior ou na procura de trabalho em locais onde há efetivamente garantia e recursos e possibilidades para o seu desenvolvimento (Silva, Silva, González, Braziené, 2021; Farrugia, 2020).

“Jovens regionais se relacionam com suas localidades e suas vidas no contexto de um ‘imperativo de mobilidade’, no qual os jovens devem migrar para fora de suas cidades de origem para ter acesso à educação e ao trabalho e para participar de modos globalizados de juventude consumo e ‘legal’ disponível apenas nas grandes cidades. Jovens rurais e regionais foram documentados descrevendo suas próprias localidades em termos de ausência ou falta de oportunidades disponíveis na cidade, como um lugar onde “nada acontece”.³⁸ (Farrugia, 2019, pp.238-239).

Mesmo com o forte sentimento de pertença manifestado nas entrevistas biográficas, nota-se que os/as jovens têm consciência dos problemas e dificuldades das suas regiões.

As dificuldades relacionadas com as oportunidades de emprego são exemplos apresentados, por eles/as, que ilustram tal fato. Além disso, estão, também, cientes de que nas cidades poderiam ter maiores e melhores oportunidades, não só no que diz respeito a possibilidades de acesso a bons empregos, como, também, maiores possibilidades de estudos, no que se refere à oferta de opções de cursos superiores. Razão esta que faz com que muitos/as jovens deixem as suas regiões para prosseguirem os estudos “A maioria dos alunos tem que sair de suas regiões para ingressar no Ensino Superior, pois as escolas estão geograficamente dispersas e a rede de transporte escolar ainda está em desenvolvimento.”³⁹ (Milheiro e Silva, 2021, p.262).

Segundo a análise das narrativas os/as biografados/as focaram-se na questão de a sua região se apresentar como uma comunidade com carência de recursos e de oportunidades, decorrente de desigualdades territoriais. Existe uma grande dificuldade de acesso e

³⁸ Tradução nossa do original em inglês: “Regional young people relate to their localities and their lives in the context of a ‘mobility imperative’, in which young people must migrate out of their home towns in order to access education and work, and in order to participate in globalised modes of youth consumption and ‘cool’ only available in large cities. Rural and regional young people have been documented describing their own localities in terms of absence or the lack of opportunities available in the city, as a place in which ‘nothing happens.’”

³⁹ Tradução nossa do original em inglês: “Most students have to leave their regions in order to enrol in Higher Education, as the schools are geographically dispersed, and the school transport network is still developing.”

instabilidades/incertezas quanto ao futuro numa região pautada por desigualdades estruturais quando comparada aos grandes centros urbanos.

*“Acho que **faltam muitos serviços**, em Portalegre. Ainda no outro dia, queria ir lanchar e vamos a um sítio e à noite queremos sair e vamos ao mesmo sítio. Acho que **há falta de diversidade e de mentalidade** por parte das pessoas. As **pessoas não têm mente aberta para mudar e ajustar os negócios**.” (Luana, Portalegre)*

*“Quando se fala que há mais oportunidades nas grandes cidades isso é verdade, **há mais oportunidades nas grandes cidades** e se calhar tu teres um negócio **numa cidade pequena** é muito diferente e **muito menos sustentável do que um negócio numa cidade grande**.” (João, Chaves)*

*“**Para um jovem, querer regressar**, aqui em Vila de Punhe, **não há emprego nenhum**, se eu não tivesse a ideia que tenho, em deixar o fagote e seguir na musicoterapia, não tinha como voltar, pelo menos aqui. Aqui **não há nada que diga respeito à minha profissão**.” (Mariana, Viana do Castelo)*

A ausência de espaços de lazer e a inexistência de um projeto de educação para a juventude de contextos rurais contribui para a avaliação negativa do campo em relação à cidade e para o desejo de abandonarem as suas regiões. É bastante claro que, segundo as narrativas, tanto nos aspetos positivos quanto nos negativos, existe uma afeição pelo local, simultaneamente com um reconhecimento dos seus problemas e, este reconhecimento, transporta os/as jovens para um envolvimento, seja através de projetos, seja através de propostas de soluções para dinamizarem o local e, desta forma, colmatar os constrangimentos presentes, demonstrando um forte sentido de pertença à sua região, o qual será explorado e analisado no próximo capítulo.

Síntese

Num breve comentário final, pode ser observado pelas respostas que a percepção dos/as jovens adultos entrevistados/as sobre a vida no local carrega conotações de inferioridade, pois esses jovens apontam que o local onde moram não tem tanta capacidade de garantir determinadas necessidades como a diversidade de serviços, e, também de lazer, oferta de atividades desportivas, emprego e oportunidades de aprendizagem, como o acesso ao ensino superior. Essas razões limitam as perspectivas futuras da juventude que vive em regiões rurais e de baixa densidade, que por sua vez traçam os seus próprios caminhos em outros lugares.

A participação em atividades culturais e de lazer extracurricular está disponível nas áreas urbanas, enquanto nas áreas rurais esses recursos são mais escassos e são os/as jovens

que tem de se mobilizar para criar iniciativas para colmatar este constrangimento. A participação em atividades culturais, desportivas e sociais contribuem em larga escala para a consolidação e dinamização da comunidade. Neste espaço, jovens partilham ideias, experiências, interesses e expõem problemas do quotidiano, procurando soluções em grupo. Aqui, começam a participar ativamente na comunidade. É um espaço que favorece a democracia e a partilha de ideias e de experiências, e, por conseguinte, promove a prática plena da cidadania e definição da identidade local.

Como a maioria das respostas está relacionada a questões territoriais, grande parte dos/as jovens compara entre morar nas suas regiões e morar nas cidades. Para estes/as estar longe das cidades também significa estar longe de diferentes oportunidades que não estão disponíveis nas áreas rurais e de baixa densidade, expondo as hierarquias urbano-rurais. Com isso, a experiência de ser jovem de territórios rurais é limitada pela má distribuição dos serviços, resultando na falta de oportunidades de estudo, trabalho, lazer e socialização juvenil. Esses desafios que os/as jovens precisam enfrentar são facilitados pelas estruturas político-económicas que regem as relações urbano-rurais, na ajuda da promoção / criação espaços onde os/as jovens possam experienciar e, desta forma, construir a sua identidade e a pertença ao local.

Como resultado, as cidades posicionam-se como locais de oportunidade e modernidade, enquanto as zonas rurais são marginalizadas como locais de desvantagem, com perspectivas de futuro diminuídas, o que por sua vez se reflete nas respostas dos/as jovens que veem desvantagens relacionadas com o desenvolvimento do seu futuro nos territórios rurais.

CAPÍTULO II - SAIR E VOLTAR: MOBILIDADE E INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO

No segundo capítulo é abordado a saída dos/das jovens das suas regiões para ingressarem no Ensino Superior. Desta forma, são apresentadas as primeiras impressões que tiveram com a cidade e os dilemas/dificuldades sentidas nesta transição. Procura-se, ainda, perceber se os/as jovens mantinham uma ligação com a sua região, e quais os motivos que estiveram presentes: seja pela necessidade de regressarem a casa para estarem com as suas famílias e/ou amigos ou para frequentarem grupos/atividades. Por fim, são abordadas as necessidades e os motivos que levaram a que decidissem regressar para as suas regiões de origem após concluírem o Ensino Superior.

O conceito de mobilidade está intrinsecamente ligado à ideia de educação e consequentemente, de novas oportunidades. Autores como Paulo e Silva (2013) e Carneiro (2005), afirmam que existe uma fragilidade na oferta para os/as jovens que vivem em contexto rural relativamente ao acesso ao ensino superior. Estes/as jovens valorizam efetivamente a continuação dos seus estudos acreditando que terão mais oportunidades na questão do emprego e, desta forma, terem uma melhor qualidade de vida.

2.1 MOTIVAÇÕES PARA SAÍREM DAS SUAS REGIÕES

Nas entrevistas biográficas é consistente referirem que existem desvantagens em viver numa região rural e ou de baixa densidade no que se refere à educação a nível superior. Reforçando a ideia anteriormente exposta “(...) há regiões fronteiriças que não oferecem o ensino secundário e, por isso, os jovens precisam de sair da sua região para continuarem os estudos.”⁴⁰(Sampaio et al, 2023, p.224).

Os/as jovens mencionam que não existe possibilidade de prosseguirem os estudos para o ensino superior nas suas regiões e, por isso mesmo, a educação é associada ao imperativo de saída da região “Os jovens, por exemplo, são movidos pela necessidade de dar continuidade aos estudos, visto que as melhores oportunidades educacionais permanecem nas áreas urbanas.” (Vendramini, 2015, p.55).

⁴⁰ Tradução nossa do original em inglês: “(...) there are border regions that do not offer secondary education and, therefore, young people need to leave their region in order to continue their studies.”

Esta teoria vem sustentar aquilo que os/as jovens afirmaram nas entrevistas. De facto, é possível verificar que, as ideias dos autores, vão de encontro com os resultados obtidos.

“Infelizmente tive de sair de Viana porque aqui não havia o meu curso. Há uma certa falta de oportunidade.” (Filipa, Viana do Castelo)

“Não havia propriamente uma grande escolha, nem oportunidade porque aqui não há universidade por isso, de certa forma, tive de sair, foi uma obrigação.” (Luz, Mogadouro)

“Antigamente havia aquela ideia de que indo para fora teria mais oportunidades. Quando falavam do curso, falavam obrigatoriamente no mercado de trabalho, ou seja, quando saísse, as oportunidades no Porto eram maiores e até acabaria por ficar por lá.” (Sara, Viana do Castelo)

Quando Farrugia (2019) apresenta o conceito de ‘Biografias de Escolha’ vai de encontro com a análise realizada pois, os/as biografados/as tem esta possibilidade de escolher continuar os seus estudos, mas esta escolha é condicionada pelas desigualdades territoriais e acabam por abandonar os seus territórios contrariando a sua vontade em ficar.

Segundo Lopes e Carvalho em *“Dinâmica Temporal do Assentamento e os Projetos de Vida da Juventude Rural”* (2016) “O papel social e o lugar que a juventude ocupa dentro das relações sociais têm colocado os jovens rurais num duplo movimento” (Lopes e Carvalho, 2016, p.572). Por um lado, existe esta atração pelo urbano e aquilo que este lhes pode proporcionar, nomeadamente mais serviços, diversidade cultural e desportiva, mais oferta de emprego e educação, e, por outro lado, a juventude quer permanecer na sua região onde tem a sua família, os seus amigos, o lado emocional e afetivo para com a comunidade. Esta ambiguidade coloca os/as jovens numa escolha quase impossível (Castro, 2009).

É relevante salientar que os/as jovens vivem períodos de incerteza durante este processo de transição para ingressarem no Ensino Superior uma vez que, para tal, têm de abandonar as suas regiões para alcançar este nível de ensino. Para Lopes e Carvalho (2016) “a hierarquia do urbano sobre o rural, em que o rural é tido como lugar em que se vive e mora mal, pode ser considerada como mais um fator que mobilize os jovens a migrarem do campo (Lopes e Carvalho, 2016, p.574).

Estas transições não são lineares. Ao longo das entrevistas biográficas é possível perceber que, seguramente, os/as jovens são confrontados/as com uma variedade de experiências completamente distintas traduzindo-se em percursos de vida também eles diferenciados.

2.2 TRAJETÓRIAS PARA O ENSINO SUPERIOR

Alguns dos biografados/as na escolha da faculdade procuraram ficar em regiões próximas de casa ou regiões em meios mais pequenos. É evidente que o contexto geográfico, é um problema e uma grande preocupação de alguns destes/as jovens.

Como refere Sofia Silva (2021) nas suas pesquisas, a juventude de contextos rurais e de baixa densidade ao perspetivar o seu futuro pensa em estudar ou trabalhar noutra região e é revelado nos seus estudos que procura frequentar instituições de ensino superior mais localizadas nas suas regiões, o que pode ser confirmado através de algumas narrativas realizadas. Lopes e Carvalho (2016, p.576) afirmam que “Embora busquem ascensão social por meio da educação e trabalho para além de atividades de roça, eles desejam muitas vezes continuar no campo.”

*“Quando foi para ir para a **Universidade**, era para ir para Lisboa, mas **fui para a Covilhã, preferi continuar num meio mais interior** a estar a ir para uma grande cidade. **Gosto de cidades mais pequenas, mais calmas, com melhor qualidade de vida.** (...) **Eu não troco o interior.**”* (Leonor, Portalegre)

*“(...) E depois também a **transição não foi muito diferente**, ou seja, **Aveiro é muito parecido com Viseu**, que eu estava habituada, **é muito semelhante.**”* (Catarina, Viseu)

*“Eu entrava em qualquer universidade na altura tinha Braga como primeira opção e o Porto a seguir e depois Coimbra, mas **Braga foi mesmo por essa questão, por estar mais perto de casa** (...)”* (Filipa, Viana do Castelo)

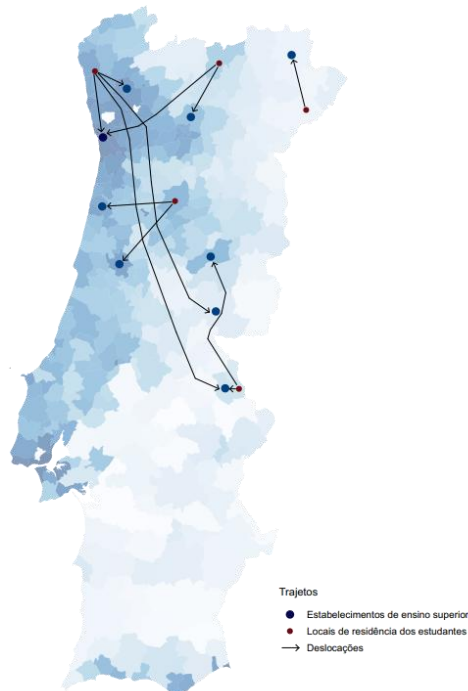


Figura 2 – Mapa representativo das deslocações dos/as jovens

Tal decisão está relacionada com o facto de os/as jovens, preferirem regiões semelhantes às suas para que o choque cultural, social e local não seja tão profundo e, desta forma, não lhes cause maiores dificuldades de adaptação. Ademais, facilita o contacto com a sua região, com a sua família e amigos, uma vez que, esta proximidade territorial, permite manter o elo de ligação e por sua vez, não deixar desaparecer o sentimento de pertença que os/as jovens têm com a sua comunidade.

*“Olhando agora um bocadinho para trás, eu tive logo esta percepção quando cheguei a Lisboa, **fui muito feliz a crescer em Nelas**, uma pessoa chega e vê **o tipo de relacionamento que um jovem urbano tem e que é completamente diferente de um jovem do interior**. O nível de crescimento, até pelo facto de termos saído de casa, crescemos mais rápido. Eu acho que **valorizava a proximidade com as pessoas**, mas como eu não tinha saído não conseguia ter tanta percepção da diferença que havia. Aqui é que **comecei a valorizar** o facto de eu em Lisboa, para conseguir estar com as pessoas que queria demorava uma hora e perdia muito tempo e por isso por vezes acabava por nem acontecer.”* (Cátia, Viseu)

Esta ideia é confirmada pelas ideias de autores como Sofia Silva (2021) et al quando apontam para o facto de os/as jovens desenvolverem um forte apego e valorização às suas regiões. Esta experiência de mudança de região não traz novidades no que diz respeito ao sentido de pertença que já tem para com o local, permite sim fazê-los refletir sobre esta situação.

Foi partilhada, frequentemente, a mesma ideia de que os/as jovens, nesta primeira fase de transição para o ensino superior, sentirem dificuldades de adaptação e resistência em simpatizar com a cidade e os costumes que estavam a enfrentar. Isto acontece porque, na sua grande maioria foram para cidades maiores em que a dinâmica do dia-a-dia é completamente diferente de uma região rural e, pelo facto de estarem distantes da sua família e amigos. Estas ideias são traduzidas com a empiria, como podemos verificar,

*“Foi uma **experiência agri-doce**. Fui para o ISEP no Porto. **Os primeiros tempos foram extremamente duros. (...) Foi extremamente difícil porque eu sempre fui muito ligada à minha família.**”* (Sara, Viana do Castelo)

*“Depois, quando fui para Lisboa, aí é que **foi o grande choque**, mesmo a nível social. Notei realmente a diferença, **as pessoas mais frias e afastadas. Não havia tanto esta proximidade a que estava habituada..**”* (Cátia, Viseu)

*“Eu ao fim de duas semanas já queria trocar de curso, vir para mais perto, desistir da universidade, a adaptação foi muito má mas, o que é certo, é que depois acabei por ficar por lá. (...) Ainda, sou filha única, sou menina da mamã e do papá e **essa distância**, de certa forma, **foi um choque muito grande.**”* (Laura, Chaves)

Quando questionados, durante o tempo em que estavam a frequentar o Ensino Superior, os/as jovens vinham a casa por vários motivos, todos eles relacionados com o sentimento de pertença que tem com a comunidade local, isto porque, como a autora Sarason (1974) apresenta, o sentimento de pertença ao lugar, está relacionado com rede de relacionamentos “(...) o sentimento de que fazemos parte de uma rede de relacionamento de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender.” (Sarason, 1974, p.157).

*“Todos os fins-de-semana vinha a casa, não falhei um. Sentia esta necessidade de voltar a casa porque não gostava de lá estar. Sentia que me faltava alguma coisa, não sabia bem o quê mas quando vinha a casa sentia-me melhor. **Tinha a minha família e os meus amigos** daqui e sentia-me em casa.”* (Luana, Portalegre)

*“Eu vinha de 15 em 15 dias a casa. Eu venho de uma família muito unida, tenho três irmãs e o meu pai trabalhava fora então tínhamos aquela coisa de irmos todos naquele fim-de-semana para eu **estar com a minha família**.”* (Letícia, Viana do Castelo)

*“Continuei a manter uma relação com a minha família, vinha a casa todos os fins-de-semana. Sentia necessidade de vir a casa e mantive a ligação porque necessitava do colinho da mãe, tinha saudade dos meus pais. (...) vinha carregar baterias, **estar com os meus pais e amigos**.”* (Luz, Mogadouro)

Estes resultados alinham-se na conceção de Farrugia (2019), no sentido de que os/as jovens, nomeadamente de contextos periféricos ou rurais, tendem a partir em busca de novas oportunidades de educação e de trabalho. No entanto, mesmo estas movimentações podem ser necessárias para manter uma relação de proximidade, uma vez que, existindo um retorno, mesmo que seja semanalmente, este mostra-se fundamental para manter a conexão com o lugar e a sua valorização, promovendo através das suas associações, o sentimento de pertença à comunidade.

Outro dos motivos também focado pelos/as jovens foi o contacto com a Natureza a que estavam habituados. Nas grandes cidades existe muito trânsito e confusão e havia esta necessidade de os/as jovens se manterem ligados/as com as suas regiões, não só pela rede de relacionamentos atrás exposta, mas, também, pelo que o local e a comunidade lhes proporcionava.

*“(...) Adorava vir cá a Viana. Tenho muito **orgulho na minha terra** e sentia a **necessidade da natureza**, estava completamente perdida. Era realmente muito ligada a Viana, a minha região. **Não gostei da experiência desde o início. Viana estava envolvida no desporto**, temos o Desporto Náutico e eu gostava de ir assistir e em Castelo Branco não acontece nada, é péssimo, não acontece mesmo nada. E depois é assim, como não gostava, eu **tentava vir a casa todos os fins-de-semana**.”* (Liliana, Viana do Castelo)

Foi transversal a todas as entrevistas biográficas realizadas, que os/as jovens numa primeira fase de entrada no Ensino Superior, numa nova cidade, sentiram dificuldades de adaptação.

Os/as jovens vinham de regiões com características geográficas, territoriais e dinâmicas completamente diferenciadas o que lhes dificultou este processo de transição e adaptação. Não obstante, a juventude entrevistada tem bastante presente esta pertença com a sua comunidade. Para eles, a família, os amigos e, também, o contacto com a Natureza e a tranquilidade são fatores cruciais para a sua felicidade.

Este apego e esta ligação que foi construída ao longo dos anos, não é esquecida quando saem para ingressar no Ensino Superior “a emigração não diminui necessariamente o apego ao lugar”.⁴¹ (“Barcus e Brunn, 2010 in Milbourne e Kitchen, 2014, p.327). Por isso mesmo, o sair não significa deixar a região uma vez que o apego às suas regiões permanece forte.

2.3 REGRESSAR: NOVOS VALORES ASSOCIADOS ÀS SUAS REGIÕES

Ao longo das entrevistas biográficas foram sendo apresentados vários fatores/decisões que estiveram na base do regresso dos/as jovens.

Considera-se que este regresso foi essencialmente um momento de reflexão por parte dos/as jovens que traduziu-se na consciência de que todas as suas decisões levaram a determinadas aprendizagens e experiências. Ou seja, o seu regresso não foi inconsciente, houve influências para esta decisão, vários motivos estiveram na base do regresso da juventude às suas regiões. Desta forma, o autor Dewey (1938) ajuda-nos a refletir sobre esta questão, o facto de os/as jovens terem regressado deveu-se à reflexão dos/as mesmos/as que conduziu à vontade de quererem regressar, sejam quais forem as causas. A aprendizagem na vida da juventude entrevistada é constante e transversal nas suas vidas, são as suas experiências que se transformam em aprendizagem, tomando a consciência e a reflexão dessas mesmas práticas que vão tomando.

Os/as jovens adultos entrevistados/as tiveram diferentes trajetórias de vida resultando em experiências singulares e únicas que conduziram ao seu regresso com motivos diversos.

⁴¹ Tradução nossa do original em inglês: “out-migration does not necessarily diminish attachment to place.”

O primeiro motivo deste regresso teve a ver com a perceção de uma melhor qualidade de vida, ou seja, a quase inexistência de trânsito e a confusão associada.

Duas jovens focaram-se essencialmente neste fator. Elas têm consciência que ao voltarem à sua região são menos bem remuneradas quando comparado à cidade, não tem tanta facilidade de progressão profissional nem oferta cultural. Contudo, o que é mais valorizado pelas mesmas é a tranquilidade que a região lhes transmite e a qualidade de vida: existência de menos trânsito, confusão e proximidade com a Natureza. Ou seja, a verdadeira razão é a paixão/gosto pela região.

“O nível de vida é muito melhor. O dinheiro faz falta, mas por exemplo, eu prefiro ganhar um bocadinho menos em relação a Lisboa mas ter uma boa qualidade de vida, sair do trabalho e estar completamente disponível. Não é sair do trabalho, ainda ficar 1h ou 2h no trânsito.” (Luana, Portalegre)

“Eu já sou uma pessoa de muita energia e atividade e até podia querer uma cidade para morar que também fosse assim, mas deixava-me ainda mais ansiosa e nervosa.” (Sara, Viana do Castelo)

“(…) porque é uma cidade tranquila e temos monte e o mar muito próximos e eu gosto muito de desporto e então gosto muito de caminhar até ao monte e ir até à praia dar uma caminhada e apanhar sol.” (Cristina, Viana do Castelo)

Estas ideias apresentadas pelas jovens traduzem-se nesta necessidade de voltarem porque sempre mantiveram uma forte ligação com a sua comunidade e o local, mas sem desvalorizar as fragilidades que existem. Esta ideia vai de encontro com Cicognani (2011), ou seja, criamos um sentido de ligação com o espaço físico traduzida pela ordem e estabilidade de que os/as jovens dependem.

Outro fator consequente das entrevistas biográficas traduz-se na necessidade de os/as jovens estarem com a sua família e amigos (rede de relacionamentos). Um indivíduo faz parte de vários ecossistemas que são os ecossistemas aos quais pertencemos e a família e os amigos são dois deles. Estas interações e relações são responsáveis pela criação da identidade da juventude e, desta forma, estes/estas tomam a decisão de voltar à região, revelando um forte apego à comunidade.

“Mas também voltei porque em Viana tenho as minhas raízes todas, porque tenho os meus amigos de infância (...)” (Filipa, Viana do Castelo)

“São os amigos, a minha família, estamos sempre todos muito juntinhos. Quando cheguei e assentei cá continuei com as amigas que tinha, sentes que isto é que é teu.” (Cristina, Viana do Castelo, 31A)

“Eu precisava de vir para Viana, Vila de Punhe, porque realmente era a minha casa, a minha paz, a minha família, os meus amigos e acho que nós temos extremamente boas condições.” (Sara, Viana do Castelo)

Tendo em conta a análise das entrevistas biográficas, surgiu a necessidade de se explorar a vertente digital na vida dos/as jovens. Quando falamos do digital estamos a falar de dispositivos que permitem proporcionar ligações / conexões entre as pessoas e a informação. Os avanços tecnológicos trouxeram uma nova dinâmica para as relações sociais. Esta forma de comunicação tem aspetos positivos, como a facilidade de comunicação e a maior aceitação por grupos de pares ou maior networking. Como refere Mihailidis (2020, p.1), “Os jovens de hoje têm indiscutivelmente mais caminhos para a expressão cívica do que nunca. O cenário digital contemporâneo oferece uma variedade de plataformas, tecnologias e modalidades para a criação, compartilhamento e distribuição de informações.”⁴².

Um indivíduo está em constante interação social e o seu sentimento de pertença a um lugar, a uma comunidade e a um património cultural faz parte da sua trajetória de vida. Por isso, quando falamos de cidadania digital estamos a considerar os cidadãos da era digital, ou seja, indivíduos como membros da comunidade digital.

A cidadania digital, representa uma enorme mudança no nosso quotidiano (hábitos, comportamentos, interações) provocado pela tecnologia. É válido afirmar que as tecnologias digitais e as redes sociais estão inseridas nas nossas vidas e hábitos diários, à medida que nos tornamos mais integrados nas comunidades físicas e digitais em que vivemos.

Um dos fatores que também foi referido foi o aparecimento do Covid-19. Os/as jovens entrevistados/as, tinham os seus trabalhos na cidade, mas, a pandemia veio dificultar o modo de funcionamento de alguns postos de trabalho e criou a oportunidade de trabalharem remotamente acelerando o regresso dos/as jovens às suas regiões. Acresce que, jovens que estavam a concluir os seus estudos, tiveram de regressar e ter aulas online.

“Sendo que o meu trabalho pode ser feito remoto, foi a melhor opção que podia ter tido porque consigo juntar o útil ao agradável. Estou a trabalhar numa empresa que eu quero, a trabalhar na minha área e ao mesmo tempo consigo estar no sítio onde eu quero viver, que é aqui.” (Catarina, Viseu)

“Mas por causa do covid, a empresa estava fechada, ninguém estava no escritório e, fiquei remota o tempo todo até abril, abril de este ano, que foi quando a empresa abriu. No entanto, a empresa adotou uma nova política em que os colaboradores que vivessem num raio de 60km da empresa que podiam ficar 100% remotos.” (Catarina, Viseu)

⁴² Tradução nossa do original em inglês: “Young people today have arguably more avenues for civic expression than ever before. The contemporary digital landscape offers a range of platforms, technologies and modalities for the creation, sharing, and distribution of information.”

“Foi por causa da pandemia e como o meu curso é muito prático foi difícil. Tenho as aulas online e, por isso, não fazia sentido eu estar a pagar casa em Castelo Branco e devido a isso decidi ficar cá em Viana, na casa dos meus pais.” (Liliana, Viana do Castelo)

As competências digitais são essenciais para o pleno exercício da cidadania, enquanto potenciam o emprego e os estudos respondendo às exigências de um mercado de trabalho cada vez mais ligado às novas tecnologias e às redes sociais. Assim, “Ao se adaptar a esse novo ‘normal’, as instituições de ensino tiveram que evoluir rapidamente suas ferramentas e plataformas digitais para garantir uma entrega educacional ininterrupta aos seus (a) estudantes isolados.” (Santana et al, 2020, pp.78868-78869).

Por outro lado, com a dificuldade que adveio da pandemia, dois dos jovens tiveram de voltar e dar continuidade aos negócios familiares.

“Os meus pais têm uma empresa e o meu pai já está na reforma, a minha mãe também ajuda na empresa e dá muita apoio nessa empresa e eu decidi vir e arriscar tudo em Viana e o meu objetivo foi assumir a empresa dos meus pais e foi basicamente isso.” (Filipa, Viana do Castelo)

“O motivo principal de ter voltado foi realmente a empresa do meu pai. Eu regresssei há 3/4 anos, eu tenho 29 anos, por isso regresssei com 25 anos. Tive que decidir voltar até porque eu tenho uma sociedade, tenho uma quota na empresa e eu um dia, tinha mesmo de voltar. (...) Tinha um elo de ligação, uma questão profissional.” (Tomás, Viseu)

Outro condicionante foi o surgimento de oportunidade de estágio, emprego e/ou continuação de um projeto. Apesar de as regiões rurais e de baixa densidade serem alusivos à falta de oportunidades os/as jovens, nos seus discursos apresentam as incertezas e as dificuldades, mas, também, se começa a observar mudanças.

“Acabou por ser um regresso que não estava à espera que acontecesse. A INDIEROR acaba por se tornar a parte principal de ter este regresso e de não querer sair daqui porque acaba por ser o elo de ligação.” (João, Chaves)

“A ideia seria sempre sair mas ao mesmo tempo ia mantendo esta ligação com a Indieror ainda que não tivesse formalizada dessa forma e as coisas iam crescendo paralelamente até que houve a necessidade de escolher e obviamente que, da parte da minha mãe, ela não entendia muito bem, estávamos a pegar num projeto que não sabíamos como ia correr, foi um risco que tomamos. Eu disse à minha mãe que ainda era muito nova mas já acreditava que podia fazer a diferença aqui e foi essa decisão que me fez ficar por aqui.” (Laura, Chaves)

“Eu estagiei aqui em Portalegre porque sempre quis fazer o estágio aqui. Na Covilhã havia muita gente e ir para outro lado do país não fazia sentido e em Portalegre estava em casa, tinha a minha irmã a trabalhar numa farmácia e o dono é amigo do meu pai e se calhar por facilitismo que ia ter, acabei por voltar e fazer o estágio aqui. Até porque aqui podia ter uma possibilidade de continuar.” (Leonor, Portalegre)

As transições dos/as jovens não são lineares e as suas vivências conduzem a percepções distintas da realidade, mas todos os entrevistados regressaram às suas regiões porque mantiveram uma forte ligação com a região (comunidade, família, amigos, o local...). Estes ecossistemas de pertença fazem com que a pessoa pertença a uma coletividade mais alargada, pois todos estes fatores influenciaram o regresso dos/as jovens, ou seja, existe uma dependência emocional e é este o processo de construção do sentimento de pertença.

Os/as jovens demonstram que ainda existem muitos obstáculos quando o assunto é voltar à sua região porque não existe tanta oferta/oportunidades de emprego. Foram revelando terem amigos/as que querem regressar à sua região porque querem estar próximos da sua comunidade, dos seus amigos e família, mas que, têm dificuldade porque não encontram emprego. Apesar de haver esta vontade de regressar e desenvolver a região, não tem possibilidades.

O sentimento de pertença foi sendo construído ao longo de toda a sua vida e mesmo quando saíram para ingressarem no Ensino Superior não ficaram desprovidos deste lado emocional com a sua comunidade, mas torna-se ingrato que tenham de abandonar a sua região de vez, porque não tem perspetivas futuras de emprego nas suas regiões. É um dilema grande: voltar para onde se sentem em casa e felizes, mas por outro lado sujeitam-se a empregos que não sejam da sua área.

*“Agora **vejo algumas potencialidades em Viana**, no entanto, é preciso fazer um trabalho a nível coletivo. (...) **Queres ter uma empresa nesta região e notasse que há muita dificuldade e que poucos negócios singram**, é uma cidade mais parada e não entendo bem o porquê.”* (Letícia, Viana do Castelo)

*“**Muita gente não fica cá porque não pode, não dá**. Eu por acaso tive sorte porque tive esta oportunidade de ficar em teletrabalho, senão não estaria aqui certamente.”* (Catarina, Viseu)

*“Eu **depois da universidade não fiquei cá porque não encontrei trabalho aqui** porque pronto, psicologia há muita procura e depois era sempre pessoas com experiência e pronto e tivemos, tanto eu como os meus colegas, **sempre muita dificuldade**.”* (Filipa, Viana do Castelo)

*“É **terrível, especialmente para os jovens**. Se querem que eles fiquem **deviam dinamizar muito mais**.”* (Cristina, Viana do Castelo)

Em modo de conclusão, quando foi questionado o motivo de, após concluírem o Ensino Superior, terem tomado a decisão de regressarem, as respostas que foram revelando nada teve a ver com o insucesso. O insucesso não é uma variável apresentada por este grupo de jovens. Todos/as tiveram a vontade de regressar, por vários motivos, mas no fundo com as mesmas motivações: a família e os amigos, rede de relacionamentos. Nunca deixaram

realmente a sua região/comunidade, sempre mantiveram a ligação. O sentimento de pertença a um lugar é construído desde a infância, com a participação em atividades, com a ligação que tem com a família e amigos e, apesar de terem saído para estudar, não significa que deixaram verdadeiramente a sua comunidade. Estes/as jovens asseguram que pertencem e são felizes na sua região.

2.4 JOVENS PROMOTORES DO DESENVOLVIMENTO DAS SUAS REGIÕES

No último ponto do capítulo, explora-se os projetos/iniciativas dos/das jovens entrevistados/as e em que medida estão a contribuir para o desenvolvimento da comunidade. Ademais, explorar se a juventude entrevistada está a trabalhar na sua área de formação do Ensino Superior e, em caso negativo, compreender quais as áreas de emprego que estão a atuar. Por fim, mas não menos importante, perceber quais os motivos que levam aos/às mesmos/as terem este sentido de missão para com a sua região.

Com as entrevistas biográficas, já se começa a ver jovens a regressar às suas regiões e a desenvolver projetos/iniciativas para ajudar no desenvolvimento das suas comunidades – socialização para o retorno.

Segundo os autores Elvas e Moniz (2010) o facto de os/as jovens sentirem que pertencem à comunidade, impele-os a participar e procurar soluções que ajudem a desenvolver a mesma, contribuindo para o aumento da qualidade de vida e bem-estar individual, uma vez que o sentido de pertença à comunidade, reflete-se nesta ideia de que, se recebemos também queremos contribuir para o bem-estar dos outros “Consideramos que o sentimento de comunidade contribui positivamente para a promoção de programas comunitários essenciais ao desenvolvimento de comunidades sustentáveis e saudáveis.” (Elvas e Moniz, 2010, p.1).

McMillan e Chavis (1986) em sua obra “*Sense of Community: A Definition and Theory*”, vem corroborar algumas das respostas dos/as jovens biografados,

"Um sentimento que os membros têm de pertencer, um sentimento de que os membros são importantes uns para os outros e para o grupo, e uma fé compartilhada de que as necessidades dos membros serão atendidas por meio de seu compromisso de estarem juntos." ⁴³(McMillan e Chavis, 1986, p. 9)

Esta ideia pode ser confirmada com os resultados do estudo. A empiria vem dialogar com a compreensão do autor.

*"É uma **grande ligação à comunidade, com o vizinho. Foi uma comunidade que me deu tanto que agora também quero dar.**"* (João, Chaves)

O papel dos/das jovens adultos/as, enquanto agentes de desenvolvimento local, é maioritariamente concebido como uma forma de combate ao despovoamento das regiões rurais e de baixa densidade (Almeida, 2017).

*"A partir do momento em que temos **mais população jovem**, também se calhar **começa a haver mais interesse em ter aqui mais atividades, mais peças, mais concertos** aqui na zona e acho que uma coisa atrai a outra. **Quantos mais jovens e mais pessoas aqui tivermos também mais interesse** terá esse tipo de **organizações em vir mais para o interior.**"* (Catarina, Viseu)

A juventude têm este sentido de missão de contribuir para a comunidade e tentar colmatar as fragilidades presentes nas suas regiões. Nas várias áreas de empregabilidade, os/as jovens, sentem que contribuem para o bem-estar da comunidade e para o seu crescimento e isso faz com que se sintam realizados e parte de uma coletividade maior e com significado.

*"Eu trabalho numa construtora. (...) Como **são obras do município estou a construir para aqui.** A política da minha empresa é **trabalhar apenas com obras daqui da região, do município.**"* (Luana, Portalegre)

*"Por acaso acho que **dou um bocadinho para a comunidade especialmente para as pessoas mais velhas que precisam de uma conversa** e muita gente vai à farmácia para ter uma companhia, para estar um bocadinho a falar connosco e sinto, principalmente as pessoas mais velhas daqui que gostam muito."* (Leonor, Portalegre)

*"É sempre bom **partir do interior para todo o lado** porque tenho clientes no sul de Espanha, em França. (...) A **empresa em Nelas é conhecida, pelas pessoas e pela comunidade.** E depois porque **empregamos pessoas.** Passa sempre a palavra e temos tido **feedback positivo**, tanto com os **clientes como, na comunidade.** Nós **desenvolvemos o local onde habitamos.**"* (Tomás, Viseu)

*"Depois veio a associação. (...) Queremos **divulgar aquilo que já existe e que muitos jovens não conhecem**, mesmo que não sejam do interior. Depois **impulsionar** porque ainda há muito **potencial por explorar** e há muito para melhorar e crescer. (...) Por um lado, divulgar o que já existe, que está focada a nível industrial*

⁴³ Tradução nossa do original em inglês: "A feeling that members have of belonging, a feeling that members matter to one another and to the group, and a shared faith that members' needs will be met through their commitment to be together."

*e técnico e, por outro lado, **desenvolver e alertar para a potencialidade do interior**, visto que tem muito que crescer e muito por onde ir.”* (Cátia, Viseu)

Alguns dos/das jovens entrevistados/as regressaram porque mantiveram uma participação e envolvimento com a sua comunidade, por exemplo, o associativismo e a banda local. Este envolvimento cívico – envolvimento em atividades de promoção do bem comum e resolução de problemas sociais – está relacionado com aquilo que é trabalho com a comunidade, contribuindo para que os/as jovens, apesar de terem deixado os seus territórios, regressem, uma vez que mantêm um sentimento de pertença à sua comunidade.

Os/as jovens ainda mantêm uma relação próxima e ativa com as atividades que iniciaram enquanto frequentavam o secundário e que ainda lhes faz sentido manter, de forma a poderem contribuir positivamente para o seu avanço e para a melhoria da comunidade e dos/as novos jovens.

*“A INDIEROR tem a **parte cultural e tem a parte associativa**. (...) **mostrar a toda a comunidade que em Chaves é possível teres uma produção cultural com qualidade e, agora, temos uma produção regular no auditório com nomes nacionais e internacionais** (...) Vamos à **escola, conversar com os alunos**, explicar às pessoas, que estão no secundário aquilo que é ser um artista (...)”* (João, Chaves)

*“Hoje acho que reconhecem que realmente em certos aspetos **se não fossemos nós haveria aqui uma falha enorme a nível de oferta cultural**.”* (Laura, Chaves)

*“No último mandato o presidente convida-me para ser vice-presidente e eu através da minha experiência, disse ao presidente que era **fundamental trazer mais mulheres para a direção, dar voz a mais jovens**. Se a **banda é composta por tantas gerações**, os jovens também são fundamentais para serem ouvidos.”* (Sara, Viana do Castelo)

As tecnologias podem contribuir para o desenvolvimento de participação por parte dos/as jovens a nível local de forma a criarem e dinamizarem projetos e iniciativas para a exploração de potenciais pontos-chave da sua região o que permite criar uma visibilidade e um caminho de desenvolvimento promissor para comunidades mais isoladas e de baixa densidade. Citando Gleason (2018), “as tecnologias digitais são mediadas socialmente; as pessoas experimentam e adaptam para uso próprio, como na criação da hashtag.”⁴⁴ (Gleason, 2018, p.2).

Conforme Mihailidis (2020) enuncia, os hashtags desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da identidade dos/as jovens, criando uma rede, uma proximidade, ainda que online, entre pessoas e comunidades e, ainda, expressar as suas ideias.

⁴⁴ Tradução nossa do original em inglês: “digital technologies are socially mediated; people experiment with them and adapt them for their own use, as in the creation of the hashtag.”

Ainda, “Essas formas de comunicação têm o potencial de trazer mais jovens para os processos políticos e cívicos por meio de conteúdo conectivo, relacionável e envolvente.” ⁴⁵(Mihailidis, 2020, p.763).

Nas entrevistas biográficas é visível o compromisso que os/as jovens têm para com as suas regiões tendo sempre em vista os seus ideais, interesses e valores. O que significa que, alguns/algumas dos/as jovens adultos/as estão a trabalhar na sua área de formação ou numa área que sempre lhes foi apaixonante.

*“Nós somos os **três produtores culturais** e temos aqui um trabalho muito presente. A minha licenciatura é em ciências da comunicação, mas depois eu escolhi especialização de multimédia e **sempre desenvolvi atividade na área do vídeo por isso o meu contributo na associação para além de ser sobretudo o vídeo é a parte da comunicação, a gestão das redes.**”* (Laura, Chaves)

*“Esta ideia surgiu em tempo de pandemia quando estávamos em casa. Eu também **gosto de trabalhos manuais, da arte** e depois surgiu, nem sei explicar como, foi na internet. Comecei a ver vídeos e achei interessante. **Fiz um curso, fiz formações e agora já faço cremes.**”* (Luz, Mogadouro)

É preciso considerar alguns factos enunciados com a análise das entrevistas biográficas. Ficou claro que certos/as jovens entrevistados/as não estão a trabalhar na sua área de formação. Estes/as patenteiam falhas e dificuldades nas suas regiões, e, envolvem-se em outras áreas fundamentais para o desenvolvimento local e preferem trabalhar numa área diferente da sua, uma vez que, idealizam outros benefícios associados a viver nas suas regiões, como tem sido apresentado.

As vantagens mais citadas são a qualidade de vida: menos trânsito, menos confusão; o contacto com a Natureza e a proximidade com a sua família e amigos, ou seja, o elo de ligação para com a comunidade ganha prioridade sobre a sua carreira profissional. Uma coisa leva à outra e sentem-se realizados e felizes tanto na vida privada como na vida profissional, levando a um verdadeiro sentido de pertença à comunidade.

*“Entretanto, num dia qualquer, **ligam-me a dizer que precisavam de um professor na academia** para dar aulas de expressão musical/educação, musical, nas escolas primárias. (...) **Nunca quis ser professora e agora sou professora e estou a amar o que estou a fazer.** Detestava ser professora de fagote, mas sou professora de música e **adoro os meus alunos e adoro dar aulas.**”* (Luísa, Viana do Castelo)

*“**Hoje em dia nem sequer exerço o meu curso**, sou licenciado, tenho um mestrado, tive uma pequena passagem por uma empresa da área, mas não durou muito tempo e hoje em dia não trabalho, não exerço engenharia biomédica.”* (Tomás, Viseu)

⁴⁵ Tradução nossa do original em inglês: “These forms of communication have the potential to bring more young people into political and civic processes through connective, relatable and engaging content.”

*“Os últimos anos em Braga foram um terror porque **não gostava do trabalho, estava longe da natureza, num apartamento, então regresssei para Viana do Castelo e estive a viver com os meus pais. Recebi uma proposta de trabalho que é o que eu faço atualmente** já quase há 6 anos. É um **trabalho que eu digo que gosto.**”* (Letícia, Viana do Castelo)

Os/as jovens adultos/as entrevistados/as regressaram e estão envolvidos em atividades que contribuem para a economia local e para dinamizar o potencial das suas regiões levando ao desenvolvimento da comunidade. Por vezes, não estão na sua área de formação, mas o sentido de missão para com a comunidade e o lado emocional sobrepõe-se a isso.

Ficou evidente nas entrevistas biográficas que a juventude se sente realizada e que pertence à sua região. Acredita-se ser essencial existir este reconhecimento sobre a necessidade de se equacionar os/as jovens como agentes capazes de poderem participar na resolução de problemas locais (Akiva et al., 2014; Trivelli e Morel, 2021). São os/as jovens que ao regressarem às suas regiões, têm uma maior abertura para criar iniciativas e projetos que, quando bem explorados podem, efetivamente e de forma significativa, levar ao desenvolvimento e rejuvenescimento da comunidade, dado que este tipo de contextos mais conservadores e de baixa densidade necessitam de novas estratégias para crescerem. Os/as jovens têm uma perceção mais precisa e singular da sua realidade e das mudanças que nela ocorrem. Esta noção leva a que sejam capazes de analisar os problemas sociais e, conseqüentemente, mudar mentalidades e que afetam as suas vidas (mudança social).

Síntese

Para concluir, é possível reconhecer, através dos dados qualitativos recolhidos pelas entrevistas biográficas, inquietações e constrangimentos que se prendem sobretudo com questões relativas ao acesso à educação, mas também com a formação e emprego, e que decorrem de desigualdades territoriais, sociais e económicas. Simultaneamente, levam-nos a identificar a resiliência dos/as jovens perante as adversidades e a emergência de sentimentos de pertença à escola, à comunidade e ao território, como oportunidades a valorizar e promover para a coesão territorial.

Contudo, também é importante não subestimar o papel da mobilidade na vida dos/as jovens, nomeadamente aqueles que não encontram oportunidades nos seus territórios para alcançar os seus objetivos de vida. Porque, ao deixar o seu contexto de origem para um local com oportunidades mais diversas, vantajosas e favoráveis onde a juventude possa realizar os seus sonhos, esta saída pode potenciar um desconforto entre o lugar onde cresceram e

pertencem emocionalmente, para um novo local, e, por isso, iniciou-se uma “não identificação” com a cidade. Surge assim a importância de desenvolver um sentimento de pertença, descrito por vários autores como um sentimento de identificação com culturas, pessoas e lugares que faz com que uma pessoa se sinta bem consigo mesma e com a comunidade que a rodeia.

Muito para além da possível vontade dos/das jovens deixarem para trás aquilo que é o seu lar à procura de oportunidades mais vantajosas para as suas vidas, o sentimento de pertença ao lugar e à comunidade pode, na maior parte das vezes, sobrepor-se a esse chamamento. No entanto, os/as jovens adultos entrevistados/as abandonaram a sua região em que se encontram, atualmente, a viver, para de facto, prosseguirem os estudos no ensino superior. Com essa saída, existem exceções quanto à região onde ficaram a estudar, que, por conta do afeto à família, amigos, valores, tradições e estilos de vida, preferiram permanecer a viver em áreas próximas da sua.

A juventude que vive em regiões rurais é caracterizada pelo imperativo de mobilidade, devido às assimetrias do território português, surgindo como um obstáculo para jovens que necessitam de se adaptar a um novo meio. A nosso ver, no contexto das políticas locais e regionais, podem ser criadas sinergias entre vários atores sociais em ação, o que pode levar ao trabalho em rede e à implementação de estratégias comuns que facilitem a identificação de necessidades. Porque, este estudo, demonstrou que os/as jovens querem e têm um papel decisivo nas suas comunidades. Entendendo que o desenvolvimento comunitário ou local não se restringe apenas ao levantamento de carências, uma vez que se apresenta também como uma sequência de procuras, de descobertas e de escolhas que implicam a ação, a interação e a interpretação dos diversos atores envolvidos, definindo projetos e procurando realizá-los, pois neste âmbito as pessoas são encaradas como recursos para o seu próprio desenvolvimento, apostando-se para isso nas suas capacitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente investigação pretendíamos demonstrar que a mesma permite compreender a realidade em estudo, como exercício crítico, em relação à formação de novas perspectivas, pressupostos e ajustamentos conceptuais.

A abordagem interpretativa permitiu alcançar uma compreensão alargada dos percursos e experiências de jovens adultos e a sua ligação à região de origem. Além disso, a postura metodológica apropriada nesta investigação permitiu, não só uma visão mais ampla sobre os resultados da pesquisa, mas também sobre o processo de pesquisa. Por esta razão, serão aqui apresentadas algumas considerações finais em relação aos resultados do estudo, nesta compreensão das trajetórias dos/as jovens adultos e o sentimento de pertença às comunidades.

Para dar clareza a estas conclusões, o texto divide-se em várias secções na tentativa de procurar esclarecer as contribuições desta dissertação acerca da compreensão do sentimento de pertença de jovens que vivem em contextos rurais e de baixa densidade; compreender de que forma estas experiências foram educativas para os/as jovens entrevistados/as e, ainda, enquadrar o estudo no domínio no qual esta investigação se insere.

Assim, tal como enunciado na introdução, a questão de investigação que permeia este estudo é ***“Sentimento de pertença e desenvolvimento local: jovens em contextos de baixa densidade e rurais.”***

A partir da análise dos resultados, os/as jovens adultos entrevistados/as quando se referem às suas regiões designadas de rurais e baixa densidade, demonstram preocupação pelo facto de os seus contextos não terem tanta capacidade de garantir oferta de determinadas necessidades como a diversidade de serviços, lazer, oferta de atividades desportivas, emprego e ainda, o acesso ao ensino superior. Estas preocupações limitam as perspectivas futuras da juventude que vivem nestes territórios e que por sua vez traçam os seus próprios caminhos em lugares onde as oportunidades são mais presentes, os centros urbanos.

A participação em atividades culturais, desportivas e sociais contribui significativamente para a integração e dinamização da comunidade. É nestes locais que a juventude troca ideias, experiências e interesses, esclarece problemas do quotidiano e procura soluções com os seus pares. A participação fomenta a democracia e a troca de ideias e experiências, promovendo o pleno exercício da cidadania e a definição da identidade local.

Foi consistente a comparação entre morar nas suas regiões e morar nas cidades. Estar longe da cidade significa estar longe de oportunidades não disponíveis nas áreas rurais. Como resultado, a experiência da juventude nas áreas rurais é limitada pela prestação inadequada de serviços, levando a uma menor oferta de aprendizagem superior, trabalho, lazer e oportunidades sociais para os/as jovens. Esses desafios enfrentados são facilitados pelas estruturas políticas e económicas que regem as relações urbano-rurais, mediando a criação de espaços nos quais os/as jovens possam vivenciar a sua identidade e pertencimento ao lugar e, assim, contribuir ativamente para o crescimento local.

Também é importante não subestimar o papel da mobilidade na vida da juventude que vive em regiões rurais e de baixa densidade, especialmente aqueles que não encontram oportunidades para alcançar os seus objetivos de vida nas suas comunidades. Quando jovens saem do seu ambiente familiar e mudam-se para lugares onde há oportunidades mais diversificadas, lucrativas e acessíveis para realizar os seus sonhos, essa saída está emocionalmente ligada ao lugar onde foram criados. O que significa que é importante cultivar o sentimento de pertença. Com o imperativo de mobilidade presente nos biografados/as, existem exceções quanto à região onde ficaram a estudar, que, por conta do afeto à família, amigos, valores, tradições e estilos de vida, preferiram permanecer e viver enquanto estão a estudar, em áreas próximas da sua. Esta mobilidade deve-se ao facto de existir assimetrias no território português.

Este estudo demonstrou que os/as jovens querem e têm um papel decisivo nas suas comunidades. O desenvolvimento das comunidades e regiões não se limita à avaliação de necessidades, mas sim a uma série de descobertas e reflexões que requerem ações, interações e interpretações dos diversos atores envolvidos, a definição de projetos e tentativas de realizá-los. Também se apresenta como uma escolha, pois neste contexto a pessoa é vista como um recurso para o seu próprio crescimento, dependendo das suas capacidades.

Uma vez que esta dissertação versa sobre o sentimento de pertença de jovens adultos em contextos rurais e de baixa densidade e como isto influenciou o envolvimento e a participação destes/as na promoção do desenvolvimento das suas comunidades, é necessário ter em conta que apesar da investigação nos ter demonstrado reflexões interessantes sobre esta problemática, ainda se denota a necessidade de fomentar uma maior consciencialização crítica no seu reconhecimento face às políticas. Foi possível verificar que naturalmente existem medidas, projetos e iniciativas para garantir o desenvolvimento local e o incentivo para a

participação dos/as jovens nas suas comunidades, contudo, nas discussões e a partir das entrevistas biográficas, pensar sobre o rural e as suas fragilidades, não compete apenas à juventude garantir o não declínio das regiões, é preciso também existir estratégias para que a juventude não tenha a necessidade de sair dos seus territórios na procura de continuar os seus estudos.

A partir da questão de investigação com os objetivos orientadores que permeiam o estudo, é possível concluir que ao estudar-se a população jovem dos contextos rurais e de baixa densidade, ao regressarem após concluírem os estudos no Ensino Superior, ficou claro que o sentimento de pertença foi sendo construído com a participação destes/as em atividades e projetos que iniciam na infância e que foi sendo transversal nas suas vidas. Mesmo quando saíram para continuarem os estudos, mantiveram contacto e proximidade com as suas comunidades. O principal motivo deste regresso deveu-se à vontade de estar próximo da sua família, amigos, o contacto com a Natureza e a tranquilidade das regiões. Com este regresso, para tentar colmatar as fragilidades sentidas nas suas comunidades, os/as jovens adultos estão envolvidos/as em projetos que ajudam a desenvolver a economia, a vida social e cultural das regiões.

A influência do sentimento de pertença nas trajetórias de vida da juventude entrevistada

Quando abordamos o conceito de sentimento de pertença não podemos descartar a importância dos/as jovens e, por isso mesmo, é imperativo que as estruturas sociais estejam preparadas para fornecer à comunidade juvenil espaços e oportunidades que possibilitem e auxiliem o seu desenvolvimento, nas diversas esferas da vida. A juventude é confrontada, no seu contexto, com uma série de costumes que deve seguir para ser aceite socialmente. No entanto, os/as jovens que vivam em contextos rurais, decerto que têm costumes e comportamentos distintos daqueles/as que vivem em contextos urbanos.

O sentimento de pertença mostra precisamente como este sentimento de se pertencer a algo não é estático. Este vai mudando e se transformando, como os percursos e as transições de cada indivíduo. Mostra-nos como é fundamental para a nossa construção enquanto sujeitos integrantes numa sociedade democrática, como fazemos parte da construção social que se desenvolve e que se vai modificando ao longo do tempo, consoante as influências que vamos apropriando e tornando nossas.

É importante reforçar uma vez mais a ideia de que devemos olhar para o panorama nacional e considerar as desigualdades socioespaciais existentes no nosso país como um problema a enfrentar. Reconhece-se a importância dos programas para o desenvolvimento regional, a nível nacional e europeu, que promovam percursos educativos de qualidade para os/as jovens, e que atendam aos recursos e oportunidades do meio local, através do trabalho em rede.

Existem, de facto, assimetrias nas zonas rurais de Portugal, marcadas por muitas injustiças, tornando-se crucial estudar como os/as jovens se sentem, uma vez que, o acesso a recursos leva a que os/as mesmos não tenham a necessidade de abandonar as suas regiões na procura de melhores condições de vida e oportunidades. Citando Cavaco et al (2015),

“As diferenças regionais verificadas requerem estratégias de articulação ao nível nacional que permitam tirar partido das especificidades dos diferentes territórios e dos seus distintos perfis de especialização e que não façam perder de vista propósitos de crescimento agregado e de equidade territorial. A promoção de complementaridades entre regiões dinâmicas do ponto de vista demográfico e económico e regiões em depressão demográfica, aproveitando os laços territoriais que parte significativa das populações urbanas mantém com os locais de origem, é determinante para o combate ao abandono, impedindo que vastas áreas do interior entrem em perigosos ciclos de degradação territorial.” (Cavaco, et al, 2015, p.77)

Com efeito, segundo um estudo de Silva e Silva, (2018) o território de Portugal, estas regiões “são atravessadas por limitações económicas, sociais e culturais, salientando-se ainda menos oportunidades de emprego e ofertas educativas.” (Silva e Silva, 2018, p.31). De acordo com a pesquisa desenvolvida, confirmam-se as desigualdades de oportunidades de acesso à educação em regiões rurais e/ou de baixa densidade, constata-se que o investimento na educação tem sido reconhecido como estrutura de valorização das juventudes e sua inclusão social.

Esta noção de espaço e não apenas do tempo, traz-nos à reflexão as questões da mobilidade e de como estas, em muitos casos, estão muito presentes nas transições dos/as jovens para o que consideram e planeiam ser uma parte essencial da sua transição para a vida adulta. Isto porque os/as jovens adultos são influenciados/as pelos contextos em que estão inseridos, e este facto acaba por se tornar crucial, quando, por exemplo, vivem em lugares que julgam ter menos oportunidades do que se deslocassem para outros.

“Experimentar a mobilidade (...) como grupos e indivíduos a vivenciam, ou em como uma região representa fluxos estruturais de mobilidades ou é historicamente associada ao movimento entrar/sair. Tais considerações

são fundamentais para compreender a complexidade e a heterogeneidade dos fenómenos observados na vida dos jovens; na verdade, eles influenciam e são influenciados por relações sociais, culturais ou económicas”.⁴⁶ (Silva et al, 2021, p.14)

Em seus estudos, o autor Farrugia (2020), chama à atenção para as experiências de jovens rurais, as quais são moldadas por imperativos de mobilidade para o exterior urbano e por formas fortes de apego ao lugar, sublinhando que as experiências juvenis decorrem numa simultaneidade de espaços e sistemas não lineares. Por outras palavras, a juventude não é uma trajetória linear, é uma evolução caracterizada pela sua complexidade, sendo uma dinâmica processual com vários caminhos. Assim, num mundo global caracterizado por uma nova ordem económica e social, a mobilidade e a conexão global tornam-se imperativos a seguir.

Neste estudo procurou-se também, reconhecer sentimentos de pertença a comunidades e territórios, bem como identificar ações de envolvimento social e cívico que mobilizem os atores em presença. As pesquisas desenvolvidas destacam a resiliência dos/as jovens, nos/as quais demonstram um elevado sentimento de pertença aos seus contextos de origem.

É importante realçar a ideia que subjaz à leitura das análises das entrevistas biográficas, na qual o sentimento de pertença é um processo transversal a toda a vida dos/as jovens. Portanto, é um processo que foi sendo construído enquanto a juventude participava ativamente em situações de voluntariado, associativismo, desporto, banda local, entre outros. Este sentimento de pertencer à comunidade fez parte de todas as fases/trajetórias das suas vidas, mesmo quando tiveram de deixar as suas regiões para prosseguir os estudos e quando voltaram para dar continuidade ao desenvolvimento local.

O sentimento de pertença não é isolado num determinado momento na vida destes/as jovens, é algo que intrinsecamente faz parte dos seus percursos de vida e que foi um processo contínuo para hoje, os/as jovens rurais e/ou de baixa densidade, afirmarem que pertencem à sua comunidade.

É fundamental que se considerem os/as jovens como indivíduos portadores de potencialidades, proporcionando-lhes espaços e contextos onde estes/as sejam ouvidos/as e se possam expressar de forma autêntica. Estes espaços e contextos acima mencionados

⁴⁶ Tradução nossa do original em inglês: “Experiencing mobility (...) how groups and individuals experience it, or in how a region represents structural flows of mobilities or is historically associated with in/out movement. Such considerations are fundamental to understanding the complexity and the heterogeneity of the phenomena observed in young people lives; indeed they influence and are influenced by social, cultural, or economic relations.”

proporcionam a todos os/as jovens uma sensação de pertença, de protagonismo, de evolução, de mudança e de transformação social. Todos estes aspetos irão permitir que os/as jovens desenvolvam as competências e os valores necessários a fim de se tornarem cidadãos/ãs ativos/as e responsáveis pelas questões que afetam em particular a sua comunidade ou o seu território e em geral a sociedade e o mundo.

Assim sendo, os/as jovens ao fazerem parte das várias atividades e participarem ativamente na sua comunidade estão, de certa forma, a influenciar a construção da sua identidade enquanto jovem e consequentemente o desenvolvimento local, levando a que os/as jovens se sintam bem e pertencentes à sua comunidade. Deste modo, no seguimento da investigação em torno das juventudes, Silva (2010), sublinha o interesse da sociologia da educação por uma grande diversidade de quadros de referência teórico-conceituais, realçando a importância dos/as jovens enquanto atores sociais portadores de experiências e enquanto agentes significativos para o processo de desenvolvimento dos seus territórios.

Como é que as experiências da juventude entrevistada são vistas como uma aprendizagem?

Ao longo do trabalho aqui desenvolvido, uma questão inevitavelmente surgiu – *como é que as experiências que vamos tendo ao longo da vida são educativas?* John Dewey (1938), em “*Experience na Education*”, explora o conceito de experiência, concluindo que, apesar de nem todas as experiências poderem ser consideradas educativas, toda a Educação é feita de experiências.

Para traduzir melhor esta ideia, para Dewey (1938) existem dois modos indissociáveis de olharmos para a experiência. O primeiro remete-nos para uma componente de que o autor denomina de ativo, isto é, a ação do sujeito sobre o mundo e, o segundo a que ele chama de passivo, que passa pela ação do mundo sobre o sujeito. Assim, quer isto dizer que, só existe realmente uma experiência se, por um lado, a ação do sujeito sobre o mundo promove a transformação no qual o mesmo tem consciência e, por outro lado, o sujeito estabelece, por meio da reflexão, uma relação entre a sua decisão e as mudanças que advém da mesma. Para que a experiência se estabeleça é preciso uma conexão entre essas duas coisas porque ao mesmo tempo que age e modifica o meio, a pessoa também sofre (vivencia) a ação deste meio sobre si.

A educação é a própria vida, é o desenvolvimento da pessoa e o seu crescimento. A aprendizagem é constante e transversal na vida das pessoas, são as suas experiências que se transformam em aprendizagem, tomando a consciência e a reflexão dessas mesmas práticas que vamos tomando. Essa aprendizagem, segundo o autor, leva as pessoas para um caminho mais feliz e de aceitação. É esta ideia de que aprendemos fazendo, é um processo pelo qual as pessoas dão sentido às suas experiências, especialmente aquelas em que se envolvem ativamente em fazer coisas e explorar o mundo.

“A experiência na sua qualidade de tentativa subentende mudança, mas a mudança será uma transição sem significação se não se relacionar conscientemente com a onda de retorno das consequências que dela defluam. Quando uma atividade continua pelas consequências que dela decorrem a dentro, quando a mudança feita pela ação se reflete em uma mudança operada em nós, esse fluxo e refluxo são repassados de significação. Aprendemos alguma coisa.” (Dewey, 1938, p.152)

Por conseguinte, para Dewey (1916), o conceito de educação está diretamente ligada com a experiência, uma vez que,

“O conceito de educação é uma constante reorganização ou reconstrução da experiência. Tem sempre um fim imediato e, enquanto atividade, é educativa. Alcança esse fim – a transformação direta da qualidade da experiência... Chegamos, assim, a uma definição técnica de educação: é aquela reconstrução ou reorganização da experiência que aumenta o significado da experiência.”⁴⁷ (Dewey, 1916, p.59)

Os/as jovens adultos entrevistados/as tiveram diferentes trajetórias de vida culminando em experiências singulares e únicas que são o que Dewey (1938) chamaria de “experiências educativas”. Os percursos destas e destes jovens contemplam uma série de ‘desafios’ que, indiretamente ou diretamente influenciaram as decisões tomadas por eles/as. Estes desafios e experiências são vistos pelos/as jovens adultos/as entrevistados/as como forma de crescimento e estes/as acreditam que terão um presente mais feliz e com elevado sentido de realização.

Além de ativa e passiva, a experiência, para ser uma experiência educativa, precisa ser dotada de significado. Nem todas as experiências são educativas pelo simples facto de que quando passamos por uma experiência, o resultado da mesma terá de ter um impacto significativo na vida, que de certa forma impulsionou alguma decisão posterior. São as

⁴⁷ Tradução nossa do original em inglês: “The concept of education is a constant reorganising or reconstructing of experience. It has all the time an immediate end, and so far as activity is educative. It reaches that end – the direct transformation of the quality of experience... We thus reach a technical definition of education: It is that reconstruction or reorganisation of experience which adds to the meaning of experience.”

percepções e os significados que tornam este tipo de experiência numa indispensável importância educativa pois envolvem aprendizagem e desenvolvimento da pessoa.

Ao tomarem certas decisões ao longo da sua vida, as e os jovens vão condicionando as suas vivências e experiências, moldando e promovendo outras experiências. Para ilustrar esta situação, alguns dos/as jovens, após retornarem aos seus territórios de origem, explicam que em algum momento da sua vida saíram porque receberam uma proposta de trabalho. Ao saírem perceberam que, afinal, não era aquilo que esperavam para a sua vida.

Esta saída resultou numa experiência educativa uma vez que eles passaram por um processo de reflexão ao longo dessa experiência culminando num impacto real nas suas vidas. Em resultado, no regresso desses/as jovens das zonas urbanas para as zonas rurais é que perceberam que afinal é nas suas regiões de origem que se sentem realizados e que a vida profissional não é mais importante que a qualidade de vida pessoal. Como refere Dewey (1979, pp.25-26), “(...) toda experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer o queiramos ou não, a qualidade das experiências subsequentes, pois é outra, de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências.”.

Este exemplo é algo que o autor Dewey (1938) explora na sua obra que retrata muito bem esta ideia “Não existe experiência quando uma criança simplesmente põe o dedo no fogo; será experiência quando o movimento se associa com a dor que ela sofre, em consequência daquele ato.” (Dewey, 1938, p.152). Conclui-se, desta reflexão, que não experienciamos porque conhecemos, mas conhecemos através da experiência, é através da nossa ação, na experiência, que se produz conhecimento.

Os percursos/trajetórias dos/as jovens adultos/as entrevistados/as foram uma aprendizagem porque permitiu que absorvessem e aprendessem com os erros que surgiram das suas escolhas ou seja, só aprendemos quando realmente vivenciamos e colocamos algo em prática e estas experiências contribuíram para que, de certa forma, comesçassem a valorizar as suas regiões e a socialização para o retorno. Alinhado a esta ideia, Schmidt discute que “Só se aprende o que se pratica. Aprende-se fazendo. Não importa que se trate de uma habilidade, uma ideia, um controle emocional, uma atitude ou uma apreciação, pois só uma experiência de situação real da vida efetiva a aprendizagem.” (Schmidt, 2009, p.149).

A aprendizagem constrói aquilo que são hoje os/as jovens adultos/as. É com as experiências educativas que a vida é construída e a visão que a juventude tem sobre o seu mundo. É um processo contínuo e aquilo que eles/as são hoje é consequências das suas

decisões e destas aprendizagens que tiveram impacto significativo nas suas vidas. Pois, como defende Dewey (1938) não se pode separar a vida, a experiência e a aprendizagem porque vivemos, experimentamos e aprendemos simultaneamente. A experiência educativa é quando conhecemos e enriquecemos a nossa vida.

Ainda, para o autor, a aprendizagem e educação estão intimamente ligados à comunidade – a vida social. A educação é um processo vitalício sobre o qual a nossa democracia é construída. Como Dewey (1938) diz: “*Educação não é preparação para a vida, a educação é a própria vida*”, uma vez que a aprendizagem é resultado das experiências, estando intrínsecas na nossa existência.

Em diálogo com Dewey (1938), Branco (2010), afirma que “A aprendizagem pela experiência, entendida desse modo, constitui a condição para o desenvolvimento de uma personalidade completamente equilibrada (que consegue dar sentido/encontrar o fio condutor entre experiências sucessivas, assim como promover a sua inclusão).” (Branco, 2010, p.603).

Nós vivemos de decisões e, os nossos percursos, são por si só, resultado de uma aprendizagem pois refletimos, aperfeiçoamos o nosso comportamento, crescemos com as nossas escolhas e construímos a nossa identidade.

A pertinência do estudo no domínio - Juventude, Desenvolvimento Regional e Justiça Social: Escolas e Comunidades Resilientes

Este domínio oferece uma visão alargada sobre experiências sociais e educativas de jovens, a partir de um foco concetual explícito em torno das questões de justiça social e de abordagens de resiliência numa perspetiva ecológica e situada.

A estrutura deste domínio assenta em investigação produzida pelo Centro de Investigação e de Intervenção Educativas (CIIE) da FPCEUP, mais especificamente a Comunidade Prática de Investigação - Jovens, Educação, Diversidade e Inovação (JEDI) que estuda a juventude, percursos e contextos de vida vulneráveis e periféricos, de âmbito socioeconómico, educacional ou espacial.

Deste modo, a presente investigação tem como objetivo investigar em alguns contextos rurais e de baixa densidade, as influências que marcaram a vida de jovens e de que forma o sentimento de pertença foi sendo construído e, através das biografias, analisar de que modo as comunidades estão proactivamente a suprir desigualdades, estimulando o investimento em percursos positivos, traduzindo-se numa ideia de comunidades com

abordagens resilientes, isto é, comunidades com abordagens promissoras no estímulo ao desenvolvimento de percursos juvenis, o que promove a não saída destes/as para áreas urbanas. O estudo ancora-se numa abordagem compreensiva sustentada nos contributos teóricos da Sociologia da Educação e Estudos Juvenis.

O desenvolvimento de regiões designadas de rurais e/ou baixa densidade, constitui um desafio persistente. Estas regiões em Portugal, são frequentemente coincidentes com zonas remotas e sofrem de uma diferenciação e desigualdade espacial.

Estando inserida no domínio da Juventude e por todo o percurso académico, um tema que é muito curioso, fascinante e até mesmo preocupante foi compreender de que forma é que a juventude contribui para a sociedade, para o seu desenvolvimento.

É consistente, em algumas obras, mostrar que os/as jovens são desinteressados/as dos problemas que os/as rodeiam. Com este estudo, com o conhecimento das teorias produzidas no âmbito da juventude e com as lentes transdisciplinares que as Ciências da Educação potenciam, foi possível desenvolver práticas mais adequadas aos contextos e realidades. Pretende-se devolver à comunidade o conhecimento produzido e extraído, a fim de romper com o senso comum, mudar mentalidades e, conseqüentemente, comportamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramo, Helena (1994). *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta.
- Abreu, Maria (2020). O acesso de jovens rurais às tecnologias: desafios e usos da internet na pandemia. *Artigo apresentado ao GT 1 - A cibercultura e sua importância nas novas formas de comunicação humana em tempos de crise, do Encontro Virtual da ABCiber, realizado online nos dias 30 de junho e 01 de julho de 2020*.
- Almeida, Hugo Aloísio da Costa (2016). *Escola e educação literária no 1º ciclo do ensino básico: a vez e a voz dos alunos*. Dissertação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Amado, João (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, João (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Amaro, Rogério Roque (2003). Desenvolvimento - um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de estudos africanos*, (4), 35-70.
- Amaro, Rogério Roque (2009). Desenvolvimento local. *Dicionário internacional da outra economia*, 108-113.
- Amiguinho, Abílio (2005). Educação em meio rural e desenvolvimento local. *Revista Portuguesa de Educação*, 18 (2), 7-43.
- Ander-Egg, Ezequiel (1980). *Metodología y práctica del desarrollo de la comunidad? Qué es el desarrollo de la comunidad?*. Buenos Aires – Argentina: Grupo Editorial Lumen SRL
- Araújo, Helena (2004). Em torno das subjectividades e de Verstehen em histórias de vida de professoras primárias nas primeiras décadas do século XX. *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*, 311-327. Porto Alegre, Brasil: ediPURCS

Assembleia Geral da ONU (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Paris.

Associação Nacional de Municípios Portugueses (2016). Disponível em: <https://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c324679626d56304c334e706447567a4c31684a53556c4d5a5763765130394e4c7a45785130465056455251544567765247396a6457316c626e527663306c7561574e7059585270646d46446232317063334e686279387a4e6d49304d7a417a596931684e7a6b794c5451325a575974596a426c4f4330314e5755304e7a41305a546469597a63756347526d&fich=36b4303b-a792-46ef-b0e8-55e4704e7bc7.pdf&Inline=true>

Baeck, Unn Doris (2004). The urban ethos: Locality and youth in north Norway. *Young*, 12(2), 99-115.

Boessio, Amábile Tolio & Doula, Sheila Maria (2016). Jovens rurais e influências institucionais para a permanência no campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro. 17(3), 370-383. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/1984-042X-2016>

Bordenave, Juan Diaz (1987). O que é participação. *O que é participação*. Editora Brasiliense, 84-84

Botelho, Duarte Miguel Rodas (2016). *A inserção dos jovens no mercado de trabalho: o caso dos jovens com o ensino secundário*. Dissertação, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal, Portugal

Bourdieu, Pierre (1983). Alta costura e alta cultura. *Questões de Sociologia, Rio de Janeiro: Marco Zero*, 154-161.

Branco, Maria, Luísa (2010). O sentido da educação democrática: revisitando o conceito de experiência educativa em John Dewey. *Educação e Pesquisa*, 36, 599-610.

Butler, Udi Mandel, & Princeswal, Marcelo (2012). Culturas de participação: jovens e suas percepções e práticas de cidadania. *O Social em questão*, 27, 101-125

Camões, Marina (2014). *Políticas Públicas para a Juventude*. Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

- Canário, Rui (1999). *Educação de adultos e desenvolvimento local. Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa, Educa & Autor
- Carmo, Hermano (2007). *Desenvolvimento Comunitário*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carneiro, Inês (2005). O Desenvolvimento Rural em Portugal: caminhos percorridos e por percorrer. *Conferência Políticas Públicas para o Desenvolvimento. Universidade dos Acores*.1-25
- Carneiro, Maria José (1998). O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 95-117.
- Carta Ética da Educação, Sociedade Portuguesa de Ciências & Ético-Deontológica, (2014). Consultado em <http://www.spce.org.pt/PDF/CARTAETICA.pdf>.
- Carvalho, Cristiana Sequeira (2014). *Desigualdades de acesso e de mobilidade em meio rural – uma perspectiva de género*. (Tese de mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais) Universidade da Beira Interior (Portugal)
- Castilho, Maria Augusta de, Arenhardt, Mauro Mallmann & Le Bourlegat, Cleonice Alexandre (2009). Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul, MS. *Interações*, 10, 159-169.
- Castro, Paula; Costa, Sarah, Thalita, Guimarães, & Viana, Camila, Matos (2013). *Identidade, pertencimento e resiliência no contexto escolar: Um estudo etnográfico na perspectiva de alunos como pesquisadores*. Anais V Fórum Internacional de Pedagogia. Bahia (Brasil)
- Cavaco, Cristina (2004). Jovens em meio rural. *Pessoas e Lugares*. 2(21), 2-20
- Cavaco, Cristina; Vilares, Elisa; Rosa, Fernando; Tavares, Margarida; Magalhães, Marta & Esteves, Nuno (2015). *Cidades sustentáveis 2020: Diagnóstico territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Lisboa, Portugal.

- Chauveau, Hélène & Stropasolas, Valmir, Luiz (2016). Práticas culturais e lazer da juventude rural nas recomposições territoriais das ruralidades de três territórios do Sul do Brasil. *Povos do campo, educação e natureza*, 1ed. Lages: Grafine, 1, 129-142.
- Chizzotti, Antonio (2006). Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez. 11-106.
- Cicognani, Elvira; Mazzoni, Davide; Albanesi, Cinzia & Zani, Bruna (2015). Sense of community and empowerment among young people: Understanding pathways from civic participation to social well-being. *VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 26, 24-44.
- Cicognani, Elvira; Menezes, Isabel & Nata, Gil (2011). University students' sense of belonging to the home town: The role of residential mobility. *Social Indicators Research*, 104, 33-45.
- Coleman, Z. W. (1991). *Social theory for a changing society*, in Pierre Bourdieu, & James S. Coleman (Eds.). Boulder, CO: Westview Press.
- Convenção dos Direitos das Crianças. Disponível em: https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf
- Corbett, Michael John (2000). *Learning to leave: the irony of school in a coastal community*. Tese de Doutorado, University of British Columbia, Vancouver, Canadá.
- Costa, Alexandra (2001). Políticas de Juventude: regulação e/ou emancipação.
- Dalfovo, Michael Samir; Lana, Rogério Adilson, & Silveira, Amélia (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista interdisciplinar científica aplicada*, 2(3), 1-13.
- David Farrugia (2016) O imperativo da mobilidade para a juventude rural: as dimensões estruturais, simbólicas e não representativas mobilidades juvenis rurais, *Journal of Youth Studies*, 19:6, 836-851, DOI: 10.1080/13676261.2015.1112886

- David Farrugia (2020) Class, place and mobility beyond the global city: stigmatisation and the cosmopolitanisation of the local, *Journal of Youth Studies*, 23:2, 237-251, DOI: 10.1080/13676261.2019.1596236
- De Melo, Rebeca Furtado. (2019). Objetividade mais forte para ciências exercidas a DOI: 10.12957/emconstrucao.2019.41257
- Dewey, John (1938). *Experience and education*. New York: Kappa Delta Pi.
- Domingues, Marco Paulo Tavares Sousa (2021) *A Avaliação do Desenvolvimento Local Segundo a Perspetiva das Entidades de Economia Social-Uma Proposta da Animar: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local*. Tese de doutoramento, Universidade da Beira Interior, Portugal.
- Durkheim, Emile. (2001). *As Regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret
- Educação, Sociedade Portuguesa de Ciências da & ÉTICO-DEONTOLÓGICA, Instrumento de Regulação. (2014). Carta ética. Consultado em <http://www.spce.org.pt>
- Elvas, Susana Sofia Nobre Vaz (2009). *Sentimento de comunidade e seus contributos no bairro da horta nova*. Tese, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Elvas, Susana Sofia Nobre Vaz de & Moniz, Maria João Vargas (2010). Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica*, 451-464.
- Feixa, Carles & Porzio, Laura (2004). Los estudios sobre culturas juveniles en España (1960-2003). *Revista de Estudios de Juventud*, 2004, 64, p. 9-28
- Ferrarotti, Franco (1999). Sobre a autonomia do método biográfico. Universidade de Roma, 171-177.
- Ferrarotti, Franco (2010). Sobre a autonomia do método biográfico. *O método (auto) biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus, 31-58.
- Ferreira, Daniel José do Nascimento & Hilling, Clayton (2018). Juventude Rural e Protagonismo: caminhos para o desenvolvimento local. *Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar*, 4(2), 200-227. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>

- Ferreira, Daniel José do Nascimento, & Hilling, Clayton (2018). Juventude Rural e Protagonismo: caminhos para o desenvolvimento local. *Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar*, 4(2), 200-227.
- Ferreira, Manuela; Oliveira, Luciano; Santos, Ana Raquel; Leonidio, Ameliane; Diniz, Paula Rejane & Freitas, Clara Maria (2016). Estilos de vida urbano versus rural em adolescentes: associações entre meio-ambiente, níveis de atividade física e comportamento sedentário. 14(4), 461-7. DOI: 10.1590/S1679-45082016AO3788
- Fonseca, Lara, Santos, Sosifa, & Caldas, José Manuel Peixoto (2001). Cidadania, educação e responsabilidade social: percursos biográficos de jovens grávidas em contextos de protecção social. *Educação & Sociedade*, 32 (117), 1015-1033. • <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400007>
- Fonseca, Wéverson Lima; Fonseca, Wéverson José Lima; Oliveira, Augusto Matias; Vogado, Gleissa Mayone Silva; Sousa, Gioto Ghiarone Terto; Sousa, Tiago Oliveira; Sousa Júnior, Severino Cavalcante & Luz, Carlos Syllas Monteiro (2015). Causas e consequências do êxodo rural no nordeste brasileiro, 12(1), 233-240. ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.1422
- Fontes, Baruc, Correia (2019). A entrevista biográfica na sociologia. *Revista Sociais & Humanas*, 32(3), 83-97. <https://doi.org/10.5902/2317175837238>
- Foucault, Michel (1999). La ética del cuidado de sí como práctica de la libertad. *Nombres*, (15).
- Franco, Maria Amélia do Rosário Santoro (2003). A metodologia de pesquisa educacional como construtora da práxis investigativa. *Nuances: estudos sobre Educação*, 9 (9/10). <https://doi.org/10.14572/nuances.v9i9/10.404>
- Fraser, Nancy (2002). A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (63), 7-20 DOI:10.4000/rccs.1250
- Freitas, César Gomes (2008). Desenvolvimento local e sentimento de pertença na comunidade de Cruzeiro do Sul. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS.

- Furlani, Daniela & Bomfim, Zulmira Áurea (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. 50-59.
- Gleason, Benjamin (2018). Thinking in hashtags: Exploring teenagers' new literacies practices on Twitter. *Learning, Media and Technology*, 43(2), 165–180.
- Goldenberg, Mírian (2004). A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record.
- Gouveia, Charlene Nayana Nunes Alves (2010). *Avaliação do impacto do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) na qualidade de vida de jovens agricultores familiares paraibanos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Federal de Paraíba, Brasil.
- Groppó, Luís António (2000). *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel.
- Gulløv, John & Gulløv, Eva (2020). Mobility and belonging—A case from provincial Denmark. *Journal of Pedagogy*, 11(1), 107-126. DOI:10.2478/jped-2020-0006
- Gustsack, Felipe, & Schaefer, Sérgio. (2018). A falácia da neutralidade na pesquisa e na educação. *Reflexão e Ação*, 26(2), 203-213. <https://doi.org/10.17058/rea.v26i2.8741>
- Jerónimo, Ana Raquel Lopes (2017). *Economia Social e Solidária e Desenvolvimento Local: a experiência da Rede Participação Juvenil de Sintra*. Dissertação, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal
- Lopes, Leandro, Gomes, Reis & Carvalho, Denis, Barros (2015). Dinâmica temporal do assentamento e os projetos de vida da juventude rural. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 53, 571-588. <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-9479005304001>
- Mao, Yingming; He, Lei; Danniswari, Dibyanti & Furuya, Katsunori (2023). College Students' Perceptions of and Place Attachment to Rural Areas: Case Study of Japan and China. *Youth* 2023, 737–752.

- Margulis, Mario (1994) *La cultura de la noche: vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*. Buenos Aires: Espasa Calpe
- Massena, Fábio dos Santos; Mendonça, Alba & Silva, Franciely Sousa (2020). O sentimento de pertença e diferenciação do self do adolescente rural no processo migratório. *Desenvolvimento Rural Interdisciplinar*, 2(2), 35-62. ISSN2595-9387
- Mauritti, Rosário; Nunes, Nuno; Alves, João, Emílio & Diogo, Fernando (2019). Social inequalities and development in Portugal: A look at the regional scale and the low density territories. *Sociologia on line. Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*, (19), 102-126. <https://doi.org/10.30553/sociologiaonline.2019.19.5>
- McMillan, David & Chavis, David (1986). Sense of community: Definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.
- Menezes, Isabel (2007). *Intervenção Comunitária: uma perspectiva psicológica*. Porto, Livpsic/Legis Editora <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/95486>
- Mihailidis, Paul (2020) The civic potential of memes and hashtags in the lives of young people. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 41:5, 762-781, DOI: 10.1080/01596306.2020.1769938
- Milbourne, Paul & Kitchen, Lawrence (2014). Rural mobilities: Connecting movement and fixity in rural places. *Journal of Rural Studies*, Cardiff University, 326–336.
- Milheiro Silva, Ana & Marques da Silva, Sofia (2021). Development and validation of a scale to measure the resilience of schools: Perspectives of young people from vulnerable and challenging territories. *Improving Schools*, 25 (3), <https://doi.org/10.1590/198053148438>
- Mozzato, Anelise Rebelato & Grzybovski, Denize (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 731-747.
- Nascimento, Ferreira Daniel José & Hilling, Clayton (2018). Juventude Rural e Protagonismo: caminhos para o desenvolvimento local. *Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar*, 4 (2), 200-227.

- Nogueira, Augusto Fernandes (2021). *A Agricultura Biológica e a Valorização Socioeconómica dos Territórios de Baixa Densidade*. Dissertação, Escola Superior Agrária de Coimbra, Coimbra.
- O'Connor, Pat (2005) Local embeddedness in a global world: young people's accounts. *Young*, Nordic Journal of Youth Research, 13(9) 9–26.
- Oliveira, Ana Tercila Campos, & Moraes, Normanda Araújo de (2018). Resiliência comunitária: um estudo de revisão integrativa da literatura. *Trends in Psychology*, 26, 1731-1745. <https://doi.org/10.9788/TP2018.4-02Pt>
- Pais, José Machado (1990). A construção sociológica da juventude—alguns contributos. *Análise social*, XXV (105.106) 139-165.
- Pais, José Machado (2003). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pereira, Alexandre, Barbosa (2007). Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (1) <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1203>
- Plano Nacional da Juventude – Diário da Republica 1.ª série – n.º 170 – 4 de setembro de 2018. Disponível em: <https://dre.pt/dre/detalhe/diario-republica/170-2018-116330690>
- Plummer, Ken (2001). *Documents of life 2: An invitation to a critical humanism* (Vol. 2). Londres: Sage Publications.
- Power, Nicole Gerarda, Norman, Moss Edward & Dupré, Kathryne (2014). Rural youth and emotional geographies: how photovoice and words-alone methods tell different stories of place. *Journal of Youth Studies*, 17(8), 1114-1129. <https://doi.org/10.1080/13676261.2014.881983>
- Pretty, Grace; Chipuer, Heather & Bramston, Paul (2003). Sense of place amongst adolescents and adults in two rural Australian towns: The discriminating features of place attachment, sense of community and place dependence in relation to place identity. *Journal of environmental psychology*, 23(3), 273-287. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(02\)00079-8](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(02)00079-8)

- Prezza, Miretta & Costantini, Stefano (1998). Sense of community and life satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of community & applied social psychology*, 8(3), 181-194. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1298\(199805/06\)8:3<181::AID-CASP436>3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1298(199805/06)8:3<181::AID-CASP436>3.0.CO;2-4)
- Programa Nacional para a Coesão Territorial: o interior em números. *O território*.(2016). 69-89. Recuperado de <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-o-interior-em-numeros-territorio-pdf.aspx>
- Puntel, Jovani Augusto; Paiva, Carlos Águedo & Ramos, Marília Patta (2011). Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. *Circuito de Debates Acadêmicos Ipea e Associações de Pós-Graduação em Ciências Humanas*. IPEA
- Raffestin, Claude (1993). *Pour une géographie du pouvoir*. Paris: Editora Ática S.A
- Redin, Ezequiel (2011). Jovem rural em questão. *Revista Sociais e Humanas*, 25(1), 123-139. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2894>
- Reguillo, Rossana (2003). Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de educacao*, 103-118.
- Richardson, Roberto Jarry, (1989). Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1-55
- Sales, Celecina de Maria Varas (2013). Juventudes e lazer: interações e movimento. *Linguagens, Educação e Sociedade*, (29), 413-438.
- Sales, Celecina de Maria Veras (2010). Juventude, espaços de formação e modos de vida. *ETD - Educação Temática Digital*, 12, 24-41. <https://doi.org/10.20396/etd.v12i0.858>
- Salvagni, Julice & Veronese, Marília Veríssimo. (2015). A noção de tempo na construção de paradigmas: uma leitura a partir de Boaventura de Sousa Santos. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas* 2(1), ISSN 2176-5766, 2(1), 51-69.

- Sampaio, Marta; Faria, Sara & da Silva, Sofia Marques (2023). Aspirations and transitions to higher education: Portraits of young people living in Portuguese border regions. *Revista de Investigación Educativa*, 41(1), 223-242. <https://doi.org/10.6018/rie.520181>
- Santana, Valdilene Valdice de; Santos, Patrício Rinaldo dos; Leal, Adriana Karla Tavares Batista Nunes; Silva, Dammyres Barboza de Santana; Pereira, Eugênia Veríssimo; da Silveira, Letícia Nayara Silva; Nascimento, Rogério Augusto do; Fagundes, Francisca Edineide Alves (2020). A importância do uso da internet sob o viés da promoção interativa na educação em tempos de pandemia. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 78866-78876. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-353>
- Santos, Boaventura de Sousa (1989). Introdução a uma ciência Pós-moderna. *Porto: Edições Afrontamentos*,
- Santos, Fabiana Pimentel & Davel, Eduardo Paes Barreto (2021). Métodos biográficos para a pesquisa em Administração: princípios, potencialidades, práticas e desafios. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, 27 (2), 430-461. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.320.103048>
- Sarason, Seymour (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass
- Schmidt, Ireneu, Aloisio (2009). John Dewey e a educação para uma sociedade democrática. *Revista Contexto & Educação*, 24(82), 135-154. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2009.82.135-154>
- Silva, Carolina Fontana da & Schütz, Litiéli Wollmann (2019). *Infâncias e juventudes em diferentes contextos*. São Paulo: Pimenta Cultural.
- Silva, Fernanda Lanhi (2010). Culturas da infância e culturas juvenis: elementos híbridos na constituição identitária de estudantes de quarta série. *Momento*, 19 (1), 31-54 <http://repositorio.furg.br/handle/1/613>
- Silva, Nicolas Martins; Pinheiro, Sara & Silva, Sofia Marques (2022). Culturas de participação de jovens: o caso das regiões fronteiriças em Portugal. *Sociologias*, 24 (60) , 268-301. <https://doi.org/10.1590/18070337-112385>

- Silva, Sofia Marques da; Silva, Ana Milheiro; Cortés-González, Pablo & Brazienè, Ruta (2021). Learning to leave and to return: mobility, place, and sense of belonging amongst young people growing up in border and rural regions of mainland Portugal. *Sustainability*, 13(16), 9432. <https://doi.org/10.3390/su13169432>
- Sousa, Sara Filipa Loureiro Silva Moreira (2011). Narrativas Biográficas de Mulheres Surdas e Educação: reconhecer experiências, culturas, identidades e percursos. Dissertação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto, Portugal.
- Tavares, Carina Isabel Castro (2011). *O Associativismo e a Participação Cívica dos Jovens em Meio Rural*. (Dissertação de Mestrado em Serviço Social) Universidade Católica Portuguesa (Portugal)
- Taylor, Peter & Medina, Milton (2019). Teaching and learning transformative sresearch: Complexity, challenge and change. In *Research as transformative learning for sustainable futures*, 39-57
- The European Union Youth Strategy 2019-2027.
- Toledo, Juliana Aparecida Cantarino (2021). Jovens rurais: Experiências a partir do lazer em um pequeno distrito da zona da Mata Mineira. *Geografia*, 46(1), 1-26. <https://doi.org/10.5016/geografia.v46i1.16133>
- Trancoso, Alcima Enéas Rocha e Oliveira, Adélia Augusta Souto (2016). Produção social, histórica e cultural do conceito de juventude heterogéneas potencializa ações políticas. *Psicologia e Sociedade*, 26(1), 137-147.
- Troian, Alessandra & Breitenbach, Raquel (2018). Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *Campo Grande: MS*, 19(4), 789-802.
- Vendramini, Célia Regina (2015). Qual o futuro das escolas no campo?. *Educação em Revista*, 31 (3), 49-69. <https://doi.org/10.1590/0102-4698126111>
- Wilson, Geoff (2012). Community resilience, globalization, and transitional pathways of decision-making. *Geoforum*, 43(6), 1218-1231. doi: <http://doi.org/10.1016/j.geoforum.2012.03.008>

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – EMAIL ENVIADO AOS/ÀS JOVENS PARA A ENTREVISTA BIOGRÁFICA

Estimado Doutor(a) (Nome), boa tarde.

No âmbito de um projeto com um pequeno financiamento do Centro de Estudos Ibéricos, eu e a Professora Sofia Marques da Silva, em Cc neste mail, estamos a procurar perceber um pouco melhor as motivações e, sobretudo, o papel que jovens adultos têm quando decidem organizar as suas vidas nas suas regiões de origem, sobretudo aquelas situadas em territórios de baixa densidade.

Assim, gostaria de agendar, dia e hora, na próxima semana, que lhe seja mais conveniente, se possível através de uma ligação zoom ou outra plataforma que conheça, uma conversa que não durará mais que 1h.

Qualquer dúvida acerca deste projeto estou disponível para esclarecer.

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me, com elevada estima e consideração,

Ana Lúcia Ribeiro

APÊNDICE 2 - GUIÃO DAS ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS

Questões	Objetivos
Infância (numa das entrevistas percebi que poderia ser interessante incluir esta etapa) Experiência antes da ida para o ensino superior (tempo em que andou na escola)	- Perceber se esteve envolvido em algum projeto da comunidade - Se gosta de viver na sua comunidade (contexto rural) - Tradições em Viana do Castelo
Relação com o seu contexto	
Experiências de participação (atividades / projetos / iniciativas / órgãos associativos)	
Relação com a escola (motivações e preparação para sair)	
Transição para o Ensino Superior (decisão pessoal, pressão da família, escola...)	- Perceber os motivos que levaram à decisão de ingressar no ensino superior e se esta transição foi fácil. - Se a escolha foi uma opção individual ou se tiveram pressão das famílias. - Perceber o que os levou a escolher seguir os estudos fora da área geográfica de Viana do Castelo. - Se consideram que existe uma falta de oportunidades a nível educativo para jovens que querem ingressar no Ensino Superior.
Decisão para estudar no Ensino Superior (porquê?)	
Decisão sobre que curso e que instituição	
Experiência no Ensino Superior e relação com o contexto de origem	- Perceber se estiveram envolvidos em alguma tradição (danças...) da sua comunidade (envolvimento em atividades locais). - Perceber se iam a casa nos fins-de-semana, se mantinham alguma relação de proximidade com o contexto rural - Descrever iniciativas locais para estimular os jovens a manterem o contacto.
O regresso à região	- Falar sobre esta decisão: se foi tomada por falta de alternativas ou se sempre imaginou regressar, e porquê? - Condições para se fixar, serviços e infraestruturas que são relevantes; - Condições oferecidas pela câmara e outras entidades
Falar sobre outros colegas que não regressaram e outros que regressaram	
Contributo que sente que está a dar aos seus contextos / projetos que tem, projetos que gostaria de desenvolver... Que aspirações tem para o futuro da sua região.	- Atividades em termos de trabalho/profissionais - Perceber se está envolvido em algum projeto de modo a entender a relação que tem com a comunidade - Perceber se vê futuro para os/as jovens que vivem na sua região (contexto rural de baixa densidade) - O que sente que seria necessário melhorar - Outros jovens que conheça que tenham regressado

APÊNDICE 3 – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA AS ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS



O projeto “Jovens que regressam: motivações e investimento em regiões de baixa densidade após o ensino superior”, coordenado por Sofia Marques da Silva (FPCE.UP/CIIE, sofiamsilva@fpce.up.pt) com apoio do Centro de Estudos Ibéricos, procura conhecer percursos de jovens e jovens adultos que optam por voltar às suas regiões de origem e melhor compreender os fatores promotores desse regresso e os desafios que encontram. No âmbito daquele projeto e enquadrado no mestrado em Ciências da Educação no domínio Juventude, Desenvolvimento Regional e Justiça Social: Escolas e Comunidades Resilientes, está ainda a ser desenvolvida uma dissertação de mestrado pela estudante Ana Lúcia Canhola (up201809587@up.pt) que também beneficiará dos dados recolhidos.

Eu, _____, após ter sido informada dos objetivos do projeto de investigação e me ser garantido que: (i) a confidencialidade e anonimato da minha participação no referido projeto seriam respeitados; (ii) que posso desistir a qualquer momento, sem que uma tal decisão me possa penalizar; (iii) que terei acesso aos resultados do trabalho de pesquisa e que os dados recolhidos durante as entrevistas, inquéritos por questionário, entre outros, serão utilizados, apenas, para fins de investigação.

Porto, _____ de _____ de 2023

(Assinatura)

APÊNDICE 4 – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA BIOGRÁFICA

Etapa 1 e 2 - Transcrição Narrativa Biográfica e Releitura

E: Para começar, falar um bocadinho da sua infância. O que é isto de ser uma criança do interior? Falar um bocadinho de, se estavas envolvido em alguma atividade extracurricular, se estavas envolvido em alguma atividade. Como era a relação com a escola e com a comunidade. Contextualizar essa fase.

J: Sou natural de Nelas, concelho, um pequeno concelho do distrito de Viseu, cerca de 18km de Viseu e desde cedo também estive muito ligado a atividades extracurriculares, hum nomeadamente o desporto para mim sempre foi sempre foi um grande hobbie e hum e tanto que com o decorrer dos anos fiquei atleta de alta competição ainda enquanto também estudava e depois na faculdade consegui sempre conciliar. o meu refúgio com a escola sempre foi o desporto na modalidade muito específica no futsal e entrei também, comecei hum a criar laços e dinâmicas diferentes de outros tipos de crianças da minha idade, eu entrei para o futsal com 4/5 anos quase, desde os 5 até aos 18/19 anos e foi aí era aí as dinâmicas para além da escola, eram também no desporto. mais tarde depois com o decorrer dos anos, entrei na vida política, entre aspas, digamos assim e também foi sempre a partir daí que fui criando outros laços e sempre fugi um pouco também da rotina diária da escola, forma paralela como é óbvio mas andei sempre muito ligado ao desporto e hoje em dia também estou ligado à política.

E: Na questão do desporto, conseguia conciliar bem com a questão da escola? Não sei se morava perto da escola, se tinha de fazer muitas deslocções?

J: Ao fim de semana sim. Com com os jogos eram vários destinos mas durante a semana, os treinos, nunca foi um entrava. desde muito novo soube conciliar tudo e mais alguma coisa portanto sempre estive muito ligado a outras atividades fora fora da escola também e e nunca houve um entrave em relação a isso nem nem, consegui sempre conciliar da melhor forma e também perceber o que é que era importante na altura e neste caso, nas idades dos mais jovens, acho que é uma opinião comum, as amizades, as dinâmicas que fazemos, fora a escola, são essenciais para moldar a nossa personalidade mais tarde e noto, hoje em dia, com 29 anos, ainda não estou velho, percebo que isso isso isso me tornou, tornou-se algo importante para mim e a minha personalidade foi construída com base nas relações que tive hum quando era mais novo, é muito importante nós fugirmos da escola, e hum não fugir da escola no sentido literal mas mas sair da escola e procurar outras atividades, e temos montes de atividades, só quem quer estar parado é que está, aqui consegue-se outros tipos de envolvimento.

E: Em relação à sua família e a comunidade em si, não sei se o desporto era muito presente pronto, as pessoas iam aos jogos, os seus pais?

J: Sim sim, sempre sempre sempre.

E: O desporto aí na comunidade também estava presente.

J: Sem dúvida, o desporto está muito presente e não só, no concelho onde estava, neste caso onde a minha empresa que está sediada em Nelas tem uma ligação muito direta com o concelho e o desporto em si, no concelho de Nelas está muito bem implementado hum e portanto era quase era quase natural ter que fazer desporto.

E: Em relação com a sua família como era assim o dia a dia, sempre pronto o apoiaram na questão do desporto por causa da escola ter de conciliar tudo?

J: Em relação à questão familiar nunca tive grande tipo de entraves apesar de, vivi sempre mais com a minha mãe, o meu pai, ainda hoje em dia na questão profissional está muito tempo fora tendo em conta a sua vida profissional portanto era a semana era toda com a minha mãe e o meu pai regressava a meio da semana, dependia das reuniões por onde estava ou então mais ao fim de semana, construí uma relação mais próxima com a minha mãe. Sou filho único.

E: Depois desta primeira fase que foi a adolescência não é, praticava desporto até aos 18 anos mas isso também porque depois começou a entrar aqui o desejo de entrar no Ensino Superior, sempre quis entrar para o Ensino Superior. Relação da sua sobre esta sua decisão de entrar se sentiu pressão? Qual a razão da escolha do curso?

J: Nunca tive grande pressão por parte da minha família, claro que todos os pais na maior parte dos casos digamos assim gostam sempre que os filhos se desenvolvam não é e prossigam após o 12º ano, o ensino obrigatório, ingressem no Ensino Superior acho que hoje em dia estamos um bocado moldados para isso. Eu no meu caso pessoa, não senti uma pressão se assim podemos chamar hum para ir para o Ensino Superior, foi sempre algo que eu quis também porque todos os meus colegas da escola também foram portanto não nunca houve um algo que que tivesse, nunca pensei em não ir para o Ensino Superior. A escolha do curso, eu cheguei ao 12º ano e não sabia mesmo confesso que não sabia bem o que eu queria, gostava da área da saúde mas também gostava da área das engenharias, ali por isso escolhi engenharia biomédica. Hoje em dia nem sequer exerço o meu curso, sou licenciado, tenho um mestrado, tive uma pequena passagem por uma empresa da área mas não durou muito tempo e hoje em dia não trabalho, não exerço engenharia biomédica.

E: Sente que a escola teve algum papel nesta questão dos jovens continuarem a estudar e irem para o Ensino Superior e sente que houve alguma influência, porque há sempre aquele discurso de terem que sair porque as aldeias não oferecem tantas oportunidades, se calhar não oferecia o curso que queria, onde estava a viver, teve que ir para uma grande cidade. Qual foi a cidade que foi já agora?

J: Estudei em Coimbra, 6 anos. Hum sim, no caso de Nelas, não é propriamente uma aldeia, é conselho já já grande digamos assim, não de grande dimensão mas é um concelho com muita indústria também com muita muita muita dinâmica associativa principalmente hum mas em relação à questão

dos professores do ensino secundário, é sempre natural que isso aconteça, confesso que sim, tínhamos sempre conversas, uma ligação muito direta com os nossos professores, eu falo por mim, em Nelas, toda a gente é conhecida claro e os próprios professores temos a sorte de ser professores aqui da zona que nós conhecemos, antes de serem nossos professores já os conhecíamos, no meu caso específico aconteceu isso e é natural haver esse tipo de conversas e chegamos ao 11º/12º ano e houve sempre aquele contacto também, da parte dos professores quererem que os alunos prosseguissem os estudos mas nunca houve uma pressão direta, cada um fazia a sua escolha mas houve sempre esses conselhos sim.

E: Esta ideia de entrar no Ensino Superior, no momento de saída de Nelas para ir para Coimbra, como foi? Foste para uma cidade completamente diferente.

J: Sou muito assim, nem sequer a ansiedade ou ou nunca me senti muito desconfortável digamos assim, fui porque tinha de ser, digamos assim e depois o que aconteceu foi que foram anos brilhantes para além da questão académica, fiz muitas amizades que se prolongam ao longo do tempo e é já na altura antes de ir já pensava nisso como um ponto positivo e nunca como uma questão negativa, não pensei que ia sair da minha zona de conforto fui sempre fui tranquilo.

E: Foi uma saída um bocado forçada porque não podias ficar a estudar na tua região no Ensino Superior mas de certa forma depois também foi uma vontade portanto, foi assim forçado mas foi.

J: Tinha de ser e também ao fim ao cabo era fui eu que quis ir, era o meu objetivo pessoal, que estava em primeiro lugar e nunca tive grande problema.

E: Chegas a Coimbra e como é que foi hum como é que foi esta experiencia no Ensino Superior? A relação com o curso, com as pessoas, e com com pronto uma nova realidade na faculdade, uma cidade completamente diferente, como é que foi todo este processo?

J: Em relação às pessoas e às amizades e conhecer outras personalidades até hoje em dia até hoje nunca tive grande problema, sou uma pessoa que consigo relacionar-me facilmente com com as pessoas e que criar laços e amizades e ou pontos em comum, nunca foi um problema para mim. Quando chegamos a uma faculdade temos noção quando chegamos a uma faculdade, não sabemos para o que vamos nem o que vamos aprender, temos noção do curso, eu falo por mim, percebi que entrava em engenharia biomédica mas e agora? São matérias diferentes, são professores diferentes como é obvio, a área em si também não tem nada a ver com o que costumávamos fazer, foi um período de adaptação que não durou mais de 3/4 meses, depois já entramos na rotina e já sabemos por onde vamos e o que vamos fazer.

E: Em relação á cidade em si. Nelas é uma Vila mas é uma Vila maior e mais dinâmicas mas quando falamos de uma cidade completamente diferente, como é que foi?

J: Por acaso sempre também, com com com idades mais tenras digamos assim, sempre tive a possibilidade de viajar bastante e mesmo aos fins-de-semana com os meus pais, a cidade em si, o impacto, não foi não para mim não me causou transtorno se assim posso dizer. Hum sabia para o que ia, muito basicamente sabia para o que ia e o que ia encontrar.

E: Estiveste envolvido em alguma atividade enquanto estudavas na faculdade? Entra a parte da política, associativismo...

J: Na faculdade estive estive a partir do primeiro ano da faculdade estive presente na associação de estudantes no meu instituto superior de engenharia de Coimbra mas também conjugava com atividade do desporto, nessa altura ainda era alta competição cheguei até a jogar na primeira divisão académica de Coimbra. Eu conciliava a faculdade, mais a associação no departamento de desporto, os treinos diários e o jogo, portanto, também continuei com esta dinâmica.

E: Como é que foi essa dinâmica? Como conseguias conciliar com os estudos.

J: Na faculdade foi muito mais complicado? Tanto é que com o ano, eu estive 6 anos, por isso eu tirei o mestrado, sendo que um ano tive de deixar para trás porque foi o ano em que treinava todos os dias, aos fins-de-semana vinha a casa, não foi fácil então abdiquei um pouco mais o curso e dediquei-me mais ao desporto mas depois achei que não ia ser profissional e e foquei-me só só no curso em si. Claro que era mais complicado ter aulas, ter ter desporto, também queria sair com com os novos colegas não é, tinha de conciliar tudo e mais alguma coisa, e ao fim de semana, também, em Nelas, tinha as questões, mas claro que não me envolvia tanto mas também não podia mas tinha as questões também de políticas sempre tive também um bocado ligado à questão política e tentava fazer o meu melhor.

E: Estavas em Coimbra mas mantiveste sempre a ligação a Nelas. Vinhas todos os fins-de-semana a casa?

J: Sim sim, nós o grupo que nos tínhamos na no secundário mantivemos sempre ainda hoje somos amigos e combinávamos sempre algum encontro, ou café, uma saída, sempre conseguíamos e mantivemos sempre isso porque repara, nem todos foram estudar para Coimbra, no meu ano, uns foram para o Porto, Lisboa, Aveiro quando vínhamos ao fim de semana, tentávamos sempre manter as ligações e também manter as ligações com, neste caso, com as entidades que tínhamos.

E: Estavas envolvido com políticas e atividades, que atividades eram essas?

J: Eu era presidente de uma juventude política, de um partido.

E: Como era isso?

J: Foi sempre uma dinâmica que eu gostei, portanto, foi sempre algo que eu eu gostei e era complicado, era e é, neste momento ainda mantenho ligações eu sou deputado municipal também, portanto, sou vice-presidente de um partido da concelhia de Nelas portanto, foi sempre que eu também gostei e sempre segui digamos assim. Sempre defendi o que tinha de defender e apoiei causas.

E: Enquanto estavas na faculdade, estavas na associação de estudantes no departamento do desporto. Qual era o teu papel nesta associação?

J: Organizávamos aqueles eventos desportivos do instituto como não sei se no vosso caso acontece ou não, mas há sempre aqueles jogos que nos promovíamos entre cursos, depois também a FADU, a federação académica da universidade, mas nós hum não é concorriámos mas participávamos com equipas, neste caso de futsal, também joguei pelo meu instituto, modalidades como ténis de mesa, promovíamos eventos e também apoiávamos aqueles atletas do nosso instituto que queriam depois disputar nos campeonatos das universidades que também existem. Fazemos o elo de ligação, éramos 4/5 na equipa. Para além de promovermos também apoiávamos quem depois queria competir pela nossa faculdade.

E: O momento da faculdade, viveste a vida académica...

J: Isso sim. Confesso que sim. Não deixei nada por viver.

E: Após o ensino superior, como foi? Continuaste em Coimbra?

J: Sim. Eu terminei o meu mestrado e comecei a trabalhar numa empresa em Coimbra da área mas depois rapidamente percebi que não era aquilo que eu queria, ate porque eu tinha uma questão familiar, o meu pai tinha uma empresa com a sede em Nelas numa área que ele sempre trabalhei que é a manutenção industrial por jato de água, somos a empresa número um da península ibérica desta área, temos bastante clientes e alguma dimensão e eu cheguei a um ponto que, porque eu nunca pensei vir trabalhar pata Nelas ou para a empresa, quis sempre fazer o meu caminho. Mas depois comecei a perceber, o meu pai claro, como todos nós, não caminhamos para novos e seria necessário dar uma continuidade e eu também não estava muito satisfeito.

E: Não estavas satisfeito com o teu emprego e depois com a empresa do teu pai foi um motivo que te fez regressar.

J: O motivo principal de ter voltado foi realmente a empresa do meu pai. Eu regressei há 3/4 anos, eu tenho 29 anos, por isso regressei com 25 anos. Tive que decidir voltar ate porque eu tenho uma sociedade na tenho uma quota na empresa e eu um dia, tinha mesmo de voltar. E achei que era o momento ideal começava já desde novo a adquirir conhecimentos e hoje cá estou, hoje a rotina diária é trabalhar aqui e não fora, porque ao fim ao cabo ia acabar, numa consultoria em Lisboa ou no Porto, no estrangeiro numa tive essa curiosidade mas acabaria por sempre ir para aqui, pensei que se calhar porque não voltar às raízes e tinha um elo de ligação, uma questão profissional também e foi por aí.

E: Agora em relação em regresso, aqui temos de explorar um bocadinho mais. Já explicaste como foi o regressar, disseste que não tinhas ideias de regressar mas efetivamente o teu percurso levou a isto. E agora? Vamos por parte, sei que estas envolvido com a parte da politica. Vamos começar pela empresa do teu pai. Já disseste o que era a empresa, mas de que forma vês a empresa, de que forma dá à comunidade? De que forma te envolves? Qual a dinâmica?

J: Por acaso já tive algumas entrevistas sobre isso com jornais locais. Eu sou para além de sócio, diretor comercial da empresa e faço o acompanhamento técnico da empresa e dos serviços que a empresa presta aos clientes, sou eu que faço isso. A empresa é sempre bom partir do interior para todo o lado porque tenho clientes no sul de Espanha, em França, nos de Nelas, do interior, partimos para prestar serviços em todos os pontos do país e como disse Espanha e agora França. É sempre, logo por aí, já dá para perceber que é uma dimensão relativa para além, de também, no meu caso e no caso do meu pai, sermos pessoas conhecidas em Nelas, associamos sempre uma coisa à outra. A empresa em Nelas é conhecida, pelas pessoas e pela comunidade. E depois porque empregamos pessoas. Passa sempre a palavra e temos tido feedback positivos tanto com os clientes como na comunidade. Nós desenvolvemos o local onde habitamos. O meu pai sempre trabalhou nesta área e trabalhou para outros, a empresa tem perto de 10 anos, e conseguiu sempre trazer algumas pessoas que tinham trabalhado com ele e que agora estão aqui mas aliamos também pessoas do nosso conselho que estão a trabalhar connosco.

E: O que é que a empresa faz?

J: Nós prestamos serviços de manutenção industrial, a área técnica é o jato de água e limpamos equipamentos das grandes indústrias nacionais, portanto, caldeiras, equipamentos grandes, tubagens de fábricas. Usamos robôs que fazem esse tipo de limpeza. Chama-se PROTEL, a nossa empresa.

Uma grande indústria, tem equipamentos que precisam de ser limpos mensalmente, depende, 6 em 6 meses, outros, anual, e também temos emergências, e que precisam da nossa intervenção durante a produção. Temos equipamentos que fazem esse tipo de serviços.

E: Como é que a comunidade vê a empresa? É uma grande indústria. Olham para isso como um potenciador do desenvolvimento.

J: Até mesmo o executivo da comunidade digamos assim, têm sempre apressado por quem desenvolve a própria comunidade mas sim, primeiro não estavam muito familiarizados com a nossa empresa porque em Portugal não existe muitas empresas com esta área técnica ou com os nossos equipamentos. Existem 2 empresas para além de nós, nos somos um grande concorrente. Esta fixado ou tem sede em Setúbal e nos partimos de Nelas para todo o lado, como já mencionei, logo por aí é positivo. Como era uma área tão específica as pessoas também não conheciam. Com o passar do tempo e o passa a palavra, quando vem os nossos camiões a circular, associam sempre à PROTEL. Começam a descobrir e a perceber aquilo que fazemos, em Nelas já todos conhecem a empresa e sabem o que a gente faz. Até porque também temos outro tipo de serviços. Temos camiões que fazem lipoaspiração, que limpam as vias públicas em Nelas.

E: É uma empresa, não sei se fazem alguma ligação ou se chegam aos jovens, por exemplo a partir da escola? De certa forma, consegues ver que a escola fala de vocês, é importante o que fazem.

J: Sei que falam do meu exemplo como um motivador de algo. Em relação à operação que nos executamos e serviços a escola não é mencionado, ainda não estive sequer nas escolas porque não somos uma empresa, como é que eu dizer, não somos uma empresa que por exemplo, a área da energia, é uma área mais específica, que necessitam de electricistas ou canalizadores ou de pessoas de engenharia eletrónica, a algo específico. Nos precisamos mais de pessoas diferenciadas, porque em Portugal esta profissão não está centralizada em algo. Nos é que formamos as pessoas. Em contexto escolar não podemos pegar num curso técnico e colocá-lo. Há empresas em que isso é mais fácil acontecer.

E: Relativamente à tua área, como disseste, não tem nada a ver com a tua área, gostas ou não gostas. Porque estás a trabalhar em algo que não é diretamente com a tua área?

J: Como te expliquei, tinha esta questão familiar intrínseca, digamos assim porque também tinha uma responsabilidade apesar de não estar a trabalhar na empresa, tinha alguma responsabilidade, porque tenho uma quota da empresa e eu pensei em vez de regressar com 40 ou 50 anos pensei que agora era a melhor altura. E em vez de trabalhar em 4 ou 5 empresas vim logo com cerca de 25 ou 26 anos, após a faculdade e achei que para mim, e para o meu progresso e apara a minha questão profissional fazia todo o sentido. Também era uma área completamente diferente e aprendemos muito mais facilmente com 25 anos do que se calhar com 40 anos com rotinas e formas de trabalhar diferentes e vir para uma empresa que não conhecemos se calhar era diferente.

E: Não estás só ligado à empresa em Nelas, estás na vertente política? Como tudo começou? O que estás a fazer?

J: Eu sou deputado municipal, estou mais ligado com a área jovem, as intervenções que tenho de fazer são mais relacionadas com a área jovem, faz todo o sentido.

E: O que é que faz com o jovens?

J: Faz sentido um jovem defender politicamente.

E: A participação juvenil na política é importante.

J: Hoje em dia é algo que não conseguimos ver com tanta, não é tão comum ver-se um jovem na política e é algo que com o tempo vai mudar porque também, no meu caso, eu conheço aqui na região, há pessoas que estão a despertar e acredito que daqui a 5 ou 6 anos ver cada vez mais jovens na política, eles percebem que é importante participar na vida ativa do nosso concelho ou do distrito ou até mesmo estando presente na assembleia da república. Depois também estou na comissão política de um partido na vice-presidência, dou sempre a minha opinião e trabalho em conjunto com pessoas que tem muita experiência na área política e que hoje em dia são vereadores ou presidente da câmara municipal de Nelas, é um dos meus bons amigos e conheci-o também da área política. Não querendo entrar noutras questões.

E: Relativamente à área jovem é importante para nos perceber, de que forma trabalham com os jovens?

J: Na área jovem eu e Carlota, neste caso é presidente, temos a associação interioriza-te, que tem um impacto muito importante na comunidade jovem, eu sou o vice-presidente da associação. Não sei se ela te falou.

E: Ela falou sobre o projeto dela. É dessa forma que chegam aos jovens?

J: Mais do que a política é através da associação interioriza-te que pegamos nos jovens e consciencializamos para o abandono das áreas do interior neste caso no âmbito da associação interioriza-te e tentamos mostrar-lhes que no interior também há oportunidades de empregos e culturais apesar de não serem como aquelas que a gente queria e como merecíamos ter, como é óbvio. Os pontos turísticos também existem no interior. Tentamos consciencializar para isso para quando chegarem à cidade como a minha e como a ti, no 12º ano, pensar que as oportunidades não estão só no litoral e que só lá é que é ‘cool’ e tudo o que é interior não é apelativo. Nós tentamos desmistificar um pouco esses conceitos e atrair cada vez mais jovens para, não só para a nossa associação, para nos ajudarem no passa a palavras mas também, que eles pensem dessa forma e que comecem a formatar o cérebro para outras questões importantes e confesso que temos tido muito sucesso.

E: Pela tua experiencia vês adesão destes jovens?

J: Na comunidade tem sido excelente, para além de termos feitos o webinar, fixemos a primeira feira de emprego jovem como o caso da FUTURALI, em Lisboa, há sempre uma feira de emprego onde as faculdades expõem os seus cursos. E nós pegamos na FUTURALI e pensamos porque é que no interior não existe uma feira de emprego para jovens? Em Maio criamos a primeira feira de emprego para jovem do interior. Contamos com mais de 30 entidades na nossa feira, com visitas das escolas secundárias da nossa região, dos institutos superiores daqui da região de Viseu, Guarda e Bragança e mostrar o que tem para oferecer, criamos uma dinâmica muito importante. Foi a primeira feira do género e foi organizada por duas pessoas que ninguém conhecia, a nossa associação tem 1 ano de existência e ninguém nos conhecia basicamente mas temos sempre vontade de melhorar e desenvolver outro tipo de atividades. Também temos feito webinares temáticos com uma participação muito boa sobre questões de teletrabalho, viver no interior, cultura no interior, temos sempre atividades, visitas a escolas na nossa região e isso é que nos proporcionou agora um envolvimento muito importante de jovens na nossa associação após a visita à escola secundária de Nelas conseguimos 5/6 jovens com interesses comuns que estão a trabalhar diretamente connosco na nossa associação e tem sido importante porque muitos deles até foram estudar agora para uns para Évora mas escolheram o interior, é curioso. Não foram para Lisboa ou Porto mantiveram a oportunidade aqui em Viseu do curso que queriam mas houve dois casos e é curioso, e escolheram Évora para estudar.

E: Sentes que agora os jovens também procuram, tem que sair porque a vida assim os impõem mas procuram sempre ficar perto da região.

J: É importante os jovens saírem mas procuram ficar perto da região. Eu noto isso. Já vem com outros olhos o interior. Procuram ver o que há aqui perto e não só em Lisboa ou Porto. Muita gente tem ido para Braga.

E: Relativamente a ser jovem aqui, vês alguma mudança, portanto da tua altura par agora, vês que agora há mais possibilidades para eles começarem os seus próprios projetos? Há ajuda por parte do município.

J: Há muita coisa. Há muitos apoios. O que eu vejo por vezes é que há jovens que queiram. Hoje em dia vejo uma geração muito habituada à internet, pareço um cota a falar mas vejo muito isso. No meu tempo, há 10 anos atrás, mais um pouco, mas não não tinha tanto esta abertura porque não havia ainda não havia grandes coisas para nos fazermos para além da escola e de outro tipo de atividades, já havia internet e computadores mas hoje em dia há mais facilidade. É tão notória que eu vejo que os jovens esquecem que é preciso atividades de rua por exemplo, é necessário termos outros tipos de convívios, eu falo por mim. Nos vamos a um café e não vês jovens a conversar hoje em dia, o que eu quero dizer, pode existir apoios mas o que eu vejo é que não existe jovens que queiram usufruir dos mesmos. Estou a falar da minha realidade. Mas eu vejo muito isso a maior parte dos jovens se resignam um pouco tem medo de desenvolver um pouco mais ou saírem de fora da caixa, daquela área mais comum porque depois tem um telemóvel, tem o tempo ocupado. Por vezes não ocupamos da melhor forma. Depois depende de cada personalidade. Apoios para jovens se desenvolverem, existem. É o ponto que queria deixar assente, agora se desenvolve ou não ou se eles procuram já é relativo. Aqui do interior podemos chegar a qualquer parte. Não deixo de estar no interior mas a proximidade é enorme e agora com as tecnologias ainda mais.

Etapa 3 - Elaboração da Narrativa Biográfica

Em Chaves eu sempre estudei e sempre estive focado naquilo que eu queria seguir e os meus estudos sempre estiveram focados nisso. Preparei-me para um curso que depois veio-se a revelar errado porque a minha experiência no Ensino Superior foi um fiasco, no início. No meu secundário, desde o décimo até ao décimo segundo ano, eu estudei o curso de ciências e sempre achei que o meu futuro iria passar pela engenharia e foi para isso que eu me foquei. Ao mesmo tempo sempre estive ligado a outras atividades extracurriculares a nível artístico e é isso que acaba por ser importante para o meu futuro, no entanto, na altura não tinha a importância que eu achava que iria ter, ou seja, eu estava ligado a projetos artísticos, tinha aberto uma academia de artes que tinha um curso livre de teatro musical e foi assim que eu me inseri também, ao mesmo tempo, que focava nos meus estudos para, prosseguir um estudo académico de engenharia e telecomunicações.

Quando eu entrei na Universidade, no primeiro ano, eu levei um choque enorme porque saí de Chaves. No primeiro ano concorri para Aveiro, levei um choque de realidade muito grande, não só em termos do que é que era a engenharia porque não tinha noção do que era e, depois, percebi que não era aquilo que eu queria e, também em termos da cidade em si. Era tudo muito diferente. As pessoas eram diferentes e isso também fez com que o meu rendimento depois baixasse imenso na universidade e eu não consegui lidar com isso então, decidi parar o estudo. Engenharia não era para mim, eu precisava de alguma coisa que me fizesse sentir mais eu, faltava-me aquele lado artístico. Eu saí da escola, no secundário, e fui para a universidade e mantive a ligação com a parte artística aos fins-de-semana em Chaves e percebi que alguma coisa aqui tem de dar o equilíbrio então, decidi fazer a mudança de curso.

Mudei para a UTAD ou seja, saí da universidade de Aveiro e fui para Vila Real, mudei radicalmente a minha área de estudo, estava a estudar engenharia eletrónica e telecomunicações e mudei para comunicação e multimédia por ter uma vertente mais ligada com a parte artística, vídeo e fotografia. Foi na UTAD e nesta ligação com a Universidade de Vila Real que acabei por encontrar um espírito que realmente me fez sentir mais parte dele do que na Universidade de Aveiro. Envolvi-me em imensas questões académicas, estive envolvido no Erasmus estudantes networks, aquele que é responsável por muita parte da comunicação deles. Acabei também por me envolver nos órgãos nacionais desta parte do Erasmus student network e estive, todos os anos em que fiz a minha formação académica, ou seja os três anos de licenciatura, envolvido nestes projetos que me ajudaram a perceber mais a cultura de outros sítios e não só dos estudos em si.

Quando acabei o curso, segui para o Ensino Superior, nunca tive pressão por parte dos meus pais para seguir área que fosse e eu acho que sempre tive muita sorte. A minha mãe é professora e o meu pai é funcionário público e trabalha no município e eles sempre me deixaram, tanto a mim como à minha irmã, super à vontade para escolhermos o que queríamos seguir, a decisão sempre foi nossa. Os meus pais sempre me disseram para ir para aquilo que me fazia feliz. Não foi uma escolha pelo dinheiro, pelo aquilo que podia vir a receber, mas sim naquilo que queria fazer. Eu sempre achei, olhando agora em retrospectiva, talvez houvesse pressão em relação aquilo que era a norma, toda a gente com boas notas tinha de ser um médico ou engenheiro e sempre estive envolvido num ambiente de estudo do secundário que era muito competitivo. Sempre achei que, eu quero é ser engenheiro porque eu adoro matemática e depois percebi que se calhar não é bem assim. Eu gosto de estudar mas não neste nível isto não me está a completar enquanto pessoa então, foi por isso que fiz a mudança e, mesmo na mudança, nunca tive qualquer pressão. Se alguma vez os meus pais me condicionaram foi seguir alguma coisa que me fosse fazer feliz e não para me dar emprego. Sempre tive esta mentalidade: mais vale ser feliz e estar sem emprego de uma coisa que gosto de fazer do que estar com um emprego mas estar a fazer uma coisa que odeio.

Não foi nada linear, eu acabei o curso e estive a trabalhar alguns meses em Vila Real, tive uma proposta de emprego, acabei por ficar lá dois ou três meses e depois aquilo não resultou e voltei para casa dos meus pais. Estive em casa dos meus pais e havia toda uma crença que só nas grandes cidades, como Porto e Lisboa, é que se havia de conseguir um trabalho na área e por obra do destino, eu andava à procura de emprego e houve uma empresa aqui da zona de Chaves que, nem sequer é uma empresa da área, era uma empresa de construção civil, que estava à procura de alguém para fazer um estágio em comunicação e multimédia e, entre estar em casa e não estar a fazer nada, decidi ir. Ao mesmo tempo que isto acontecia, eu nunca deixei a ligação com a parte do teatro musical, ou seja desde que eu entrei no primeiro ano na Universidade de Aveiro até ao último na UTAD, aos fins-de-semana eu sempre estive envolvido na questão do teatro musical e foi aí que eu acabei por conhecer as pessoas com quem trabalho hoje em dia.

No secundário e até nos primeiros anos da faculdade, eu e os meus amigos queixávamo-nos que não acontecia nada na cidade, e lembro-me, na altura, da nossa encenadora nos dizer: ‘Então se não acontece nada façam alguma coisa’. Como estávamos sem nada para fazer aos fins-de-semana e não tínhamos nada a perder, criamos um movimento associativo e começamos a fazer algumas coisas porque não tínhamos nada a perder. Começamos a juntar e a fazer alguns espetáculos e isso nunca parou de acontecer enquanto estudávamos fora, a partir do momento em que acabamos os cursos continuamos a fazer isto em paralelo mas nunca achamos que isto algum dia iria tornar-se algo maior ou algo mais do que uma brincadeira.

Enquanto estava no estágio na ANTEROS, na empresa, esta parte associativa que nós tínhamos ao fim-de-semana começou a tornar-se cada vez maior, havia cada vez mais trabalho a sugerir, mais projetos que iniciavam.

Acabei o meu estágio em dezembro e, em janeiro de 2015/2016, foi-nos feito uma proposta que, das duas uma, ou aquilo se iria tornar o nosso emprego e ia-se tornar uma questão a tempo inteiro, porque não conseguimos fazer mais nada a não ser aquilo ou, então, teríamos de terminar o projeto. Como o projeto nos estava a dar tanto trabalho, se existe uma possibilidade de isto se tornar o nosso trabalho a tempo inteiro, vamos por ele e fomos. Consequentemente, acabamos por adiar a questão de sair de Chaves até porque chegou a uma altura que parecia impossível. Aqui temos a possibilidade de fazer aquilo que nos faz feliz. Acabou por ser um regresso que não estava à espera que acontecesse. As coisas foram-se encaminhando de tal forma que acabou por acontecer e agora passaram 8 anos e ainda está a acontecer e, neste momento, acaba por ser quase impossível pensar em sair daqui enquanto isto fizer sentido.

A INDIEROR acaba por se tornar a parte principal de ter este regresso e de não querer sair daqui porque acaba por ser o elo de ligação. A INDIEROR tem a parte cultural e tem a parte associativa. Ao longo dos tempos foi crescendo uma parte mais empresarial que ajudou também a

sustentar o projeto, acabamos por criar toda a parte que ajuda a sustentar o projeto ou seja, inicialmente, a INDIEROR surge apenas de um projeto cultural, uma proposta com o município. Havia um protocolo anual que nos leva a pensar que isto vai passar a ser a nossa vida a tempo inteiro logo, vamos adiar a nossa saída daqui. Acontece que, inicialmente, a INDIEROR vivia quase de ano a ano, mas neste momento acabamos por já estar tão enraizados com a cidade e com a comunidade, porque este projeto só funciona sendo aqui em Chaves não funciona em outro lado ou seja, é um projeto com a comunidade local que só funciona se for feito nesta comunidade e acabamos por arranjar uma maneira de o sustentar e neste momento acaba por ser difícil sequer pensar em sair daqui.

A verdade é que também há outra coisa muito importante em eu querer cá ficar que é a ligação à comunidade e às instituições e isto é importante referir. Desde o momento em que começamos, sempre tivemos um apoio e uma ligação muito forte com o município e outras instituições que nos ajudaram que este trabalho fosse possível. Depois a parte empresarial que criamos acaba por ser financiada pelo Norte 2020 que tem projetos integrantes para jovens na criação de emprego na região do interior que são projetos ainda um pouco mal divulgados e que as pessoas não têm muita noção da importância que eles têm. Quando se fala que há mais oportunidades nas grandes cidades isso é verdade, há mais oportunidades nas grandes cidades e se calhar tu teres um negócio numa cidade pequena é muito diferente e muito menos sustentável do que um negócio numa cidade grande. Não basta querer, por vezes, é difícil ficar por causa das oportunidades de emprego.

Já nos fizeram esta pergunta: Porquê Chaves e não outro sítio? Para mim a resposta é muito simples: Porque não?

Ou seja, qual é a desvantagem de estar numa cidade pequena? Aqui não há concorrência e, ao não teres concorrência, é muito mais fácil e acabas por ter uma facilidade muito grande de fazer algo aqui, se não há nada, então, podes errar à vontade, ninguém te vai apontar o dedo. Se alguém nos perguntar porque é que as coisas resultaram tão bem com a INDIEROR, não havia mais nada, nós podíamos testar à vontade, podíamos fazer em termos culturais aquilo que bem nos dava na cabeça, por assim dizer, porque não havia nada para comparar, não havia mais nada. Às vezes olhamos para isto como um chamamento do género, isto é uma missão, temos esta missão neste momento e enquanto o projeto fizer sentido, nós vamos ficar, no momento que não fizer sentido, tudo bem, se acharmos que alguém faz melhor que nós ou que terá uma missão mais interessante que a nossa para a comunidade, também fechamos as portas, não há de faltar uma oportunidade.

Toda a gente que está no projeto conheceu-se pela questão do teatro musical, a nossa ideia sempre foi dar oportunidade, não só às pessoas que vem depois de nós, os mais novos mas, também, mostrar a toda a comunidade que em Chaves é possível teres uma produção cultural com qualidade. Quando eu estava no secundário, não conseguia ver um concerto, tinha de ir ao Porto ou a Lisboa e, agora, temos uma produção regular no auditório com nomes nacionais e internacionais e é isto que

achamos ser importante, ou seja, sempre que vem um artista ou trazemos algo à cidade não trazemos para chegar, tocar no auditório e ir embora. Vamos à escola, conversar com os alunos, explicar às pessoas, que estão no secundário aquilo que é ser um artista ou seja, explicar a cultura que vem deles, muitas vezes de outros países, explicar as semelhanças que existem entre Chaves e uma cidade na Irlanda ou numa cidade que há em Espanha e fazer perceber, acima de tudo, à comunidade que há tanta ou mais oferta cultural numa cidade pequena como numa cidade grande e poderemos seguir caminhos que não são os caminhos normais.

Nós temos um projeto que se chama Plano Assalto, trouxemos alguns realizadores e atores portugueses e galegos para trabalhar com alunos do secundário. Uma das coisas mais fantásticas que aconteceu neste projeto foi, teres no final do projeto, alunos a gravar uma curta numa aldeia do concelho e tínhamos nomes como João Canijo e o Henrique Oliveira e, no final na apresentação do projeto, o João Canijo a dizer à mãe de uma aluna: Ela tem de seguir cinema.

É desconstruir este paradoxo de que tu tens de ser médico ou engenheiro e para isso tens de ir para o Porto ou Lisboa para ter um futuro, e não, podes ser realizador de cinema em Chaves, ser médico ou engenheiro em Chaves. É agitar um bocado a comunidade para fazer ver que realmente existe algo para além daquilo que nós vemos. Há um mundo de oportunidades que podemos descobrir no interior e nas cidades pequenas, se tiver algum problema vou à vizinha, se me faltar um ovo para fazer o jantar eu vou-lhe pedir. É uma grande ligação à comunidade, com o vizinho. Foi uma comunidade que me deu tanto que agora também quero dar.

Etapa 4 – Elaboração da Narrativa Biográfica

Em Chaves eu sempre estudei e sempre estive focado naquilo que eu queria seguir e os meus estudos sempre estiveram focados nisso.

No meu secundário, desde o décimo até ao décimo segundo ano, eu estudei o curso de ciências e sempre achei que o meu futuro iria passar pela engenharia e foi para isso que eu me foquei.

Ao mesmo tempo sempre estive ligado a outras atividades extracurriculares a nível artístico e é isso que acaba por ser importante para o meu futuro, no entanto, na altura não tinha a importância que eu achava que iria ter, ou seja, eu estava ligado a projetos artísticos, tinha aberto uma academia de artes que tinha um curso livre de teatro musical e foi assim que eu me inseri também, ao mesmo tempo, que focava nos meus estudos para, prosseguir um estudo académico de engenharia e telecomunicações.

No secundário e até nos primeiros anos da faculdade, eu e os meus amigos queixávamo-nos que não acontecia nada na cidade, e lembro-me, na altura, da nossa encenadora nos dizer: ‘Então se não acontece nada façam alguma coisa’. Nesta fase não conseguia ver um concerto, tinha de ir ao Porto ou a Lisboa. Então, como estávamos sem nada para fazer aos fins-de-semana e não tínhamos

nada a perder, criamos um movimento associativo e começamos a fazer algumas coisas porque não tínhamos nada a perder.

Quando acabei o curso, segui para o Ensino Superior, nunca tive pressão por parte dos meus pais para seguir área que fosse e eu acho que sempre tive muita sorte.

A minha mãe é professora e o meu pai é funcionário público e trabalha no município e eles sempre me deixaram, tanto a mim como à minha irmã, super à vontade para escolhermos o que queríamos seguir, a decisão sempre foi nossa. Os meus pais sempre me disseram para ir para aquilo que me fazia feliz.

Não foi uma escolha pelo dinheiro, pelo aquilo que podia vir a receber, mas sim naquilo que queria fazer. Eu sempre achei, olhando agora em retrospectiva, talvez houvesse pressão em relação aquilo que era a norma, toda a gente com boas notas tinha de ser um médico ou engenheiro e sempre estive envolvido num ambiente de estudo do secundário que era muito competitivo. Se alguma vez os meus pais me condicionaram foi seguir alguma coisa que me fosse fazer feliz e não para me dar emprego. Sempre tive esta mentalidade: mais vale ser feliz e estar sem emprego de uma coisa que gosto de fazer do que estar com um emprego mas estar a fazer uma coisa que odeio.

Preparei-me para um curso que depois veio-se a revelar errado porque a minha experiência no Ensino Superior foi um fiasco, no início.

Quando eu entrei na Universidade, no primeiro ano, eu levei um choque enorme porque saí de Chaves. No primeiro ano concorri para Aveiro, levei um choque de realidade muito grande, não só em termos do que é que era a engenharia porque não tinha noção do que era e, depois, percebi que não era aquilo que eu queria e, também em termos da cidade em si. Era tudo muito diferente. As pessoas eram diferentes e isso também fez com que o meu rendimento depois baixasse imenso na universidade e eu não consegui lidar com isso então, decidi parar o estudo. Engenharia não era para mim, eu precisava de alguma coisa que me fizesse sentir mais eu, faltava-me aquele lado artístico.

Eu saí da escola, no secundário, e fui para a universidade e mantive a ligação com a parte artística aos fins-de-semana em Chaves e percebi que alguma coisa aqui tem de dar o equilíbrio então, decidi fazer a mudança de curso.

Mudei para a UTAD ou seja, saí da universidade de Aveiro e fui para Vila Real, mudei radicalmente a minha área de estudo, estava a estudar engenharia eletrónica e telecomunicações e mudei para comunicação e multimédia por ter uma vertente mais ligada com a parte artística, vídeo e fotografia. Foi na UTAD e nesta ligação com a Universidade de Vila Real que acabei por encontrar um espírito que realmente me fez sentir mais parte dele do que na Universidade de Aveiro.

Envolvi-me em imensas questões académicas, estive envolvido no Erasmus estudantes networks, aquele que é responsável por muita parte da comunicação deles. Acabei também por me envolver nos órgãos nacionais desta parte do Erasmus student network e estive, todos os anos em que

fiz a minha formação académica, ou seja os três anos de licenciatura, envolvido nestes projetos que me ajudaram a perceber mais a cultura de outros sítios e não só dos estudos em si.

Sempre achei que, eu quero é ser engenheiro porque eu adoro matemática e depois percebi que se calhar não é bem assim. Eu gosto de estudar mas não neste nível isto não me está a completar enquanto pessoa então, foi por isso que fiz a mudança e, mesmo na mudança, nunca tive qualquer pressão.

Ao mesmo tempo que isto acontecia, eu nunca deixei a ligação com a parte do teatro musical, ou seja desde que eu entrei no primeiro ano na Universidade de Aveiro até ao último na UTAD, aos fins-de-semana eu sempre estive envolvido na questão do teatro musical e foi aí que eu acabei por conhecer as pessoas com quem trabalho hoje em dia.

Começamo-nos a juntar e a fazer alguns espetáculos e isso nunca parou de acontecer enquanto estudávamos fora, a partir do momento em que acabamos os cursos continuamos a fazer isto em paralelo mas nunca achamos que isto algum dia iria tornar-se algo maior ou algo mais do que uma brincadeira. Enquanto estava no estágio na ANTEROS, na empresa, esta parte associativa que nós tínhamos ao fim-de-semana começou a tornar-se cada vez maior, havia cada vez mais trabalho a sugerir, mais projetos que iniciavam.

Não foi nada linear, eu acabei o curso e estive a trabalhar alguns meses em Vila Real, tive uma proposta de emprego, acabei por ficar lá dois ou três meses e depois aquilo não resultou e voltei para casa dos meus pais. Estive em casa dos meus pais e havia toda uma crença que só nas grandes cidades, como Porto e Lisboa, é que se havia de conseguir um trabalho na área e por obra do destino, eu andava à procura de emprego e houve uma empresa aqui da zona de Chaves que, nem sequer é uma empresa da área, era uma empresa de construção civil, que estava à procura de alguém para fazer um estágio em comunicação e multimédia e, entre estar em casa e não estar a fazer nada, decidi ir.

Acabei o meu estágio em dezembro e, em janeiro de 2015/2016, foi-nos feito uma proposta que, das duas uma, ou aquilo se iria tornar o nosso emprego e ia-se tornar uma questão a tempo inteiro, porque não conseguimos fazer mais nada a não ser aquilo ou, então, teríamos de terminar o projeto. Como o projeto nos estava a dar tanto trabalho, se existe uma possibilidade de isto se tornar o nosso trabalho a tempo inteiro, vamos por ele e fomos. Consequentemente, acabamos por adiar a questão de sair de Chaves até porque chegou a uma altura que parecia impossível.

Acabou por ser um regresso que não estava à espera que acontecesse. A INDIEROR acaba por se tornar a parte principal de ter este regresso e de não querer sair daqui porque acaba por ser o elo de ligação.

Aqui temos a possibilidade de fazer aquilo que nos faz feliz. As coisas foram-se encaminhando de tal forma que acabou por acontecer e agora passaram 8 anos e ainda está a acontecer e, neste momento, acaba por ser quase impossível pensar em sair daqui enquanto isto fizer sentido.

A INDIEROR tem a parte cultural e tem a parte associativa. Ao longo dos tempos foi crescendo uma parte mais empresarial que ajudou também a sustentar o projeto, acabamos por criar toda a parte que ajuda a sustentar o projeto ou seja, inicialmente, a INDIEROR surge apenas de um projeto cultural, uma proposta com o município. Havia um protocolo anual que nos leva a pensar que isto vai passar a ser a nossa vida a tempo inteiro logo, vamos adiar a nossa saída daqui. Acontece que, inicialmente, a INDIEROR vivia quase de ano a ano, mas neste momento acabamos por já estar tão enraizados com a cidade e com a comunidade, porque este projeto só funciona sendo aqui em Chaves não funciona em outro lado ou seja, é um projeto com a comunidade local que só funciona se for feito nesta comunidade e acabamos por arranjar uma maneira de o sustentar e neste momento acaba por ser difícil sequer pensar em sair daqui.

A verdade é que também há outra coisa muito importante em eu querer cá ficar que é a ligação à comunidade e às instituições e isto é importante referir. Desde o momento em que começamos, sempre tivemos um apoio e uma ligação muito forte com o município e outras instituições que nos ajudaram que este trabalho fosse possível. Depois a parte empresarial que criamos acaba por ser financiada pelo Norte 2020 que tem projetos integrantes para jovens na criação de emprego na região do interior que são projetos ainda um pouco mal divulgados e que as pessoas não têm muita noção da importância que eles têm. Quando se fala que há mais oportunidades nas grandes cidades isso é verdade, há mais oportunidades nas grandes cidades e se calhar tu teres um negócio numa cidade pequena é muito diferente e muito menos sustentável do que um negócio numa cidade grande. Não basta querer, por vezes, é difícil ficar por causa das oportunidades de emprego.

Já nos fizeram esta pergunta: Porquê Chaves e não outro sítio? Para mim a resposta é muito simples: Porque não?

Ou seja, qual é a desvantagem de estar numa cidade pequena? Aqui não há concorrência e, ao não teres concorrência, é muito mais fácil e acabas por ter uma facilidade muito grande de fazer algo aqui, se não há nada, então, podes errar à vontade, ninguém te vai apontar o dedo. Se alguém nos perguntar porque é que as coisas resultaram tão bem com a INDIEROR, não havia mais nada, nós podíamos testar à vontade, podíamos fazer em termos culturais aquilo que bem nos dava na cabeça, por assim dizer, porque não havia nada para comparar, não havia mais nada. Às vezes olhamos para isto como um chamamento do género, isto é uma missão, temos esta missão neste momento e enquanto o projeto fizer sentido, nós vamos ficar, no momento que não fizer sentido, tudo bem, se acharmos que alguém faz melhor que nós ou que terá uma missão mais interessante que a nossa para a comunidade, também fechamos as portas, não há de faltar uma oportunidade.

Toda a gente que está no projeto conheceu-se pela questão do teatro musical, a nossa ideia sempre foi dar oportunidade, não só às pessoas que vem depois de nós, os mais novos mas, também, mostrar a toda a comunidade que em Chaves é possível teres uma produção cultural com qualidade. e,

agora, temos uma produção regular no auditório com nomes nacionais e internacionais e é isto que achamos ser importante, ou seja, sempre que vem um artista ou trazemos algo à cidade não trazemos para chegar, tocar no auditório e ir embora. Vamos à escola, conversar com os alunos, explicar às pessoas, que estão no secundário aquilo que é ser um artista ou seja, explicar a cultura que vem deles, muitas vezes de outros países, explicar as semelhanças que existem entre Chaves e uma cidade na Irlanda ou numa cidade que há em Espanha e fazer perceber, acima de tudo, à comunidade que há tanta ou mais oferta cultural numa cidade pequena como numa cidade grande e poderemos seguir caminhos que não são os caminhos normais.

Nós temos um projeto que se chama Plano Assalto, trouxemos alguns realizadores e atores portugueses e galegos para trabalhar com alunos do secundário. Uma das coisas mais fantásticas que aconteceu neste projeto foi, teres no final do projeto, alunos a gravar uma curta numa aldeia do concelho e tínhamos nomes como João Canijo e o Henrique Oliveira e, no final na apresentação do projeto, o João Canijo a dizer à mãe de uma aluna: Ela tem de seguir cinema.

É desconstruir este paradoxo de que tu tens de ser médico ou engenheiro e para isso tens de ir para o Porto ou Lisboa para ter um futuro, e não, podes ser realizador de cinema em Chaves, ser médico ou engenheiro em Chaves. É agitar um bocado a comunidade para fazer ver que realmente existe algo para além daquilo que nós vemos. Há um mundo de oportunidades que podemos descobrir no interior e nas cidades pequenas, se tiver algum problema vou à vizinha, se me faltar um ovo para fazer o jantar eu vou-lhe pedir. É uma grande ligação à comunidade, com o vizinho. Foi uma comunidade que me deu tanto que agora também quero dar.

Etapa 5 e 6 - Elaboração da Narrativa Biográfica⁴⁸

⁴⁸ Narrativa final nos Apêndices 6: João

APÊNDICE 5 – TABELAS CATEGORIAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categoria 1	Indicadores	Unidades de Registo
O impacto das atividades na construção da identidade dos jovens	Os jovens ao praticarem uma atividade, estão a desenvolver uma rede de relacionamentos e a criar ligações com outros jovens e consequentemente, com a região – sentimento de pertença	<i>“Tudo o que eu fazia como atividade cultural ou desportiva era na escola sendo que na mesma tinha já algum interesse por matérias que agora desenvolvo como o teatro, a educação e as artes. Foi um dos melhores momentos da minha vida. Posso dizer que fui muito mais feliz até ir estudar para fora. Isto porque sentia-me completamente integrada na minha região.” (Letícia)</i> <i>“Eu também eu também tive a experiência conviver com muitos jovens da minha idade porque eu andei no grupo de jovens da igreja, andei no coro, e uma vez por ano também íamos acampar.” (Catarina)</i> <i>“De seguida, ainda durante a infância, sempre fui uma criança muito ligada à natureza e à agricultura, porque os meus pais e os meus avós tinham uma exploração agrícola, então sempre fui ligada à atividade agrícola, mas sempre na base do contacto com a Natureza.” (Liliana)</i> <i>“Andei nos escuteiros, havia cá um grupo de escuteiros e tínhamos reuniões, encontros e acampamentos no verão que era o ponto alto do meu dia (...)” (Luz)</i> <i>“Fora do universo escolar tinha um grupo de dança, íamos participando em algumas atividades inclusive até com o município, estava sempre envolvida. (...) Tinha com colegas de outras escolas, amizades em comum e, decidimos fazer um grupo de dança porque tinha dois colegas que estavam a ter aulas de dança, aquelas brincadeiras de jovens.” (Laura)</i> <i>“Eu comecei a frequentar a banda nos Escuteiros de Barroselas tinha 12 anos mais ou menos. Comecei a frequentar a banda e na altura tocava um instrumento diferente do agora. Por causa disso, estava muito ligada com a comunidade, conhecemos muita gente, vamos a muitos sítios, criamos ligação com o grupo. Acredito que trás muitas vantagens a nível da socialização.” (Liliana)</i> <i>“(...) conheci a banda, por tocar aqui nas romarias próximas, é que me despertou o interesse e pedi aos meus pais que gostava de ir aprender um instrumento. (...) E na banda, no fundo, os amigos que fiz, ainda hoje somos muito amigos.” (Sara)</i> <i>“Mas no fundo acaba por estar tudo ligado desde a educação, quando fui para o externato, houve sempre ali que foram ligando umas às outras. O externato deu-me a luz da música, não numa vertente profissional mas que me conduziram à banda e esta, de forma inevitável, à política. As coisas vão surgindo e tem corrido bem.” (Sara)</i> <i>“O meu refúgio com a escola sempre foi o desporto, na modalidade muito específica, no futsal, e comecei a criar laços e dinâmicas diferentes de outros tipos de crianças da minha idade, eu entrei para o futsal com 4/5 anos até aos 18/19 anos e as dinâmicas para além da escola, eram também no desporto. Para mim sempre foi um grande hobbie e tanto que, com o decorrer dos anos fiquei atleta de alta competição, ainda enquanto também estudava.” (Tomás)</i> <i>“Também perceber o que é que era importante na altura e neste caso, nas idades dos mais jovens, acho que é uma opinião comum, as amizades, as dinâmicas que fazemos, fora a escola, são essenciais para moldar a nossa personalidade mais tarde.” (Tomás)</i>

Categoria 2	Indicadores	Unidades de Registo
Vantagens de viver num meio pequeno: aproximação com a comunidade	Perceber de que forma é que estes jovens vêm a sua comunidade e que consequências positivas têm para o seu entendimento	<i>“Parecendo que não, mas o facto de estarmos no interior, por exemplo a questão de sair à noite, íamos mais cedo sair em relação às pessoas de outras cidades porque aqui no interior não há tanto perigo. (...) Era mais seguro e os nossos pais deixavam-nos sair, não havia problema.” (Luana)</i> <i>“Foi bom porque tínhamos muita liberdade e se calhar nos grandes centros, cidades maiores não é bem assim. Comecei a sair à noite com uns 12 anos, tinha mais liberdade.” (Leonor)</i> <i>“Tenho muito orgulho na cultura minhota, nós na aldeia, somos as pessoas do país mais alegre porque também trabalhamos muito e porque é uma forma de aligeirar as coisas. As próprias roupas são coloridas também para dar o contraponto e como temos uma riqueza fabulosa, os minhotos tem muito orgulho naquilo que preservam, a sua cultura. Aos fins-de-semana, aqui do norte, as pessoas juntam-se na praça pública, é espetacular. Depois de uma semana inteira de trabalho vão tocar concertina, vão dançar, cantam ao desafio (...).” (Letícia)</i> <i>“É uma cidade onde conseguimos ir rapidamente de um sítio para o outro, não perdemos tempo em trânsito, temos bons serviços, temos lojas, temos tudo aqui perto.” (Catarina)</i> <i>“Eu penso que a grande vantagem era mesmo o facto de poder estar à vontade, os meus pais iam trabalhar até tarde e eu não tinha aquele controlo, tinha mais liberdade e não sentia medo porque eu sabia que podia estar à vontade e os meus pais também porque era tudo perto e, como era tudo pequeno, as pessoas conheciam-se todas, portanto eu realmente acho que isso é uma grande vantagem. Estava sempre à vontade para andar na rua e estar com os amigos.” (Filipa)</i> <i>“É um meio muito pequeno e já nos conhecemos todos desde a primária então é muito giro, andamos sempre todos juntos e saímos todos juntos. Barroselas não é um meio muito grande, é um meio pequeno e toda a gente se conhece e penso que isso seja a grande vantagem, é dares-te com pessoas que sempre conheceste.” (Cristina)</i>

Categoria 3	Indicadores	Unidades de Registo
Percepção dos Jovens sobre o Ensino Superior: entre sair e voltar	Esta categoria comporta as experiências dos jovens enquanto frequentavam o Ensino Superior. Ainda perceber em que medida, os jovens mantinham uma ligação com a sua região, seja pela necessidade de regressarem a casa para estarem com as suas famílias e/ou amigos ou por frequentarem grupos/atividades.	<i>“Foi um bocado diferente porque apesar de ser tão perto já notei a diferença da cultura das pessoas porque somos muito diferentes. Era a diferença da cultura, a maneira das pessoas viverem. Não sei dizer assim nada em particular mas notava-se a diferença ainda que isso não fosse um entrave, sentia que estava a quilómetros de distância de casa.” (Luana)</i> <i>“Todos os fins-de-semana vinha a casa, não falhei um. Sentia esta necessidade de voltar a casa porque não gostava de lá estar. Sentia que me faltava alguma coisa, não sabia bem o quê mas quando vinha a casa sentia-me melhor. Tinha a minha família e os meus amigos daqui e sentia-me em casa. Era uma necessidade vir aqui.” (Luana)</i> <i>“Depois, quando fui para Lisboa, aí é que foi o grande choque, mesmo a nível social. Notei realmente a diferença, as pessoas mais frias e afastadas. Não havia tanto esta proximidade que estava habituada. Lisboa não era a minha opção mas queria o curso.” (Cátia)</i> <i>“O primeiro ano detestei. Tinha alguns amigos de Nelas, o que me ajudou na transição, mas não estava muito contente. Vinha muitas vezes a casa para não largar estes lados, não só com a associação, mas, também, com as amizades que tinha.” (Cátia)</i> <i>“Olhando agora um bocadinho para trás, eu tive logo esta percepção quando cheguei a Lisboa, fui muito feliz a crescer em Nelas, uma pessoa chega e vê o tipo de relacionamento que um jovem urbano tem e que é completamente diferente de um jovem do interior. O nível de crescimento, até pelo facto de termos saído de casa, crescemos mais rápido. Eu acho que valorizava a proximidade com as pessoas, mas como eu não tinha saído não conseguia ter tanta percepção da diferença que havia. Aqui é que comecei a valorizar o facto de eu em Lisboa, para conseguir estar com as pessoas que queria demorava uma hora e perdia muito tempo e por isso por vezes acabava por nem acontecer.” (Cátia)</i> <i>“Quando cheguei ao Ensino Superior, o primeiro ano, é sempre aquele impacto, somos caloiros, saís de casa da mãe, dos papás, tens de começar a tornar-te um bocadinho mais autónoma, a nível de organizar a comida, quando chegava a casa tinha de a fazer senão não comia, tinha de ter outro tipo de responsabilidades.” (Luz)</i> <i>“Durante a minha licenciatura, nos três anos, devo ter ficado no Porto três ou quatro fins-de-semana, de resto vinha domingo à noite para aqui e voltava sexta à tarde a casa. Tinha bons horários e conseguia vir logo depois do almoço e passava os fins-de-semana em Chaves.” (Laura)</i> <i>“Quanto à minha experiência, para mim esta parte é mais fácil, eu odiava estar lá, não havia mar nem havia monte. Adorava vir cá a Viana. Tenho muito orgulho na minha terra e sentia a necessidade da natureza, estava completamente perdida. Era realmente muito ligada a Viana, a minha região. Não gostei da experiência desde o início. Viana estava envolvida no desporto, temos o Desporto Náutico e eu gostava de ir assistir e em Castelo Branco não acontece nada, é péssimo, não acontece mesmo nada. E depois é assim, como não gostava, eu tentava vir a casa todos os fins-de-semana.” (Liliana)</i>

Perceção dos Jovens sobre o Ensino Superior: entre sair e voltar	Esta categoria comporta as experiências dos jovens enquanto frequentavam o Ensino Superior. Ainda perceber em que medida, os jovens mantinham uma ligação com a sua região, seja pela necessidade de regressarem a casa para estarem com as suas famílias e/ou amigos ou por frequentarem grupos/atividades.	<i>“Quando foi para ir para a Universidade, era para ir para Lisboa, mas fui para a Covilhã, preferi continuar num meio mais interior do que estar a ir para uma grande cidade. Gosto de cidades mais pequenas, mais calmas, com melhor qualidade de vida. Claro que depois noutro sentido não temos a nível cultural, tantas coisas, mas de vez em quando íamos passar um fim-de-semana fora. Eu não troco o interior.”</i> (Leonor) <i>“Todos os fins-de-semana vinha a casa. Era uma necessidade de vir buscar comida. Também porque na Covilhã ficava muito parado e eu gostava de estar com a minha família e amigos e sair à noite com os meus amigos. Mas pela necessidade de também vir a casa buscar coisas e levar para a semana.”</i> (Leonor) <i>“Foi uma experiência agri-doce. Fui para o ISEP no Porto. Os primeiros tempos foram extremamente duros. (...) Foi extremamente difícil porque eu sempre fui muito ligada à minha família. A minha família sempre foi muito pequena, do lado da minha mãe, não tem irmãos e o meu pai só tem um. É uma família muito pequenina e quando eu vou para o Ensino Superior foi um embate brutal porque sentia-me muito sozinha.”</i> (Sara) <i>“Eu vinha de 15 em 15 dias a casa. Eu venho de uma família muito unida, tenho três irmãos e o meu pai trabalhava fora então tínhamos aquela coisa de irmos todos naquele fim-de-semana para eu estar com a minha família.”</i> (Letícia) <i>“Quando digo que estranhei não era por causa do ambiente em si mas, porque o curso era, para mim, demasiado sofisticado e eu tinha jeito para coisas mais intuitivas e simples e não tão conceituais. O curso saía totalmente do meu do meu leque de atuação. Além disso, todas aquelas pessoas que eu ia conhecendo, ao longo do tempo, quase ninguém vinha da minha região, Barrocelas.”</i> (Letícia) <i>“No início era mais complicado fazer amigos e eu tinha aquela segurança de chegar a casa e ter as minhas pessoas, portanto, não estava completamente sozinha e isso foi um pouco mais fácil. (...) Foi mais pela questão de viver sozinha, habituar às rotinas, fazer comidas, lavar roupa não era preciso porque eu ia todos os fins de semana a casa e isso já ajudava, lavavam-me a roupa ao fim de semana. Tirando isso, acho que foi fácil ambientar-me.”</i> (Catarina) <i>“Senti muita diferença. Eu fui para o Porto, tinha dois ou três colegas da minha turma, que vieram de Viana do Castelo e ficaram comigo. Mas, eu só tinha realmente uma amiga e era a única com quem eu realmente conhecia na minha turma. Em relação à cidade, adoro o Porto. Arrependo-me e custa-me dizer que quando eu cheguei odiava o Porto.”</i> (Mariana) <i>“Eu estava a tirar a carta ao mesmo tempo, arranjava sempre maneira de pôr as aulas da carta a meio da semana para eu vir embora mais cedo e passar o fim-de-semana a casa. Setembro a Janeiro foi horrível. Senti muita diferença.”</i> (Mariana)
--	--	--

Perceção dos Jovens sobre o Ensino Superior: entre sair e voltar	Esta categoria comporta as experiências dos jovens enquanto frequentavam o Ensino Superior. Ainda perceber em que medida, os jovens mantinham uma ligação com a sua região, seja pela necessidade de regressarem a casa para estarem com as suas famílias e/ou amigos ou por frequentarem grupos/atividades.	<i>“Eu ao fim de duas semanas já queria trocar de curso, vir para mais perto, desistir da universidade, a adaptação foi muito má mas, o que é certo, é que depois acabei por ficar por lá. (...) Ainda, sou filha única, sou menina da mamã e do papá e essa distância, de certa forma, foi um choque muito grande. Ainda que eu tivesse uma colega de curso que veio da primária comigo, somos amigas desde essa altura, não era propriamente a minha grande amiga, então senti-me um bocadinho perdida no início.”</i> (Laura) <i>“Continuei a manter uma relação com a minha família, vinha a casa todos os fins-de-semana. Sentia necessidade de vir a casa e mantive a ligação porque necessitava do colinho da mãe, tinha saudade dos meus pais. Quando ficava era para estudar em Miranda mas isso era em Janeiro, na altura das frequências mas há sempre aquela necessidade de vir a casa no fim-de-semana, vinha carregar baterias, estar com os meus pais e amigo.”</i> (Luz) <i>“Quando eu entrei na Universidade, no primeiro ano, eu levei um choque enorme porque saí de Chaves. No primeiro ano concorri para Aveiro, levei um choque de realidade muito grande, não só em termos do que é que era a engenharia porque não tinha noção do que era e, depois, percebi que não era aquilo que eu queria e, também em termos da cidade em si. Era tudo muito diferente. As pessoas eram diferentes e isso também fez com que o meu rendimento depois baixasse imenso na universidade e eu não consegui lidar com isso então, decidi parar o estudo.”</i> (João) <i>“Quando chegamos a uma faculdade não sabemos para o que vamos nem o que vamos aprender, temos noção do curso, eu falo por mim, percebi que entrava em engenharia biomédica mas e agora? São matérias diferentes, são professores diferentes como é óbvio, a área em si também não tem nada a ver com o que costumávamos fazer, foi um período de adaptação que não durou mais de 3/4 meses, depois já entramos na rotina e já sabemos por onde vamos e o que vamos fazer.”</i> (Tomás) <i>“Eu vinha todos os fins-de-semana, era raro, só numa época de exames, é que eu não voltava. (...) Sempre trabalhei nos festivais e nas discotecas à noite no fim-de-semana, e por isso também vinha a casa.”</i> (Sara)
--	--	--

Categoria 4	Indicadores	Unidades de Registo
O regresso à região: fatores que influenciam na tomada de decisão	A terceira questão prende-se perceber as motivações que levaram à tomada de decisão dos jovens em regressar às suas regiões após concluírem o Ensino Superior.	<i>“Eu já tinha vontade e depois de ver pessoas cá a morar e a trabalhar, voltaram também, eu pensei que podia também conseguir. O nível de vida é muito melhor. O dinheiro faz falta mas por exemplo, eu prefiro ganhar um bocadinho menos em relação a Lisboa mas ter uma boa qualidade de vida, sair do trabalho e estar completamente disponível. Não é sair do trabalho, ainda ficar 1h ou 2h no trânsito.” (Luana)</i> <i>“Eu queria regressar. Eu sempre tive esta vontade. A mim fazia-me sentido voltar porque eu sou daqui e como gosto de ser daqui e apesar de reclamar porque aqui não há muita vida, por assim dizer, eu queria voltar para casa. Pessoas como eu ao voltarem, são pessoas que gostam. Aqui não tem auto-estrada e acaba por deslocar completamente Portalegre do mapa.” (Luana)</i> <i>“Antes disso, também comecei a ter ideias de querer voltar, não estava a gostar do trabalho. Veio o covid e deu-me mais vontade de regressar.” (Cátia)</i> <i>“O regresso não foi fácil, não era o que eu desejava para a minha vida, inicialmente. Não queria mesmo isto. Inicialmente não era mesmo de todo a minha ideia ficar na aldeia porque também havia um estigma, quem ficava aqui, ficava parado ou não evoluía.” (Luz)</i> <i>“A ideia seria sempre sair mas ao mesmo tempo ia mantendo esta ligação com a Indieror ainda que não tivesse formalizada dessa forma e as coisas iam crescendo paralelamente até que houve a necessidade de escolher e obviamente que, da parte da minha mãe, ela não entendia muito bem, estávamos a pegar num projeto que não sabíamos como ia correr, foi um risco que tomamos. Eu disse à minha mãe que ainda era muito nova mas já acreditava que podia fazer a diferença aqui e foi essa decisão que me fez ficar por aqui.” (Laura)</i> <i>“O motivo principal de ter voltado foi realmente a empresa do meu pai. Eu regressei há 3/4 anos, eu tenho 29 anos, por isso regressei com 25 anos. Tive que decidir voltar até porque eu tenho uma sociedade, tenho uma quota na empresa e eu um dia, tinha mesmo de voltar. E achei que era o momento ideal começava já desde novo a adquirir conhecimentos e hoje cá estou, hoje a rotina diária é trabalhar aqui e não fora, porque ao fim ao cabo ia acabar, numa consultoria em Lisboa ou no Porto, no estrangeiro numa tive essa curiosidade mas acabaria por sempre ir para aqui. Tinha um elo de ligação, uma questão profissional.” (Tomás)</i> <i>“Eu regressei e o regresso não foi fácil. Foi por causa da pandemia e como o meu curso é muito prático foi difícil. Tenho as aulas online e, por isso, não fazia sentido eu estar a pagar casa em Castelo Branco e devido a isso decidi ficar cá em Viana, na casa dos meus pais. Isto aconteceu no meu primeiro ano do mestrado e depois o resto do ano ficou também a ser online.” (Liliana)</i> <i>“Acabou por ser um regresso que não estava à espera que acontecesse. A INDIEROR acaba por se tornar a parte principal de ter este regresso e de não querer sair daqui porque acaba por ser o elo de ligação.” (João)</i>

O regresso à região: fatores que influenciam na tomada de decisão	A terceira questão prende-se perceber as motivações que levaram à tomada de decisão dos jovens em regressar às suas regiões após concluírem o Ensino Superior.	<i>“Eu estagiei aqui em Portalegre porque sempre quis fazer o estágio aqui. Na Covilhã havia muita gente e ir para outro lado do país não fazia sentido e em Portalegre estava em casa, tinha a minha irmã a trabalhar numa farmácia e o dono é amigo do meu pai e se calhar por facilitismo que ia ter, acabei por voltar e fazer o estágio aqui. Até porque aqui podia ter uma possibilidade de continuar.” (Leonor)</i> <i>ma, a minha mãe também ajuda na empresa e dá muita apoio nessa empresa e eu decidi vir e arriscar tudo em Viana e o meu objetivo foi assumir a empresa dos meus pais e foi basicamente isso.” (Filipa)</i> <i>“Mas também voltei porque em Viana tenho as minhas raízes todas, porque tenho os meus amigos de infância e porque é uma cidade tranquila e temos monte e o mar muito próximos e eu gosto muito de desporto e então gosto muito de caminhar até ao monte e ir até à praia dar uma caminhada e apanhar sol.” (Filipa)</i> <i>“Agora voltei e estou contente com a minha decisão porque era a ideia desde o início, depois de terminar a licenciatura queria voltar para casa para a minha terrinha, onde estava muito feliz. Quando saímos é quando sentimos que a nossa casa é a nossa casa e tinha muitas saudades. Agora vivo cá. Trabalhei 5 anos em Esposende e depois voltei para uma empresa mas estou à espera da licença de maternidade acabar para voltar a trabalhar.” (Cristina)</i> <i>“São os amigos, a minha família, estamos sempre todos muito juntinhos. Quando cheguei e assentei cá continuei com as amizades que tinha, sentes que isto é que é teu. Apesar de me sentir bem em Portalegre tinha de voltar, aqui sou realmente feliz e sinto-me integrada e ligada a algo. Lá não tinha a minha família e os meus amigos.” (Cristina)</i> <i>“Depois ao longo do tempo fui percebendo que eu não queria ficar lá, de uma forma muito vincada. Eu tinha já os meus amigos, um grupo, ia tendo namorados, e até te faz pensar em ficar por lá mas, determinado momento eu percebi que não queria viver lá porque fazia-me muita confusão, a confusão do Porto. Eu já sou uma pessoa de muita energia e atividade e até podia querer uma cidade para morar que também fosse assim, mas deixava-me ainda mais ansiosa e nervosa. Eu precisava de vir para Viana, Vila de Punhe, porque realmente era a minha casa, a minha paz, a minha família, os meus amigos e acho que nós temos extremamente boas condições. O concelho é bonito. Eu sentia-me bem e feliz aqui. Arranjei logo trabalho. Imediatamente.” (Sara)</i>
---	---	---

Categoria 5	Indicadores	Unidades de Registo
A resiliência de um jovem do interior: Projetos / Iniciativas para o desenvolvimento da comunidade	Explorar o que os jovens estão a desenvolver profissionalmente. Ainda perceber se, efetivamente, o regressar à região é vantajoso para os mesmos. Permite-me perceber em que medida estão a contribuir para o progresso/melhoria da sua comunidade, esta reflexão de jovens como agentes de desenvolvimento.	<i>“Eu trabalho numa construtora. Ou seja, trabalho com obras públicas, são obras monetariamente de municípios e no fundo eu acabo por trabalhar para a comunidade. Como são obras do município estou a construir para aqui. A política da minha empresa é trabalhar apenas com obras daqui da região, do município.” (Luana)</i> <i>“O restaurante é o Senta Aí, uma casa de vinhos e petiscos A minha mãe chamou-me doida porque aquilo não tinha corrido muito bem. Mas eu decidi tentar. No verão de 2020, abri um novo espaço sozinha, tive a ajuda dos meus pais, mas passei tudo para o meu nome e abri, aí sim, foi a minha primeira grande experiência de gestão e adorei. Comecei a dar valor ao que antigamente dava, a proximidade das pessoas, comecei a conhecer ainda mais gente. Cria-se relações muito próximas com as pessoas locais e ganhei aqui um novo amor à casa.” (Cátia)</i> <i>“Eu também faço parte de um projeto que ainda está no início que é a orquestra do Alto Minho. A orquestra tem como objetivo fazer músicos não só do Alto Minho mas sim os músicos portugueses. Evitar que os mesmos saiam do país para o estrangeiro à procura de empregos e de novos postos de trabalho. O objetivo da orquestra passa pela integração dos alunos para que estes acabem de estudar e não terem de ir procurar lá fora oportunidades de trabalho. No entanto, esta Orquestra ainda está no início mas dá essa oportunidade aos nossos estudantes no distrito de Viana do Castelo. Ainda, os jovens que já frequentam esta Orquestra, no verão, vamos fazer um estágio internacional, vai ter e envolver muita gente o que vai também trazer pessoas e jovens aqui para o norte.” (Liliana)</i> <i>“Em relação à banda faço parte da direção. No último mandato o presidente convida-me para ser vice-presidente e eu através da minha experiência, disse ao presidente que era fundamental trazer mais mulheres para a direção, dar voz a mais jovens. Se a banda é composta por tantas gerações, os jovens também são fundamentais para serem ouvidos.” (Sara)</i> <i>“A INDIEROR tem a parte cultural e tem a parte associativa. Ao longo dos tempos foi crescendo uma parte mais empresarial que ajudou também a sustentar o projeto, acabamos por criar toda a parte que ajuda a sustentar o projeto ou seja, inicialmente, a INDIEROR surge apenas de um projeto cultural, uma proposta com o município. (...) mostrar a toda a comunidade que em Chaves é possível teres uma produção cultural com qualidade. e, agora, temos uma produção regular no auditório com nomes nacionais e internacionais e é isto que achamos ser importante, ou seja, sempre que vem um artista ou trazemos algo à cidade não trazemos para chegar, tocar no auditório e ir embora. Vamos à escola, conversar com os alunos, explicar às pessoas, que estão no secundário aquilo que é ser um artista (...)” (João)</i>

A resiliência de um jovem do interior: Projetos / Iniciativas para o desenvolvimento da comunidade	Explorar o que os jovens estão a desenvolver profissionalmente. Ainda perceber se, efetivamente, o regressar à região é vantajoso para os mesmos. Permite-me perceber em que medida estão a contribuir para o progresso/melhoria da sua comunidade, esta reflexão de jovens como agentes de desenvolvimento.	<i>“O projeto que estou envolvida e que trabalho há seis anos, baseia-se no livro do autor português João Negreiros que desenvolveu um método de trabalho chamado manual da felicidade que é conhecido a nível nacional. Começa com alguém a colocar um desafio de saúde e que pede ao dramaturgo, um texto para ajudar a controlar esses desafios que temos ao longo do crescimento. Está muito ligado ao autoconhecimento que é a base de tudo. São temas que também são discutidos nas escolas, o que é fundamental.” (Letícia)</i> <i>“Estive numa lista na altura das eleições e faço parte agora também da mesa da Assembleia da junta e também sou secretária e membro da Assembleia da Associação Desportiva de Barroselas do futebol. Por exemplo, nós na associação, este ano, criamos o projeto de voleibol feminino e isto foi possível porque grande parte do pessoal é pessoas que fazem em grande parte voluntariado. Uma pessoa da terra queria ser treinador de voleibol, veio à associação e todos ajudamos e criamos a tal equipa de voleibol feminino. Ajudamos, também, uma caminhada mensal através da Associação.” (Filipa)</i> <i>“Entretanto, num dia qualquer, ligam-me a dizer que precisavam de um professor na academia para dar aulas de expressão musical/educação musical, nas escolas primárias. (...) Nunca quis ser professora e agora sou professora e estou a amar o que estou a fazer. Detestava ser professora de fagote mas sou professora de música e adoro os meus alunos e adoro dar aulas. (...) Eu tenho muitos alunos com problemas, tenho muitos autistas, alunos com problemas físicos, motores, psicológicos.” (Mariana)</i> <i>“(...) sou diretora técnica e ainda assistente social, assumo a direção do lar ou seja, tudo que seja haver com processos individuais dos utentes, dos idosos, desde os recursos humanos, passa por mim. Temos 50 idosos entre o lar e o centro de dia, já fomos 19 colaboradoras.” (Luz)</i> <i>“Depois veio a associação. Ainda estamos em fase de construção. Começamos o projeto em 2021, formalizamos a associação em Setembro, pouco mais de um ano que estamos em atividade mais a sério. Queremos divulgar aquilo que já existe e que muitos jovens não conhecem, mesmo que não sejam do interior. Depois impulsionar porque ainda há muito potencial por explorar e há muito para melhorar e crescer. (...) Por um lado, divulgar o que já existe, que está focada a nível industrial e técnico e, por outro lado, desenvolver e alertar para a potencialidade do interior, visto que tem muito que crescer e muito por onde ir.” (Cátia)</i>
--	---	--

A resiliência de um jovem do interior: Projetos / Iniciativas para o desenvolvimento da comunidade	Explorar o que os jovens estão a desenvolver profissionalmente. Ainda perceber se, efetivamente, o regressar à região é vantajoso para os mesmos. Permite-me perceber em que medida estão a contribuir para o progresso/melhoria da sua comunidade, esta reflexão de jovens como agentes de desenvolvimento.	<i>“É uma grande ligação à comunidade, com o vizinho. Foi uma comunidade que me deu tanto que agora também quero dar.” (João)</i> <i>“No ano passado criei a minha própria marca, eu faço cremes e batons de cieiro de produtos naturais, ou seja tudo natural. Esta ideia surgiu em tempo de pandemia quando estávamos em casa. Eu também gosto de trabalhos manuais, da arte e depois surgiu, nem sei explicar como, foi na internet. Comecei a ver vídeos e achei interessante. Fiz um curso, fiz formações e agora já faço cremes. O meu creme chama-se ‘meu ser’.” (Luz)</i> <i>“Hoje acho que reconhecem que realmente em certos aspetos se não fossemos nós haveria aqui uma falha enorme a nível de oferta cultural. Já nos disseram que temos qualidade, sobretudo no que toca à música.” (Laura)</i> <i>“Eu sou para além de sócio, diretor comercial da empresa e faço o acompanhamento técnico da empresa e dos serviços que a empresa presta aos clientes, sou eu que faço isso. É sempre bom partir do interior para todo o lado porque tenho clientes no sul de Espanha, em França. (...) A empresa em Nelas é conhecida, pelas pessoas e pela comunidade. E depois porque empregamos pessoas. Passa sempre a palavra e temos tido feedback positivo, tanto com os clientes como, na comunidade. Nós desenvolvemos o local onde habitamos.” (Tomás)</i> <i>“Por acaso acho que dou um bocadinho para a comunidade especialmente para as pessoas mais velhas que precisam de uma conversa e muita gente vai à farmácia para ter uma companhia, para estar um bocadinho a falar connosco e sinto, principalmente as pessoas mais velhas daqui que gostam muito. Às vezes, em vez de levar tudo no mesmo dia, vem vários dias para terem sempre um contacto connosco. Nesse sentido acho que sou uma pessoa que dou à comunidade.” (Leonor)</i>
--	---	--

Categoria 6	Indicadores	Unidades de Registo
Obstáculos que os jovens enfrentam por viverem no interior	Perceber o que poderia ser melhorado para garantir a permanência destes jovens nas regiões ou fazer com que voltem após concluírem o ensino superior. A partir daqui os jovens podem criar projetos.	<i>“Acho que faltam muitos serviços, em Portalegre. Ainda no outro dia, queria ir lanchar e vamos a um sítio e à noite queremos sair e vamos ao mesmo sítio. Acho que há falta de diversidade e de mentalidade por parte das pessoas. As pessoas não têm mente aberta para mudar e ajustar os negócios.” (Luana)</i> <i>“É algo que pesa muito esta possibilidade de estar ao pé da minha família, ao pé dos meus amigos, não ter de perder tempo em transportes quando quero vir a casa, perder fins de semana, acabo por estar mais próxima daquilo que é a minha vida e não ter a obrigação de ir para fora só porque não há trabalho na minha área no interior, porque não há. Se eu quiser trabalhar, tenho que ir ou para Lisboa, Porto há muito pouco, acho que só há uma ou duas empresas. Ou seja, eu acho que é muito injusto para nós termos que sair do nosso sítio para ir trabalhar.” (Catarina)</i> <i>“Por exemplo, no domingo à noite está tudo fechado em Viana. Há segunda-feira, queres ir beber um café, está tudo fechado, não existe nada. Acredito que isto pesa na vida e nas decisões das pessoas jovens. Um dia mais tarde, para quem quer viver aqui, há muito a ideia das tradições mas não há propriamente dinâmica na cidade. Há a grande Romaria mas depois de passar a festa acabou tudo.” (Liliana)</i> <i>“O pessoal quer fazer algo, mas não sabe por onde começar, também há poucos incentivos. Sinto que os jovens querem voltar e dar mais e investir mais nesta região, mas como não há um apoio por trás acaba por não se fazer grande coisa. Quem volta aqui para Portalegre é mesmo amor à camisola porque não se passa aqui grande coisa. E estou a falar de tudo, desde serviços a vida social, vida noturna. Mesmo a nível cultural e até mesmo restaurantes estamos cada vez piores.” (Leonor)</i> <i>“É muito complicado, por exemplo eu estive imenso tempo à espera que a câmara me desse uma licença para fazer atividades ao ar livre com crianças, jogos e pinturas. É realmente difícil cá. Não temos pessoal novo, não temos noite, não há nada, não há grupos de teatro jovens, concertos nada que dinamize e incentive os jovens. Penso que isto compete às câmaras. A parte cultural de Viana está morta. Fala-se muito das tradições mas isso é um dia e depois acabou. É terrível, especialmente para os jovens. Se querem que eles fiquem deviam dinamizar muito mais.” (Cristina)</i>

Obstáculos que os jovens enfrentam por viverem no interior	Perceber o que poderia ser melhorado para garantir a permanência destes jovens nas regiões ou fazer com que voltem após concluírem o ensino superior. A partir daqui os jovens podem criar projetos.	<i>“Para um jovem, querer regressar, aqui em Vila de Punhe, não há emprego nenhum, se eu não tivesse a ideia que tenho, em deixar o fagote e seguir na musicoterapia, não tinha como voltar, pelo menos aqui. Aqui não há nada que diga respeito à minha profissão.” (Mariana)</i> <i>“Quando se fala que há mais oportunidades nas grandes cidades isso é verdade, há mais oportunidades nas grandes cidades e se calhar tu teres um negócio numa cidade pequena é muito diferente e muito menos sustentável do que um negócio numa cidade grande. Não basta querer, por vezes, é difícil ficar por causa das oportunidades de emprego.” (João)</i> <i>“Mas sem dúvida que são os meus amigos e família que me fazem ter uma relação com esta região, não é propriamente projetos sociais, que até devia de ter, mas não há.” (Leonor)</i>
--	---	--

APÊNDICE 6 – NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

Narrativa Luana

“Sempre gostei mais de estar cá, em Portalegre.”

Eu sempre gostei muito de estar aqui. A minha família sempre foi de Setúbal, então eu acabava por ter contacto com a civilização, por assim dizer. Era uma cidade maior e tinha Lisboa perto. Eu acabava por ter os dois mundos. Sempre gostei mais de estar cá, em Portalegre, gostava mais dos meus amigos, tínhamos uma boa relação. Gostava muito da escola. Não tinha nenhuma atividade extracurricular, mas, por exemplo, íamos sempre religiosamente a uma esplanada e depois voltávamos a casa para estudar. Era uma maneira de estar com amigos que não eram da minha turma. Parecendo que não, mas o facto de estarmos no interior, por exemplo a questão de sair à noite, íamos mais cedo sair em relação às pessoas de outras cidades porque aqui no interior não há tanto perigo, pelo menos na altura, não havia perigo. Era mais seguro e os nossos pais deixavam-nos sair, não havia problema. Depois tinha muitos amigos em aldeias e vilas à volta de Portalegre então eles vinham cá e eu ia à casa deles. Andávamos sempre assim. Nunca senti dificuldade, sempre tivemos oportunidade de os nossos pais nos darem boleia. Não temos a mesma facilidade que as pessoas em Lisboa por causa dos transportes. Mas como era a minha realidade, nunca foi um impedimento, nem problema.

“Eu brincava na rua, não era muito apegada à televisão.”

Do 5º ao 9º ano estávamos mais na escola. No 5º ainda fiz uma atividade extracurricular, fui aprender a andar de canoagem e vela. Íamos para uma barragem perto. Depois, a partir do 10º ano sempre tive o horário da manhã e tinha muitas tardes livres. E nessas tardes eu nunca estive envolvida em política.

Aqui nunca fiz nada porque a minha família era de fora, então muitas vezes aproveitava para estudar durante a semana e depois ao fim de semana ia com os meus pais para fora.

Em cima de mim, vivia uma rapariga que era da minha turma até ao 10º ano, depois seguimos áreas diferentes, éramos da mesma idade, então estávamos sempre juntas. Era como se vivêssemos num duplex.

Eu brincava na rua, não era muito apegada à televisão.

“A mim começou a suscitar-me mais interesse.”

A minha mãe é engenheira civil, sempre foi professora de matemática. O meu avô sempre esteve ligado à construção das barragens da EDP, também esteve sempre ligado à construção. A mim começou a suscitar-me mais interesse. O meu pai é farmacêutico, mas também gostava da área da saúde, mas quando chegava aos conteúdos programáticos, eu percebia melhor a matemática e a física do que as ciências e biologia. Então acabou por ir um bocado por aí, a curiosidade e gostava de ver e perceber. Acabei por escolher nesse sentido, o curso.

“Eu fui para a universidade da Beira Interior, na Covilhã.”

Eu fui para a universidade da Beira Interior, na Covilhã.

Tive de sair porque aqui em Portalegre, apesar de haver o curso, o meu curso tinha a questão de ser creditado para a ordem dos engenheiros e, então, era uma coisa que os meus pais me diziam. Se eu tinha notas para ir para um curso que estava acreditado pela ordem, não fazia sentido eu ficar aqui. A não ser que os meus pais não tivessem condições financeiras. Como tinha condições financeiras e tinha notas, comecei a ver quais as faculdades que eram creditadas pela ordem. Eu Lisboa não queria, não queria estudar para Lisboa. Então começou por aí. Eu gostava de ir para Évora, mas não estava creditado.

Acabei por escolher a universidade da Beira Interior que tinha o curso creditado pela ordem, então a escolha foi por aí.

Então era a diferença da cultura, a maneira das pessoas viverem.

Tirei a licenciatura na Covilhã em engenharia civil e depois tirei o mestrado em Lisboa.

“Era a diferença da cultura, a maneira das pessoas viverem.”

Foi um bocado diferente porque apesar de ser tão perto já notei a diferença da cultura das pessoas porque somos muito diferentes. Era a diferença da cultura, a maneira das pessoas viverem. Não sei dizer assim nada em particular, mas notava-se a diferença ainda que isso não fosse um entrave, sentia que estava a quilómetros de distância de casa. Estava mais ou menos 100km, mas parecia uns 1000km de casa porque, apesar de estar tão perto, as culturas e os hábitos são diferentes. Na faculdade, encontras pessoas de todo o lado, cada um com as suas coisas.

Eu morava com pessoas do Norte, na Covilhã. Uma coisa que havia era pouca gente do Sul. Então éramos poucos do sul. Depois tive de me adaptar à faculdade, ter de estudar mais, métodos novos, completamente diferentes. O primeiro semestre foi estranho, mas o segundo já foi melhor e depois tudo se encaminha e dominamos tudo. O curso sempre gostei. Acertei no curso.

Eu só estava na faculdade a estudar, nunca tive paciência para a praxe, ia ver, mas não participava. Apenas participei nas latadas.

Fiz voluntariado, no banco alimentar, na faculdade. No banco alimentar, acabava por fazer muito mais a parte dos supermercados, aos fins-de-semana, era responsável por isso. Mas esse voluntariado fazia-se em Portalegre.

“Todos os fins-de-semana vinha a casa, não falhei um.”

Todos os fins-de-semana vinha a casa, não falhei um. Sentia esta necessidade de voltar a casa porque não gostava de lá estar. Sentia que me faltava alguma coisa, não sabia bem o quê, mas quando vinha a casa sentia-me melhor. Tinha a minha família e os meus amigos daqui e sentia-me em casa. Era uma necessidade vir aqui.

Eu entrei em licenciatura e quem entrou no ano seguinte entrou em mestrado integrado e depois parece que as pessoas começaram a se dispersar um pouco. Em vez de ficarmos mais unidos, como começou a entrar menos gente em engenharia civil, fomos sendo cada vez menos, ficamos a conhecer-nos todos. Não ia entrando ninguém e comecei a sentir que as pessoas dispersaram muito e, em vez de, estarmos todos para o mesmo objetivo, parecia que havia gente que não queria ajudar, então acabei por formar mais ou menos o meu grupo. Não estava ali para ser melhor que ninguém, eu estava ali para aprender. Então foi por isso que eu senti necessidade de vir a casa. As pessoas do meu grupo também iam a casa.

“Para o mestrado fui para Lisboa (...)”

Eu estava na licenciatura e fui para mestrado integrado, e quando fui para o último ano do mestrado fui para Lisboa porque queria reabilitação de edifícios e só havia em Lisboa.

Para o mestrado fui para Lisboa e na verdade era mais conhecido por mim porque vou frequentemente a Lisboa, mas eu sempre disse, quando entrei em engenharia civil, eu não queria construir, eu queria reabilitar. Sempre que havia disciplinas que falava em reabilitação suscita-me mais interesse do que andar sempre a fazer cálculos. Sei que são importantes, mas gostava muito mais de coisas antigas. Gosto de misturar o antigo com o moderno, gosto de casas antigas. Gostava de reabilitar casas antigas e centros históricos talvez por eu ser do interior e dar mais valor a isso, modernizando depois por dentro. Era uma maneira de chamar as pessoas a habitar nas casas que estavam degradadas. Então decidi entrar nessa área. Tinha a hipótese de morar com uma amiga minha em Lisboa.

“Adorei o mestrado. Era mesmo esta área.”

Adorei o mestrado. Era mesmo esta área. Depois também fiz um grupo de trabalho muito bom e ainda hoje somos amigos. Se calhar fiquei com mais amigos de Lisboa do que na Covilhã e estive lá mais anos. Eu fiquei com o grupo que vinha de fora só para aquele mestrado. Por mais que entrássemos no grupo éramos os de fora.

Eu fiz a licenciatura em 5 anos porque ainda fiz cadeira de mestrado, ou seja, perdi um ano na transição. Eu entrei na licenciatura, em 2010 e era de 3 anos, mas no ano seguinte já era de cinco anos e para fazer as equivalências para ficarmos a par com o de mestrado integrado, acabamos por perder 1

ano e fiquei 5 anos na Covilhã. O 6º era para ser concluído, mas eu mudei para o mestrado em Lisboa. Eu fui para Lisboa em 2015.

“Eu queria regressar. Eu sempre tive esta vontade.”

Eu queria regressar. Eu sempre tive esta vontade. A mim fazia-me sentido voltar porque eu sou daqui e como gosto de ser daqui e apesar de reclamar porque aqui não há muita vida, por assim dizer, eu queria voltar para casa. Pessoas como eu ao voltarem, são pessoas que gostam. Aqui não tem auto estrada e acaba por deslocar completamente Portalegre do mapa.

Tinha amigos que tinham voltado e que estavam cá, então isso também acabou por me puxar em voltar. Eu já tinha vontade e depois de ver pessoas cá a morar e a trabalhar, voltaram também, eu pensei que podia também conseguir. O nível de vida é muito melhor. O dinheiro faz falta, mas por exemplo, eu prefiro ganhar um bocadinho menos em relação a Lisboa mas ter uma boa qualidade de vida, sair do trabalho e estar completamente disponível. Não é sair do trabalho, ainda ficar 1h ou 2h no trânsito. Então, a minha decisão foi voltar.

“O estágio foi de 6 meses.”

Depois arranjei logo trabalho. Amigos da minha mãe que eram engenheiros civis, um deles tinha um gabinete de projeto e disponibilizou-se logo para eu fazer o estágio na ordem dos engenheiros para eu ficar efetiva. O estágio foi de 6 meses. Depois por aqui fiquei a trabalhar durante 1 ano. Depois mudei de empresa.

“Eu trabalho numa construtora.”

Eu trabalho numa construtora. Ou seja, trabalho com obras públicas, são obras monetariamente de municípios e no fundo eu acabo por trabalhar para a comunidade. Como são obras do município estou a construir para aqui. A política da minha empresa é trabalhar apenas com obras daqui da região, do município.

A empresa é em Elvas. Só fizemos obras no Alentejo, no distrito de Portalegre e agora temos uma em Évora e outra em Estremoz. São as únicas obras que não pertencem ao distrito de Portalegre. Temos diversas obras porque também é em função do que sai, mas temos desde de qualificar tubagens, também é muito importante para o abastecimento de água. Desde requalificar muralhas e castelos, ou seja, património. Fazemos coisas novas. Ou seja, acabo por estar numa empresa que trabalha para a melhoria da comunidade. Melhoramos o que há cá, apesar de achar que devíamos ajudar mais. Mas neste momento o que fazemos já é muito bom.

O meu trabalho, neste momento, faço a parte de escritório, estou a analisar todos os projetos e faço concurso. Concorremos a obras públicas. É como se fosse o euromilhões. Temos de preparar todos os documentos e vamos a um concurso e em função das regras, ganha uma empresa. Temos de conhecer bem o mercado.

“Acho que faltam muitos serviços, em Portalegre.”

Em relação a Portalegre, a presidente da câmara mudou agora à pouco tempo. Em termos de cidade já se vê melhoria, em termos de emprego ainda não consegui perceber bem. Lá está, todos os que voltamos, tivemos sorte. Porque eu tenho amigos meus que querem voltar e ainda não conseguiram. Também depende muito das áreas de emprego que se procura. A nível de município a presidente da câmara atual já tem mais preocupação com isso. Nós temos o politécnico e andam a desenvolver muitos projetos, começam a dinamizar a região. Sei que são algumas empresas com diferentes projetos e desenvolvem várias coisas, não sei ao certo. Tem havido mais oportunidades de emprego.

Acho que faltam muitos serviços, em Portalegre. Ainda no outro dia, queria ir lanchar e vamos a um sítio e à noite queremos sair e vamos ao mesmo sítio. Acho que há falta de diversidade e de mentalidade por parte das pessoas. As pessoas não têm mente aberta para mudar e ajustar os negócios. Por exemplo, aqui em Portalegre não consegues almoçar fora a um domingo porque os restaurantes estão todos fechados. Depois admiram-se que agarramos o carro e vamos para Estremoz, Marvão...

sob pena de não fazermos nada aqui. E Portalegre perde um pouco enquanto cidade. São necessárias as pessoas saírem, alargarem os horizontes e voltarem. É necessário e faz falta, para verem o que há lá fora, noutras regiões e trazerem consigo coisas diferentes.

“Sem dúvida há muito mais qualidade de vida aqui.”

Quanto à cultura há um centro de artes e espetáculos, fazem cinema e dinamizam muitas coisas e esta presidente trouxe festas de rua, houve mercado de Natal. Sempre que há ocasião de fazer algo, tem-se feito e há motivação para as pessoas e isso traz novos jovens e dá alegria e movimento aqui na comunidade. E as pessoas aqui do interior desfrutam mais porque estamos próximos e chegamos aos sítios rápido e estamos todos próximos. Sem dúvida há muito mais qualidade de vida aqui. Eu não vivo para trabalhar, eu trabalho para viver e aproveitar a vida.

Narrativa Cátia

“(...) crescer no interior é um bocadinho diferente comparado com as cidades.”

Começando pelo início, na fase da adolescência e no secundário, a nível social sempre fui muito feliz, não me posso queixar e acho que crescer no interior é um bocadinho diferente comparado com as cidades.

A convivência com as pessoas é diferente, mas nesta fase da vida não damos tanto valor à qualidade de vida que temos, mesmo a nível social e a proximidade com as pessoas. Claro que, depois, faltava-me aquilo que todo o jovem gosta, por exemplo, em Nelas não há discotecas, se quisermos ir a uma discoteca temos de ir a Viseu e isso implicava táxis e acabávamos por não ir. Ou se quiséssemos por exemplo ir ao cinema, também tínhamos de ir a Viseu, não havia uma série de ofertas a nível sociocultural. Não era assim tão longe, mas para um jovem que não tem carta e precisa de pedir aos pais é mais difícil. E aí sim, sempre nos ressentimos um bocadinho e despertava a vontade de sair, ou seja, a falta de oferta faz com que tenhamos vontade de quando chegarmos aos 18 anos, ir para a Universidade, ir para Lisboa ou Porto e não ficar cá de certeza. Esta falta de oferta faz-nos procurar outros horizontes.

Eu desde cedo comecei a sair com os meus amigos, comecei a ser independente mais cedo. Ia a pé para todo o lado. Na altura que tirei a carta de mota, era uma festa, andava para todo o lado, tinha uma independência brutal aos 16 anos.

Tinha gosto pela independência e de não estar sempre a pedir para os meus pais me levarem, então ia a pé e juntava-me com os meus amigos, ficávamos nas casas uns dos outros. Nem íamos muito para discotecas, tínhamos alguns bares que íamos frequentando, mas também não havia muito aqui, uns dois ou três. Por um lado, isso era bom, havia menos oferta e isso fazia com que nos encontrássemos todos no mesmo sítio e gera outra vez aquela ideia do grupo mais abrangente. Era muito raro irmos a Viseu.

Nunca estive envolvida em atividades locais a nível associativo, mas de trabalho, porque em pequena eu ajudava na empresa e mais tarde no bar dos meus pais.

“Para além da parte de ensino que eu acho que a escola ainda falha muito.”

Em relação às escolas, não quero estar a generalizar, mas em grande a parte, há muito trabalho a fazer. Eu saio daqui sem ter uma única noção do desenvolvimento industrial que a terra tem. Eu acho que este é um grande papel que a escola está a falhar.

Somos incentivados a sair e a ir para fora, mais Lisboa porque é o concelho onde está o ISCTE ou para a universidade do Porto. Tentam sempre nos levar para as universidades de maior renome o que também é natural.

Eu não me lembro de fazer uma visita a uma indústria. Há tantas empresas de bom exemplo e com ofertas profissionais, porque é que não nos mostraram isso na escola? Porque é que não foi feito esse encaminhamento? A ideia de que nos devem ajudar a pensar em sair para melhorar e continuar os

estudos é boa, mas quando acabar o curso posso pensar em voltar e aplicar os conhecimentos e aqui desenvolver, é isso que eu acho que é a grande falha das escolas daqui.

“(...) acabei por ir para Lisboa.”

Eu acabei por ir para Lisboa. Não só pela oferta do curso que queria mas, também, porque a cidade está perto de tudo o que nunca tivemos quando estávamos a crescer.

A nível pessoal, a minha decisão de ir para Lisboa tem haver como facto de eu na altura sentir a necessidade de querer sair daqui e ver o que há mais e Viseu já conhecia.

Eu acho que fui para gestão porque não fazia ideia do que queria fazer da vida e precisava de um curso abrangente. Inicialmente fui para engenharia informática porque sempre gostei de tecnologias e computadores.

“Mantive a ligação com Nelas no tempo em que estive na faculdade.”

Mantive a ligação com Nelas no tempo em que estive na faculdade. O primeiro ano de universidade em Aveiro estive em engenharia informática. Sempre mantive uma ligação muito forte com a minha vida social. Há uma grande proximidade a nível familiar e amigos. Em Aveiro vinha todos os fins-de-semana a casa e isso permitia-me uma colaboração mais forte na associação SOS Animais de Nelas.

Depois percebi que gosto de usar tecnologia, mas programar não. Ajudou-me a perceber que estar sentada 8h por dia em frente a um computador não era para mim, então, fui para gestão e fui para Lisboa.

Depois, quando fui para Lisboa, aí é que foi o grande choque, mesmo a nível social. Notei realmente a diferença, as pessoas mais frias e afastadas. Não havia tanto esta proximidade que estava habituada. Lisboa não era a minha opção, mas queria o curso.

“Senti uma grande diferença do tipo de relacionamento que essas pessoas tinham umas com as outras e o que eu tinha”

O primeiro ano detestei. Tinha alguns amigos de Nelas, o que me ajudou na transição, mas não estava muito contente. Vinha muitas vezes a casa para não largar estes lados, não só com a associação, mas, também, com as amizades que tinha. A partir do segundo ano, comecei a ambientar-me, comecei a conhecer mais pessoas e desenvolvi amizades. O facto de não perder este lado e ter uma grande ligação a Nelas e a casa, ajudou-me a manter um grupo de amigos. Naquela altura estávamos sempre juntos e a combinar alguma coisa, havia mesmo uma grande proximidade.

Olhando agora um bocadinho para trás, eu tive logo esta percepção quando cheguei a Lisboa, fui muito feliz a crescer em Nelas, uma pessoa chega e vê o tipo de relacionamento que um jovem urbano tem e que é completamente diferente de um jovem do interior. O nível de crescimento, até pelo facto de termos saído de casa, crescemos mais rápido. Eu acho que valorizava a proximidade com as pessoas, mas como eu não tinha saído não conseguia ter tanta percepção da diferença que havia. Aqui é que comecei a valorizar o facto de eu em Lisboa, para conseguir estar com as pessoas que queria demorava uma hora e perdia muito tempo e por isso por vezes acabava por nem acontecer.

Enquanto postura, diferencia-nos um bocadinho. Na cidade, não se nota tanto esse crescimento porque um jovem que sempre cresceu numa grande cidade, sempre teve tudo disponível e eu notei muito isto quando cheguei a Lisboa. Senti uma grande diferença do tipo de relacionamento que essas pessoas tinham umas com as outras e o que eu tinha. Apercebi-me disto e de outras coisas.

Ao longo do curso fui gostando porque achei interessantes as cadeiras que tinham a ver com gestão e não tanto com contabilidade, mais a estratégia e a liderança. Esse tipo de cadeiras, eram as que eu gostava mais.

Mesmo depois de sair para a Universidade vinha aos fins-de-semana a casa. Em Lisboa ia de 15 em 15 dias por causa do valor do transporte e eram 3h de viagem, tentava por vezes ir de carro com alguém que também vivia na minha região. Nem era dos piores circuitos. Sou voluntária numa associação de animais em risco, recolha de animais, a manutenção do canil e a recolha alimentar durante o período em que estava na Universidade.

No final do curso, tinha a possibilidade de estagiar e comecei a estagiar na área e adorei. O estágio foi em Lisboa. Estive 4 anos em Lisboa.

Eu formei-me em Gestão, na Faculdade Europeia, em Lisboa.

“Estar em Lisboa tinha as ofertas que sempre quis ter na adolescência.”

Gostei de Lisboa e aproveitar a cidade porque tem muito para oferecer. Eu comecei a aproveitar e estava a adorar estar em Lisboa. Depois tinha aquela noção, como eu tinha saído de Nelas, dava cada vez mais valor à parte social, mas cada vez menos à outra parte de não termos ofertas. Estar em Lisboa tinha as ofertas que sempre quis ter na adolescência. Para mim o voltar, na altura, não fazia sentido, ia voltar para quê?

Eu estava a trabalhar em Lisboa, depois fiquei na empresa que estava a estagiar e estive cerca de 1 ano e meio, mas já me estava a faltar um bocadinho e decidi que queria ter uma experiência internacional.

“Tive um ano a trabalhar na Roménia.”

Através de uma associação, comecei à procura de experiências profissionais no estrangeiro e acabei por arranjar trabalho na Roménia, Bucareste em 2019.

Estive um ano fora, antes de voltar para Nelas. Tive um ano a trabalhar na Roménia. Saí de Lisboa e fui para a Roménia. Foi importante.

Este trabalho era baseado na área da gestão, na minha formação. Estive lá cerca de 11 meses até que apareceu o covid, em 2020. Estava 8h sentada num escritório e já me estava a chatear esse tipo de trabalho.

O que eu acho que está mal e falando do regresso, é sairmos sem ter noção de que podemos ir para esta escola de renome, mas temos a possibilidade de voltar.

Tive dois meses em casa, na Roménia, fechada naqueles primeiros meses que ninguém saía, só mesmo para ir às compras. Aí comecei a pensar na minha vida, eu vim para o estrangeiro e não foi para ficar em casa. Os meus avós estavam em Nelas e eu não sabia que “bicho” era aquele, queria voltar para casa, para junto deles. Antes disso, também comecei a ter ideias de querer voltar, não estava a gostar do trabalho. Veio o covid e deu-me mais vontade de regressar.

“(…) regressei completamente sem planos (…)”

Quando fui para Nelas, regressei completamente sem planos, tinha algumas ideias do que queria fazer, mas também, por causa da pandemia, não sabia o que fazer. Vim sem planos.

Por isso, olhando para trás, eu só vejo vantagens de ter crescido no interior. Claro que na altura eu queixava-me muito e queria sair. Agora dou muito mais valor, aquilo que não temos nas grandes cidades, que é a proximidade com as pessoas e ao mesmo tempo a independência e maturidade que temos é completamente diferente.

Não creio que seja assim tão rural. Os meus avós não eram agricultores. E acho que não é bem a realidade daqui. Nelas já é uma zona muito industrializada. Aqui está mais ligada à produção vinícola. Este ano, e outros, participei nas vindimas.

“(…) a escola deve ter uma maior proximidade com as entidades empregadoras locais.”

Em relação ao instituto de Viseu, eu não estou a dizer que não é valido ir para o instituto de Viseu. A verdade é que os mercados que temos atualmente, ainda têm um grande valor. Quando olhamos para o currículo é diferente olhar para um engenheiro de uma universidade e um engenheiro de um politécnico. Temos alunos do politécnico muito mais preparados a nível técnico do que se calhar alunos de grandes escolas de renome da faculdade de engenharia. Acho que já devemos olhar um bocadinho a nível do mercado e as entidades empregadores devem olhar os currículos de outra forma, mais a fundo porque só o nome da instituição não é tudo. Por exemplo, eu acho que faz mais sentido a existência de politécnicos no interior porque há indústrias que precisam de técnicos. Eu acho que a escola deve ter uma maior proximidade com as entidades empregadoras locais.

Também temos trabalhado com os jovens do secundário através da associação e eles também ficam surpreendidos com o espaço que as empresas têm, nem fazem ideia de que estas empresas existem. Há uma falta de integração.

“(...) abri um novo espaço sozinha (...)”

O restaurante é uma casa de vinhos e petiscos. A minha mãe chamou-me doida porque aquilo não tinha corrido muito bem. Mas eu decidi tentar. No verão de 2020, abri um novo espaço sozinha, tive a ajuda dos meus pais, mas passei tudo para o meu nome e abri, aí sim, foi a minha primeira grande experiência de gestão e adorei. Comecei a dar valor ao que antigamente dava, a proximidade das pessoas, comecei a conhecer ainda mais gente. Cria-se relações muito próximas com as pessoas locais e ganhei aqui um novo amor à casa.

Começou a despertar a vontade de ficar que eu ainda não tinha, porque pensava ir para Lisboa ou Porto e com isto optei por ficar. Nunca tive grandes planos na verdade. Ainda por cima, com a pandemia, não dava para fazer grandes planos.

“(...) começou a despertar a ideia da associação e a minha vontade em ficar.”

O que me levou mesmo a ficar foi, no final do verão, o meu pai propõe-me para ir trabalhar com ele, tinha um projeto em mente que queria iniciar. Ele aliciou-me e eu aceitei. Em outubro de 2020 comecei a trabalhar. É uma empresa que trabalha na parte industrial. Foi aí que começou a despertar a ideia da associação e a minha vontade em ficar.

Eu sempre achei que não gostava do que ele desenvolvia aqui, muito técnico, entretanto já mudei de ideias. Estou a trabalhar na área da gestão, depois percebi que escolhi bem. Estou a trabalhar com o meu pai, uma empresa aqui em Nelas. No início ia com ele para as obras.

Fiquei um pouco desiludida com as escolas e com as entidades locais porque eu não tinha conhecimento do desenvolvimento industrial local. Eu tive sorte em saber da sua existência por causa da empresa, mas há muita gente que não sabe.

“Ainda há a ideia que o regressar é porque algo correu mal.”

Ainda há a ideia que o regressar é porque algo correu mal. Mas a verdade é que também há muito potencial aqui. O voltar para trás e para casa é porque não tive sucesso, algo correu mal, não fui capaz... Quando voltei para Nelas, os meus amigos pensavam que ia voltar para Lisboa. Questionavam-me muito o porquê de querer voltar. E isto deu-me motivação para mostrar que não devemos pensar assim. Há muito esta ideia de ser um insucesso voltar.

A nível de serviços confesso que não é algo que me faça decidir, o facto de haver escolas ou não, mesmo a saúde, sei que devia ter tido mais consideração por isso, mas não é algo que tenha tido peso na decisão de regresso na altura. Há muito a melhorar nesse sentido, mas na altura em que decidi nem pensei nisso. Temos um centro de saúde que, neste momento já tem as urgências fechadas. Por exemplo São João do Monte se alguém tem problemas a nível de saúde já se torna um bocadinho mais complicado. Eu acho que há muito a fazer. Mas não teve impacto na minha decisão.

“Depois veio a associação.”

Depois veio a associação. Ainda estamos em fase de construção. Começamos o projeto em 2021, formalizamos a associação em setembro, pouco mais de um ano que estamos em atividade mais a sério.

Queremos divulgar aquilo que já existe e que muitos jovens não conhecem, mesmo que não sejam do interior. Depois impulsionar porque ainda há muito potencial por explorar e há muito para melhorar e crescer. Com o meu curso, gestão, tenho a sorte de ter familiares onde posso desenvolver a minha profissão, mas a verdade é que há cursos mais virados para os serviços como marketing em que é uma dificuldade arranjar emprego no interior porque os serviços normalmente estão nas grandes cidades.

Por um lado, divulgar o que já existe, que está focada a nível industrial e técnico e, por outro lado, desenvolver e alertar para a potencialidade do interior, visto que tem muito que crescer e muito por onde ir.

Eu acho que um jovem que quer desenvolver uma empresa ou negócio, se vier para o interior, desde ajudas e apoios que existem, espaços mais baratos para desenvolver a sua atividade, há uma série, um infinito de mar de vantagens e oportunidades para desenvolver um negócio no interior. Às vezes falta um bocadinho a coragem porque depois vão surgir outros desafios.

Temos feito então a divulgação e impulsionamento nas três áreas que identificamos: o emprego e o empreendedorismo, o turismo e a cultura. A divulgação temos feito muito através de redes sociais porque somos uma associação juvenil e queremos comunicar com os jovens, que são muito ativos nas redes sociais. Temos uma agenda semanal e divulgamos ofertas de emprego no interior, temos uma agenda cultural semanal onde divulgamos e partilhamos alguns pontos turísticos relevantes, curiosidades sobre o interior, notícias de apoios e incentivos que são dados pelo Estado para o impulsionamento do interior.

A parte que nós chamamos de impulsionamento é mais ativista por assim dizer, é aquela que está a desenvolver atividades que requerem financiamento. Tudo aquilo que estamos a construir. Ainda assim, orgulhamo-nos de este ano termos conseguido, em maio, a feira de emprego do interior que fizemos em Viseu e que já teve uma certa dimensão, contamos com várias empresas. Orgulhamo-nos de termos conseguido fazer esse evento.

Nesta feira organizámos vários workshops, um deles sobre empreendedorismo onde os jovens participaram, caso quisessem começar o seu próprio negócio. É um evento que queremos impulsionar principalmente na área de emprego e empreendedorismo focada no interior. Já estamos a trabalhar na segunda edição, neste momento é o nosso evento grande e anual. Este ano já estamos a fazer planeamento para englobar outras áreas de impulsionamento para além da divulgação. Queremos fazer eventos com agentes culturais locais.

Estamos a desenvolver algumas ideias para implementarmos, se tudo correr bem e começando aqui pelo concelho mãe, por Nelas, desenvolver algumas atividades que englobem o turismo, arranjar parceiros que impulsionem também esta área. Divulgar aquilo que existe e mostrar que ainda há muito por onde crescer e investir.

É preciso mudar mentalidades de que aqui não há nada, voltar para aqui é significado de insucesso. Com este impulsionamento queremos consciencializar e mudar estas ideias que, a nosso ver são erradas, ou pelo menos podem ser melhoradas.

Desde o início do projeto que não me posso queixar. O município recebeu-nos logo muito bem, o atual presidente tem muita boa relação connosco. Têm sido espetaculares desde o início.

Quando à equipa, temos vários colaboradores do interior, que vem de Nelas e Viseu e depois temos uma pessoa que está no concelho da Guarda. Na direção temos o Tiago que estudou em Coimbra e que é um caso semelhante ao meu. Temos também na direção o Daniel que é um amigo meu de infância, daqui de Nelas também. Ele estudou em Aveiro, entretanto já estudou em Viseu e agora ficou a trabalhar em Viseu, também acabou por ficar. Depois temos nas outras áreas, pessoas que estudaram em Lisboa e que voltaram, mas que regressaram a Lisboa porque na área da comunicação é mais difícil arranjar trabalho aqui. Depois temos maioritariamente estudantes do secundário, mas que saíram este ano para as faculdades. Mas temos em Coimbra a estudar, em Lisboa e na Covilhã.

Narrativa Leonor

“Eu considero que a minha juventude foi fantástica principalmente no meio rural (...)”

Eu considero que a minha juventude foi fantástica principalmente no meio rural, eu nem moro mesmo em Portalegre moro mesmo numa terrinha, numa aldeia, fica a 10min de Portalegre. Mas fiz a minha vida sempre em Portalegre. Foi bom porque tínhamos muita liberdade e se calhar nos grandes centros, cidades maiores não é bem assim. Comecei a sair à noite com uns 12 anos, tinha mais liberdade.

Sempre pratiquei desporto, joguei rãguebi, andei no atletismo e ainda andei no balé quando era pequena, mas também desisti depressa. Nunca fiz parte nem das associações de estudantes nem da

política, nunca me interessou muito. Nem dos escuteiros. Nunca cooperei para a sociedade com esse lado.

“A escola não tinha muitos projetos e pouco se envolvia com a comunidade”

A escola não tinha muitos projetos e pouco se envolvia com a comunidade e mesmo aqueles projetos na escola, que faziam às vezes, era sobre política e deste género, mas confesso que nunca me envolvi. Eles iam ao parlamento, a escola tinha essa parte, mas nunca fui.

Estávamos juntos, íamos ao café, ficávamos pela rua e andávamos por aí. Não fazíamos nada diferente. E como eu não moro mesmo em Portalegre, eu tinha de esperar que os meus pais saíssem do trabalho, então acabava por ficar muitas horas em Portalegre à espera e dava para estar com os meus amigos, mas não havia muita coisa para fazer, estávamos juntos nos cafés. Havia um sítio que se chamava Navio, e tinha cafés lá em baixo e juntamo-nos todos lá, no final do dia. Sentávamo-nos nos banquinhos e ficávamos a conviver.

Depois quando era mais velha, entrei nas explicações, então tinha menos tempo, depois tinha o desperto.

Quando entrei para o secundário havia um café com música e nós íamos para lá passar as tardes.

“Quando foi para ir para a Universidade (...)”

Quando foi para ir para a Universidade, era para ir para Lisboa, mas fui para a Covilhã, preferi continuar num meio mais interior a estar a ir para uma grande cidade. Gosto de cidades mais pequenas, mais calmas, com melhor qualidade de vida. Claro que depois noutro sentido não temos a nível cultural, tantas coisas, mas de vez em quando íamos passar um fim-de-semana fora. Eu não troco o interior.

“Eu estava a fazer a inscrição e ainda não sabia ainda o que é que ia escolher de cursos.”

Eu estava a fazer a inscrição e ainda não sabia ainda o que é que ia escolher de cursos. Tenho uma irmã mais velha, tem mais 3 anos que eu e tem a mesma profissão que eu. Fui atrás dela. Eu nunca tive uma coisa que quisesse mesmo, ou um curso, ou algo que eu quisesse e ambicionasse. Ela começou a alertar-me em relação às minhas notas e eu comecei a ter mais atenção a isso, comecei a estudar mais, mas também nunca nada de exagerado até porque eu lido bem sob pressão, então eu estudava de véspera, mas comecei a dedicar-me mais e pensei em tentar no curso que a minha irmã estava.

Na altura as farmácias estavam muito bem e pensei que o meu pai podia comprar uma farmácia para as duas filhas e tínhamos a vida feita. A minha irmã estava na Covilhã e também foi um fator decisivo e fui atrás dela. Os meus pais sempre me deram muita liberdade para escolher o que eu quisesse. A minha mãe é que achava muita piada à terapia ocupacional e ainda houve uma altura que fez um bocadinho de força para eu ir, isto porque eu não tinha nada que eu queria mesmo então, na altura, ela trabalhava numa equipa em que tinha também terapeuta ocupacional e levou-me a ver o trabalho dele para eu ver se gostava, mas não me interessou e a partir daí ela deu-me liberdade para escolher aquilo que eu quisesse. Ela foi comigo no dia em que fiz a candidatura e estávamos as duas a fazer isso, mas a decisão foi sempre mim. Não escolhi o curso porque queria mesmo, mas por ser viável e além disso tinha média.

“Entre em ciências farmacêuticas, na Covilhã, na Universidade da Beira Interior, foi a primeira opção.”

Entre em ciências farmacêuticas, na Covilhã, na Universidade da Beira Interior, foi a primeira opção.

Não fico a viver com a minha irmã, ela já morava com as amigas e não queria mudar de casa para morar comigo eu tinha de me desenrascar. Ainda fui morar com uma amiga e com outra aqui de Portalegre, mas não correu muito bem. Uma das raparigas, não estava em casa e não cooperava com a limpeza da casa, deixava a bancada suja, aquelas coisas de faculdade. Acabei por mudar de casa e fui morar com colegas do curso, fiz amigos e fui morar com eles. Fui morar com amigas.

“O primeiro ano foi complicado, foi aquele choque.”

O primeiro ano foi complicado, foi aquele choque. Para começar, o curso era muito exigente e eu a deixar tudo para a última da hora, comecei a sentir a pressão de que se calhar não conseguia fazer as coisas assim. Ainda por cima no primeiro ano era tudo muito geral, havia muita química, física e matemática e eram cadeiras complicadas. Eu gostava da parte da biologia, mas a parte da física e matemática e contas não era bem para mim. Senti que não estava a gostar do curso. O primeiro ano é sempre muito geral e não achei muita piada. Depois a partir do segundo ano começou a encarrilar e começou a correr melhor.

A Covilhã também era interessante porque a cidade tem muito espírito académico e conhecíamos-nos uns aos outros, também porque era um curso pequeno. Saímos à noite juntos, aqui havia noite.

“O meu curso foi de 5 anos com mestrado integrado.”

A universidade tinha um núcleo de estudantes e eu ainda tive um ano na parte das festas. Ajudava na organização das festas do curso e afins, mas foi apenas 1 ano e depois saí. Eu não sou muito boa neste tipo de compromisso associativismo, aquilo normalmente dá complicações e eu não tenho muita paciência. Gosto de fazer as coisas ao meu ritmo e sem pressões. Estive um ano e depois achei que não era para mim, eu dava-me com toda a gente e eu tinha medo que as coisas fossem dar asneira, então tive um ano e saí.

Na faculdade ainda estive na praxe. Na praxe, quando estamos no quarto ano somos responsáveis pelos caloiros que entram e aí fiz parte da comissão de praxe e era tesoureira e aí envolvi-me. Gostei muito e foi uma forma de me envolver mais com a academia e com os meus amigos.

O meu curso foi de 5 anos com mestrado integrado. São cinco anos e não temos de escolher área no mestrado. Até devia ter, porque temos vários rumos: farmácia hospitalar, investigação, indústria, farmácia comunitária, mas só quando acabamos o curso é que temos especializações.

“Todos os fins-de-semana vinha a casa.”

Todos os fins-de-semana vinha a casa. Era uma necessidade de vir buscar comida. Também porque na Covilhã ficava muito parado e eu gostava de estar com a minha família e amigos e sair à noite com os meus amigos. Mas pela necessidade de também vir a casa buscar coisas e levar para a semana.

“Eu vim estagiar para Portalegre, em 2015, para uma farmácia comunitária, durante 5 meses.”

Eu vim estagiar para Portalegre, em 2015, para uma farmácia comunitária, durante 5 meses. Comecei em janeiro e terminei em junho. Depois, quando terminou o estágio, acabei a tese.

Eu estagiei aqui em Portalegre porque sempre quis fazer o estágio aqui. Na Covilhã havia muita gente e ir para outro lado do país não fazia sentido e em Portalegre estava em casa, tinha a minha irmã a trabalhar numa farmácia e o dono é amigo do meu pai e se calhar por facilitismo que ia ter, acabei por voltar e fazer o estágio aqui. Até porque aqui podia ter uma possibilidade de continuar.

“Quando terminei o estágio eu decidi deixar a tese para segunda fase (...)”

Quando terminei o estágio eu decidi deixar a tese para segunda fase, ou seja, eu supostamente devia ter entregado a tese em julho, mas achei que não dava tempo para fazer tudo e preferi entregar em outubro. Então saí da farmácia porque acabei o estágio e vim para casa fazer a tese. Nem estava a pensar que me iriam chamar porque, na altura, o meu patrão tinha duas farmácias e como tinha as equipas todas preenchidas pensei que não me iria chamar. Ainda coloquei em cima da mesa fazer um gap-year também para perceber melhor o que queria. Estive a ver para fazer voluntariado, mas antes de eu entregar a tese ele ligou-me a perguntar se eu queria ficar a trabalhar porque uma das farmacêuticas ia embora e eu acabei por aceitar. Fui ficando e agora ainda estou a trabalhar.

Ele já tem três farmácias, já não estou na que comecei, mas continuo a trabalhar para ele e continuo em Portalegre.

“Só quem gosta muito daqui é que volta e arrisca.”

Há muitos amigos meus que gostavam de voltar, só que nas áreas em que eles trabalham não tem oportunidade aqui. Só quem gosta muito daqui é que volta e arrisca. Há muita gente a querer voltar, mas aqui por acaso acho que o nosso município não investe nada e devia de investir mais. Aqui somos mais nós a fazer por isso do que o próprio município.

“O pessoal quer fazer algo, mas não sabe por onde começar, também há poucos incentivos.”

O pessoal quer fazer algo, mas não sabe por onde começar, também há poucos incentivos. Sinto que os jovens querem voltar e dar mais e investir mais nesta região, mas como não há um apoio por trás acaba por não se fazer grande coisa. Quem volta aqui para Portalegre é mesmo amor à camisola porque não se passa aqui grande coisa. E estou a falar de tudo, desde serviços a vida social, vida noturna. Mesmo a nível cultural e até mesmo restaurantes estamos cada vez piores. Nós é que somos a capital de distrito, mas até Elvas está mais desenvolvida do que nós e nem é a capital de distrito. Aqui em Portalegre está muito desleixado e depois há um problema aqui da comunidade em não aderir. Nós queixamo-nos, mas também quando abre algo de novo, as pessoas também não aderem. Estão habituados a ir para fora e depois não fazem grande coisa aqui.

“Temos um politécnico que em alguns cursos tem parceria com empresas daqui.”

Temos um politécnico que em alguns cursos tem parceria com empresas daqui. Temos a empresa BioBIP, por exemplo. Mas como não é muito a minha área eu não tenho grande noção. Eu sei que há um misto de empresas até mesmo dentro do politécnico e eu acho que realmente a câmara ajuda, mas eu não tenho noção de como isso funciona.

“A farmácia no meio pequeno é sempre mais útil e estamos mais em contacto com a população.”

Por acaso acho que dou um bocadinho para a comunidade especialmente para as pessoas mais velhas que precisam de uma conversa e muita gente vai à farmácia para ter uma companhia, para estar um bocadinho a falar connosco e sinto, principalmente as pessoas mais velhas daqui que gostam muito. Às vezes, em vez de levar tudo no mesmo dia, vem vários dias para terem sempre um contacto connosco. Nesse sentido acho que sou uma pessoa que dou à comunidade. Também dou outra contribuição, o facto de as farmácias aliviarem os centros de saúde e hospitais e na altura da pandemia sentiu-se muito isso.

As pessoas vão primeiro à farmácia e só depois iam aos hospitais porque tinham muito medo, então éramos o primeiro contacto com a saúde e acho que demos e damos uma grande contribuição. Infelizmente nem sempre somos reconhecidos. Somos uma empresa privada que depende do estado, mas só temos as partes das obrigações, não temos regalias nenhuma do estado. É um bocadinho complicado. Só nos usam para quando fazemos falta, quando há alguma falha na parte do sistema nacional de saúde, na qual tem havido muitas. A farmácia no meio pequeno é sempre mais útil e estamos mais em contacto com a população.

“Como é um meio pequeno conhecemos muita gente e sem dúvida que pertença.”

Eu tenho proximidade e conheço muita gente ainda por cima no sítio onde trabalho, até conheço cada vez mais gente de várias idades. Como é um meio pequeno conhecemos muita gente e sem dúvida que pertença. Agora a parte em que me sinto realizada, sinceramente já me senti pior. Não me fazia sentido, fazer a profissão que eu faço, noutro lado, principalmente a farmácia comunitária, até porque os nossos horários não são os melhores, temos horário de comércio e depois trabalhamos aos fins-de-semana e eu para estar com este horário em Lisboa, por exemplo gastar um balúrdio de renda e sem ter tempo de aproveitar o que Lisboa teria para me dar, porque tem muito mais do que aqui, eu não iria ter tempo para aproveitar e não me faria sentido, com esta vida profissional. Acabou por ser comodismo, fui me habituando e fui ficando, esta é a minha realidade, nunca arrisquei muito.

No início estava um pouco revoltada monetariamente porque não era recompensava com o que eu trabalhava. Então pensei muitas vezes em ir embora, mas as coisas, entretanto compuseram-se e

agora sinto que, pelo menos, que a parte monetária já corresponde aquilo que eu faço então eu agora que estou melhor e não estou com aquela revolta. Quero estar aqui porque gosto de Portalegre, mas na altura quando estava naquelas condições, não sabia se queria ficar aqui, mas agora estou bem. Quero cá ficar. Gosto de estar em farmácia comunitária e do contacto com a população, se bem que às vezes é desesperante trabalhar ao balcão com pessoas, temos os dois lados, mas no fundo gosto e não me via a fazer outra coisa.

“Há muita falta de coisas aqui.”

Há muita falta de coisas aqui. Na minha realidade, acabamos agora por nos juntar em casa uns dos outros até porque a pandemia trouxe muito isso. Tenho um grupo de amigos que mora cá e volta e meia nos juntamos e vamos às vezes almoçar e jantar fora. A nível de festas, no verão é bom porque temos as festinhas no verão em que andamos sempre, em cada fim-de-semana há uma festa numa terriola diferente e andamos a circular agora no inverno fica tudo mais parado. Como eu trabalho aos fins-de-semana, aproveito aqueles que tenho livres, tento sair daqui aos fins-de-semana. Mas sem dúvida que são os meus amigos e família que me fazem ter uma relação com esta região, não é propriamente projetos sociais, que até devia de ter, mas não há.

Narrativa Catarina

“Eu nasci e sempre vivi em Viseu até ir para a universidade.”

Eu nasci e sempre vivi em Viseu até ir para a universidade, mais ou menos. Sempre vivi aqui, aqui à volta, perto de Viseu e sempre gostei, nunca tive grande razão de queixa da cidade, é uma boa cidade, onde gosto de viver e gostava na altura também. Portanto eu sempre vivi em Viseu.

Quando os meus pais se separaram é que a minha mãe foi viver para Moreira, a determinada altura, mas eu só ia lá passar fins-de-semana, de vez em quando. Viva mais em Viseu com o meu pai. Passava durante a semana e ia lá só aos fins-de-semana porque aqui era mais perto da escola. Nas férias de verão, costumava passar lá mais tempo, mas foi quando já andava no liceu, a partir dos 14/15 anos. Sempre tive uma grande presença aqui em Viseu.

“(...) uma cidade onde conseguimos ir rapidamente de um sítio para o outro (...)”

Eu não tinha grande termo de comparação em termos de vida porque sempre vivi aqui, então para mim isto sempre foi ótimo e continua a ser porque foi onde eu cresci e foi onde eu vivi e gosto da cidade. É uma cidade onde conseguimos ir rapidamente de um sítio para o outro, não perdemos tempo em trânsito, temos bons serviços, temos lojas, temos tudo aqui perto. Portanto, se estivesse um bocadinho mais longe quando estava em Moreira, era um bocadinho mais complicado, porque já era uma viagem de meia hora até Viseu.

Para ter certas coisas, certos serviços já era um bocado mais complicado, mas depois tinha a outra parte boa que era, por exemplo em Viseu que era uma cidade muito maior eu tinha dificuldade por exemplo em encontrar-me com amigos porque cada pessoa vivia no seu canto de Viseu e era preciso boleias, era preciso uma logística maior.

Tínhamos que combinar alguma coisa no centro da cidade para estarmos juntos, enquanto, que em Moreira, como aquilo era uma aldeia, os amigos que eu acabei por fazer lá, eu conseguia ir ter com eles a pé, por isso é que acabava por passar lá as férias de verão porque era uma maneira de estar todos os dias com os meus amigos, não estava com todos, estava com aqueles dali. É a parte que eu sempre gostei de Moreira, era a parte da proximidade e de ter feito amigos lá e de poder estar com eles mais facilmente.

Cá em Viseu tornava-se um bocado mais complicado, é os prós e os contras, tinha mais serviços, tinha mais coisas, mas naquela altura, no verão, numa altura em que tinha muito tempo livre,

gostava de estar em Moreira porque tinha mais disponibilidade e mais coisas para fazer, apesar de aquilo não ter grande coisa lá. Uma pessoa com os amigos arranja sempre qualquer coisa que fazer.

“(...) ajudava em outro tipo de atividades tipo associações de animais ou atividades de voluntariado.”

Em termos de associativismo, nunca estive muito ligada, nunca estive muito envolvida nesse tipo de atividades e, por, por exemplo, no liceu que é uma escola muito grande cá em Viseu, tem muitos alunos, e então é tudo um bocado impessoal, torna-se um bocado complicado, mais difícil estar envolvido nesse tipo de coisas porque, a maior parte das pessoas não se conhecem, conhecemo-nos de vista mas a maior parte nem sequer nos conhecemos, então acabei por também nunca estar muito ligada a esse tipo de coisas. Às vezes ajudava em outro tipo de atividades tipo associações de animais ou atividades de voluntariado, mas pontualmente, não tinha assim nenhuma atividade mais vinculativa.

“Eu nunca tive muita certeza da área que queria.”

Depois, na altura quando foi para escolher a universidade, aqui em Viseu só há politécnico, portanto não seria bem uma opção. Eu não fui muito restrita em termos de localização da universidade, ou seja, se fosse preciso ir para mais longe, iria. Acabei por ficar em Aveiro, que até é relativamente perto, mas foi mesmo pela escolha do curso.

Eu nunca tive muita certeza da área que queria. Sabia que queria a área das ciências e gostava da área da biologia, a área da saúde. Então concorri a vários cursos em Coimbra e Aveiro. Não sei se concorri, na altura, a mais algum. Em primeiro lugar meti a opção que era o meu curso: ciências biomédicas em Aveiro. Depois tinha também biotecnologia e bioquímica em Aveiro e em Coimbra. Não sei porque é que acabei por ficar entre essas duas, acho que na altura foi por causa dos cursos, que eu andei a ver os cursos, andei a ver os planos curriculares e acabei por ver os que me agradavam mais e que pareciam ir mais ao encontro daquilo que eu queria.

“(...) os meus pais (...) sempre me apoiaram na minha decisão.”

Os meus pais sempre me disseram para escolher o que eu queria e o que eu quisesse era o que eu fazia. Sempre me apoiaram, disseram que eu podia ir para qualquer sítio onde eu quisesse ir, que era para onde ia e para o curso que eu quisesse. Nisso aí, sempre me apoiaram na minha decisão.

Eu não queria ir para privada, só se tivesse mesmo de ser. Tenho um irmão mais velho. Ele é 6 anos mais velho do que eu e também já estava no Porto em engenharia mecânica. Acabou um ano ou dois antes de eu entrar. Ele está em Vila do Conde. Eu acho que ele está prestes a regressar, acho que ele está tentado.

“Entrei em 2016 em Aveiro.”

Depois na universidade, passava a semana em Aveiro e os fins-de-semana é que já costumava ir para Moreira, deixei de ir para Viseu durante algum tempo. Em Aveiro vivia com o meu namorado e com uma amiga nossa, mas eles são de Nelas, então nós vínhamos todos os fins-de-semana, levávamos o carro então era fácil.

Entrei em 2016 em Aveiro. Já tinha o meu namorado e uma amiga que já lá estavam. Tinham entrado antes de mim e, não posso dizer que, isso não tenha sido um fator para a escolha porque eventualmente teve alguma influência. Se não estivesse nessa situação, se calhar nem ponderaria Aveiro porque é uma universidade que eu nem ouvia assim tanto falar. Quando fui pesquisar mais, vi que para o que eu queria até era o ideal, que é uma universidade mais recente, mais ligada à investigação e mais à frente do que algumas universidades mais antigas, de certa forma.

No início era mais complicado fazer amigos e eu tinha aquela segurança de chegar a casa e ter as minhas pessoas, portanto, não estava completamente sozinha e isso foi um pouco mais fácil. E depois também a transição não foi muito diferente, ou seja, Aveiro é muito parecido com Viseu, que eu estava habituada, é muito semelhante. A questão de viver sozinha, de ter um bocado mais de autonomia, apesar de que também já tinha alguma autonomia em Viseu, então não notei grande diferença, sinceramente. Foi mais pela questão de viver sozinha, habituar às rotinas, fazer comidas,

lavar roupa não era preciso porque eu ia todos os fins-de-semana a casa e isso já ajudava, lavavam-me a roupa ao fim de semana. Tirando isso, acho que foi fácil ambientar-me.

Em Viseu não tem os cursos que eu queria, eu tenho noção que existem aqui cursos muito bons, mas o tipo de ensino também é diferente, o ensino politécnico tem as suas vantagens, é um curso mais prático, o que é ótimo. Eles têm aqueles estágios no final da licenciatura que nós na universidade não temos e, a meu ver, é muito necessário, ajudaria muito depois nas nossas decisões futuras, nunca coloquei a questão porque não há de todo, a minha área, aqui não existe mesmo.

Eu acabei por manter estes amigos que tinha, os amigos do secundário a maior parte deles foram à vida. Mantive aquelas amizades mais próximas, duas, três, quatro pessoas no máximo e depois acabei por fazer mais amizades na zona de Nelas. A logística era mais ou menos a mesma, era ir ao fim de semana. Já era semelhante porque antes estava em Viseu e ia ao fim de semana, depois passei a estar em Aveiro e ia ao fim de semana.

Entrei em 2016, no ensino superior e terminei em 2019, não estávamos na pandemia. Porque eu na pandemia já estava no mestrado.

Não sabia que mestrado é que queria, com a minha licenciatura não tinha grandes opções de conseguir trabalho, portanto tinha mesmo de tirar um mestrado se queria fazer alguma coisa, então foi um bocado entre as aspas ao calhas. Andei a ver o que é que havia, as opções que tinha e as saídas profissionais, porque depois também não queria ir para algo que não tivesse emprego e, na altura, concorri para um mestrado no Porto: controlo de qualidade, mas não entrei. Havia muito poucas vagas e acho que era mais para as ciências farmacêuticas e depois também gostava de análises clínicas, mas disseram-me que não era muito boa opção porque para trabalhar nessa área ia ser complicado porque eles contratam mais pessoas que também tinham a licenciatura em análises clínicas que não era o meu caso. E depois acabei por concorrer para estatística em Aveiro. A minha ideia nem era continuar em Aveiro.

Em estatística médica, era o primeiro ano do curso em Aveiro. Já conhecia a diretora do curso que era, tinha sido minha professora de estatística na licenciatura e já tinha ouvido palestras que ela tinha dado sobre a abertura do curso, de saídas profissionais e tinha um certo interesse. E como tinha estado 3 anos na licenciatura, um curso assim mais teórico, já tinha um bocado de saudades da parte da matemática e de uma parte menos de estudo e de marrar e mais de, de perceber. Eu sempre gostei muito de matemática e deixei de ter durante a licenciatura. Também teve algum peso.

“Em 2020, meteu-se a pandemia (...)”

Por causa da pandemia, no início não adorei o mestrado, estive para desistir depois do primeiro semestre. Forcei-me um bocado a acabar o primeiro semestre para ter a certeza e estava a pensar em acabar o ano só para ficar com a pós-graduação, se desse. O que aconteceu foi que depois no segundo semestre, começou a ser muito mais prático e comecei a gostar mais e acabei por ficar. No final do ano, durante 6 meses, no último semestre, tínhamos um estágio e podíamos escolher mais ou menos os sítios onde queríamos ir e a maior parte das pessoas, queria ficar por ali, por aquela zona do Porto, ninguém queria ir para Lisboa e eu disse à minha professora “Olhe eu não me importo de ir para Lisboa, se for onde há melhores ofertas eu não me importo, eu vou para Lisboa”. Fui a única que foi para Lisboa, fui (entre aspas) mas acabei por não ir. Em 2020, meteu-se a pandemia, não fui.

“(...) comecei o estágio em janeiro 2021(...)”

Eu comecei o estágio em janeiro 2021, estava no último semestre do mestrado. A empresa era sediada em Lisboa e, a meio de estágio, a empresa acabou por me dizer que estavam a gostar do trabalho, que estavam até com uma vaga e que, como eu já estava habituada, já conhecia a equipa, estava-me a dar bem, se não queria, depois do estágio ficar mesmo a trabalhar e eu acabei por aceitar. Acabei o estágio em junho, e eles quiseram logo que eu ficasse antes de apresentar a tese de mestrado. Eu apresentei-a dia 28 de julho se não me engano, foi no final de julho, mas eu comecei logo a trabalhar na empresa no início de julho. Mas por causa do covid, a empresa estava fechada, ninguém estava no escritório e, fiquei remota o tempo todo até abril, abril de este ano, que foi quando a empresa abriu. No entanto, a empresa adotou uma nova política em que os colaboradores que vivessem num raio de 60km da empresa que podiam ficar 100% remotos.

Eu, tendo esta opção, apesar de gostar de ir à empresa, eu vou lá de vez em quando a Lisboa, passo lá uma semana, mas em termos de estilo de vida, é completamente diferente, consigo ter muito mais tempo cá do que se estivesse lá. Só em tempo de transporte demoro 45 minutos para cada lado só para ir para o trabalho, tempo que aqui em Viseu não perco. Mesmo que tivesse que ir para uma empresa aqui em Viseu demorava no máximo 10 minutos a chegar, não tem nada a ver em termos de tempo.

A minha mãe já não está em Moreira, já está em Viseu, agora estou quase sempre aqui em Viseu. Vou a Nelas de vez em quando, fico em casa do meu namorado.

É algo que pesa muito esta possibilidade de estar ao pé da minha família, ao pé dos meus amigos, não ter de perder tempo em transportes quando quero vir a casa, perder fins de semana, acabo por estar mais próxima daquilo que é a minha vida e não ter a obrigação de ir para fora só porque não há trabalho na minha área no interior, porque não há. Se eu quiser trabalhar, tenho que ir ou para Lisboa, Porto há muito pouco, acho que só há uma ou duas empresas. Ou seja, eu acho que é muito injusto para nós termos que sair do nosso sítio para ir trabalhar.

“Estou a trabalhar numa empresa que eu quero, a trabalhar na minha área e ao mesmo tempo consigo estar no sítio onde eu quero viver.”

Sendo que o meu trabalho pode ser feito remoto, foi a melhor opção que podia ter tido porque consigo juntar o útil ao agradável. Estou a trabalhar numa empresa que eu quero, a trabalhar na minha área e ao mesmo tempo consigo estar no sítio onde eu quero viver, que é aqui. Pelo menos por agora.

Eu acho que depende muito de onde as pessoas vêm porque, por exemplo, eu sempre estive habituada a estar aqui, portanto, para mim, a oferta que há em Viseu, mesmo em termos culturais, em termos de ofertas, é muito normal, é o que eu estou habituada. Agora, por exemplo, se forem pessoas que estão habituadas a um estilo de vida muito mais agitado com muito mais ofertas como pessoas que vêm de Lisboa, se calhar aqui iam achar que não se passa nada, porque não estão habituados a este estilo de vida e em termos de ofertas principalmente em termos de oferta cultural, coisas para fazer. Viseu, comparado com Lisboa, é muito mais reduzido. Eu aproveito, quando vou para Lisboa para ir ver peças de teatro, ir a museus, fazer coisas que aqui não tenho tanta oferta.

“Quanto mais jovens e mais pessoas aqui tivermos também mais interesse terá esse tipo de organizações em vir mais para o interior.”

Eu não estou na Interioriza-te. Sou sócia, acompanho de perto o que eles fazem, mas não estou envolvida.

Eu acho que tem um papel muito importante porque, principalmente para consciencializar e para tentar fazer com que se faça alguma coisa em termos de chamar indústria. Eu acho que se houver mais indústria e se houver mais ofertas de emprego, automaticamente isso, para mim, é mesmo o principal.

Muita gente não fica cá porque não pode, não dá. Eu por acaso tive sorte porque tive esta oportunidade de ficar em teletrabalho, senão não estaria aqui certamente. Portanto acho que essa parte da indústria é bastante importante e acho que depois o resto vem com isso.

A partir do momento em que temos mais população jovem, também se calhar começa a haver mais interesse em ter aqui mais atividades, mais peças, mais concertos aqui na zona e acho que uma coisa atrai a outra. Quanto mais jovens e mais pessoas aqui tivermos também mais interesse terá esse tipo de organizações em vir mais para o interior.

Narrativa Filipa

“Quando andava na primária”

A minha memória não é a melhor. Eu gostava de estar em Barroselas, porque é uma Vila e tinha o à vontade de ir a pé para a escola ou até mesmo de bicicleta porque estava perto e, por isso, eu não quis, no ensino superior, ir para a cidade, não queria ter de usar transportes públicos.

Quando andava na primária, andei também num ATL e por isso, eu também tinha sempre aquelas atividades durante a tarde, tinha a natação, tinha a música, tinha a aeróbica ou íamos para o parque brincar. No verão, também íamos para a praia.

“Estava sempre à vontade para andar na rua e estar com os amigos”

Eu penso que a grande vantagem era mesmo o facto de poder estar à vontade, os meus pais iam trabalhar até tarde e eu não tinha, portanto, não tinha aquele controlo tinha mais liberdade e não sentia medo porque eu sabia que podia estar à vontade e os meus pais também porque era tudo perto e como era tudo pequeno as pessoas conheciam-se todas, portanto eu realmente acho que isso é uma grande vantagem.

Estava sempre à vontade para andar na rua e estar com os amigos. Se calhar podia haver mais atividades extracurriculares, eu tinha a sorte de estar no ATL e ter essas atividades todas não é, mas quem não andava num ATL se calhar não tinha acesso tão fácil a essas atividades. Na minha altura, ainda não tínhamos a piscina aqui em Barroselas só em Portela e nem sempre havia transportes.

“(...) andei no grupo de jovens da igreja”

Eu também eu também tive a experiência conviver com muitos jovens da minha idade porque eu andei no grupo de jovens da igreja, andei no coro, e uma vez por ano também íamos acampar e uma das coisas que não fui, mas que gostava de ter andado foi nos escuteiros, mas andei neste grupo de jovens, que de certa forma, fazíamos algumas atividades semelhantes aos escuteiros.

“Sempre fui boa aluna por isso, acho que nunca pus fora de questão ir para o ensino superior”

Sempre fui boa aluna por isso, acho que nunca pus fora de questão ir para o ensino superior, acho que nunca pensei, não o fazer pronto. Depois eu acabei por escolher Braga pela questão dos transportes também era mais perto. Eu entrava em qualquer universidade na altura tinha Braga como primeira opção e o Porto a seguir e depois Coimbra, mas Braga foi mesmo por essa questão, por estar mais perto de casa e porque depois lá também não precisava de andar de transporte, apesar de ter sido a única a ir para Braga na altura. Infelizmente tive de sair de Viana porque aqui não havia o meu curso. Há uma certa falta de oportunidade.

“Foi uma transição fácil”

Foi uma transição fácil apesar de ter sido a única a ir nesse ano para lá porque eu também entrei nas praxes e senti-me muito integrada. Fiz novos amigos e então isso ajudou imenso. Depois, aos fins-de-semana, vínhamos sempre para casa porque ninguém ficava aos fins-de-semana em Braga praticamente.

Depois de terminar o curso em Braga, fui viver para Aveiro depois de Aveiro ainda estive em Lisboa e também no Algarve, eu passei assim um bocadinho pelo país e apesar de eu gostar muito de Lisboa eu sempre quis regressar para Viana. Eu vinha sempre aos fins-de-semana, mas já deu para perceber que nunca gostei muito de transportes.

“Eu depois da universidade não fiquei cá porque não encontrei trabalho aqui (...)”

Eu depois da universidade não fiquei cá porque não encontrei trabalho aqui porque pronto, psicologia há muita procura e depois era sempre pessoas com experiência e pronto e tivemos, tanto eu como os meus colegas, sempre muita dificuldade. Por isso, fui para Aveiro trabalhar e pronto, fiquei 5 anos nessa empresa, em diferentes cidades, mas foram 5 anos na mesma empresa.

Decidi então regressar a Viana, também porque foi na altura da pandemia e eu trabalhava em recursos humanos que também não foi uma altura muito fácil para quem trabalhava nessa área, porque tivemos que despedir muitas pessoas.

Os meus pais têm uma empresa e o meu pai já está na reforma, a minha mãe também ajuda na empresa e dá muita apoio nessa empresa e eu decidi vir e arriscar tudo em Viana e o meu objetivo foi assumir a empresa dos meus pais e foi basicamente isso. Mas também voltei porque em Viana tenho as minhas raízes todas, porque tenho os meus amigos de infância e porque é uma cidade tranquila e temos monte e o mar muito próximos e eu gosto muito de desporto e então gosto muito de caminhar até ao monte e ir até à praia dar uma caminhada e apanhar sol.

“(...) faço parte agora também da mesa da Assembleia da junta e também sou secretária e membro da Assembleia da Associação Desportiva de Barroselas do futebol”

Estive numa lista na altura das eleições e faço parte agora também da mesa da Assembleia da junta e também sou secretária e membro da Assembleia da Associação Desportiva de Barroselas do futebol.

Por exemplo, nós na associação, este ano, criamos o projeto de voleibol feminino e isto foi possível porque grande parte do pessoal é pessoas que fazem em grande parte voluntariado. Uma pessoa da terra queria ser treinador de voleibol, veio à associação e todos ajudamos e criamos a tal equipa de voleibol feminino. Ajudamos, também, uma caminhada mensal através da Associação um. No passado também já fiz parte da Associação Padela Natural havia um projeto chamado Mexe e fui eu que criei esse jogo e que durou uns anos, mas depois quando fui viver para Aveiro, o projeto terminou.

No passado também fiz parte de uma associação e iniciamos a equipa de futsal feminino em Darque e tive lá 2 anos, mas depois a equipa também ficou apenas mais 1 ou 2 anos e terminou. O nome da associação é Associação desportiva de Barroselas.

Também passa muito pelos pais querer que os jovens participam. Também veio o mundo das tecnologias e fez com que, se calhar, houvesse uma redução de participação por parte das crianças e dos jovens, mas eu vejo que o futebol é e será sempre o desporto rei de Portugal. Nós temos 200 atletas na associação e se pensarmos que estamos aqui numa vila são muitos atletas. Também, pretendemos criar o futebol feminino. Por exemplo, no caso do voleibol, começou por serem 6 miúdas e, na semana a seguir, eram 15 e, agora, acho que estamos com cerca de 20 jovens. Por isso, eu acho que desde que haja oportunidades e divulgação, as pessoas acabam por participar. No entanto, tem que haver também alguma motivação por parte de alguém. Acredito que isto ajuda imenso os pares porque eu sei que neste caso no voleibol é passa a palavra. Uma amiga foi, as outras vão atrás.

“Viana é uma cidade muito mais pacata (...) mas a parte diurna é impossível haver uma cidade melhor.”

Relativamente ao grupo de pares o que acontece a maior parte das vezes é porque os meus amigos continuam também a viver aqui em Viana daí nós, também queremos, voltar para esta cidade. Se eu tivesse mais amigos em Lisboa ou no Porto eu certamente pensaria ficar em Lisboa, mas decidi voltar para Viana porque é mesmo esta questão dos amigos e dos afetos que nos faz pertencer a um sítio e neste caso é Viana. Também tem a questão da natureza, que de facto Viana é maravilhoso, por exemplo não há trânsito, aqui a praia é perto. Viana é uma cidade muito mais pacata e claro que se pensarmos em sair à noite, não pensamos viver cá, mas a parte diurna é impossível haver uma cidade melhor.

Narrativa Cristina

“(...) vivia aqui em Barroselas e antes do secundário já andava virada para a vertente EV”

Eu vivia aqui em Barroselas e antes do secundário já andava virada para a vertente EV, virada para as tecnologias, o teatro, já andava virada para as artes. Nessa altura, não havia muita atividade, nós éramos muitos amigos ainda hoje somos um grupo muito grande de amigos e só por isso já andávamos por aí a fazer as nossas asneiras. Não havia grandes atividades na escola, não existiam as AEC (atividades de enriquecimento curricular) como agora. O pessoal das artes pior ainda, não tínhamos nada que nos alimentasse e no fundo era andar na escolinha ir para casa e era isso.

“É um meio muito pequeno e já nos conhecemos todos desde a primária”

É um meio muito pequeno e já nos conhecemos todos desde a primária então é muito giro, andamos sempre todos juntos e saímos todos juntos. Barroselas não é um meio muito grande, é um meio pequeno e toda a gente se conhece e penso que isso seja a grande vantagem, é dares-te com pessoas que sempre conheceste.

Na altura era complicado. Sempre estive ligada às artes e estava numa escola que não tinha essa base e queriam que os alunos fossem sempre para as ciências, matemáticas e humanidades, mas eu sabia o que queria e hoje em dia já se fala mais numa vertente artística. Mas eu também não sabia o que era, eu não estava preparada. Eu sabia que era artes, mas a questão era: O que posso fazer nesta área? Também não nos davam essa informação, nem essa possibilidade de seguir o que queríamos, relativamente a essa área.

“Quando vais parar uma cidade e vais sozinha e entras numa escola nova (...)”

Quando vais parar uma cidade e vais sozinha e entras numa escola nova onde queres conhecer tudo e ainda por cima era rebelde, queria conhecer tudo e aproveitar tudo, depois tive aquele lado em que o curso em si, e esta é tal transição que é bastante importante, eu sabia que ia para um curso de artes mas quando chegas lá, nem todas as disciplinas, que tu tens, são de artes ou seja, não era aquilo que me matava a fome, era um curso muito aberto, um curso que não tinha objetivos não é muito especializado e apesar de ser artes, eu sou uma pessoa de muitos objetivos, sou muito perfeccionista e eu caí no curso de artes que não me completava de todo.

“Durei seis mesitos, acabei por faltar às aulas e por chumbar por faltas porque este curso não era todo algo que me preenchesse”

Durei seis mesitos, acabei por faltar às aulas e por reprovar por faltas porque este curso não era todo algo que me preenchesse, apesar de ser arte, era tudo muito vago. Não via as saídas profissionais e depois vais para uma aula e pintadas um saca-rolhas, não fazia sentido. A única escola de artes que havia disponível em Viana mesmo assim, não era de todo o que eu pretendia para a minha vida, não correspondia às minhas necessidades e propósitos. Por isso, senti a necessidade de sair, outra vez, e não estamos a falar só do curso, estamos a falar daquela situação de que eu queria experimentar e fazer tudo e tinha acabado de sair da minha terrinha e isso tudo junto, mais com a minha rebeldia, não funcionou. Ainda, os meus pais sabiam que eu queria continuar com essa ideia de arte e eles também estavam com esta ideia presente, ajudaram-me.

“O meu pai andou a investigar e encontrou um curso em Vila Nova de Cerveira, o curso design”

O meu pai andou a investigar e encontrou um curso em Vila Nova de Cerveira, o curso design. E este curso era na escola ETAP, é uma escola que há 15 anos, quando eu entrei para lá, era uma escola profissional, das únicas daquela altura. E dizia-se que os cursos profissionais eram para pessoas burras e com dificuldades, mas estamos a falar que eu nunca fui uma aluna de negativas sempre tive 3, 4 e 5, não foi por isso que eu fui para esta escola. Então fui para lá, no meu pico de rebeldia. Tive que fazer uma entrevista porque nesta escola só se entrava se fosses aceite pelo diretor da escola e de curso. Tinhas de ir a uma entrevista como fosse um emprego tinha que ir a uma entrevista, responder a

algumas perguntas e depois vão-te avaliar durante x tempo e ver se tem enquadradas no curso e foi para esse curso que fui e entrei, em Vila Nova de Cerveira.

Eu acordava às 6:00h da manhã para apanhar o comboio às 7:00h da manhã e chegava lá por volta das oito e tal da manhã. As aulas começavam às 9:00h e chegava a casa, todos os dias, às 19:30h da noite pronto. Mas este curso acabou por ser bastante bom para mim porque no primeiro ano o que é que é o meu curso? O meu curso chama-se Design, mas ele tinha uma vertente de Design e arquitetura o que para mim é ótimo porque era a arte junto com o perfeccionismo e pronto acabou por ser um curso com muito sucesso porque os professores não eram professores eram profissionais da área eram arquitetos, eram designer, eram atores, pessoas com empresas até bastante conhecidas nesta zona e pronto. Acabou por ser para mim uma vitória entrar lá com uma média 10 e sair com uma média 19. Tinha a parte prática que era bastante importante, só para dar um exemplo, eu caí no mundo do trabalho a saber trabalhar realmente na área e pessoas mais velhas do que eu que não trabalhavam. Eu tinha a vantagem da experiência na área e da prática.

É complicado quando vês os teus colegas a irem todos para aquele tipo de áreas que é mais conceituado ou que era mais conceituado na altura, e eu era a única formiguinha a ir para outro lado, uma nova cidade, uma nova escola e foi bastante complicado na altura. Tive que deixar a minha ligação com a aldeia e os meus amigos para poder seguir o que eu queria. Mas lá está, a escola não tinha a ligação, não tinha a veia artística. Sair daqui, sair da bolha e ir para outro sítio sozinha, essa mudança é bastante complicada.

“Aconteceu que terminei com uma média bastante alta com 19 e estava completamente apaixonada pela área (...)”

Aconteceu que terminei com uma média bastante alta com 19 e estava completamente apaixonada pela área pela arquitetura e pelo design do produto, gostava mesmo. Eu tinha vários designers e eu estava apaixonada por isto. Nos estágios que eu tive fui convidada a ficar, mas eu não aceitei e não sei porquê, mas sem os meus pais saberem, os meus pais estavam a contar que eu não entrasse no ensino superior, e eu só contei que me ia inscrever porque precisava de dinheiro para me inscrever no exame e então pronto tive que contar. Eu queria me inscrever no ensino superior e o que me aconteceu foi mesmo um azar muito grande porque eu vim de um curso profissional e na minha altura, apesar de a minha média ser muito alta não contava absolutamente nada para entrar no ensino superior. Então, eu tive que fazer o exame, eu também estava com medo de me candidatar por causa dos exames e tinha medo de não conseguir. Fiz um exame e na escola tinha acabado com 18, mas depois no exame tirei 3, estás a imaginar. Depois fiz também o exame de desenho, mas já sabia que ia ser um tiro porque acabei com dois, mas este exame também é ridículo, é mesmo uma estupidez. E pronto tive que fazer história e cultura da arte, que era uma coisa que até gostava, acabei por ficar com 14 e foi apenas essa a nota que eu tive para entrar no ensino superior o que foi uma pena porque eu precisava de mais meio valor para entrar no curso de design de produto, que era o que realmente eu queria. Mas como vinha do ensino superior profissional, tive que me candidatar apenas na segunda fase de exames eu estava proibida de me candidatar na primeira fase, é terrível.

Agora sei que já está diferente, mas na altura era muito complicado e o que acontece foi que entrei na segunda fase com 14 e por isso não entrei em Design e tive que me inscrever em quatro ou cinco opções. Uma delas foi a educação artística e pensei, isto deve ser qualquer coisa, vamos lá experimentar e tinha quase a certeza que queria arquitetura ou design, mas eu queria ter a certeza, queria descartar as outras áreas. Pronto fui para Portalegre, tive lá um mês, entretanto recebi uma chamada do meu pai a dizer que houve muitas desistências na Guarda e se eu queria ir para o curso que tinha sido a minha primeira escolha. Eu fiquei tipo naquela e agora? Eu quero ir ou quero ficar aqui e experimentar estas artes todas? Isto porquê educação artística é algo muito mais abrangente. E eu pensei, faço 3 anos de educação artística e depois se e realmente quiser, vou fazer outro curso.

“Foi uma experiência muito gira foi mesmo muito bom para mim (...)”

Foi uma experiência muito gira foi mesmo muito bom para mim ter entrado e ter continuado e ter decidido ficar neste curso. Foram 3 anos de arte. Éramos 6 alunos e fizemos durante 3 anos, teatro

ao ar livre pelo Alentejo e ainda, fomos convidados para Lisboa, mas depois ninguém quis. Eu gostei de fazer as artes todas. Acabei com uma média bastante alta, fiz facilmente em 3 anos este curso. Ia sempre a rir-me para a escola porque gostava realmente, aquilo era fantástico, era brutal. Depois que eu tirei a licenciatura, tive a noção que os cursos que tirei anteriormente o Design e a arquitetura, acabaram por fazer a minha cama porque eu lá tinha que apresentar projetos e escrever páginas e páginas do meu projeto e eu só dei continuidade ao trabalho e fez que com que, mal saísse da universidade fui fazer o mestrado em Viana, mas comecei logo a trabalhar numa empresa. Tive duas semanas sem trabalhar e entregar currículos, mas fui logo contratada, mas a minha empresa era em Esposende e o meu mestrado em Viana.

Era bastante complicado porque de Viana a Portalegre eram viagens de 4h e então eu só vinha de duas em duas semanas. Imagina eu quando era jovem eu sentia-me ligada à comunidade e não me via a sair daqui, no entanto por motivos de querer seguir artes tive de procurar um sítio que me desse essa oportunidade e quando estive a estudar em Portalegre não sentia a necessidade de vir a casa porque estava realmente feliz lá, mas claro que tinha saudades dos meus amigos e da minha família.

“Agora voltei e estou contente com a minha decisão porque era a ideia desde o início (...)”

Agora voltei e estou contente com a minha decisão porque era a ideia desde o início, depois de terminar a licenciatura queria voltar para casa para a minha terrinha, onde estava muito feliz. Quando saímos é quando sentimos que a nossa casa é a nossa casa e tinha muitas saudades. Agora vivo cá. Trabalhei 5 anos em Esposende e depois voltei para uma empresa, mas estou à espera da licença de maternidade acabar para voltar a trabalhar.

São os amigos, a minha família, estamos sempre todos muito juntinhos. Quando cheguei e assentei cá continuei com as amizades que tinha, sentes que isto é que é teu. Apesar de me sentir bem em Portalegre tinha de voltar, aqui sou realmente feliz e sinto-me integrada e ligada a algo. Lá não tinha a minha família e os meus amigos.

A parte cultural de Viana está morta. (...) É terrível, especialmente para os jovens. Se querem que eles fiquem deviam dinamizar muito mais.”

É muito complicado, por exemplo eu estive imenso tempo à espera de que a câmara me desse uma licença para fazer atividades ao ar livre com crianças, jogos e pinturas. É realmente difícil cá. Não temos pessoal novo, não temos noite, não há nada, não há grupos de teatro jovens, concertos nada que dinamize e incentive os jovens. Penso que isto compete às câmaras. A parte cultural de Viana está morta. Fala-se muito das tradições, mas isso é um dia e depois acabou. É terrível, especialmente para os jovens. Se querem que eles fiquem deviam dinamizar muito mais. Não estou envolvida em nada porque não há ninguém que promova, não tenho atividades nem projetos para participar. E depois também os jovens hoje em dia não tem tanta iniciativa como no meu tempo, agora é ficar em casa no telemóvel e em frente aos computadores. Era superinteressante criar uma associação de artes, onde nos juntávamos para pintar, para ver uma exposição e como o local seria o mesmo para as atividades, tornava-se um hábito e envolvia mais jovens e depois os mesmos poderiam continuar a dinamizar. Houve uma associação que fazia estas atividades, até concertos, mas até isso a câmara deixou morrer, não financiou e chegou ao ponto de lhes retirar o espaço que estavam a usar.

Narrativa Mariana

“(...) foi uma infância feliz, mas a única coisa que fazia fora da escola, era ter aulas de música, comecei aos 6 anos.”

Ser criança numa aldeia porque é uma aldeia pequenina. Moro mesmo em frente à escola, ou seja, desde o infantário até à primária, era mesmo casa escola, escola casa. Foi um bocadinho, foi uma infância feliz, mas a única coisa que fazia fora da escola, era ter aulas de música, comecei aos 6 anos.

Foi a única atividade extracurricular que eu tive. Não tinha mais nada, não andava em ATL, só mesmo na escola. Depois como é uma aldeia tão pequenina, ainda fica a 16km da cidade, não há muitas atividades. Não havia muitas atividades, perto. Era muito à base daquilo que havia e tinha música, porque tinha aqui na minha terra, porque se não tivesse, nem isso participava.

O meu pai não estava muito presente porque sempre trabalhou fora, só vinha aos fins de semana. Havia eu e a minha irmã, sozinhas, com a minha mãe e era muito difícil. Tinha os meus amiguinhos na escola.

Eu cheguei aos 6 anos e fiz exatamente como a minha irmã. Começamos a ter aulas de piano, aos 6 anos. Fui um bocado a imagem da minha irmã, quatro anos depois. Mas foi uma infância não digo um pouco banal, mas comum para uma criança que vive na aldeia.

Quando fui para o 5º ano, deixei a terriola, fui para Barroselas, era diferente. Já tinha tardes livres, na verdade, entrei para a academia de música, nessa altura, ou seja, as minhas tardes livres eram ocupadas com a academia.

Depois no 7º ano, fui para a cidade, fui mesmo para a escola profissional, era sair às 7:30h de casa da manhã e chegar às 20h da noite e o pouco tempo que tinha, mesmo aos fins de semana, eu tinha aulas ao sábado de manhã. Ou seja, não tinha muito tempo livre e quando chegava a casa, tinha de estudar o instrumento, era muito exigente.

“Quando fui para o profissional comecei a tocar fagote.”

Quando fui para o profissional comecei a tocar fagote. Já tinha deixado o piano. Aquilo que eu fazia quando estava com os meus amigos era aquele típico café de adolescente. Estávamos na cidade, no centro. Nem sequer podíamos sair da escola, a partir do 10º podíamos ir almoçar, mas até aí não podíamos sair então era apenas aquele cafezinho. Chegava ao final do dia, íamos para casa estudar, porque havia provas para preparar.

Aos fins de semana, estava com os meus amigos, estava com os amigos daqui o namorado da altura. Nunca fomos muito de ir ao cinema ou sair à noite. Nunca fomos de fazer grandes planos porque na verdade passávamos o dia todo juntos nas aulas.

Na profissional, da minha terra era só eu e outra amiga. Fomos todos lá parar, era gente de outros pontos do distrito, havia amigos meus de Monção. Moravam lá durante a semana e retomavam a casa durante o fim de semana. Era a comunidade da escola. Os laços foram criados na escola.

Na profissional não tínhamos nada. A câmara não ajudava nada. Aquilo é um sistema semiprivado, nem é público, nem privado. Pagávamos uma espécie de propina trimestral. Mas a câmara não ajudava nada porque não tínhamos nenhuma atividade extracurricular, tínhamos as aulas teóricas: inglês, francês, matemática e para além disso tínhamos as práticas e que implicava tocar e tudo o que fosse teoria musical. De manhã era música e à tarde as normais. Nós não tínhamos tempo, não tínhamos tardes livres, aliás do 7º ao 9º, até nos obrigavam, a ter duas horas por semana, para irmos para uma sala, cerca de 7 / 8 alunos, para estudar. Tínhamos uma 1h indicada para estarmos fechados numa sala a estudar. Eu tinha aulas ao sábado de manhã.

Até ao 12º ano, era 100% música. A única coisa que tinha era a banda.

Eu acho que tive muita sorte porque eu fui a imagem da minha irmã. A minha irmã foi para o 12º ano em Viana e depois foi estudar para o Porto. Eu acabei o 12º ano e também fui para o Porto. Ou seja, eu fui atrás do meu professor, então fui para o Porto para continuar com o meu professor de instrumento. Os meus pais já estavam à espera, eu sempre falei que o meu professor dava aulas no Porto e Aveiro e eu sempre quis ir para o Porto. A minha irmã também estava lá a estudar, então ficamos as duas a estudar na mesma cidade. Eu acho que fui muito ajudada pelo facto de a minha mãe lá estar, e os meus pais aceitaram muito bem. Não me lembro de ter abordado muito esse assunto. Para os meus pais estava implícito eu ir para a Universidade. Não fazia sentido para mim parar no 12º ano. Foi demasiado fácil.

“Tudo aquilo que o meu professor dizia para mim, é que estava certo e sofri muito depois disso.”

Era muito inocente até ao meu 12º ano. Não era como hoje. Tudo aquilo que o meu professor dizia para mim, é que estava certo e sofri muito depois disso. Na universidade sofri muito. Eu achava

que o que o meu professor dizia estava certo, então se ele dizia vais para o Porto, eu ia para o Porto. E fui. Eu dava-me muito bem com o meu professor, ele deu-me coisas muito boas até ao 12º ano. Temos sempre aquela relação, são duas horas por semana que estávamos sozinhas com ele. Aquilo que nós tocamos, era o nosso trabalho e estudo, mas são eles que nos focam. São os nossos professores pessoais.

Quando eu disse que queria tirar uma licenciatura em música, os meus pais também ficaram a estranhar. Achavam que era suficiente, eu estar na banda.

“Fui para a Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto.”

Fui para a Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto. ESMAE na rua da Alegria.

Senti muita diferença. Eu fui para o Porto, tinha dois ou três colegas da minha turma, que vieram de Viana do Castelo e ficaram comigo. Mas, eu só tinha realmente uma amiga e era a única com quem eu realmente conhecia na minha turma. Em relação à cidade, adoro o Porto. Arrependo-me e custa-me dizer que quando eu cheguei odiava o Porto.

Quando a minha irmã foi para o Porto, ela não queria vir para casa, ela adorava o Porto e tinha uma vida louca. Eu cheguei ao Porto, dividia quarto, numa me custou, mas depois eu preocupava-me muito com isso, poupar dinheiro, éramos duas na universidade, nunca tivemos ajuda, nem bolsa, então eu dividia quarto para poupar. Só que foi um choque tão grande na escola que eu comecei a detestar tudo. Eu queria vir embora.

Eu estava a tirar a carta ao mesmo tempo, arranjava sempre maneira de pôr as aulas da carta a meio da semana para eu vir embora mais cedo e passar o fim-de-semana a casa. Setembro a janeiro foi horrível. Senti muita diferença. Foi a relação de namoro, acabou, ele estava em Lisboa e eu no Porto, nada me foi ajudar. Levei uma chapada de luva branca. O meu professor era o mesmo, mas não era. Era uma pessoa completamente diferente na universidade. Tratava-nos de maneira diferente, era um bocado desenrasquem-se. Já não estava lá para nós, quando precisávamos. Eu era a única a tocar fagote na altura, mas agora havia outra rapariga que tocava muito bem e trabalhava mais. É verdade que trabalhava mais que eu e eu deixei de ser a queridinha do professor e passei a não valer nada. Levei coça. Aquela porrada mental, da parte dele, porque começou a, tudo o que se diz, a maneira como se diz. Era uma rapariga muito sensível, tudo o que me diziam eu absorvia. Fui abaixo muito rápido. Depois a partir de janeiro mudei muito rápido. Comecei a ganhar confiança, amizades e, a partir de janeiro, correu muito bem. Os outros dois anos que lá estive foram impecáveis, adorei, não me arrependo de nada.

“A minha relação com o fagote começou a descambar, cada vez mais.”

A minha relação com o fagote começou a descambar, cada vez mais. Ainda por cima, eu fui para o Porto, o meu professor disse-me que eu precisava de um instrumento novo e o fagote é muito caro, eu paguei, tive de pedir um empréstimo, eu paguei pelo meu fagote 19 mil euros, ainda o estou a pagar e então foi assim um abalo muito grande. Cheguei em novembro e foi muita coisa negativa, mas a partir de janeiro, eu estava solteira e então tudo mudou. Eu comecei a mudar mesmo como pessoa.

Não temos praxe na nossa escola. Tinha mais tempo livre obviamente, tinha tardes livres e manhã, mas nunca me envolvi em nada, além das aulas.

Eu sempre fui uma rapariga muito resmungona. Qualquer coisa eu atacava logo. A imagem que eu mostrava antigamente às pessoas é que eu era uma antipática e estava sempre com uma resposta na ponta da língua sempre para atacar e eu lembro-me de amigos meus, com quem eu tenho uma boa relação, neste momento, de me dizerem que no início não gostavam nada de mim, porque era a imagem que tinham de mim. Por isso é que no início não foi tão fácil para mim, fazer amigos. Fiquei com muitas boas relações, mas são mentalidades diferentes, características muito diferentes. O facto de serem outros instrumentos e outros professores, é outra mentalidade. É um choque de culturas. Fui para uma sala com 60 pessoas, todas diferentes, a tocar coisas diferentes e habituados a uma mentalidade completamente irreal em relação à minha.

Eu tirei licenciatura em música.

“Como comecei a não gostar de estudar com o meu professor, falei com ele e disse-lhe que queria fazer ERASMUS (...)”

Eu fiz 3 anos de licenciatura no Porto e no início do meu terceiro ano eu estava farta do professor. Eu gostava da cidade, mas não queria estudar com o meu professor. No entanto, uma coisa que ele nos dava de bom era chamar os melhores fagotistas do mundo para Portugal para nós termos as melhores bases para estudar com eles. Fiquei a conhecer imensos fagotistas em Portugal, eles vinham mesmo cá para nos dar aulas. Era uma oportunidade muito boa. Conheci vários, mas um chamou-me mais atenção que foi o Carmo Culone, na altura dava aulas na França e Lousã, na Suíça.

Como comecei a não gostar de estudar com o meu professor, falei com ele e disse-lhe que queria fazer ERASMUS, mas queria fazer ERASMUS na licenciatura e não no mestrado, no terceiro ano. Só que a licenciatura era de três anos e eu teria de pedir mais um ano de licenciatura para conseguir fazer ERASMUS.

Falei com os meus pais, mas eles não estavam a achar muita piada em eu ir sozinha para um país diferente. Aquela coisa de pais da aldeia, e da cidade também, a minha mãe é mãe galinha. Mas foi muito tranquilo, eles já me conhecem e sabem que eu não sou de ficar parada. Eu falei com o meu professor e ele na altura ficou de pé atrás, mas depois acabou por me ajudar.

Eu falei com a escola e a única opção que tinha, continuei com o instrumento na mesma e eu chumbei de propósito para conseguir pedir um quarto ano de licenciatura, ou seja, em 2019 fui para a Suíça. Entrei nas três escolas que eu tinha: Viena, Eindhoven e Lousã, mas a minha primeira opção foi Lousã por causa do professor.

“Foi a melhor escolha que fiz na vida, ter feito ERASMUS.”

Foi uma experiência incrível. Eu aconselho a fazerem ERASMUS. Foi a melhor escolha que fiz na vida, ter feito ERASMUS.

O facto de ter chegado a Lousã e ver tantos portugueses na escola de música, cerca de 12 portugueses. E havia dois portugueses que tinham feito o mesmo percurso que eu, e que vieram também de Viana. Tínhamos feito a mesma carreira. Eu acho que ter este pessoal lá ajudou muito, eu não sabia falar francês, só mesmo inglês, mas lá ninguém falava inglês e era muito complicado. Entrar na Suíça é “chato”, é muita papelada. Eu acho que tive muita sorte por isso, eu acho que se tivesse ido sozinha, sem ninguém e sem saber a língua, acho que não ia dar resultado. Eu cheguei em fevereiro de 2019 e infelizmente apanhei um ano onde apanhei o COVID. Eu tinha pedido ERASMUS para 1 ano, com direito a bolsa, tinha essa ajuda, a Suíça é muito cara, eu gastava muito, eu gastava cerca de 1000€ mês. Eu tinha a bolsa de ERASMUS.

“Chegou a fevereiro, chegou o COVID (...)”

Chegou a fevereiro, chegou o COVID, o pessoal começou a voltar para Portugal e nós ficamos uns 6 ou 7 lá e compramos todos os bilhetes para o mesmo dia, viemos para Portugal, ficamos numa casa, uma semana, a fazer quarentena, sozinhos. Chegamos a Portugal e fomos para lá diretos. Voltamos a Portugal em março e, entretanto, a escola lá também fechou, por isso viemos embora e no final, em junho, a escola voltou a abrir e eu voltei para a Suíça e neste período enquanto não voltei fiquei em Vila de Punhe com os meus pais. Fiz um mês de aulas com o meu professor, acabei o ano lá e fiz um recital final em Portugal, sem público, sem nada, apenas os meus pais e a minha irmã, não eram possíveis ter público. O cabelo caía-me, chorava todos os dias porque tinha de voltar a tocar com o professor aqui de Portugal, estávamos com uma relação amor-ódio, eu tinha medo dele, tinha pavor. Então eu vim para Portugal e estava super mal, na semana antes do recital.

Depois de fazer o recital, eu tinha feito provas para mestrado na Suíça, por causa do COVID, fiz vídeo, gravei e mandei e não entrei na primeira fase. Aquilo não é bem por fases, mas sim por vagas.

Eu não fiquei, então trouxe tudo para Portugal. Pedi ajuda à minha prima que mora na zona norte da Suíça para me mandar tudo para Portugal, aquilo que eu não consegui trazer. Candidatei-me a faculdades aqui no país, em Aveiro e Porto, com o mesmo professor, tinha de ser, tive de me sujeitar.

“(...) queria muito continuar na Suíça, não queria voltar para Portugal.”

Entretanto já tinha outro namorado cá e comecei a mentalizar que ia ficar em Portugal e eu queria muito continuar na Suíça, não queria voltar para Portugal. Desde que fui, disse sempre que não queria ficar cá. Voltei para Portugal e já estava metalizada. Mas no início de outubro, quando as aulas já tinham começado, ligam-me da Suíça a dizer que tinham uma vaga para mim e que no espaço de uma semana tinha de lá estar. Eu fiquei supercontente, mas ao mesmo tempo só chorava porque já estava metalizada que ia ficar cá, tinha tudo cá, apesar de não ter nenhuma escola que me tivesse aceitado na altura aqui, já estava metalizada. Mas o meu pai falou comigo e ajudou-me a ver que era uma oportunidade de eu ir.

Voltei a ir, era o meu segundo ano lá e eu quando fui, desta vez, não tinha nada, nem casa, eu no início fiquei a morar com uma amiga minha. Entretanto arranjei um estúdio e acabei por fazer lá os dois anos de mestrado. Depois, cheguei a um ponto que não queria ficar mantida pelos meus pais, consegui bolsa, mas eu trabalhava muito. Fiz limpezas, fui baby-sitter durante dois anos, para conseguir pagar os meus estudos. Quase 1000€ por mês era muito dinheiro.

Eu queria voltar, mas ao mesmo tempo tinha de ser. Desde que estive no Porto, a minha relação com o fagote começou a descambar, a descer. Mas eu sempre meti na cabeça que eu queria o mestrado em fagote, no entanto, depois comecei a perceber que estar numa sala fechada a tocar este instrumento, não estava mesmo a dar para mim. Eu adorava tocar e fazer concertos em orquestras, mas todo o processo de ter de estudar para lá chegar, não consigo, era uma pressão enorme. Entrava em pânico. Meti na cabeça que não queria aquilo, mas queria algo a ver com a música. Acabei o mestrado, fiz a minha tese. Disse que não estava bem ao meu professor, e ele era super amável, era o oposto do professor que tinha em Portugal. Disse que queria parar de tocar, durante algum tempo. Queria ver se sentia falta do fagote. Ele ficou triste em saber isso, mas que era melhor eu parar naquela altura.

Eu tinha de estar na Suíça a estudar ou a trabalhar, mas eu pensei, já que parei de estudar, mas vale ir para casa, para estar num supermercado a trabalhar prefiro estar em Portugal. Vim para Portugal, fiquei em casa dos meus pais. Mas vale eu ter parado do que eu ter ganho ódio ao fagote.

Fiz uma prova para uma orquestra e foi a pior experiência da minha vida e percebi que não era de todo o que eu queria. Eu cheguei lá e detestei. Éramos 50 cães para um osso, éramos no início uns 90 inscritos, depois ficamos 50 para um lugar.

Tinha gente com 50 anos e eu pensei que não queria isto para a minha vida. Eu fiquei um dia inteiro à espera da minha vez para tocar, e nem toquei 5 min.

“(...) oferecida uma vaga para substituir a minha professora de fagote, na Suíça.”

Eu não queria ser professora, sempre disse que não gostava disso. Eu detesto ensinar, não tenho jeito e paciência. Estava na Suíça e em abril deste ano, 2022, é-me oferecida uma vaga para substituir a minha professora de fagote, na Suíça. Ela foi para a reforma e pediram-me para a substituir e eu fiquei abanada e tinha de ser em francês. Recebia 60€ à hora. É uma experiência e eu tinha de tentar saber se gostava ou não. Eu tinha de ensinar um aluno a tocar fagote. Eu aceitei, falei com o professor e ele apoiou-me. A ideia era fazer apenas até ao final do ano, e era uma boa experiência e ganhava dinheiro. Fui dar aulas e disse que não queria ser professora de fagote. Não gosto, não quero, não vou ser. Não vou tirar o mestrado de ensino em fagote. Acabou o ano, vendi aquilo que podia, foram caixas e caixas, numa transportadora e voltei para Portugal.

“Cheguei a Portugal. Sabia que não queria o fagote, mas queria música.”

Cheguei a Portugal. Sabia que não queria o fagote, mas queria música. Então comecei a pesquisar e veio a ideia de musicoterapia. Andei a informar-me, comecei um curso de inglês porque precisava. Avisei os meus pais. Fiquei este ano a preparar-me para tirar este curso. Inicialmente queria Cambridge, mas eram 17000€ por ano e então fiquei a preparar-me. Eram necessários muitos requisitos. Fiquei a trabalhar e a estudar. Mas nunca pensei que fosse trabalhar na área da música porque não tenho um mestrado que dê para dar aulas. O meu mestrado é de interpretação, não dá para nada.

“(...) tenho 4 dias a dar aulas de educação musical nas escolas primárias (...)”

Eu comecei a trabalhar no Verão, ao máximo e aproveitei para descansar. Em setembro fui falar com o patrão de um cafezinho, onde a minha irmã já tinha trabalhado no verão. Eu precisava de ganhar algum dinheiro. Entretanto, num dia qualquer, ligam-me a dizer que precisavam de um professor na academia para dar aulas de expressão musical/educação, musical, nas escolas primárias. Eu disse que não tinha mestrado, mas eles estavam precisando. Então, no mesmo dia, tive de aparecer na academia, 1h depois, para uma entrevista. Eu fui à academia e fiquei com o trabalho. Neste momento estou com 14h no meu horário, por semana, tenho 4 dias a dar aulas de educação musical nas escolas primárias e continuo a trabalhar no café.

Já esqueci Cambridge, é muito difícil agora com o brexit, é “chato” ir para o Reino Unido e são quarenta mil euros para tirar o curso, está fora de questão.

Entretanto, fui de férias para Barcelona e fui ver uma escola onde tem o curso de musicoterapia e fiquei com imensa vontade de estudar lá. Já recebi a notícia a dizer que entrei. Estou a preparar-me para o curso.

Eu ainda estou na banda e estou a tocar percussão.

“Estou muito feliz.”

Estou muito feliz. Eu desde que voltei a Portugal, no verão, tenho dado tiros nos pés. Nunca quis ser professora e agora sou professora e estou a amar o que estou a fazer. Detestava ser professora de fagote, mas sou professora de música e adoro os meus alunos e adoro dar aulas. É difícil, não tenho curso para isto, mas estou a adorar esta aventura.

Eu voltei à casa onde eu fui aluna antes. Fui aluna e agora sou professora e isso faz-me confusão porque agora trata por ‘tu’ aqueles que eram meus antigos professores e confesso que não consigo.

Em relação aos meus alunos, por exemplo, eles estavam a fazer um exercício e tinham de escrever os nomes das notas e houve uma menina que fez tudo mal e só tinha um bem e ela ficou com uma cara e eu fiquei arrependida da forma como lhe disse. Imaginei que ela fosse ficar chocada e a achar que tudo o que ela fez está mal. Eu na altura era assim, então eu com os meus alunos, tento sempre evitar este tipo de repreensão e manter uma boa relação com os meus alunos. Dou-lhes o à-vontade de eles falarem comigo. Sinto-me bem pelo facto de os meus alunos verem em mim uma pessoa em quem confiam. Eu tento dar aos meus alunos aquilo que não me deram. Eles só passam uma hora por semana comigo. Eu tenho muitos alunos com problemas, tenho muitos autistas, alunos com problemas físicos, motores, psicológicos. Eu senti mesmo que este trabalho vem a calhar porque tenho colegas que não têm metade dos que eu tenho. Foram-me dadas as turmas com mais problemas para eu trabalhar para o meu futuro. Este ano é uma preparação para o meu próximo ano. Tanto que quando eu fui a Barcelona, perguntaram-me se eu trabalhava com autistas e eu disse que sim.

“Não há de todo ajudas por parte do município.”

Não há de todo ajudas por parte do município. Aliás, se fores a Esposende dá milhares de euros anuais às bandas do concelho para poderem investir no ensino e na música, aqui é zero. Não dá para nada. é preciso muita coisa para as bandas e para a escola. Também não sei até que ponto a câmara pode intervir por ser semiprivada, mas eu não vejo divulgação nenhuma para aqueles alunos que poderiam ter um futuro bom em música e não tem pela falta de apoios. Na minha altura, quando estava na academia, o projeto que estamos a fazer agora, na qual sou professora, não existia. Irem à escola e darem educação musical, isto não existia. Há uma diferença, mas em termos de apoios, nem digo só financeiros, mas publicidade, por exemplo, não se vê quase nada.

“A música é muito prestigiada, há muitas pessoas a gostarem da banda, mas é mais como hobbie.”

A música é muito prestigiada, há muitas pessoas a gostarem da banda, mas é mais como hobbie. Aqui, nas aldeias, há aquela ideia de que estudar música, ou ser músico não é considerado uma profissão, mas um hobbie. Não é visto como um curso. Começa a ser banalizado por haver tanta gente na música, na banda, mais como hobbie ou passatempo e depois desvaloriza o nosso trabalho.

“Aqui não há nada que diga respeito à minha profissão.”

Aqui não há nada que diga respeito à minha profissão.

Ainda sinto que o nosso trabalho, mesmo como professores de educação musical, sinto que é um pouco levado na brincadeira e com a seriedade que deveria ser.

Na minha área não há nada. Em Portugal já não tem uma boa empregabilidade, quanto mais aqui. Para um jovem, querer regressar, aqui em Vila de Punhe, não há emprego nenhum, se eu não tivesse a ideia que tenho, em deixar o fagote e seguir na musicoterapia, não tinha como voltar, pelo menos aqui. Aqui não há nada que diga respeito à minha profissão.

Narrativa Laura

“(...) a avó é uma segunda mãe (...)”

O meu pai é guarda-florestal, naquela os guardas-florestais viviam em casas na floresta que era onde eu vivia. Quando o meu pai veio para a cidade, ainda estava matriculada no primeiro ano na aldeia e, então, para não haver mudança assim a meio do ano, fiz o primeiro ano na aldeia e vivi com a minha avó e no segundo, vim para a cidade e estive sempre aqui e fiz a primária normal, no 5º e 6º ano numa escola e depois do sétimo ao décimo segundo fiz na escola de António Granjo.

Quando fui para o segundo ano, a adaptação foi muito rápida. Também tem a ver com a minha personalidade, sempre fui uma criança muito extrovertida e falava com muita gente e, dessa forma, não me limitou. Também, tem a ver com a figura da minha avó, nunca houve muito distanciamento, sempre houve uma grande proximidade tanto para mim como para os meus primos, a avó é uma segunda mãe então não foi difícil viver com ela.

Eu sou natural de uma aldeia daqui de Chaves, mas só fiz o primeiro ano nessa aldeia. Só éramos três no primeiro ano e tínhamos aulas com alunos do 4º ano que também deveriam ser 7 ou 8 alunos então era o mesmo professor na sala. Ele punha-nos a fazer exercícios e dava aulas ao 4º ano e ia trocando. Era giro porque eu era muito despachada, eu fazia exercícios do 1º ano e ouvia a aula do 4º ano e ia respondendo a coisas que o professor ia perguntando. Havia poucas crianças, mas ainda assim, na rua da minha avó ainda havia três ou quatro.

A aldeia chama-se Sanfins, mas eu tinha aulas no Cimo de Vila, juntavam duas ou três aldeias sendo que dois deles eram do Cimo de Vila, eu era a única pessoa da Aldeia de Baixo e quando queria brincar com os meus colegas era mais no período das aulas, era uma aldeia, não era muito longe, mas só mesmo no período das aulas é que estava com eles depois o resto era com a minha avó. Sou filha única.

Eu estava na aldeia de segunda a sexta, na sexta ao final do almoço vinha com um professor para Chaves porque os meus pais estavam aqui. Eu lembro-me que a minha mãe trabalhava numa fábrica até às 18h/19h da tarde então eu ficava em casa do professor a fazer os exercícios e, ao final do dia, a minha mãe ia-me buscar. Depois na segunda de manhã ia com o professor para a aldeia isto, quando não dava para os meus pais irem ao fim de semana. No fundo passava muito tempo ou com a minha avó ou com o meu professor.

Estudei na escola António Granjo que é uma escola que tem do 7º ao 12º ano e foram esses anos todos que eu estive nessa escola.

“(...) Eu tive ótimos professores (...)”

Eu acho que sempre tive a sorte de lidar com bons professores que nos incentivavam, ou seja, o trabalho de casa não era só aquela coisa de preencher requisitos, que todos os professores têm. Eu tive ótimos professores de português que nos incentivaram a ler outros livros além daqueles que eram obrigatórios. As peças de teatro, estudávamos também. Estimulavam-nos a vermos as peças. Nesse aspeto tive muita sorte, eles iam deixar o bichinho e despertavam a curiosidade. A escola onde estive, António Granjo, é a única escola cá em Chaves e, naquela altura, tinha o curso de arte, ou seja, parecendo que não, via-se muito a arte naquela escola, os próprios alunos do curso de artes eram

aquele cliché: as rastas, o cabelo pintado etc. Era normal haver a fusão dos grupinhos na escola, foi uma escola bastante dinâmica. De certa forma ajudou a ter curiosidade para essa área.

Eu no secundário por acaso sempre tive uma vida bastante ativa, ou seja, estava envolvida em atividades extracurriculares, fiz parte da associação estudantes do último ano.

“(...) sempre fui bastante dinâmica (...)”

Fora do universo escolar tinha um grupo de dança, íamos participando em algumas atividades inclusive até com o município, estava sempre envolvida. Também estava no grupo de teatro daqui de Chaves, fruto um bocadinho do que era o meu gosto na altura e aquilo que eu ambicionava também estudar mais tarde e seguir por isso, sempre fui bastante dinâmica nesse aspeto.

Houve um período que fazia parte do teatro experimental Flaviense até coincidiu com uma altura em que o teatro estava “apagadinho”, mas havia peças com alguma frequência e vinha um encenador de fora, eu cheguei ainda a apanhar uma peça assim. Tinha com colegas de outras escolas, amizades em comum e, decidimos fazer um grupo de dança porque tinha dois colegas que estavam a ter aulas de dança, aquelas brincadeiras de jovens. Decidimos juntar um grupo de dança, aqueles que não tinham aulas aprendiam com os que tinham e aquilo ainda durou do meu 9º até ao 12º ano, foram vários anos.

Eu lembro-me, por exemplo, tinha dias em que tinha aulas o dia todo, eu saía às 18h e ia logo ter os ensaios com o grupo de dança, depois ia a casa comer qualquer coisa e ainda era capaz de ir ao teatro até às 22h. A única coisa que os meus pais diziam era que desde que isto não refletisse nas notas e não baixasse o rendimento, de resto ele apoiavam-me.

“Havia esse incentivo para sairmos (...)”

Dentro do meu núcleo familiar, não éramos muito de irmos passear ao fim de semana ao Porto ou ir ao shopping. Eu não tinha muita perceção da realidade fora de Chaves. Essa realidade que eu ia tendo era sobretudo pela visita de estudo, mas, por outro lado, para mim, Chaves era perfeito nesse aspeto, porque eu não conhecia mais nada, era feliz aqui. Por outro lado, os mais velhos sempre nos diziam: depois vão para a universidade, estudam e depois vão embora. Havia esse incentivo para sairmos e, parecendo que não, isso vai ficando e ainda que eu fosse feliz aqui dentro, daquilo que eu conhecia, eu sabia que a própria vida me ia obrigar a ter que sair.

Não havia mágoa era um conselho, se calhar fruto do próprio conhecimento deles, mas diziam sempre para sair, mas não havia mágoa pelo menos eu não sentia.

O meu grupo de amigos eram pessoas que saíam mais, até com os pais e viajavam. Por acaso nunca falamos sobre isso, eu acho que se sentiam bem porque também estavam envolvidos, como eu, em várias atividades, mas também ouviam isto: Tens de sair, vais lá para fora e tens de sair.

Quando se falava em tradições, na altura, havia muito a ideia de ranchos folclóricos, mas, aqui em Chaves, quem veio dinamizar e inverter um bocadinho as ideias foi a própria academia de artes ao trabalhar muito o tradicional: a gaita-de-foles.

Na minha altura não se explorava isso por isso eu não estava envolvida de todo com a tradição, a tradição para nós era só o rancho folclórico.

Por exemplo da turma que eu tinha no secundário, nós aqui em Chaves temos o curso de enfermagem e não foi assim tanta gente a ir para enfermagem, ou seja, a querer ficar.

“(...) altura de escolher o curso (...)”

Quando foi na altura de escolher o curso, eu queria seguir teatro, mas a minha mãe achava que era um curso com pouca saída então, de certa forma, foi-me dando a conhecer as potencialidades de eu seguir por exemplo comunicação ou jornalismo porque ela dizia que podia ser uma jornalista e estar ligada ao universo da televisão e que podia fazer teatro. Foi essa a lógica e foi nesse sentido que eu escolhi o curso de ciências da comunicação. Na altura eu tinha uma prima mais velha que também tinha estudado ciências da comunicação em Vila Real, ela nem chegou a acabar o curso porque não era muito dada aos estudos. Não sei se, de certa forma, por influência dela ou não, sempre senti que tinha de ir para um centro grande porque se queres estudar comunicação deves ir para o Porto ou Lisboa, mas eu nunca senti piada por Lisboa então acabei por ir para o Porto.

Eu acho que queria sempre sair porque íamos ouvindo isso dos professores até que era a necessidade de sairmos para experienciar outro meio, não estarmos aqui fechados na nossa bolha. Há esta coisa de seguir para o Ensino Superior e podia ficar em Chaves, mas a maior parte foi para o Porto, para Coimbra, um ou outro para Lisboa, mas sobretudo Porto e Coimbra.

Houve esta espécie de empurrão por parte da família, escolher um curso num meio maior, mas eu também poderia ir para Braga, foi muita gente para Coimbra, mas eu disse logo que não queria, não sei, mas a escolher quis ou Porto ou Lisboa. Eu não gostava muito de Lisboa porque ficava muito longe e, por isso, escolhi o Porto. Mesmo que a oferta fosse boa, eu iria sair daqui.

“Eu ao fim de duas semanas já queria trocar de curso (...)”

Entrei em 2009. Estudei no Porto de 2009 até 2012.

Eu ao fim de duas semanas já queria trocar de curso, vir para mais perto, desistir da universidade, a adaptação foi muito má, mas, o que é certo, é que depois acabei por ficar por lá.

Primeiro estava numa casa terrível, nem água tínhamos, estivemos à vontade duas semanas sem água, a casa estava muito suja, tinha muito más condições e eu acho que esse choque inicial abalou um bocadinho. Ainda, sou filha única, sou menina da mamã e do papá e essa distância, de certa forma, foi um choque muito grande. Ainda que eu tivesse uma colega de curso que veio da primária comigo, somos amigas desde essa altura, não era propriamente a minha grande amiga, então senti-me um bocadinho perdida no início.

Eu dividia casa, éramos três, todas de Chaves e sim, íamos mantendo algumas ligações ainda que no meu caso fosse um bocadinho difícil porque o meu curso era isolado da faculdade, não podíamos nos cruzar nos corredores, o meu curso era à parte, então ficava isolada do resto, mas íamos mantendo contacto.

O meu curso estava na zona de Cedofeita, a Coronel Pacheco. Mas está ligado à faculdade de letras e acabei por estudar ciências da comunicação e custou-me a ambientar, mas depois gostei bastante do curso.

O primeiro semestre andei um bocadinho à nora, mas depois fiz rapidamente amizades e ainda mantenho algumas, mas eu diria que o primeiro mês foi duro. A minha mãe chegou a ir para lá duas semanas para estar comigo.

A maior parte dos meus colegas e alguns que até que não faziam parte do meu núcleo de amigos foi para o Porto.

Custou, mas depois fiquei a gostar.

Durante a minha licenciatura, nos três anos, devo ter ficado no Porto três ou quatro fins-de-semana, de resto vinha domingo à noite para aqui e voltava sexta à tarde a casa. Tinha bons horários e conseguia vir logo depois do almoço e passava os fins-de-semana em Chaves.

O meu curso de ciências da comunicação tinha a rádio e o jornal do curso. Eu na rádio cheguei a ter alguns programas com alguns colegas do curso que eram da zona do Porto, não me fechei na bolha de Chaves, envolvi-me com alguns colegas e criamos alguns programas de rádio.

“O projeto antes da Indieror (...)”

O projeto antes da Indieror, já levamos desde os 18 anos, na altura chamava-se Movimento Criar-te por isso, eu vinha aos fins-de-semana, precisamente para manter essa ligação com este grupo que tínhamos e íamos produzindo algumas peças de teatro e ia continuando ligada.

Quando saí de Chaves, para estudar, isto falando até especificamente a nível cultural, estava toda a gente a fazer o mesmo e íamos atropelando-nos uns aos outros e, numa fase antes da Indieror quando ainda estávamos a estudar, tínhamos o tal grupo que era o Movimento Criar-te.

Sentimentos muito apoio, mas agora olhando para trás acho foi uma espécie de favor que fizemos honestamente, porque tínhamos o tal teatro experimental Flaviense, aquele onde eu, nos anos antes, tinha participado, estava quase a fechar, então, de repente, tiveram ali um grupo de 7/8 jovens que chegou lá e quis começar a fazer atividades. Precisávamos de um espaço para apresentar as atividades, mas o dinheiro que fizemos foi para eles, para os ajudar a voltar a erguer o espaço. Foi uma

boa ajuda, mas nós também demos algo em troca por isso, foi uma espécie de negócio que fizemos, mas sentimos logo esse apoio e, acima de tudo, o apoio da própria população de Chaves.

“(...) fiz um estágio na rádio renascença (...)”

O meu curso, no último semestre, tinha um estágio curricular. Eu fiz um estágio na rádio renascença e estive de março até julho e, depois, quando chegou a julho havia a hipótese de ficar, mas disseram que seria, numa primeira fase, uma ajuda de custo muito insignificante. Na altura queria seguir para mestrado, ou seja, iria apanhar um período que estaria a trabalhar na renascença e depois iria para mestrado e era inconcebível para os meus pais pagarem uma casa no Porto então eu decidi não aceitar.

“(...) em setembro entrei no mestrado na Covilhã (...)”

Fui trabalhar para onde trabalhava em jovem e depois em setembro entrei no mestrado na Covilhã. Estava também a trabalhar em Chaves, dava para conciliar. Estava a trabalhar numa caixa de supermercado que era o mesmo trabalho que fui mantendo no verão desde os 18, eu tive este período que dava para alargar e conciliar e então continuei.

A escolha da Covilhã, eu tinha um colega em cinema e eu escolhi mestrado em cinema. Tinha um amigo na licenciatura de cinema que me foi dando algumas dicas sobre Covilhã, que eu ia gostar e que é quase Chaves, um meio pequenino.

No caso da Covilhã era a única escola pública que tinha o mestrado em cinema. Não foi por amor à cidade, honestamente se o Porto tivesse uma oferta a esse nível provavelmente tinha ficado pelo Porto. Fui estudar para a Covilhã, mas aproveitei pouco porque o mestrado era só três dias e sendo que o primeiro dia tinha aulas à tarde, contas feitas eu estava só um dia lá.

A cidade tem outra vida por causa da Universidade, eu pelo menos notei isso, tem uma população bastante idosa, a própria cidade em si, o pequeno comércio, havia ali muitas coisas que me faziam lembrar Chaves, os cafezinhos típicos.

A adaptação foi mais fácil no mestrado na Covilhã. Eu acho que nem notei, tinha a sensação que estava só a deslocar-me de sítio, obviamente que não tinha os amigos lá, mas não foi um choque como foi no Porto.

Eu não fiz tese, acabei por fazer projeto final e fiz uma curta-metragem por isso foi só um ano, o segundo ano foi preparação do projeto. Curiosamente fiz o projeto com a equipa que agora é a Indieror, mantiveram-se os mesmos amigos, mas não divulgamos porque fiz a adaptação de um poema e na altura não conseguimos entrar em contacto com a família do poeta entretanto falecido, o filme chama-se a Invenção do Amor, é a partir de um poema de Daniel Filipe que é a invenção da liberdade. Aquilo foi escrito na altura da ditadura e não conseguimos entrar em contacto com a família do poeta para ter os direitos, para não correr risco, foi uma pena porque foi o último filme do Nuno Melo, antes de morrer, ele fez este filme connosco.

Eu na altura dizia muitas vezes à minha mãe, ainda hoje me faz um bocadinho de confusão, eu tenho amigos que estudaram no Porto ou em Lisboa que agora estão a trabalhar numa caixa de supermercado, nada contra, mas para isso posso trabalhar aqui em Chaves. Eu dizia muitas vezes à minha mãe: se for para eu trabalhar numa caixa de supermercado prefiro trabalhar aqui.

“(...) voltei para Chaves (...)”

Cheguei a julho voltei para Chaves. Eu desde os 18 anos, nas férias de verão, sempre trabalhei.

Houve um período quando terminei o mestrado que continuei a trabalhar aqui em Chaves, mas enviando currículos e cheguei a ir a várias entrevistas, fui ao Porto, Braga, Guimarães, cheguei, mas na minha área, sempre na minha área.

A ideia seria sempre sair, mas ao mesmo tempo ia mantendo esta ligação com a Indieror ainda que não tivesse formalizada dessa forma e as coisas iam crescendo paralelamente até que houve a necessidade de escolher e obviamente que, da parte da minha mãe, ela não entendia muito bem, estávamos a pegar num projeto que não sabíamos como ia correr, foi um risco que tomamos. Eu disse à minha mãe que ainda era muito nova, mas já acreditava que podia fazer a diferença aqui e foi essa decisão que me fez ficar por aqui. Mas sim, houve um período que estava a tentar sair.

Eu não tomei a decisão de ficar em Chaves, eu fui ficando, mas tentei ao máximo não me acomodar e eu tinha noção que cresci aqui e vi as falhas nesta cidade e eu sempre pensava, sou uma pessoa que saiu, viu o mundo há sua maneira, vi a ilha de fora, formei-me e acho que agora posso aplicar, posso acrescentar algo a esta cidade e o trabalho com a Indieror é um bocadinho esse, acrescentar algo.

“(...) tive uma proposta de trabalho aqui na cidade (...)”

Tenho 31 anos. Voltei em junho deste ano. Eu estive fora durante 3 anos, e voltei, ou seja, estava em Chaves e colaborava com a Indieror, mas, em 2019, tive uma

proposta de trabalho aqui na cidade e fui trabalhar como assessora da direção num centro de investigação.

A minha mãe, sendo eu filha única, acho que está felicíssima, estive três anos a trabalhar, estava com contrato sem termo a receber muito mais do que agora, mas o que é certo eu só me sentia bem na Indieror, acabei por me despedir e acabar por vir para aqui e foi um choque no início para a minha mãe, mas ela rapidamente percebeu que a minha missão é esta.

Quem não viajou tanto por assim dizer foi o Tiago porque ficou pela licenciatura na zona de Vila Real. Mas, o Diogo chegou a trabalhar fora como professor e depois regressou a Chaves. Obviamente que tentamos na nossa área encontrar algo lá fora, não deu, então vamos tentar fazer algo diferente aqui em Chaves.

Houve ali três anos que o Diogo e o Tiago ainda que, com alguns colegas, estavam ali um bocadinho a conduzir o barco, só os dois. Nós dizemos muito isso, no início era aquela coisa de, vamos só ficar mais um ano e ver como corre, isto até está a rolar, mas agora é mesmo uma sensação de missão, temos o projeto.

A Indieror quando chegou, ainda que houvesse esta referência da atividade que íamos fazendo quando éramos mais novos, acabou também de certa forma por chocar algumas pessoas porque invertemos ali o rumo e, por isso, é que começamos a trabalhar para o nicho, a fazer concertos porque sentimos também a adesão desse próprio nicho. Queríamos fazer coisas diferentes e acrescentar algo.

“Quando foi o momento de criar a Indieror (...)”

Quando foi o momento de criar a Indieror obviamente que o apoio do município, foi um apoio financeiro, que depois se refletiu no facto de eles também nos terem apoiado com um espaço para ser a nossa sede e o nosso escritório, obviamente que isso ajudou, foi uma espécie de almofada para este risco que decidimos tomar.

O projeto está enraizado aqui na cidade e já há tantas dependências, positivas, mas já há tantas dependências que eu, honestamente, estou dentro e gostava que tivéssemos alguém de fora, que nos chamasse um bocadinho há atenção, eu não consigo imaginar a cidade sem a Indieror, sem as dinâmicas que a Indieror vai criando no povo mais jovem, seja com workshops que vamos fazendo, ateliers artísticos que vamos desenvolvendo.

O município já nos procura para muita coisa e estamos neste momento a alargar o trabalho para fora do concelho, o que significa que a máquina está a crescer e eu neste momento sinto que, e falamos os três sobre isso, é uma espécie de missão que temos.

Nós somos os três produtores culturais e temos aqui um trabalho muito presente. A minha licenciatura é em ciências da comunicação, mas depois eu escolhi a especialização de multimédia e sempre desenvolvi atividade na área do vídeo por isso o meu contributo na associação para além de ser sobretudo o vídeo é a parte da comunicação, a gestão das redes.

“(...) se não fossemos nós haveria aqui uma falha enorme a nível de oferta cultural (...)”

Hoje acho que reconhecem que realmente em certos aspetos se não fossemos nós haveria aqui uma falha enorme a nível de oferta cultural. Já nos disseram que temos qualidade, sobretudo no que toca à música. Também já disseram: ‘eu não conheço o artista, mas se tiver o vosso nome por baixo vou gostar’. O mesmo em relação às peças de teatro, por exemplo. Eu acho que acaba por haver um selo de qualidade naquilo que fazemos e acho que as pessoas hoje reconhecem isso, também já são 8 anos como Indieror.

“(...) está a ser muito difícil chegar à população mais jovem.”

Nós trabalhamos sobretudo para essa camada mais jovem, mas curiosamente é a mais difícil de alcançar, o nosso público é maioritariamente nos seus 40 anos para cima e temos muitos reformados que vão a concertos e está a ser muito difícil chegar à população mais jovem. Na parte da apresentação dos espetáculos, estamos a tentar perceber qual é o horário, não sei porquê, quando são concertos há noite, espetáculos à noite, não temos população jovem, mas se o espetáculo for à tarde, os jovens já preferem ir, estamos a apalpar terreno para perceber.

Ainda que tenhamos algum cuidado com o preço que damos aos bilhetes, acho que a disponibilidade financeira acaba por ter um peso bastante grande e depois nós trabalhamos maioritariamente música e a população mais nova tem uns gostos peculiares, que não tem esta predisposição de ir à descoberta é isso que estamos a sentir.

Agora ouço muito mais música folk do que ouvia na altura e vejo miúdos mais novos que eu, a interessarem-se por um curso de gaita-de-foles e não é visto como algo parolo, ou seja, entendemos que faz parte da nossa identidade. Conseguimos até conectarmos a outros povos por exemplo, conseguimos identificar que há aqui muitas ligações até com a Irlanda, temos muitas parecenças.

Acabamos por ter mais jovens quando fazemos, por exemplo, peças de teatro, porque tentamos envolver um público mais novo, e vão por arrasto porque está lá um amigo, mas depois gostam, é positivo. Mas na parte dos concertos é bastante difícil.

“(...) sensação de missão (...)”

Eu acho que é um bocadinho romântico, é esta é esta sensação de missão que temos. Toda a gente à nossa volta, mas honestamente não gosto muito de pensar isso, amigos e família vão sempre falar bem, mas nunca ninguém nos apontou o dedo ou fez questionar o porquê, eles entendem.

Eu não sei se por estar mais envolvida nesta nestas dinâmicas, se temos ou não uma perceção diferente, mas há cada vez mais apoios para a criação dos primeiros negócios, quer dizer, só quem não vai à procura é que não encontra, temos de ser um bocadinho proactivos, mas há realmente muitos apoios, sobretudo nestas zonas onde não há nada.

“(...) associação muito interessante que trabalha aspetos ambientais (...)”

Aqui em Chaves temos uma associação muito interessante que trabalha aspetos ambientais que é a Inspira e, traz até Chaves, no seguimento do intercâmbio do Erasmus +, jovens para estar aqui uma semana e, a Indieror foi convidada para dar a conhecer a sua atividade. O projeto era empreendedorismo. O projeto deles tinha de apresentar vários projetos que, caso eles ficassem em Chaves, pudessem ser aplicados aqui na cidade. O que é que falta aqui na cidade? O que posso acrescentar? Não é olhar para o vizinho, que está a ter sucesso e vou replicar, não. Temos de tentar acrescentar e fazer algo diferente.

Para pessoas que querem voltar eu acho que sim, é olhar para o território, ver o que falta e ver o que posso acrescentar e depois precisamos de uma almofada, ainda para mais nos tempos que correm, um apoio financeiro faz toda a diferença.

“Esta região tem apoios aos pontapés.”

Esta região tem apoios aos pontapés. Temos de ter paciência por causa de toda a burocracia e irmos procurar e solidificar um projeto para aplicar. Aliás nós comentamos isso com muitos colegas que querem voltar. Sobre tudo depois da pandemia houve muita gente a querer voltar, mesmo na área da saúde, que se pudessem vinham para aqui. Até teriam as próprias clínicas. Há muitos jovens da minha geração a querer voltar e a querer contribuir positivamente para a região.

“(...) a área da restauração tem crescido bastante (...)”

Aqui em Chaves a área da restauração tem crescido bastante, mais do que serem projetos diferentes eu acho que devem ser enaltecidos, porque são pessoas novas nos seus 30 e poucos anos que decidiram agora abrir um restaurante diferente, não é mais do mesmo, do tradicional aqui em Chaves, pode pagar-se mais um bocadinho, mas é toda a envolvência do restaurante que é diferente e acaba por também marcar a diferença dessa forma.

Depois o turismo, na nossa região, vive sobretudo disso por causa das termas, mas também tem crescido bastante, têm surgido projetos sobretudo na restauração.

Eu sinto que conheço algumas pessoas com estas condições, sobretudo com isto do teletrabalho, alguns assumiram o teletrabalho, falta encaixar um espaço de co-working, acho que existe um espaço, mas nunca saiu do papel, o que há não oferece condições por aí além. Mas não está a ter a adesão que merecia e não há falta de pessoal interessado, o município poderia estar mais alerta em relação a esses aspetos, por exemplo.

Narrativa Liliana

“(...) estava muito ligada com a comunidade, conhecemos muita gente”

Sou de Vila de Pune e foi lá que a minha ligação à música começou exatamente com o projeto. Eu comecei a frequentar a banda nos Escuteiros de Barroselas tinha 12 anos mais ou menos. Comecei a frequentar a banda e na altura tocava um instrumento diferente do agora. Por causa disso, estava muito ligada com a comunidade, conhecemos muita gente, vamos a muitos sítios, criamos ligação com o grupo. Acredito que traz muitas vantagens a nível da socialização. Ainda, para mim, mais a nível musical também porque deixei de ser amadora e me tornei profissional. Ainda me permitiu conhecer novos sítios.

Viana tem muito presente e valorizavam muito a música. Eu comecei na banda depois, quando fui para a Escola Profissional de música, andei por teatros como o Teatro Sá de Miranda entre outros sítios. Havia sempre concertos. Eu fazia muitos concertos em vários teatros. A câmara também procurava estar presente e, por isso, a mesma e a comunidade, ou seja, as pessoas que gostavam da música, também iam a esses concertos. Por acaso temos a sorte de ter uma escola profissional que organizava tudo porque a câmara tinha dificuldade em gerir musicais.

“Quando era estudante em Viana”

Quando era estudante em Viana nós não tínhamos muita liberdade porque na juventude entrávamos todos os dias às 8h00 e saímos às 18h15. Íamos para casa estudar o instrumento e eu não sabia o que se passava na altura assim como o tipo de coisas que havia disponíveis porque vivemos um bocadinho no nosso mundo.

Na minha escola, havia muitos defeitos tínhamos aquele mundo muito fechado da música, mas procurávamos trazer essa música às pessoas [comunidade]. Trazíamos música clássica, fazíamos sempre algumas coisas que saísse fora da caixa por exemplo, eu lembro-me de fazer recitais que era um momento superimportante para nós porque era feito no Paços do Concelho. Chegamos a fazer momentos musicais ao ar livre na Praça da República. Eu acho que nos tentavam envolver sempre na comunidade a nível musical, é a minha perspetiva. De resto, por exemplo, as nossas visitas de estudo para conhecer outros sítios como monumentos não havia porque as nossas visitas eram a concertos. Outro tipo de coisas, lembro-me também que fizemos o Flashmob no shopping em Viana, para tentar envolver toda a gente, assim umas atividades engraçadas para envolver as pessoas.

Mas nem tudo é mau, por exemplo, eu participei nas férias do ATL da câmara, no verão, e achei muito importante e interessante, as atividades que eles dinamizarão e disponibilizaram para os miúdos. Nem todos tinham o direito a participar em todas as atividades por causa da idade. Eu fiquei com miúdos de 6 anos, os mais pequeninos, e eles não fizeram nem surf, nem kart, mas andamos de barco, fomos ao remo, foi muito giro para eles e gostaram muito. Também fomos jogar voleibol e tiveram aulas de natação.

“Lembro-me que no verão (...)”

Acredito que ela tem muitas capacidades não só a nível turístico, mas depois falta a parte da diversidade e da diversão. Lembro-me que no verão, a orquestra do Alto Minho, ainda não fazia parte, ia só como espectadora, fizeram uns concertos solidários, ou seja, ao meio-dia alguém ia tocar, a

orquestra convidava e os músicos disponibilizaram-se para vir, era muito giro. Havia vários concertos a acontecer pela cidade durante o dia.

Os concertos eram solidários e eram para jovens terem bolsas, para irem para o ensino superior, ou seja, a angariação do dinheiro que se fez nesses concertos serviu e ajudou que os jovens tivessem ajuda ao ingressar no ensino superior e isso ajudou, também a dinamizar um bocado a cidade. Pelo menos eu sei que minimizou. Eu vi gente a vir de Castelo Branco por exemplo do Porto, de longe para vir tocar a Viana e isso faz com que Viana seja falada, que aconteça coisas em Viana.

“(...) eu fui para Castelo Branco (...) A minha escolha não foi por ninguém, mas por uma paixão minha.”

Na música nós escolhemos os professores não é escola, ou seja, eu fui para Castelo Branco porque o meu professor que leciona o meu instrumento que é o Obué*, é uma pessoa que eu admiro e nós vamos em busca dos nossos professores. Eu posso gostar muito da escola de Aveiro, mas se o professor do meu instrumento que está lá, não vai completar aquilo que eu preciso, vou para outra escola. Nunca é muito em busca da escola, mas sim dos professores daí eu ter ido parar a Castelo Branco.

Em Viana não existe universidade de música há poucas também em Portugal inteiro há em Braga, Porto, Castelo Branco, Aveiro, Lisboa e em Évora, mas também é mais pequena. Mas não há assim muitas e Viana está fora de questão.

A minha escolha não foi por ninguém, mas por uma paixão minha. Mas acontece que quando vamos para a escola profissional de música deixas de ter muita noção do que se passa à nossa volta e eu senti isso.

Aqueles que estão em humanidades vão para humanidades agora a nossa vida, nós não pensamos nisso, nós temos as nossas disciplinas de base, mas não temos a noção, ficamos um bocadinho à parte e quando chega a altura, no 12º ano e temos de escolher para onde vamos, é complicado.

No mundo da música há pouca opção. Ou melhor, não me mostraram as opções que tinha. Eu não tinha noção de quantos cursos existiam porque eu não tinha a mínima noção, ninguém me disse nada. Ficamos assim um bocado perdidos, mas, também, é normal, estava numa escola de música e faz sentido estarmos na música. Chegando ao final, podes desistir e fazes outra coisa qualquer, não sei quais são as outras opções, porque nós fazemos o exame de inglês e português e depois temos também o exame de história das Artes. Portanto o que nos leva a entrar na universidade é o português.

Eu decidi que ia seguir música, não tive pressão, os meus pais nunca me disseram que eu tinha que entrar para o ensino superior ou universidade. Há sim, alguma pressão por parte dos professores para que nós continuemos. Eles preparam-nos para passarmos para a próxima etapa e a próxima etapa é a universidade. Sei que existe a pressão para nós em ir para universidade. Quando me perguntas se foi fácil ou não, na música não é por médias, mas sim pela prática e sorte. No momento da prova nós chegamos lá e se houver 50 pessoas para 2 vagas entra só duas pessoas, ou seja, quem tiver melhor na prova, naquele momento é que entra. Eu entrei em Castelo Branco e tirei a licenciatura e mestrado.

“Viana é uma cidade bonita, mas depois tem aquele entrave que não acontece muita coisa”

Eu por exemplo noto que nós vianenses têm um orgulho na cidade. Quando fui estudar em Castelo Branco, que é um sítio completamente diferente de Viana, estudei com muitos vianenses que eu já conhecia e uma coisa que me disseram quando eu cheguei lá foi que nós [vianenses] falávamos de uma maneira que uma pessoa ficava com muita vontade de ir para Viana isto porque falamos mesmo com orgulho e coração não só pelas tradições, mas por tudo.

Viana é uma cidade bonita, mas depois tem aquele entrave que não acontece muita coisa, não há muita dinâmica e esse é o problema desta região, a falta de dinâmica. Ainda, é uma cidade que tem tudo, não há muita confusão para se viver e é espetacular, há trabalho, mas, depois, há pouca dinâmica, por exemplo, uma pessoa vai passear ao fim de semana em Viana e não está a acontecer nada.

Acredito que quem é vianense quer ser sempre vianense, pelo menos as pessoas que eu conheço e eu tenho a mesma opinião. Eu sou do ramo da música e infelizmente este tipo de área não me permite permanecer sempre em Viana.

“Tenho muito orgulho na minha terra e sentia a necessidade da natureza, estava completamente perdida.”

Quanto à minha experiência, para mim esta parte é mais fácil, eu odiava estar lá, não havia mar nem havia monte. Adorava vir cá a Viana. Tenho muito orgulho na minha terra e sentia a necessidade da natureza, estava completamente perdida. Era realmente muito ligada a Viana, a minha região. Não gostei da experiência desde o início.

Viana estava envolvida no desporto, temos o Desporto Náutico e eu gostava de ir assistir e em Castelo Branco não acontece nada, é péssimo, não acontece mesmo nada. E depois é assim, como não gostava, eu tentava vir a casa todos os fins-de-semana.

Agora eu digo-te que de Viana a Castelo Branco são 6 horas de autocarro, é muito tempo e para a minha sanidade mental não deu para continuar a fazer isso. Eu cheguei a metade do primeiro ano e tive que desistir e, por isso, comecei a ir de 15 em 15 dias. Eu não conseguia ler ou jogar porque ficava enjoada então, se eu não conseguia dormir era horrível a viagem, ficava 6 horas acordada sem nada para fazer, era péssimo e era muito cansativo. Estava tão exausta que depois o fim-de-semana passava a correr e não compensava, passava muito rápido.

“Eu comecei a fazer parte da Orquestra Jovens de Castelo Branco”

Eu comecei a fazer parte da Orquestra Jovens de Castelo Branco. Também na altura havia fins-de-semana que não podia vir porque tinha ensaios e concertos. Havia alturas do ano que tinha estágio da orquestra da minha universidade e não conseguia vir a casa, mas vinha com bastante frequência.

Eu regresssei e o regresso não foi fácil. Foi por causa da pandemia e como o meu curso é muito prático foi difícil. Tenho as aulas online e, por isso, não fazia sentido eu estar a pagar casa em Castelo Branco e devido a isso decidi ficar cá em Viana, na casa dos meus pais. Isto aconteceu no meu primeiro ano do mestrado e depois o resto do ano ficou também a ser online. Eu não sentia a necessidade de continuar lá, penso que fui a Castelo Branco para ter uma aula do instrumento, para ver se estava tudo bem, mas continuei sempre cá e não ia Castelo Branco.

No segundo ano do mestrado, tive aulas práticas presenciais, no primeiro semestre, mas tinha estágio. Decidi estagiar em Esposende, na escola de música de Esposende, por isso, eu vim para o norte e nunca mais fui para Castelo Branco, continuei as minhas aulas online e enviava os trabalhos online. Nunca mais fui às aulas presenciais, não fazia sentido, fazer tantas viagens e, acabei por ficar e, quando acabei o mestrado, na altura em que fiz a tese, arranjei um trabalho e dava algumas aulas às terças e ao sábado.

De momento, eu estou mais aqui do que lá então decidi acabar o mestrado cá. O meu objetivo, quando acabasse o mestrado, não era ficar lá, eu queria voltar. Se agora surgir uma oportunidade de emprego noutro sítio, como é muito início da minha carreira, eu tenho que ir, mas pretendo e gostava de ficar cá e continuar cá. Não quero ir muito para baixo do Porto, mas se tiver de ser, vou, mas quero ficar cá.

“(…) também faço parte de um projeto que ainda está no início que é a orquestra do Alto Minho.”

Eu também faço parte de um projeto que ainda está no início que é a orquestra do Alto Minho. A orquestra tem como objetivo fazer músicos não só do Alto Minho, mas sim os músicos portugueses. Evitar que os mesmos saiam do país para o estrangeiro à procura de empregos e de novos postos de trabalho. O objetivo da orquestra passa pela integração dos alunos para que estes acabem de estudar e não terem de ir procurar lá fora oportunidades de trabalho. No entanto, esta Orquestra ainda está no início, mas dá essa oportunidade aos nossos estudantes no distrito de Viana do Castelo. Ainda, os jovens que já frequentam esta Orquestra, no verão, vamos fazer um estágio internacional, vai ter e envolver muita gente o que vai também trazer pessoas e jovens aqui para o norte.

Tenho mais noção de coisas que podem ser melhoradas agora que eu estou ligada à música e à Orquestra. Outra curiosidade sobre mim é que também já sou professora. Os miúdos não têm a informação, é só desporto e o resto da cultura está assim um bocado esquecida. Lembro-me que, quando estudava música na escola e era amadora andava lá imensa gente, mas agora é diferente.

Em relação a proporcionar estes momentos musicais também é um bocado difícil por causa das câmaras. É sempre um jogo de interesses, têm a ver com dinheiro. No Distrito de Viana, nós por exemplo, tentamos fazer momentos musicais porque o núcleo vive em Viana, mas os outros sítios já não querem participar porque tem que ter algum benefício, se não já não querem saber.

Acredito que haja ofertas de emprego e oportunidades para os jovens que vivem em Viana, no entanto, na música é mais complicado porque é uma coisa muito restrita. Temos a orquestra, os músicos da orquestra, depois há professores de música, em Viana não há muito mais. Depois temos o profissional em Ponte de Lima, Caminha que também tem aquela ligação a Viana há poucas, mas ainda existe.

Eu também tenho muitos amigos que estão no estrangeiro, na Orquestra, porque lá tem mais oportunidades por isso, querem continuar lá fora, mas, como sítio para viver, gostavam que fosse Viana, eles gostariam de voltar para Viana se tivessem essa possibilidade, essa oportunidade. Quando já forem velhinhos eles tencionam voltar. Eu sinto que agora está a crescer no sentido de haver mais jovens. Já não sinto aquela ideia de uma região idosa. Também acho que, agora, apesar de Viana não ser uma grande cidade, acontece que as pessoas podem trabalhar fora, nas periferias, mas continuam a viver em Viana, não se importam de fazer uma viagem e ficar lá e viver pela qualidade de vida.

“(...) esquecer-me que Viana é uma cidade académica porque de facto, há pouca dinâmica, não há informação”

Uma coisa que eu também gostava de realçar que me leva a pensar e que é algo menos bom em Viana é o facto de esquecer-me que Viana é uma cidade académica porque de facto, há pouca dinâmica, não há informação e isso se calhar também pode ter a ver com o facto de o politécnico também não ser muito bem-visto às vezes pelas pessoas ou como opção.

Eu estudei num Politécnico, o de Castelo Branco. E, aqui em Viana, não há muito ainda essa ideia ou essa perspetiva de que é uma opção. Eu acho que há pessoas que têm cursos aqui em Viana que vão fazer fora, mas que existem cá e era importante dinamizar mais esta questão.

Eu acho que depende das áreas, mas eu acredito que esteja a construir-se mais oportunidades para os jovens. Pelo menos, eu vejo as coisas nesse sentido. É claro que precisa de um grande salto até porque, nenhum jovem quer ficar na cidade assim. Por exemplo, no domingo à noite está tudo fechado em Viana. Há segunda-feira, queres ir beber um café, está tudo fechado, não existe nada. Acredito que isto pesa na vida e nas decisões das pessoas jovens.

Um dia mais tarde, para quem quer viver aqui, há muito a ideia das tradições, mas não há propriamente dinâmica na cidade. Há a grande Romaria, mas depois de passar a festa acabou tudo. Relativamente ao desporto, temos o Desporto Náutico, mas não somos isso tudo e eu acho que há pouca divulgação das coisas. Por exemplo, podia haver uma competição e acredita que eu ia ver logo, mas não há divulgação sobre coisas do que vai existir. Se vai haver uma prova aqui, deviam chamar as pessoas e claro, os miúdos que até querem entrar no desporto nem tem a oportunidade de conhecer.

“(...) agora, vejo projetos, vejo gente jovem a levar alguma coisa avante.”

Na minha opinião, havia pouca vontade antigamente para fazer mais, mas, agora, vejo projetos, vejo gente jovem a levar alguma coisa avante. Por exemplo, eu tenho uns amigos que têm um projeto. São três amigos e só fazem concertos. Mas, são concertos muito didáticos, é para levar um bocado da música contemporânea a ser conhecida e desmistificar que este tipo de música não é só barulho e que faz sentido.

Eles estão a tentar mudar as ideias da população e têm muito trabalho, mas tem conseguido, tem-se esforçado muito para se fazerem ouvir. Já é um projeto com bastante tempo e é muito interessante, eu por acaso já tive oportunidade de ir ver um concerto e foi muito engraçado.

Narrativa Sara

“(...) sempre fui uma criança muito ligada à natureza e à agricultura”

Para começar eu não fui para a creche, eu entrei logo no infantário. De seguida, ainda durante a infância, sempre fui uma criança muito ligada à natureza e à agricultura, porque os meus pais e os meus avós tinham uma exploração agrícola, então sempre fui ligada à atividade agrícola, mas sempre na base do contacto com a Natureza.

Fui para a escola primária em Vila de Punhe. Sempre fui uma criança que nunca dei muitos problemas aos meus pais, era tranquila. Não me metia em grandes confusões, também acho que por aí não tenho que referir assim nada de relevante. A nível de infância, aos 13 anos, fui para o externato das Neves, em Mujães. Fiz do 5º ao 9º ano no externato e por volta dos 15 anos ingressei na banda de música. Ainda estou atualmente. Já lá vão cerca de 16 anos. Sempre fui uma miúda interessada por música porque no 7º ano, tínhamos de escolher, ou artes ou música e fui para a área da música. Na altura fiquei na dúvida se poderia ir até à escola de música, mas achei melhor não arriscar logo.

“(...) fui para o externato não havia grandes atividades aqui nas associações próximas”

Por volta dos 10/13 anos, quando fui para o externato não havia grandes atividades aqui nas associações próximas, acho que ao longo dos tempos se fomentou algum tipo de atividades, mas eu recorde-me que na minha altura não achava nada interessante, ou até por falta de oferta e quando conheci a banda, por tocar aqui nas romarias próximas, é que me despertou o interesse e pedi aos meus pais que gostava de ir aprender um instrumento.

Na escola eu passei por duas fases. Onde eu morava, havia um grupo enorme que se reunia e íamos juntos para a escola e depois regressávamos. Eu na altura, na escola, fui vítima de bullying, nas aulas de educação física. Eu tinha excesso de peso e, entretanto, cresci e as coisas foram-se atenuando, mas na altura os meninos eram mauzinhos e senti, sobretudo, nas aulas de educação física. Mas sempre fui uma aluna mediana e dava-me com os meus colegas. Passando este tipo de situação de discriminação houve ali algumas inseguranças que foram surgindo, mas depois com o passar do tempo as limei totalmente e a política veio ajudar-me a limar esta situação.

“(...) experimentei o clarinete e não quis mais nenhum instrumento (...) queria aprender um instrumento”

Insisti com os meus pais que queria aprender um instrumento, queria a flauta transversal, mas depois de experimentar, não gostei e, então, a partir daí, experimentei o clarinete e não quis mais nenhum instrumento. Na banda davam-nos oportunidades de experimentar vários instrumentos. Na banda havia a componente teórica da formação musical, uma escola de música associada à banda e só depois quando os alunos estivessem minimamente preparados é que ingressariam na banda e quando a formação musical estivesse ali. Quando tínhamos algum tipo de capacidade o maestro dava-nos a aprender o instrumento e eu desde muito cedo disse que queria clarinete, não experimentei mais nada.

E na banda, no fundo, os amigos que fiz, ainda hoje somos muito amigos. Obviamente que com o passar dos anos a minha geração vai saindo mais ou menos. Noto mais a nível de mulheres. Sou a mulher mais velha da banda, neste momento.

“A escola deu-me a vontade de aprender música (...)”

A escola deu-me a vontade de aprender música porque o facto de experimentar um instrumento musical foi a escola que também me incentivou. Lembro-me que tirava 5 a tudo e também foi uma forma de chamar para a banda. O ensino virado às artes é extremamente importante, até para fomentar aquilo que é a criatividade, a concentração, de nos tornarmos mais autónomos, disciplina, muita disciplina. A banda trouxe essa parte, o rigor, a disciplina, o não falhar, o rigor desde uma questão de horários até uma questão de fardamento e a escola neste sentido foi um veículo transmissor para o meio associativo.

Entreí no atletismo em Viana, no clube Vianense. Depois de sair do externato, fui para a ETAP em Caminha e foi na altura em que emagreci bastante, tive um problema numa festa em que tive uma gastroenterite e estive internada e emagreci bastante e na altura cresci muito. Já na escola era

muito alta em relação aos meus colegas. A nível de exercício tinha mais alguma facilidade do que tinha no externato.

Fui crescendo, ganhei mais destreza física e interessou-me o atletismo. E porque uma amiga minha, na minha turma do externato, praticava muito exercício e também atletismo. Como éramos muito amigas, eu quis experimentar. Eu tive algum tempo até ir para a faculdade.

Eu na altura não tive acesso a rigorosamente nada, ou seja, falávamos já na ETAP, por volta dos 16 anos, nas aulas que não eram filosofia, mas idêntico, sempre tive de me questionar o porquê de algumas coisas. A informação não chegava, eu absorvia e questionava. Hoje considero fundamental, desde as camadas mais jovens por volta ali do 5º ano, os miúdos terem perceção do porquê de estarmos aqui. Temos uma palavra a dizer, é extremamente importante.

Na fase inicial ainda era muito a medo, mas com o passar do tempo, dos anos, neste momento já faz 11 anos que estou ligada diretamente à política. Passei por tudo, desde militante base, estou à frente da estrutura aqui do Centro de Viana e foi um crescimento.

Quando entrei era uma miúda insegura, tinha muito medo de falar em público e aqui veio-me trazer um conjunto de competência e de valores que acho que hoje são fundamentais para aquilo que eu também sou. No sentido de eu não me acanho de dar a minha opinião, obviamente de uma forma mais contida e a forma como comunicamos é fundamental, a forma como a comunicamos, mas vieram-me trazer aqui muitas coisas que hoje sou.

“(...) vou para uma escola profissional a ETAP (...)”

Depois do externato, saio aos 13/14 anos e vou para uma escola profissional a ETAP, porque, na altura, por volta dos 14 anos já sabia que queria ser engenheira civil porque eu sempre adorei a construção de legos, nunca fui uma miúda ligada a bonecas. Sempre fui uma miúda muito dos legos, da parte mais radical da coisa, aquilo construído. Sempre tive muito interesse.

Na ETAP um curso profissional, tem no programa educativo, no 11º ano e no 12º ano, estágio e eu senti logo no primeiro estágio, no 11º, tinha por volta dos 16 anos, senti que era muito importante o mercado de trabalho para me dar algumas ferramentas. Eu aprendi muito, numa fase inicial no 11º ano, 6 meses de estágio e depois no 12º ano também 6 meses de estágio. Eu estagiei no 11º ano numa empresa de construção civil em Barcelos, aqui mesmo ao lado e no 12º ano foi numa empresa de prestadora de serviços e higiene e segurança no trabalho.

Eu decidi na altura, falei com o meu orientador de curso que gostava de experimentar uma fase interna e uma fase de prestadora de serviços para tentar perceber a diferença entre as duas e foi fundamental estes dois contactos. Na altura sentia-me demasiado jovem, mas nunca tive algum tipo de questão de discriminação atendendo que o mundo da construção civil ainda 98% são homens, mas sempre fui muito de: ‘eu preciso de tentar perceber que é isto que eu gosto antes de entrar no ensino superior’.

O Ensino profissional foi fundamental, desde muito cedo foi me dando esses feedbacks. Eu já tinha ideia de que queria ser engenheira civil, mas deram-me bases firmes em direção àquilo.

Estagiei 2 anos na ETAP.

“(...) tirei um CET de construção civil e obras públicas (...)”

Depois da ETAP tirei um CET de construção civil e obras públicas porque sentia que, ir para a universidade, sem aquelas bases primordiais, achei que era melhor tirar um CET. Senti que tirando o CET ia mais bem preparada. Fui para um CET de higiene e segurança no trabalho em Caminha, com 14 anos. Implicou logo andar de comboio muito cedo, ia no comboio das 7h da manhã, desde casa dos meus pais, até ao fundo das Neves, onde era o apeadeiro, a pé. Só quando chovia torrencialmente é que o meu avô me dava boleia. Fiz este percurso durante 3 anos.

No CET tive logo o primeiro contacto com o mundo do trabalho. Para terminar o CET é necessário um estágio final e neste caso fui para a câmara municipal de Viana. Eu na altura tinha uma professora com um contacto direto e a câmara recebia estagiários do curso especialização tecnológica e fui experimentar na parte da fiscalização, algo diferente do que eu tinha feito até ao momento. Fui passando desde a obra, prestação de serviços, agora uma parte mais pública: a fiscalização.

Por volta dos 16 anos, fui para o atletismo. Aqui também em Viana. E comecei a desenvolver muito interesse por motas, tirei a carta de condução de motas também aos 16 anos, não sei como é que os meus pais me deixaram.

“Tornei-me dadora de sangue aos 18 anos e virei-me para o mundo da política.”

Tornei-me dadora de sangue aos 18 anos e virei-me para o mundo da política. Interessava-me muito a parte da política, o meu avô foi uma pessoa que na juventude dele e vinha de famílias muito pobres que sofreram muito com o regime salazarista e como eu cresci também com os meus avós, interessou-me desde muito cedo a luta pela igualdade, os direitos...

Como as coisas foram correndo bem, eu decidi que queria ir para a faculdade. Os meus pais sempre disseram que era fundamental, tanto a mim e à minha irmã, a educação, a formação nas mais variadas vertentes. Fui para a faculdade. Terminado o CET fui para a faculdade.

Na altura, aconselhei-me com pessoas ligadas na construção civil e disseram-me que se calhar o curso no ISEP me daria mais bases. Se fosse hoje, as coisas andam ela por ela, o ensino, entretanto evoluiu imenso. Antigamente havia aquela ideia de que indo para fora teria mais oportunidades. Quando falavam do curso, falavam obrigatoriamente no mercado de trabalho, ou seja, quando saísse, as oportunidades no Porto eram maiores e até acabaria por ficar por lá. Eu confesso que quando fui, sempre pensei que ficaria no Porto.

“Fui para o ISEP no Porto.”

Foi uma experiência agriçoce. Fui para o ISEP no Porto. Os primeiros tempos foram extremamente duros.

Quando fui para o ISEP, houve uma crise brutal de engenharia civil em Portugal. Basicamente a comunicação social, na altura, tinha haver com o governo, a engenharia civil, dois anos antes de eu entrar para o ISEP, havia 200 e tal inscritos no curso, no ano antes da minha entrada, houve 50 e tal inscritos, um número quase ali nos 60 e no ano em que eu entro éramos 10 alunos, eu era a única rapariga do curso. Foi extremamente difícil porque eu sempre fui muito ligada à minha família. A minha família sempre foi muito pequena, do lado da minha mãe, não tem irmãos e o meu pai só tem um. É uma família muito pequenina e quando eu vou para o Ensino Superior foi um embate brutal porque sentia-me muito sozinha.

Eu fui morar no primeiro ano com duas pessoas que já conhecia, que estavam na banda, os meus amigos, não conhecia mais ninguém, estava no Porto. Mas como a casa era tão longe do ISEP, ficava na Rua da Alegria, e muitas vezes tinha de vir no último metro e condicionou-me imenso. Decidi mudar-me mais para a zona do São João, era mais fácil para mim. Não tinha de andar de transportes. Nem eram os meios de transporte, mas a facilidade porque eu ficava muitas vezes a estudar na faculdade até muito tarde e depois o último metro era à 1h da manhã e condicionava-me um bocadinho a nível de horários. Eu não ia de carro para o Porto ia de transportes públicos e nesse aspeto condicionou-me um bocado. Os meus colegas eram incansáveis, eram só rapazes.

Eu sempre fui uma miúda de ter muitos amigos homens, desde sempre. Ainda hoje os meus melhores amigos são homens, tenho obviamente melhores amigas mulheres, mas eles foram fundamentais para me tentarem incluir. Mas foi difícil.

Depois eu tentei a praxe. Eu terminei a praxe, mas foi extremamente dura porque era a única mulher, ser caloiria e depois ser praxada pelas mais velhas e depois era uma caloiria que, na altura o curso de mecânica enchia por minha causa porque tinha uma voz pujante e não foi fácil. Sair daqui e ir para o Porto foi um choque brutal.

Fui para o andebol e para a tuna. Na faculdade arranji métodos para me tentar integrar noutras coisas. Como os meus amigos eram rapazes, eu mais tarde, com o andebol e com a tuna, fiz amigas mulheres. Apesar de me sentir bem com eles sentia alguma necessidade de experimentar. Na altura tocava clarinete, e toquei clarinete na tuna. Depois surge o convite na associação de estudantes. Eu fiz parte da associação de estudantes durante os 3 anos que estive lá.

Sempre gostei do curso, sinto que se calhar era muito mais teórico do que aquilo que eu estava à espera. Tinha amigos de outras faculdades e, se calhar havia cursos mais práticos. O curso aqui em Viana é ligeiramente mais prático, comparada com um politécnico do Porto. Mas sempre gostei. Quem

vem de um ensino superior, de um CET e depois esbarrar diretamente com as químicas e as físicas e as matemáticas, exigiu um esforço a triplicar. Mas neste caso os meus colegas foram fundamentais para me conseguir safar durante o percurso.

“Eu vinha todos os fins-de-semana (...)”

Eu vinha todos os fins-de-semana, era raro, só numa época de exames, é que eu não voltava. Durante a universidade eu sempre trabalhei. Eu pertencia à tuna, joguei andebol, na altura fazia parte da associação de estudantes, mas arranjei um trabalho na Zara, ao mesmo tempo, em Viana, no último ano. Sempre trabalhei nos festivais e nas discotecas à noite no fim-de-semana, e por isso também vinha a casa. Durante o dia não era fácil conciliar os estudos. Eu trabalhei imenso em Viana, porque sentia que, apesar dos meus pais não me dizerem e nunca nos incentivaram a trabalhar, eu sentia que queria ter o meu dinheiro e ter a minha independência e não estar sempre a pedir. Desde muito cedo, a partir do momento que eu pude trabalhar, de forma legal, sempre trabalhei.

Sempre estive muito ligada à banda, de uma forma muito intensa, ao longo destes anos. Possivelmente também foi uma das razões, mas no final do curso, até regressar, foi aqui um conjunto de muitas situações que me fez regressar. Eu sempre tive o objetivo de regressar. Eu sempre tive aqui qualquer coisa que mais tarde ou mais cedo eu queria ficar por cá.

“Eu sentia-me bem e feliz aqui.”

Antes de ir sempre quis voltar, mas depois de lá estar no primeiro ano, foi muito difícil, no segundo ano, as coisas começaram a acalmar e a correr melhor e para mim, a minha vida ia ser no Porto, mas depois, num momento para o outro, mudei de ideias.

Estavam cá os meus amigos e eu sentia a necessidade de paz. Eu sentia-me em casa aqui. Depois ao longo do tempo fui percebendo que eu não queria ficar lá, de uma forma muito vincada. Eu tinha já os meus amigos, um grupo, ia tendo namorados, e até te faz pensar em ficar por lá, mas, determinado momento eu percebi que não queria viver lá porque fazia-me muita confusão, a confusão do Porto. Eu já sou uma pessoa de muita energia e atividade e até podia querer uma cidade para morar que também fosse assim, mas deixava-me ainda mais ansiosa e nervosa. Eu precisava de vir para Viana, Vila de Punhe, porque realmente era a minha casa, a minha paz, a minha família, os meus amigos e acho que nós temos extremamente boas condições. O concelho é bonito. Eu sentia-me bem e feliz aqui.

“Arranjei logo trabalho. Imediatamente.”

Arranjei logo trabalho. Imediatamente. Eu estive durante dois anos e meio num gabinete de arquitetura e engenharia em Viana que trabalhava diretamente para França. Há programas específicos de engenharia informática e na altura aprendemos tudo teórico, a calcular de forma teórica e quando eu saio para o mercado de trabalho eu não sabia mexer em programa nenhum, ou seja, o primeiro dia do meu trabalho, lembro-me perfeitamente, era um programa estrutural e eu estive a ler o manual até tentar perceber porque nós não tínhamos bases. Foi aí que eu, quando estive neste gabinete, desenvolvi tudo o que sei hoje relacionado com a parte mais informática.

Depois eu voltei a trabalhar só com homens. Tive dois anos e meio, saí em fevereiro. Em novembro já tinha trabalho para ir para outro sítio. No entanto, achei por bem terminar o contrato saudável, na altura, o meu patrão, fez-me uma proposta para ir trabalhar para Saint-Tropez.

Eu vivia com os meus pais e não fazia sentido dar um passo mais oficial e, entretanto, aos meus 25 anos eu vou viver com o meu namorado.

“A empresa onde estou é a EDIMAVIL.”

Eu saio do gabinete onde estava já com trabalho garantido porque para mim era algo que me preocupava, sair e depois ter que ir para o desemprego. Tive o cuidado de, antes procurar um sítio para onde ir, que me identificasse. E aí surge a empresa que estou atualmente. Já estou vai fazer 3 anos em março.

A empresa onde estou já não tem nada haver com o gabinete onde estava. Eu estava na área de projeto, a fase inicial de quem quer construir, é ali que fazem os esboços e eu vou para uma empresa

construtora, que já não tem nada haver uma coisa com a outra. Ou seja, tudo o que eu tinha aprendido ali até ao momento, não quer dizer que não utilizasse, as ferramentas são extremamente importantes, porque são de uso diário, só que basicamente eu deixei de fazer totalmente o que fazia, para fazer uma coisa diferente.

Eu comecei, na fase inicial, na orçamentação, ou seja, o facto de vir de um gabinete, facilitou-me imenso a leitura e a percepção de projetos. E a obra, surge aqui também o terreno, coisa que eu queria desde sempre. Eu sempre quis passar um bocadinho por todos os lados e não me cingir apenas no mesmo. Para mim é impensável estar 20 anos a fazer o mesmo. Devias tentar ir buscar um bocadinho de tudo, para tentar aumentar a nossa bagagem e foi sempre isso que tentei fazer.

Aqui começo a trabalhar e vou morar com o meu atual marido. Decidi que, desde sempre, a independência é fundamental até para a gestão de tudo, financeira, do dia a dia etc.

Ao longo destes 3 anos, falando das associações, continuo na banda, o percurso é o mesmo. Continuo a tocar, mas a minha responsabilidade na banda, foi alterando muito ao longo dos tempos.

Numa fase inicial era uma miúda que ia para os ensaios de mota não digo rebelde, mas um bocadinho irreverente, até que o presidente na altura, recordo-me perfeitamente, de me convidar para a direção. Eu não percebi muito bem o convite na altura, porque tinha 18 anos e não percebia nada das direções e porque a minha banda nunca tinha tido uma mulher na direção. Ele quando me faz o convite eu vou um bocado sem perceber para onde ia. Eu aceitei e dizia que podiam contar comigo, mas eu tinha que sentir que ia com responsabilidade, se eu vou, comprometia-me a 100%.

“Às vezes é difícil gerir tudo porque estou envolvida em muita coisa ao mesmo tempo (...)”

Às vezes é difícil gerir tudo porque estou envolvida em muita coisa ao mesmo tempo, mas as coisas vão rolando. Faço parte de uma direção, de uma equipa, de homens, não foi muito fácil os primeiros anos porque, homens mais velhos, com muitos anos de casa e apesar de eu também já ter muitos anos de casa, o confronto de ideias era brutal porque eu era uma jovem, não tinha filtros, dizia muita coisa e depois se calhar não caía muito bem porque no associativismo quando um jovem entra e não há mais jovens, existem outras pessoas com larga experiência, especialmente uma mulher, não é fácil.

Eu não me continha muito e então expunha tudo de uma forma muito crua e ao longo do tempo tenho sabido gerir isto e se calhar através das palavras vou tentando levando a minha à melhor.

Em relação à banda faço parte da direção. No último mandato o presidente convida-me para ser vice-presidente e eu através da minha experiência, disse ao presidente que era fundamental trazer mais mulheres para a direção, dar voz a mais jovens. Se a banda é composta por tantas gerações, os jovens também são fundamentais para serem ouvidos.

Obviamente que numa primeira fase se calhar não a capacidade de decidir porque as ideias são irreverentes, fora da caixa, mas é importante uma associação ser intergeracional sem dúvida alguma. Desde os mais velhos aos mais novos e aí começar a fazer um bolo de tudo. Obviamente quando vai a primeira jovem, mulher, onde tudo era homem, onde tudo tinha mais de 30 anos de experiência na banda e de repente eu tinha 18 anos, não foi fácil.

O presidente está a terminar o mandato e vai mesmo sair da direção e apesar da idade sempre foi uma pessoa que sabia ouvir e isso foi muito importante porque eu sempre lhe disse que era fundamental haver mais mulheres e mais jovens e ele aceitou. Ele fez isso e foi aí que se gerou um caminho porque há cerca de 3 semanas, temos uma nova direção e esta é composta por muito jovens e mulheres. Eu não digo que fui a responsável, mas creio que tive um papel nessa evolução. Eu insisti tanto e sempre disse que era importante e eu acho que de alguma forma mudei qualquer coisa.

Fiz parte de uma comissão de festas, durante dois anos e foi bastante exigente porque eu não fazia ideia do que era começar de raiz e eu era a secretária. Ou seja, envolvia aqui um conhecimento brutal de democracia, era licenças para tudo e mais alguma coisa e foi muito bom porque veio aqui dar-me muita coisas que não fazia ideia.

“Hoje sou apologista de que a cidadania é fundamental na escola.”

Hoje sou apologista de que a cidadania é fundamental na escola.

Acho que é mesmo fundamental a cidadania desde muito cedo, que está ligada à escola porque o que acontece, atualmente, eu vejo a minha geração totalmente interessada, não sobre política, ou seja, a minha geração debate política, mas não se envolve na política, não se revêem totalmente nos partidos, revêem-se nas causas.

É muito mais fácil chamar as pessoas para as causas do que para um partido político se bem que um partido político inevitavelmente está ligado a uma ideologia política, sendo que eu também concordo que nos partidos há sempre maus políticos.

Mas não podemos condicionar o funcionamento de um partido pelos maus políticos que existem.

Acho que a nossa geração nesse sentido, tem um trabalho extremamente importante pela frente. Se desde cedo fosse fundamentado aqui o interesse e opinião dos jovens, sobre determinados temas, sobre ecologia, igualdade, trabalho digno, direitos LGBT e por aí fora, acho que os jovens poderiam, desde a escola, ter uma opinião sobre os assuntos e não se desligar já numa fase muito posterior que não tem ligação inicial e depois é uma bola de neve.

A escola acho que devia desde cedo dar isto, apesar de eu me sentir na ETAP quando fui às aulas de filosofia que realmente interessava-me imenso sobre religião, sobre política, sobre os direitos e por aí fora e acho que foi isso que fez com que me impulsionasse a interessar-me.

“Eu continuo ligada à política, a uma juventude partidária (...)”

Depois surge, agora, numa fase mais recente, a liderança da juventude partidária que me foi feito um convite, não fazia parte nunca dos meus objetivos, não era por aí o caminho, mas houve aqui uma necessidade de alterar o rumo que estava a ir e fizeram-me esse convite para assumir.

Eu continuo ligada à política, a uma juventude partidária e a um partido, que é neste caso, a mãe da juventude partidária e as coisas foram acontecendo de uma forma muito natural. Fui sendo convidada para ir para alguns lugares já com algum tipo de representação também por ser jovem. Não só por ser jovem, foi sempre por estar ligada às associações, por estar ligada ao meio associativo, que os convites foram surgindo. Às vezes nem sabia para o que ia.

“A escola, o desporto e as associações trouxeram-me isso ao longo dos anos.”

Agora, numa fase recente, queria triar um bocadinho para não estar envolvida em tanta coisa, porque às vezes é extremamente difícil, a nível concelhia, a nível distrital e agora a nível nacional e eu queria que a banda fosse só tocar. Porque o meu marido pertence à banda rival, sempre houve uma facilidade, eu sinto que algumas mulheres foram saindo e com pena minha, da banda, porque era difícil para elas conciliar tudo, porque eram todos os fins-de-semana. Neste caso, como o meu marido também pertence, é muito fácil de gerir, vai um para cada lado e porque acho que é fundamental, também, termos a nossa individualidade.

Apesar da relação que tenho, acho fundamental sermos sempre seres individuais. Eu tenho os meus amigos e amigas, os meus interesses, fazer parte das associações que faço, mas nunca perder esta ligação que tenho com ele e sermos sempre uma equipa. No fundo, eu aprendi que, a grande ligação ao longo destes anos todos e do associativismo, foi sempre ser uma equipa. Também me trouxe para a minha relação amorosa, para o meu casamento. A escola, o desporto e as associações trouxeram-me isso ao longo dos anos.

Atualmente queria tentar desvincular de alguma coisa, o tempo começa a não ser muito, uma pessoa trabalha, chega a casa e ainda faz desporto ao final do dia e queria tentar começar a ficar com menos coisas. Eu disse ao futuro presidente que queria estar à retaguarda e que fazia parte da equipa, mas depois chega as eleições e põe-me outra vez como vice-presidente e eu não estava a contar. Depois uma pessoa envolve-se e eu não me sinto bem em não ir e cumprir.

Agora, em relação aos jovens, falando de uma perspetiva ligada à política e até mesmo da banda, porque a banda é muito jovem, toda ela. Eu tenho 29 anos, mas sou muito jovem, mas sinto que às vezes há aqui uma distância brutal entre a minha geração e os 18 anos e os 20 anos, eu já não acompanho nada disto. São realidades totalmente distintas, mas a banda e neste caso, a juventude partidária vieram-me trazer uma aproximação brutal aos mais novos e, sobretudo a banda, sobretudo, ser mais velha não me condiciona a minha relação com eles e sentem-se bem porque também procurei

estar muito próxima deles. Mas obviamente que uma pessoa vai crescendo e penso que poderei estar a ser tão dura ou penso de uma forma diferente, a verdade é que eu era como eles. Sinto que a uma determinada altura, a responsabilidade começa a pesar de uma forma gigantesca.

No associativismo e na política cabe-nos a nós, a geração jovem, mas que não é assim tão jovem dos 20, mas que estão próximas dos 30 saber dar o exemplo porque o acesso é de tal forma fácil a tudo e mais alguma coisa que o facto de surgirem determinados caminhos, é muito fácil engrenar em caminhos. Eu acho que nesse aspeto os jovens com quem eu vou lidando, o facto de estarem envolvidos no associativismo e na juventude partidária acho que acabam por dar ali, de alguma forma, uma luz. Há ali uma direção, não estão totalmente perdidos.

“A banda deu-me uma noção muito clara do associativismo que depois a política tem uma ligação extremamente direta.”

A banda não foi uma rampa de lançamento, mas o facto de eu me entregar de tal maneira, é a minha segunda família porque foi lá, independentemente de o meu marido fazer parte de outra banda, foi lá que eu o conheci, fiz amizades, os meus melhores amigos. A banda deu-me uma noção muito clara do associativismo que depois a política tem uma ligação extremamente direta.

O associarmos é saber trabalhar em equipa assim como a política, pelo menos na minha visão. Neste momento, a política, foi um percurso e continua a ser, mas foram surgindo algumas oportunidades e mesmo agora surgiu uma oportunidade num cargo nacional e que acaba por ser bom porque uma pessoa pensa que, afinal não é por nascermos em Vila de Punhe, não estar nos grandes centros de decisão, que as oportunidades não surgem. Certo que o caminho é muito mais difícil, temos de trabalhar mais, mas existem oportunidades. A minha visão é de que existem, mas agora se formos falar de outras coisas, como por exemplo habitação, por aí fora, já é um bocado mais profunda a questão, porque acho que os jovens têm aqui uma série de barreiras para se conseguir a sua emancipação.

“Sou feliz aqui, sem dúvida.”

Sou feliz aqui, sem dúvida. Mas no fundo acaba por estar tudo ligado desde a educação, quando fui para o externato, houve sempre ali que foram ligando umas às outras. O externato deu-me a luz da música, não numa vertente profissional mas que me conduziram à banda e esta, de forma inevitável, à política. As coisas vão surgindo e tem corrido bem.

Se vou ficar 10/15 anos a trabalhar aqui não vou. Não tem mal nenhum ficar, mas eu sou uma pessoa que me vejo, não é objetivo a longo prazo nem a curto, mas qualquer coisa a meio. Não sei para onde irei nem daqui a quanto tempo, mas agora estou bem, mas sei que daqui a algum tempo vou ter a necessidade de crescer porque, chegamos a um determinado momento nas empresas e no nosso trabalho que parece que estagnamos por muito que até sejam dadas mais oportunidades, há ali um momento em que paras e podia aceitá-lo e ficar, mas acho importante sermos do género um polvo, vamos buscar competências de um lado e do outro.

Narrativa Patrícia

“Eu sempre fui muito menina dos papás.”

Eu morava em Alpalhão a 22 km de Portalegre. A minha mãe ainda mora lá e a minha infância sempre foi lá com os meus pais e avós. Dava-me muito com a minha avó. De vez em quando ao domingo, ia com uma amiga sair à tarde, mas era lanchar à pastelaria e voltávamos para casa. Sempre fui muito assim. Eu sempre fui muito menina dos papás. Sempre fui menina do pai e da mãe e basicamente até aos 17/18 anos andava sempre com eles, estava na rua com os colegas e amigos.

Comecei a sair aos 17/18 anos, mas com a família. Mas como isto é uma região muito pequenina, não é Lisboa, sempre tive um bocadinho mais de liberdade nesse sentido. Em pequenina estudava em Alpalhão até ao 4º ano.

“No 10º ano vim para Portalegre. Na escola eu pertenci à associação de estudantes.”

No 10º ano vim para Portalegre. Na escola eu pertenci à associação de estudantes. Foi engraçado porque nós criamos duas listas, o mesmo grupo criamos duas listas, uma de rapazes e uma de raparigas e nós acabamos por ganhar, era a lista R. Acabamos por fazermos todos juntos na mesma foi aquela competição. O R era de responsabilidade.

Nós em Alpalhão íamos para a escola e depois íamos para as irmãzinhas como chamávamos, que era um ATL com freiras e pertencíamos ao Movimento de Viana Teresiano Apostolado (MTA) que era aos sábados. Basicamente também íamos todos, mas esse ATL era da escola que basicamente íamos fazer os trabalhos de casa e tínhamos a parte do recreio além que fazíamos outras atividades com as irmãs. Fazíamos pinturas, teatros... Ao fim de semana de manhã era o MTA depois com o MTA íamos a Fátima, fazíamos excursões.

“Entretanto entrei numa associação de jovens que é a Associação de Jovens de Alpalhão.”

Entretanto entrei numa associação de jovens que é a Associação de Jovens de Alpalhão. Eu tive vários papéis. Eu pertencia à lista há vários anos. Mas desde que começou a existir a associação AJAL eu sempre existi. Basicamente era divulgar a nossa terra e era ajudar quem mais precisava. De todas as idades. Era uma associação de jovens, mas ajudava quem precisava, fazíamos eventos, conseguíamos juntar algum dinheiro e através disso compramos coisas para quem precisava, organizamos excursões para sair daqui, para as pessoas de mais idade e nos levamos a Fátima, à praia. E a associação ainda hoje é um bocadinho, agora está mais evoluída. Fizeram o clube de futsal, mas basicamente era isto. Dar à nossa terra porque era pouco conhecida e era ajudar todos que precisassem. Foi uma iniciativa pelos jovens. Havia muitas associações seniores, mas não havia quase nada de jovens.

Aqui não há um shopping, não há uma praia, uma discoteca, não há desse género então nós temos de ocupar o tempo de outra maneira. Pegamos numa bicicleta e íamos fazer passeios de bicicleta.

Como sempre, fui criada nesta linha não tinha outra realidade então eu adorava, adorava e adoro viver aqui, mas quando chegou a altura de ir para a faculdade comecei a ver outros horizontes e então comecei a ter muita vontade.

“Eu não senti pressão, mas fui bastante aconselhada principalmente pelo meu pai (...)”

Eu não senti pressão, mas fui bastante aconselhada principalmente pelo meu pai porque na altura, os cursos que eu queria, primeiro eu queria vários cursos. Eu acho que aos 18/19 anos nós somos muito maus a decidir o que queremos para ser no futuro. Então eu queria coisas que não tinham muita saída e eu acho que o meu pai me orientou, de uma certa forma. Depois eu sabia que queria algo na saúde, não propriamente na farmácia, menos enfermagem que era o que havia aqui em Portalegre, enfermagem não tinha coragem para isso.

Eu inscrevi-me nos cursos públicos aqui em Portalegre e acabei por entrar, o meu pai disse-me para escolher uma cidade em Lisboa. Inscrevemo-nos numa escola privada só mesmo para termos uma certeza. Fomos à Lusófona e lembro-me perfeitamente que havia quatro cursos. Lembro-me perfeitamente que eu olhei para o meu pai e não sabia o que escolher. Há tanta coisa. Tinha enfermagem, radiologia, farmácia e análises clínicas. E eu só não gosto nem me identifico com análises clínicas e enfermagem. E o meu pai disse: E então farmácia? E então foi um bocadinho por aí. Já nem me inscrevi em mais lado nenhum, em outro curso desta faculdade e entrei logo em farmácia e entrei aqui em gestão em Portalegre porque a maioria dos meus familiares tiraram gestão, contabilidade e finanças e eu ficava na linha de curso deles, mas não tinha muito haver comigo, então acabei por ficar em farmácia.

“Entre na ERISA no polo da Lusófona (...)”

Entre na ERISA no polo da Lusófona, na mudança então foram 3 anos. Entrei em 2008.

Eu lembro-me do primeiro dia da faculdade que eu fui com uma amiga daqui e partilhamos as duas casas, quando os pais dela foram embora ela ficou a chorar e eu fiquei extremamente feliz porque era uma coisa completamente diferente porque lá está tinha realidades, coisas que não existiam aqui.

Mais movimento, mais pessoas, independência. Aqui tinha, mas não era a mesma coisa viver sozinha, e ter o meu dinheiro e gerir dinheiro.

A primeira dificuldade e o medo que tive quando fui para Lisboa nem era muito as pessoas, eram os transportes então eu optei logo por alugar uma casa perto da faculdade e encontrei uma mesmo em frente à faculdade. Essa parte estava resolvida e começou o problema que era o primeiro dia de escola e aí entrou o fator de muita gente. Havia muita gente e eu não conhecia ninguém e tinha de ir para um anfiteatro cheio de pessoas e aí é que eu comecei a ter medo.

Não conheço ninguém e depois eu tinha noção que o ambiente era diferente daqui e lá ninguém falava uns com os outros, ao início, e então o primeiro medo foi esse. Mas depois eu também sou uma pessoa que faz amizades com muita facilidade. A minha mãe diz que eu faço um amigo em todo o lado. E logo no primeiro dia fiquei logo com umas colegas e a partir daí, sou amiga dela até ao dia de hoje e a partir daí foi decorrendo. Fiz tanta amizade, com os cursos todos e foi por aí que eu deixei ir. Deixei um ano para trás.

“Eu gosto mais da profissão em si do que do curso especialmente no primeiro ano.”

Eu gosto mais da profissão em si, do que do curso especialmente no primeiro ano. O primeiro ano era um resumo do 12º ano. No 12º ano eu detestava matemática e entrei na faculdade, não sei o que deu. O método de estudo e o método de ensino acho que foi tudo diferente então consegui ter logo boas notas a matemática e isso começou a motivar e depois fui fazendo. Gostava bastante mais das aulas práticas, do estágio, do que da parte teórica, tanto que as disciplinas que fui deixando para trás, levei duas cadeiras até ao fim do curso, era teórico. As práticas fiz logo tudo.

“Eu adorava as praxes.”

Praxe. Eu adorava as praxes. E tentei e entrei na tuna, mas depois tive pouquíssimo tempo porque foi logo no primeiro ano e depois pensei, eu entrei na tuna assim é que eu não consigo fazer nada. Então eu desisti da tuna por causa disto, mas como morava em frente à faculdade e tínhamos o bar da faculdade fora da faculdade, um deles, eu continuava a estar envolvida na tuna, mas sem pertencer, os ensaios eu estava sempre com elas, mas não estava mesmo a 100% na tuna. Acho que aquela faculdade não tinha grandes ofertas em relação a isso.

“A comunicação era todos os dias, eu falava todos os dias com os meus pais, à hora do jantar.”

A comunicação era todos os dias, eu falava todos os dias com os meus pais, à hora do jantar. Entretanto foi por fases. O primeiro fim-de-semana vim a casa e depois ficava 1 ou 2 fins-de-semana e depois voltava para casa. Mas todos os meses tinha de vir a casa, não conseguia não vir a casa durante um mês.

Assim que eu passava a ponte de Lisboa para casa, não sei, dava-me assim um ar fresco porque lá está, é muita confusão em Lisboa e isto aqui é tudo muito calmo. Eu vinha aos fins-de-semana para ter esta calma e ficar com os meus pais. Eu sou muito ligada à família e eu não conseguia estar longe deles.

Todos os dias telefonava e vinha sempre a casa quando conseguia, eu sei que havia uma altura na faculdade, que nós fazíamos logo a mala na quinta-feira para na sexta-feira conseguirmos sair para não perdermos o autocarro para virmos no mais cedo e chegarmos mais cedo. Porque lá está, vínhamos mais cedo, conseguíamos jantar com os pais e tomar café com os amigos e amigas.

“Fiz estágio.”

Fiz estágio. Foi tudo em Lisboa porque na altura depois também comecei a namorar um rapaz em Lisboa e aí a coisa mudou um bocadinho. Basicamente tinha duas famílias, tinha a família do rapaz que namorava na altura e tinha aqui. Então já colmatava aqui um bocadinho a falta dos meus pais. Eu optei por fazer o estágio lá.

Fiz estágio comunitário numa farmácia em Paredes, 3 meses, era um semestre. Depois fiz dois estágios em farmácia hospitalar. Fiz um que eu adorei fazer que foi na farmácia hospitalar prisional de

Caixias e fiz no São Francisco Xavier. Fiz esses três estágios. O primeiro fiz no primeiro semestre depois os outros dois fiz em mais um semestre. Era na mesma obrigatório, somos obrigados a fazer estágio na comunitária e hospitalar.

“Eu ainda estava a acabar o curso e tive uma proposta de trabalho numa farmácia na Madorna (...)”

Eu ainda estava a acabar o curso e tive uma proposta de trabalho numa farmácia na Madorna e basicamente disse que sim, a ganhar muito mal, mas era o primeiro emprego e eu disse que sim. Eu aluguei casa e fui ficando até 2019, depois mudei de emprego.

“Eu acho que foi mais pela família e pelo que isto tem, pelo ambiente, não há stress, não tenho de me levantar três horas mais cedo para ir trabalhar.”

Pensei, não aguento mais, estou farta disto, quero voltar para casa. E foi isto. Entretanto falei com os meus pais e eles disseram que quando quisesse voltar estava à vontade. Enquanto estamos na faculdade nós temos fins-de-semana livre, quando começamos a trabalhar deixamos de ter e então eu tinha de trocar ou folgas ou feriados, para conseguir ter no mínimo dois dias para vir aqui. Passavam três semanas e eu não conseguia vir e isso para mim já era muito.

Eu acho que foi mais pela família e pelo que isto tem, pelo ambiente, não há stress, não tenho de me levantar três horas mais cedo para ir trabalhar. Acho que foi a principal, foi essa. Entretanto voltei para cá. Estive a trabalhar só que eu sempre tive que eu queria muito na minha vida, quando entrei para este curso, comecei a perecer e quando fiz o estágio é que comecei a perceber aquilo que eu gostava que era farmácia hospitalar e aqui no Alentejo nesse sentido é muito difícil entrar na farmácia hospitalar. Não sei se é cunhas, conhecimentos, mas é muito difícil entrar aqui. Eu estava a trabalhar cá na farmácia comunitária e uma amiga de Lisboa perguntou-me se eu queria ir para o hospital. Eu acabei de chegar ao Alentejo, mas isto é tudo aquilo que eu quero. Eu pensei, estou aqui neste dilema e não sabia o que fazer à minha vida.

“Então voltei para Lisboa, estive a trabalhar no Curry Cabral.”

Ainda estava numa fase de adaptação. Eu saí de casa aos 19 e depois voltei aos 30 talvez, 29/30 para o Alentejo. Ainda me estava a adaptar, não era adaptar porque eu sou daqui, mas era adaptar às minhas rotinas que eram completamente diferentes.

Estive um ano cá, dois talvez e já me estava a ambientar às rotinas daqui a calma e o poder acordar mais tarde e ela quando me dá esta notícia, eu pensei: E agora? Eu estive a ponderar, eu tive 10 anos a batalhar para entrar nisto, vou voltar para Lisboa. Então falei com os meus pais novamente e eles queriam que ficasse, mas o melhor para mim, eu é que sabia.

Então voltei para Lisboa, estive a trabalhar no Curry Cabral. Estive mais dois anos em Lisboa e percebi que eu adoro isto, mas isto não é o suficiente para mim, o trabalho para mim não é primeira opção.

“Para mim a primeira opção é família e bem-estar pessoal e só depois o bem-estar profissional.”

Para mim a primeira opção é família e bem-estar pessoal e só depois o bem-estar profissional. Eu adorava e adoro hospitalar e adoro tudo em hospitalar, mas depois porque apanhei uma época de covid as folgas não eram quase nenhuma, tínhamos de andar sempre a trocar horários e não conseguia vir tanto cá. Depois por causa do covid estive 3 meses sem vir aqui e eu estava a chorar todos os dias, eu não conseguia. Depois pensei, eu não quero estar aqui outra vez a pagar uma renda de casa, a levantar-me mais cedo. Eu estava a trabalhar naquilo que gostava, mas não compensava em nada eu estar lá. Eu pensei, vou voltar para casa. Voltei em junho do não passado. Não vou embora.

“Eu acho que nós, acabamos por ser um bocadinho o porto de abrigo de muitas pessoas (...)”

Nós, a farmácia, aquilo não deixa de ser um negócio, mas nos vendemos a saúde. Eu acho que nós, acabamos por ser um bocadinho o porto de abrigo de muitas pessoas porque as pessoas vão aos médicos, mas eu acho que nem todos os médicos tem a capacidade ou a paciência para estar ali com a pessoa de mais idade ou pessoa mais nova a tentar explicar o que é isto, qual a doença, o que pode acontecer e o que não pode acontecer. E nos temos muito esse papel na farmácia, o aconselhar a pessoa e explicar e tirar as dúvidas e acho que é um bocado isto.

O que eu sinto, o que eu aprendi, estou em certo modo, a ensinar as outras pessoas, mesmo na parte das vendas eu aconselho coisas às pessoas, se tiver em casa faça isto para melhorar isto ou aquilo. É um bocadinho por aí que nós funcionamos, no meu ponto de vista, na farmácia. Se eu tiver ali a vender para mim não faz sentido nenhum. Informar as pessoas ou tranquilizar as pessoas que às vezes não acontece num centro de saúde, hospital ou urgência. Porque lá está, na urgência não é o sítio indicado para isso.

“Eu acho que estou outra vez numa fase de adaptação principalmente a nível de trabalho.”

Eu acho que estou outra vez numa fase de adaptação principalmente a nível de trabalho. Ainda estou a conhecer os meus colegas, mas acho que está a correr bem estou a gostar, mas sim, ainda estou na fase de adaptação. A nível de família está tudo ok, mas os amigos que eu tinha na infância, é diferente, porque é um bocadinho inevitável, falamos, mas não é como era antes e depois já somos malta dos 30 e tal anos, e depois uns tem filhos, são casados. É diferente. Mas sim, a nível geral estou bem, estou feliz.

Continuo como sócia, mas já não pertença. Se precisarem de alguma coisa e eu estiver disponível, eu vou, mas agora ter aquelas responsabilidades isso já não estou. É engraçado porque agora já entraram na lista jovens bem mais jovens que nós. Continuam alguns mais velhos, jovens mais velhos, mas entraram jovens mais novos.

Em Alpalhão tem algumas ajudas por exemplo nessa associação porque a nível de eventos é quase sempre essa associação que faz alguma coisa. Depois temos um barzinho que por vezes organiza um evento, mas basicamente são sempre eles que fazem alguma coisa, às vezes, ou não, com a ajuda da Junta e a Câmara. Mas na minha Vila não evoluiu praticamente nada. A nível de distrito eu acho que se mantém praticamente tudo igual, os cafezinhos. Acho que a nível disso não há grande ajuda da parte da Câmara. Temos o centro cultura, isso foi bom, demos espetáculos, mas pouco mais. Há algumas iniciativas, mas também não seja da Câmara, mas sim de associações ou instituições que fazem. Tem a ajuda da Câmara, mas não é nada com a iniciativa.

“É muito difícil, há falta de oportunidades a nível profissional.”

É difícil e é isso que eu acho que aqui em Portalegre falha muito. Enquanto há faculdade, a cidade mexe quando é na altura que a faculdade está parada a cidade morre. Os mais jovens que estão fora e querem voltar, não conseguem. Um curso que seja diferente ou que não tenha tanta saída aqui não consegue. Uma pessoa por exemplo tire cinema, não consegue vir trabalhar para aqui. É muito difícil, há falta de oportunidades a nível profissional.

Narrativa João

“(...) sempre estive ligado a outras atividades extracurriculares a nível artístico e é isso que acaba por ser importante para o meu futuro”

Em Chaves eu sempre estudei e sempre estive focado naquilo que eu queria seguir e os meus estudos sempre estiveram focados nisso.

No meu secundário, desde o décimo até ao décimo segundo ano, eu estudei o curso de ciências e sempre achei que o meu futuro iria passar pela engenharia e foi para isso que eu me foquei.

Ao mesmo tempo sempre estive ligado a outras atividades extracurriculares a nível artístico e é isso que acaba por ser importante para o meu futuro, no entanto, na altura não tinha a importância que eu achava que iria ter, ou seja, eu estava ligado a projetos artísticos, tinha aberto uma academia de artes que tinha um curso livre de teatro musical e foi assim que eu me inseri também, ao mesmo

tempo, que focava nos meus estudos para, prosseguir um estudo académico de engenharia e telecomunicações.

“(...) criamos um movimento associativo e começamos a fazer algumas coisas porque não tínhamos nada a perder.”

No secundário e até nos primeiros anos da faculdade, eu e os meus amigos queixávamo-nos que não acontecia nada na cidade, e lembro-me, na altura, da nossa encenadora nos dizer: ‘Então se não acontece nada façam alguma coisa’. Nesta fase não conseguia ver um concerto, tinha de ir ao Porto ou a Lisboa. Então, como estávamos sem nada para fazer aos fins-de-semana e não tínhamos nada a perder, criamos um movimento associativo e começamos a fazer algumas coisas porque não tínhamos nada a perder.

“Os meus pais sempre me disseram para ir para aquilo que me fazia feliz.”

Quando acabei o curso, segui para o Ensino Superior, nunca tive pressão por parte dos meus pais para seguir área que fosse e eu acho que sempre tive muita sorte.

A minha mãe é professora e o meu pai é funcionário público e trabalha no município e eles sempre me deixaram, tanto a mim como à minha irmã, super à vontade para escolhermos o que queríamos seguir, a decisão sempre foi nossa. Os meus pais sempre me disseram para ir para aquilo que me fazia feliz.

Não foi uma escolha pelo dinheiro, pelo aquilo que podia vir a receber, mas sim naquilo que queria fazer. Eu sempre achei, olhando agora em retrospectiva, talvez houvesse pressão em relação aquilo que era a norma, toda a gente com boas notas tinha de ser um médico ou engenheiro e sempre estive envolvido num ambiente de estudo do secundário que era muito competitivo. Se alguma vez os meus pais me condicionaram foi seguir alguma coisa que me fosse fazer feliz e não para me dar emprego. Sempre tive esta mentalidade: mais vale ser feliz e estar sem emprego de uma coisa que gosto de fazer do que estar com um emprego, mas estar a fazer uma coisa que odeio.

“Quando eu entrei na Universidade, no primeiro ano, eu levei um choque enorme porque saí de Chaves.”

Preparei-me para um curso que depois veio-se a revelar errado porque a minha experiência no Ensino Superior foi um fiasco, no início.

Quando eu entrei na Universidade, no primeiro ano, eu levei um choque enorme porque saí de Chaves. No primeiro ano concorri para Aveiro, levei um choque de realidade muito grande, não só em termos do que é que era a engenharia porque não tinha noção do que era e, depois, percebi que não era aquilo que eu queria e, também em termos da cidade em si. Era tudo muito diferente. As pessoas eram diferentes e isso também fez com que o meu rendimento depois baixasse imenso na universidade e eu não consegui lidar com isso então, decidi parar o estudo. Engenharia não era para mim, eu precisava de alguma coisa que me fizesse sentir mais eu, faltava-me aquele lado artístico.

“(...) fui para a universidade e mantive a ligação com a parte artística aos fins-de-semana em Chaves (...)”

Eu saí da escola, no secundário, e fui para a universidade e mantive a ligação com a parte artística aos fins-de-semana em Chaves e percebi que alguma coisa aqui tem de dar o equilíbrio então, decidi fazer a mudança de curso.

“Mudei para a UTAD (...)”

Mudei para a UTAD, ou seja, saí da universidade de Aveiro e fui para Vila Real, mudei radicalmente a minha área de estudo, estava a estudar engenharia eletrónica e telecomunicações e mudei para comunicação e multimédia por ter uma vertente mais ligada com a parte artística, vídeo e fotografia. Foi na UTAD e nesta ligação com a Universidade de Vila Real que acabei por encontrar um espírito que realmente me fez sentir mais parte dele do que na Universidade de Aveiro.

Envolvi-me em imensas questões académicas, estive envolvido no Erasmus estudantes networks, aquele que é responsável por muita parte da comunicação deles. Acabei também por me envolver nos órgãos nacionais desta parte do Erasmus student network e estive, todos os anos em que fiz a minha formação académica, ou seja, os três anos de licenciatura, envolvido nestes projetos que me ajudaram a perceber mais a cultura de outros sítios e não só dos estudos em si.

Sempre achei que ia ser engenheiro porque eu adoro matemática e depois percebi que se calhar não é bem assim. Eu gosto de estudar, mas não neste nível isto não me está a completar enquanto pessoa então, foi por isso que fiz a mudança e, mesmo na mudança, nunca tive qualquer pressão.

“(...) eu nunca deixei a ligação com a parte do teatro musical (...)”

Ao mesmo tempo que isto acontecia, eu nunca deixei a ligação com a parte do teatro musical, ou seja, desde que eu entrei no primeiro ano na Universidade de Aveiro até ao último na UTAD, aos fins-de-semana eu sempre estive envolvido na questão do teatro musical e foi aí que eu acabei por conhecer as pessoas com quem trabalho hoje em dia.

Começamo-nos a juntar e a fazer alguns espetáculos e isso nunca parou de acontecer enquanto estudávamos fora, a partir do momento em que acabamos os cursos continuamos a fazer isto em paralelo, mas nunca achamos que isto algum dia iria tornar-se algo maior ou algo mais do que uma brincadeira. Enquanto estava no estágio na ANTEROS, na empresa, esta parte associativa que nós tínhamos ao fim-de-semana começou a tornar-se cada vez maior, havia cada vez mais trabalho a sugerir, mais projetos que iniciavam.

Não foi nada linear, eu acabei o curso e estive a trabalhar alguns meses em Vila Real, tive uma proposta de emprego, acabei por ficar lá dois ou três meses e depois aquilo não resultou e voltei para casa dos meus pais. Estive em casa dos meus pais e havia toda uma crença que só nas grandes cidades, como Porto e Lisboa, é que se havia de conseguir um trabalho na área e por obra do destino, eu andava à procura de emprego e houve uma empresa aqui da zona de Chaves que, nem sequer é uma empresa da área, era uma empresa de construção civil, que estava à procura de alguém para fazer um estágio em comunicação e multimédia e, entre estar em casa e não estar a fazer nada, decidi ir.

Acabei o meu estágio em dezembro e, em janeiro de 2015/2016, foi-nos feito uma proposta que, das duas uma, ou aquilo se iria tornar o nosso emprego e ia-se tornar uma questão a tempo inteiro, porque não conseguimos fazer mais nada a não ser aquilo ou, então, teríamos de terminar o projeto. Como o projeto nos estava a dar tanto trabalho, se existe uma possibilidade de isto se tornar o nosso trabalho a tempo inteiro, vamos por ele e fomos. Consequentemente, acabamos por adiar a questão de sair de Chaves até porque chegamos a uma altura que parecia impossível.

“A INDIEROR acaba por se tornar a parte principal de ter este regresso e de não querer sair daqui porque acaba por ser o elo de ligação.”

Acabou por ser um regresso que não estava à espera que acontecesse. A INDIEROR acaba por se tornar a parte principal de ter este regresso e de não querer sair daqui porque acaba por ser o elo de ligação.

Aqui temos a possibilidade de fazer aquilo que nos faz feliz. As coisas foram-se encaminhando de tal forma que acabou por acontecer e agora passaram 8 anos e ainda está a acontecer e, neste momento, acaba por ser quase impossível pensar em sair daqui enquanto isto fizer sentido.

A INDIEROR tem a parte cultural e tem a parte associativa. Ao longo dos tempos foi crescendo uma parte mais empresarial que ajudou também a sustentar o projeto, acabamos por criar toda a parte que ajuda a sustentar o projeto, ou seja, inicialmente, a INDIEROR surge apenas de um projeto cultural, uma proposta com o município. Havia um protocolo anual que nos leva a pensar que isto vai passar a ser a nossa vida a tempo inteiro logo, vamos adiar a nossa saída daqui. Acontece que, inicialmente, a INDIEROR vivia quase de ano a ano, mas neste momento acabamos por já estar tão enraizados com a cidade e com a comunidade, porque este projeto só funciona sendo aqui em Chaves não funciona em outro lado, ou seja, é um projeto com a comunidade local que só funciona se for feito nesta comunidade e acabamos por arranjar uma maneira de o sustentar e neste momento acaba por ser difícil sequer pensar em sair daqui.

“(...) sempre tivemos um apoio e uma ligação muito forte com o município e outras instituições que nos ajudaram que este trabalho fosse possível.”

A verdade é que também há outra coisa muito importante em eu querer cá ficar que é a ligação à comunidade e às instituições e isto é importante referir. Desde que começamos, sempre tivemos um apoio e uma ligação muito forte com o município e outras instituições que nos ajudaram que este trabalho fosse possível. Depois a parte empresarial que criamos acaba por ser financiada pelo Norte 2020 que tem projetos integrantes para jovens na criação de emprego na região do interior que são projetos ainda um pouco mal divulgados e que as pessoas não têm muita noção da importância que eles têm. Quando se fala que há mais oportunidades nas grandes cidades isso é verdade, há mais oportunidades nas grandes cidades e se calhar tu teres um negócio numa cidade pequena é muito diferente e muito menos sustentável do que um negócio numa cidade grande. Não basta querer, por vezes, é difícil ficar por causa das oportunidades de emprego.

Já nos fizeram esta pergunta: Porquê Chaves e não outro sítio? Para mim a resposta é muito simples: Porque não?

“(...) isto é uma missão (...)”

Ou seja, qual é a desvantagem de estar numa cidade pequena? Aqui não há concorrência e, ao não teres concorrência, é muito mais fácil e acabas por ter uma facilidade muito grande de fazer algo aqui, se não há nada, então, podes errar à vontade, ninguém te vai apontar o dedo. Se alguém nos perguntar porque é que as coisas resultaram tão bem com a INDIEROR, não havia mais nada, nós podíamos testar à vontade, podíamos fazer em termos culturais aquilo que bem nos dava na cabeça, por assim dizer, porque não havia nada para comparar, não havia mais nada. Às vezes olhamos para isto como um chamamento do género, isto é uma missão, temos esta missão neste momento e enquanto o projeto fizer sentido, nós vamos ficar, no momento que não fizer sentido, tudo bem, se acharmos que alguém faz melhor que nós ou que terá uma missão mais interessante que a nossa para a comunidade, também fechamos as portas, não há de faltar uma oportunidade.

Toda a gente que está no projeto conheceu-se pela questão do teatro musical, a nossa ideia sempre foi dar oportunidade, não só às pessoas que vem depois de nós, os mais novos, mas, também, mostrar a toda a comunidade que em Chaves é possível teres uma produção cultural com qualidade. e, agora, temos uma produção regular no auditório com nomes nacionais e internacionais e é isto que achamos ser importante, ou seja, sempre que vem um artista ou trazemos algo à cidade não trazemos para chegar, tocar no auditório e ir embora.

Vamos à escola, conversar com os alunos, explicar às pessoas, que estão no secundário aquilo que é ser um artista ou seja, explicar a cultura que vem deles, muitas vezes de outros países, explicar as semelhanças que existem entre Chaves e uma cidade na Irlanda ou numa cidade que há em Espanha e fazer perceber, acima de tudo, à comunidade que há tanta ou mais oferta cultural numa cidade pequena como numa cidade grande e poderemos seguir caminhos que não são os caminhos normais.

Nós temos um projeto que se chama Plano Assalto, trouxemos alguns realizadores e atores portugueses e galegos para trabalhar com alunos do secundário. Uma das coisas mais fantásticas que aconteceu neste projeto foi, teres no final do projeto, alunos a gravar uma curta numa aldeia do concelho e tínhamos nomes como João Canijo e o Henrique Oliveira e, no final na apresentação do projeto, o João Canijo a dizer à mãe de uma aluna: Ela tem de seguir cinema.

“Foi uma comunidade que me deu tanto que agora também quero dar.”

É desconstruir este paradoxo de que tu tens de ser médico ou engenheiro e para isso tens de ir para o Porto ou Lisboa para ter um futuro, e não, podes ser realizador de cinema em Chaves, ser médico ou engenheiro em Chaves. É agitar um bocado a comunidade para fazer ver que realmente existe algo para além daquilo que nós vemos. Há um mundo de oportunidades que podemos descobrir no interior e nas cidades pequenas, se tiver algum problema vou à vizinha, se me faltar um ovo para fazer o jantar eu vou-lhe pedir. É uma grande ligação à comunidade, com o vizinho. Foi uma comunidade que me deu tanto que agora também quero dar.